



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Sociologia

Área de especialização | Recursos Humanos

Dissertação

**Pais sós, filhos sós? Um Olhar Sociológico sobre as
Perspetivas de Jovens Adultos Socializados em Contextos de
Monoparentalidade.**

Vanessa Catarina dos Santos Carreira

Orientador(es) | Rosalina Pisco Costa

Évora 2023



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Sociologia

Área de especialização | Recursos Humanos

Dissertação

**Pais sós, filhos sós? Um Olhar Sociológico sobre as
Perspetivas de Jovens Adultos Socializados em Contextos de
Monoparentalidade.**

Vanessa Catarina dos Santos Carreira

Orientador(es) | Rosalina Pisco Costa

Évora 2023



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Maria Manuel Serrano (Universidade de Évora)

Vogais | Rosalina Pisco Costa (Universidade de Évora) (Orientador)
Sílvia Portugal () (Arguente)

“Não sigas os olhos estúpidos, nem sigas o ouvido ruidoso, nem o falatório.
Mas examina tudo somente com a força do pensamento, atravessando as
aparências (Buzzi, 2002, p. 33).”

*[...] pode-se pensar na família como um tecido de vários fios que compõem um
desenho. Ao tirar-se ou acrescentar-se um fio transforma-se o desenho. Mas se se
descobrir um fio antes escondido, ou não visto, a apresentação do próprio desenho
modifica-se (Thorne, 1982 apud Saraceno, 1997, p. 16).*

Para os meus pais e irmão

Agradecimentos

Aos meus pais, Gorete e Manuel pelos pais fantásticos que têm sido, por me permitirem estudar, por todo o apoio incondicional que me têm dado e, por escutarem todas as minhas angústias e inseguranças. Ao meu irmão, Emanuel, pelo apoio incondicional, por estar sempre ao pé de mim em todos os momentos em que preciso de auxílio e, por ser sempre o meu companheiro de todas as aventuras. Sem os meus pais e o meu irmão nunca teria conseguido elaborar esta dissertação. Também aos meus avós, que sempre me apoiaram a ingressar na universidade.

À minha orientadora Prof. Doutora Rosalina Pisco Costa por ter aceitado ser minha orientadora, por toda a ajuda prestada, por todos os conselhos dados e, por todos os ensinamentos. Só com a sua ajuda foi possível construir esta dissertação com um maior rigor científico.

Ao Sr. Joaquim e à Dona Inácia pela amizade, por todo o apoio, encorajamento, conselhos e ensinamentos que me têm dado e, por estarem sempre dispostos a me receberem em sua casa como se fosse sua filha. Obrigada por me fazerem sentir que tenho uns “pais adotivos” em Évora.

Ao Prof. Doutor Castro e à Prof. Doutora São pela amizade demonstrada, por terem sempre as portas de sua casa abertas para me receberem e, estarem sempre dispostos a me ajudarem em tudo. Obrigada por me fazerem sentir segura e, por me transmitirem tranquilidade.

À Madalena pelas conversas que me ajudaram a ter novas ideias para a dissertação. Também à Sandra pelas conversas informais sobre as suas experiências de monoparentalidade.

Ao Padre Fernando Lopes pela amizade demonstrada, por me ter apoiado em tudo quanto podia a partir do momento em que lhe falei na minha dissertação e, também por me ter disponibilizado um espaço na Paróquia da Sr. Saúde – Évora, para poder fazer as entrevistas.

À Dona Guilhermina que esteve sempre disposta ajudar-me naquilo que podia e, que me encorajou numa fase em que estava com muitas inseguranças.

Ao padre Fernando Ribeiro por me ter disponibilizado espaços na Pastoral Universitária para poder aplicar as entrevistas.

Aos colegas e amigos(as) de Mestrado em Sociologia por todas as partilhas e conversas de entreajuda e, por estarem sempre dispostos ajudar no que fosse preciso. Este processo tornou-se mais leve com o vosso apoio.

Aos meus amigos e amigas (eles e elas sabem quem são) por se encontrarem sempre disponíveis em ajudarem no que fosse preciso, pela força que me deram ao longo de todo este processo, por me escutarem e pelos momentos de descontração.

Um agradecimento especial para todas as pessoas que me ajudaram no processo de recrutamento de entrevistados e, claro, a todos e todas que aceitaram ser entrevistados(as). Sem vós esta dissertação não seria exequível.

Agradecer ainda a todos os docentes, que lecionaram unidades curriculares na Licenciatura em Sociologia e agora no Mestrado, por todos os ensinamentos que foram cruciais para a elaboração da presente dissertação.

Muito obrigada a todos e todas vós, que mais direta ou indiretamente contribuístes para que conseguisse construir esta dissertação.

Bem Hajam!

Resumo: A presente dissertação incide sobre as famílias monoparentais, descrevendo e avaliando os trajetos de vida de progenitores sós e dos seus filhos, na perspectiva destes últimos. Baliza também as práticas e representações dos entrevistados e entrevistadas nas esferas familiar, educacional e laboral. O estudo de monoparentalidade tem sido alvo de debate, sendo por vezes muito reducionista e depreciativo. Diferentemente este estudo promove olhar esta configuração familiar de forma distanciada e objetiva. O estudo tem por base uma metodologia qualitativa, assente na recolha de dados através da entrevista semi-estruturada. Este estudo de casos múltiplos reuniu 13 entrevistados socializados em contextos de monoparentalidade. Após a análise dos dados concluiu-se que: o acontecimento de monoparentalidade influencia os trajetos de vida dos(as) entrevistados(as) de diferentes formas, levando à existência de uma vasta diversidade de experiências de monoparentalidade; esta condição estimula sobremaneira a independência das mulheres; os seus filhos crescem precocemente e desejam ser independentes; são trajetos de vida complexos e que oscilam entre a felicidade e a tristeza, especialmente para os progenitores presentes e, esta complexidade é experienciada pelos filhos(as) principalmente durante a etapa da adolescência.

Palavras-chave: monoparentalidade; famílias; socialização; crianças; perspectivas

Title: Lonely Parents, lonely children? A Sociological Look at the Perspectives of Young Adults Socialized in Contexts of Single Parenthood

Abstract: This dissertation focuses on single-parent families, describing and evaluating the life course of single parents and their children, from the perspective of the last one's. Also marks out the practices and representations of the interviewees in the family, educational and work spheres (/context). The study of single parenthood has been the subject of debate, sometimes being very reductionistic and derogatory. Differently, the present dissertation promotes a view, over this family configuration, in a distant and objective way. The study is based on a qualitative methodology, on data collected through semi-structured interviews. This study, of multiple cases, gathered 13 interviewees socialized in contexts of single parenthood. After data analysis, it was concluded that: the event of single parenthood influenced the life course of the interviewees, in different ways, leading to a huge diversity of experiences of single parenthood; this condition greatly encourages women's independence; their children will grow up early and they yearn for independence; they are complex life courses that oscillate between happiness and sadness, mainly for the parents who are present. This complexity is experienced by children, especially during youthful.

Key-Words: single parenthood; families; socialization; children; perspectives

Índice

Introdução	1
Pertinência do Tema e Delimitação do Problema	1
Definição do Objeto de Estudo, Pergunta de Partida e Questões de Investigação	3
Definição do Objetivo Geral e dos Objetivos Específicos	4
Capítulo I – Famílias, Teorias e Espaço Privado	5
1.1. Famílias e Espaço Privado	5
1.2. Teorias sobre a Família	16
1.3. Famílias Monoparentais	19
Capítulo II – Mães e Pais <i>Solo</i>	25
2.1. Perfis de Mães e Pais <i>Solo</i>	27
2.2. Estigma Social perante Mães e Pais <i>Solo</i>	32
2.3. Mães e Pais <i>Solo</i> e o Mercado de Trabalho	38
2.4. Redes Formais e Informais de apoio de Famílias Monoparentais	42
2.5. Apoios Sociais direcionados para Famílias Monoparentais	48
Capítulo III – Filhos Socializados em Contextos de Monoparentalidade	51
3.1. Perfis de Descendentes de Agregados Familiares Monoparentais	51
3.2. Descendentes de Famílias Monoparentais pertencentes à Geração Y	54
3.3. Universo de Filhos de Mães e Pais Sozinhos	57
Capítulo IV - Metodologia	62
4.1. Tipo de Estudo, População e Amostra	62
4.2. Técnicas de Recolha, Tratamento, Análise de Dados e Interpretação de Resultados ..	63
4.3. Observações Éticas	66
Capítulo V – Análise de Dados e Interpretação de Resultados	68
5.1. Perfis dos(as) Entrevistados(as) e dos(as) Progenitores(as) Presentes	69
5.2. Experiência de Monoparentalidade	72
5.2.1. Acontecimento desencadeante da Monoparentalidade	72
5.2.2. Razões para a entrada na Monoparentalidade	74
5.2.3. Situação após a entrada na Monoparentalidade	76
5.2.4. Reações dos(as) Progenitores(as) à Monoparentalidade	79
5.2.5. Reações da Rede de Contactos à Monoparentalidade	82
5.2.6. Descrição dos Trajetos de Vida dos(as) Progenitores(as) Presentes e Ausentes ...	84
5.2.7. Elementos Facilitadores da experiência de Monoparentalidade para os(as) Progenitores(as) Presentes e Ausentes	89
5.2.8. Obstáculos à experiência de Monoparentalidade para os(as) Progenitores(as) Presentes e Ausentes	92

5.2.9. Estratégias Adotadas pelos(as) Progenitores(as) Presentes e Ausentes.....	96
5.2.10. Avaliação dos Trajetos de Vida dos(as) Progenitores(as) Presentes e Ausentes.	98
5.3. Infância dos(as) Entrevistados(as)	102
5.3.1. Descrição da Infância dos(as) Entrevistados(as)	102
5.3.2. Elementos Facilitadores da experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Infância	105
5.3.3. Obstáculos à experiência da Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Infância.....	107
5.3.4. Estratégias Adotadas pelos(as) Entrevistados(as) na Infância	110
5.3.5. Avaliação da Infância.....	112
5.4. Adolescência dos(as) entrevistados(as).....	113
5.4.1. Descrição da Adolescência dos(as) Entrevistados(as).....	113
5.4.2. Elementos Facilitadores da experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Adolescência.....	116
5.4.3. Obstáculos à experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Adolescência	119
5.4.4. Estratégias Adotadas pelos(as) Entrevistados(as) na Adolescência	121
5.4.5. Avaliação da Adolescência	122
5.5. Transição para a Idade Adulta dos(as) Entrevistados(as)	124
5.5.1. Descrição da Transição para a Idade Adulta dos(as) Entrevistados(as)	124
5.5.2. Elementos Facilitadores da experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Transição para a Idade Adulta	128
5.5.3. Obstáculos à experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Transição para a Idade Adulta	130
5.5.4. Estratégias Adotadas pelos(as) Entrevistados(as) na Transição para a Idade Adulta	132
5.5.5. Avaliação da Transição para a Idade Adulta	134
5.6. Situação Presente dos(as) Entrevistados(as).....	136
5.6.1. Descrição da Situação Presente dos(as) Entrevistados(as).....	136
5.6.2. Elementos Facilitadores da experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Situação Presente.....	139
5.6.3. Obstáculos à experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Situação Presente	140
5.6.4. Estratégias Adotadas pelos(as) Entrevistados(as) na Situação Presente	141
5.6.5. Avaliação da Situação Presente	142
5.7. Representações e Práticas	143
5.7.1. Valores Associados à Família	143
5.7.2. Valores Associados à Escola.....	145

5.7.3. Valores Associados ao Trabalho	146
5.7.4. Situação Familiar Atual	148
5.7.5. Situação Escolar Atual ou Passada.....	150
5.7.6. Situação Laboral Atual, Passada ou Futura	151
5.7.7. Perceções sobre a Influência do Passado sobre o Presente	153
Capítulo VI – Discussão de Resultados	157
Conclusão.....	173
Referências Bibliográficas	177
Apêndices.....	187
Apêndice I – Modelo de Análise.....	187
Apêndice II – Guião da Entrevista Semi-estruturada	190
Apêndice III – Croquis das Entrevistas	195
Apêndice IV – Biografias dos(as) Entrevistados(as) e Respetivos Progenitores Presentes	197
Pedro	197
Delfina	197
Mafalda	197
Zé.....	198
Luísa.....	198
Mariana	199
Margarida.....	199
Paula.....	199
Maria	200
Alexandra	200
Sónia.....	200
Carlos.....	201
Miguel.....	201

Introdução

A presente dissertação intitula-se: “Pais sós, filhos sós? Um olhar sociológico sobre as perspectivas de jovens adultos socializados em contextos de monoparentalidade” e insere-se no contexto mais amplo de conclusão de curso do Mestrado de Sociologia, especialidade Recursos Humanos, desenvolvida no ano letivo 2021/2022 na Universidade de Évora.

Esta dissertação incide sobre as famílias monoparentais, estudando-as através das perspectivas de jovens adultos socializados nesta mesma configuração familiar. Desta forma, as famílias monoparentais são olhadas por um prisma diferente do habitual, uma vez que, a esmagadora maioria das investigações sobre este tipo de agregados familiares concentra-se somente nas perspectivas das mães ou pais *solo*. Assim sendo, esta dissertação apresenta um olhar inovador, dando voz ativa aos filhos(as), sobre os quais pouco ainda se sabe.

As famílias monoparentais são extremamente diversificadas e, conseqüentemente complexas. Sempre existiram (Bayle & Martinet, 2008), principalmente devido à viuvez (Ventura, 2011), pese embora, só por volta da década de 70 do século XX tenham ganho maior visibilidade (Nunes, 2014), a partir da qual têm suscitado um grande debate em seu torno. Este estudo contribui para que o volume de conhecimento sobre estas famílias aumente e, conseqüentemente enriqueça esse mesmo debate.

No século XXI, destaca-se a maior entrada na monoparentalidade pelo divórcio ou separação (Giddens, 2013). Desta forma, esta experiência ganha novos contornos, até porque, esta já não está só associada a contextos de pobreza e exclusão social, como retratam os estudos de Bradshaw & Nieuwenhuis (2021) & Giddens (2013), entre outros. Agora a monoparentalidade é uma condição que também alberga progenitores com maiores habilitações literárias (Wall, 2003), sendo, por vezes, uma opção para as mulheres independentes, com uma carreira profissional estável e detentoras de casa própria (Wall, José & Correia, 2002). Deste modo, no presente, viver numa família monoparental não é algo somente imposto, pode ser uma opção, essencialmente, para quem possui maior volume de capitais. Em suma, as experiências de monoparentalidade são distintas e este estudo pretende captá-las.

Pertinência do Tema e Delimitação do Problema

A escolha do tema da presente dissertação surgiu motivado, primeiramente, através do contacto com o trabalho final de curso em Sociologia e da leitura do livro da autoria do Timms (1970) sobre problemas sociais, no qual as mães “solteiras” são visadas. Posteriormente, o tema foi refinado com base em conversas informais estabelecidas no dia-a-dia, especialmente com a professora Rosalina Costa, minha orientadora. O presente tema é pertinente do ponto de vista sociológico, uma vez que, as famílias monoparentais transportam uma imagem de si, bastante negativa e, a sociedade, nomeadamente, os governos, esquecem-se frequentemente destas famílias e das diversas dificuldades que enfrentam no seu quotidiano.

Penetrando no problema, as famílias monoparentais estão envoltas numa enorme complexidade, tanto no que respeita às suas experiências, quanto ao modo como são perspectivadas. Desde logo, a monoparentalidade pode ser experienciada pela mulher (monoparentalidade maternocêntrica), como pelo homem (monoparentalidade paternocêntrica) em situação de vida *a solo* com filhos a cargo. Tradicionalmente mais frequente

na primeira expressão enunciada (Saraceno, 1997), a monoparentalidade pode dever-se a várias circunstâncias, desde a condição de “mãe solteira”, à viuvez, separação ou divórcio. Nos últimos anos, e não sem debate, a monoparentalidade por opção tem ganho visibilidade enquanto expressão da desinstitucionalização e individualismo na família contemporânea (Beck-Gernsheim, 2002).

Em termos de representação social, as famílias monoparentais são perspectivadas como um problema social, em parte pelo peso que representam para os governos, pois estão dependentes de maior número de apoios (Bradshaw, 1996; Lewis, 1997; Duncan e Edwards, 1997 *apud* Wall, José & Correia, 2002). Este olhar é de certa forma reducionista, uma vez que o problema social constituído pelas famílias monoparentais deve ser observado através de outros prismas, nomeadamente quando associada a contextos de pobreza e exclusão social (Wall, José & Correia, 2002). Consequentemente, os agregados familiares monoparentais são por vezes alvo de estigma social. Isto deve-se ao facto de estes deterem uma herança cultural bastante depreciativa, herança essa abordada por Saraceno (1997), quando diz que “[e] de uma família com um único progenitor fala-se como de uma “família incompleta” ou “despedaçada”, aludindo-se com isso a um critério preciso, não só de imagem, mas de inteireza (p. 11).” Em Portugal, ao estudar a ilegitimidade no norte de Guimarães, Neves (2001) demonstra que as mulheres ainda solteiras que engravidavam entre os séculos XVI e XVIII partiam das suas localidades de origem por forma a fugirem do estigma social que tal condição acarretava tanto para si, como para as suas famílias de origem. Também a religião e os valores morais que lhe estão associados, contribuem para que as famílias monoparentais continuem a não ser aceites por todos. Estes fatores fomentam a que mães e pais *solo* enfrentem diariamente desafios, assim como os seus filhos. A literatura científica insiste na problematização das famílias monoparentais a partir de um ponto de vista adultocêntrico, quando não são somente os progenitores que estão envoltos em adversidades, mas também os filhos, nomeadamente crianças e adolescentes. Bayle & Martinet (2008) referem-se à persistência da “estigmatização” e “diferença” experienciadas pelas crianças socializadas em contexto de monoparentalidade:

Apesar de o número de famílias monoparentais ter aumentado e não haver uma estigmatização tão importante como outrora, a criança tem de assumir a diferença em relação às outras crianças e às outras estruturas familiares. Muitas crianças encontram noutros membros da família ou da sociedade o modelo de identificação para a construção da sua personalidade (Bayle & Martinet, 2008, p. 46).

Diversos autores (Malpique, 1990; Bayle & Martinet, 2008) referem a importância da rede social de apoio à família monoparental, uma rede à qual possam recorrer em momentos críticos. A este propósito, Malpique (1990) refere que:

A ausência de um dos seus elementos – o pai, neste caso – altera forçosamente a homeostase e haverá uma dinâmica tendente a restabelecê-la. Tudo depende da estrutura da família, da sua capacidade de suportar a mudança, do papel que o pai nela representa (prestígio, qualidade de interação, suporte económico, etc) da flexibilidade e complementaridade dos papéis no casal, da permeabilidade aos ecossistemas, etc) (p. 102).

No conjunto, são mais os estudos que incidem sobre a experiência da monoparentalidade maternocêntrica. Este aspecto justifica-se em grande medida pela maior percentagem destas situações, as quais representam cerca de 80 a 90% da totalidade de agregados familiares monoparentais em alguns países. Como menciona Perez (2019), “[n]o Reino Unido, 90% das figuras parentais solteiras são mulheres; nos Estados Unidos mais de 80% (p. 108).” Quando as mães ficam sozinhas com os filhos o seu *status* social é reduzido, visto que: “[n]a nossa cultura

o pai é o chefe da família e o estatuto socioeconómico da família é dado pelo nível de instrução e de ocupação do pai (Malpique, 1990, p. 108).” Na contemporaneidade, assiste-se a uma mudança de mentalidades, ainda que a um ritmo lento. May (2004) realizou uma importante investigação sobre maternidade a *solo*, concluindo que esta mesma maternidade, reflete as desigualdades de género existentes na sociedade atual. Tais desigualdades colocam as mães a *solo*, bem como os seus filhos e filhas, numa posição de vulnerabilidade, originando outros problemas sociais.

Para que um fenómeno seja considerado como um problema social, tem de atingir um número considerável de pessoas e, posteriormente, tem de ser visto efetivamente como um problema social, igualmente por um outro coletivo de sujeitos. Estes problemas sociais tomam forma, porque os sujeitos que são atingidos por estes, apresentam condições materiais de existência abaixo do que é desejável, não estando de acordo com os padrões sociais ditos “normais”. “De um modo geral, um problema social pode ser visto como “uma discrepância significativa entre padrões sociais e realidade social” (Merton & Nisbet, 1961, p.107 *apud* Timms, 1970, p. 12)”

A pesquisa sobre as famílias monoparentais dá também conta que a esmagadora maioria das investigações, incide sobre os progenitores que chefiam o agregado familiar, isto é, pais e mães, não sendo dada voz ativa aos seus filhos. Importa, pois, trazer este olhar para o mundo sociológico desta temática.

Realizar um estudo sobre agregados familiares monoparentais é um tema de investigação pertinente, uma vez que tem aumentado o número de agregados familiares compostos somente pelas mães ou pais sozinhos e os seus filhos, com a agravante de se constatar que muitos destes mesmos agregados familiares, se encontram em situações de pobreza e exclusão social, especialmente os femininos. A presente investigação é também pertinente, porque dá voz ativa aos descendentes desta configuração de família, a quem até ao momento, não tem sido dada a devida atenção.

Definição do Objeto de Estudo, Pergunta de Partida e Questões de Investigação

O objeto de estudo da presente dissertação consiste na investigação das trajetórias de vida de indivíduos em idade adulta, socializados em contexto de monoparentalidade, com o intuito de captar as suas experiências e, ao mesmo tempo, identificar e compreender o modo como perspetivam as suas próprias trajetórias, assim como as de seus pais. Teoricamente ancorado na sociologia da família, este trabalho pretende contribuir para um debate público mais informado sobre as famílias monoparentais, nomeadamente pela inclusão da voz até agora relativamente negligenciada, de jovens adultos socializados com pais ou mães *solo*.

No cruzamento dos pressupostos antes enunciados surge a seguinte pergunta de partida, norteadora da presente investigação: Como é que jovens adultos socializados em contextos diversificados de monoparentalidade descrevem, avaliam e canalizam para a construção de si as suas trajetórias familiares?

A reflexão sobre esta temática suscita as seguintes sub-questões de investigação:

- De que modo é que jovens adultos socializados em contextos diversificados de monoparentalidade descrevem e avaliam a sua trajetória familiar em termos de obstáculos, elementos facilitadores e estratégias adotadas?

- Como é que jovens adultos socializados em contexto de monoparentalidade materno e paternocêntrica descrevem e avaliam as trajetórias de vida dos progenitores presentes e ausentes?

- Qual é o lugar da socialização em contexto de monoparentalidade nas representações e práticas sociais de jovens adultos, designadamente as relações familiares, educacionais e laborais?

Ao levantar estas questões de investigação pretende-se que os herdeiros(as) de famílias monoparentais possam contribuir com as perspetivas sobre as suas próprias trajetórias familiares (re)construídas em contexto de monoparentalidade, e também que estes opinem sobre as trajetórias vividas pelos seus pais. Desta forma, esta investigação estuda as famílias monoparentais sob um ponto de vista original e inovador e, com isso, aprofunda o conhecimento sociológico em torno da temática.

Definição do Objetivo Geral e dos Objetivos Específicos

Numa investigação científica os objetivos que se pretendem atingir com o estudo realizado, à semelhança da pergunta de partida, são especialmente importantes para orientar o trabalho científico.

Neste trabalho foi desenvolvida uma investigação de cariz sociológico com o objetivo geral de compreender o papel da experiência diversificada de socialização em contexto de monoparentalidade na narrativa que jovens adultos constroem sobre as suas trajetórias familiares.

Constituíram objetivos específicos:

- Descrever e avaliar na perspetiva de jovens adultos socializados em contexto de monoparentalidade a sua trajetória familiar em termos de obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.), elementos facilitadores (ex. rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.) e estratégias adotadas(ex. competição, conflito, acomodação, etc.);

- Identificar eventuais diferenças de género no modo como jovens adultos socializados em contexto de monoparentalidade materno e paternocêntrica descrevem e avaliam as trajetórias de vida dos progenitores presentes e ausentes;

- Compreender o lugar da socialização em contexto de monoparentalidade nas representações e práticas sociais de jovens adultos, designadamente as relações familiares, educacionais e laborais;

Esta dissertação está organizada em seis capítulos, os quais se sucedem à introdução. Os três primeiros capítulos incidem sobre o estado da arte, que explora literatura diversa sobre o estudo da família no geral, com foco sobre as famílias monoparentais. Posteriormente, encontra-se o capítulo da metodologia, no qual constam as opções metodológicas presentes na dissertação. O capítulo referente à análise de dados alberga os resultados do trabalho de campo. Posteriormente, estes mesmos resultados são discutidos no capítulo da discussão de resultados. Por fim, a dissertação finaliza com a conclusão, referências bibliográficas e os apêndices.

Capítulo I – Famílias, Teorias e Espaço Privado

Inicia-se o estado da arte com o presente capítulo no qual se abordará uma primeira reflexão teórica sobre famílias numa perspetiva sociológica, particularmente as famílias monoparentais. Utiliza-se o termo famílias em vez de família, porque existem múltiplas famílias. Por outras palavras, as famílias são todas diferentes, apresentando características que as distinguem e tornam apesar de tudo, únicas. A família é um conceito dinâmico, pois é espetável que todas as famílias sofram mutações com a passagem do tempo. Sendo que, na atualidade, estas mutações são ainda mais vincadas e voláteis, uma vez que vivemos numa modernidade líquida tal como refere Bauman (2006). Segundo este autor, tudo na sociedade é efémero, nada é dado como certo e nada tem forma, pois parece que as coisas mudam a todo o instante. Num mundo líquido, que já é inclusivamente retratado nas séries televisivas, como explica Bauman (2006): “[...] as pessoas vêm e vão, as oportunidades batem à porta e desaparecem novamente logo após serem convidadas a entrar; as fortunas aumentam e diminuem e as coligações tendem a ser flutuantes, frágeis e flexíveis (p. 43).”

Estas mudanças são globais, apesar de que nos países em desenvolvimento as mudanças ocorrem menos céleres, nomeadamente na esfera familiar (Giddens, 2013). Utilizar o termo famílias em vez de família é importante, para sublinhar que não existe somente um tipo de família, mas que todas de alguma forma são distintas. De entre os sociólogos contemporâneos que alertam para este aspeto, Giddens (2013) é particularmente enfático, referindo que: “[e]mbora seja possível falar frequentemente de “família” por comodidade, não devemos escamotear a sua própria diversidade (Giddens, 2013, p. 368).”

1.1. Famílias e Espaço Privado

O Dicionário da Língua Portuguesa (2010) define família como sendo um “grupo de pessoas com parentesco entre si” e “grupo de pessoas formado pelos progenitores e seus descendentes (p. 328)”. A Isabel Dias (2015, p. 9) refere que: “[o] discurso sobre a família integra termos como: pai, mãe, irmãos, filhos, relações, parentesco, lar (Fox, 1986).” Já Giddens (2013) explana o conceito de família como:

Uma família é um grupo de pessoas unidas diretamente por laços de parentesco no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças. Os laços de parentescos são relações entre indivíduos estabelecidas através do casamento ou por meio de linhas de descendência que ligam familiares consanguíneos (mães, pais, filhos e filhas, avós, etc) (Giddens, 2013, pp. 367-368).

Todavia, a família nem sempre foi definida nestes termos. Se recuarmos largos anos no tempo até ao ano de 1735, o *Universal Lexicon* definiu a família como: “diversas pessoas sujeitas ao poder e à autoridade do chefe do domicílio seja por natureza ou por lei (*apud* Costa, 2000, p. 48)”.

O parentesco funciona como um “vínculo, socialmente reconhecido, que liga as pessoas entre si e que se baseia na consanguinidade, real ou fictícia, na afinidade ou na relação (Dicionário da Academiadas Ciências de Lisboa, 2001 *apud* Ventura, 2011)”. Como alerta Ventura (2011) expressões como “meus” e “nossos” são utilizadas para distinguir quem pertence ao “círculo familiar” e quem é alheio a este.

Objetivamente, o conceito de família alberga pessoas que são unidas por laços de sangue, casamento ou outras formas de conjugalidade, sendo que hoje em dia, este último estado é mais comum. De modo complementar não deixa de ser comum que pessoas que não têm laços de sangue, mas estão unidas por sentimentos imbuídos em amor se consideram uns aos outros como família. A família não é feita só através do parentesco e da aliança entre adultos, a família também é feita através do coração. Assim, ecoam duas vozes que incentivam a formação da família: a voz do sangue (ADN) e a voz do coração (afeto) (Souza, 2021). Morais & Vieira (2021) acrescentam que onde houver afeto, haverá família.

Como refere Isabel Dias (2015, p. 11), a família como a conhecemos hoje já sofreu diversas mutações ao longo do tempo, visto que, “[...] a família, no sentido amplo do termo, é o que há de mais ancestral na história da humanidade e o mais estável, mas também que se modifica, atualmente, de maneira radical (Leandro, 2001: 45).” Se antes a família tinha inúmeras responsabilidades com as crianças e os idosos, por exemplo, agora a família contemporânea delega muitas funções nas escolas, lares de idosos, entre outros espaços (Oliveira, 2020). Desta forma,

A família existiu em todos os tipos de sociedades (Roudinesco, 2002 apud Bayle & Martinet, 2008, p. 25) e não é uma representação da sociedade moderna como pensava Claude Lévy-Strauss. Os vários modelos foram-se delineando através das épocas e do tempo, passando por transições e revoluções (Segalen, 1981; Roudinesco, 2002 apud Bayle & Martinet, 2008, p. 25).

Durante a idade média não se falava em família, mas sim em comunidade (Sousa & Pizarro, 2011). Na sociedade medieval as famílias estavam divididas em nobres e não nobres. Sobre as famílias não nobres desta época existem poucos registos ou documentos (Sousa & Pizarro, 2011). Séculos mais tarde, o termo família generaliza-se aos vários parentes, referindo-se a uma família alargada. Como relata Giddens (2013, p. 368) “Quando outro parente, além do casal e dos filhos, vive na mesma casa ou está em contacto próximo e contínuo com eles, falamos de família alargada (ou extensa).” Sousa & Pizarro (2011) apontam que a família nuclear surge ainda na idade média nos centros urbanos. Com a revolução industrial disseminou-se a família nuclear. Tome-se nota que atualmente a família nuclear deixa de ter tanto destaque como outrora, pois “O retrato da família não é mais a foto de um casamento (Dias, 2019 apud Borges, 2020, p. 7).” Também é interessante perceber que as pessoas a nível individual pertencem a várias famílias em simultâneo, dado que:

[...] a família não preenche mais o papel social que a legitimava: transmitir uma cultura e um nome à criança [...] Por todo o lado individualismo e lei do mercado afirmam o direito à reversibilidade das escolhas [...] as crianças terão várias mães, vários pais [...] mais tarde desejar-se não famílias sucessivas, mas em simultâneo (Attali, 1998, p. 19 apud Bayle & Martinet, 2008, p. 29).

A propósito do nome, também hoje um apelido de família pode trazer privilégios ou desvantagens para o seu detentor e herdeiro. Este é outro aspeto interessante sobre o qual se deve refletir, até porque, todas as famílias estão associadas a um nome e, este mesmo nome, também une os membros da família. Como assevera Gonçalves (2011), é através do nome que nos damos a conhecer aos outros e ao mesmo tempo que pertencemos a um determinado grupo social, normalmente a família. O nome situa os indivíduos entre a esfera pública e privada. Também já na idade média as famílias eram conhecidas por alcunhas atribuídas pela comunidade, uma prática que ainda perpetua essencialmente nos meios rurais. Gonçalves (2011) também frisa que já na sociedade medieval era comum que os indivíduos fossem tratados por diminutivos, havendo assim desvios ao seu nome de batismo. Muitas vezes estes

diminutivos começavam por ser direcionados ao indivíduo em causa pelos seus familiares e, posteriormente, esta forma de tratamento alastrava-se ao resto da comunidade, sendo essa pessoa tratada e conhecida pelo diminutivo pelo resto da sua vida. Portanto, a família desde tempos remotos teve um papel decisivo na apresentação dos seus elementos mais novos à sociedade.

As famílias estão envoltas numa enorme complexidade, desde logo pelo facto de todas serem diferentes e todas experienciarem realidades distintas. Esta diferença é sempre estimulada pelo contexto em que se inserem, seja em termos geográficos, culturais, sociais, étnicos, climáticos, institucionais, económicos, cronológicos ou contextos distintos de habitação. É preciso entender que é diferente viver em Portugal ou no Reino Unido, por exemplo. Assim como, é diferente em Portugal, viver no Alentejo ou no Norte. Os espaços ou contextos onde as famílias se inserem determinam em parte as suas características, nomeadamente, *habitus* que culminam em estilos de vida, moldando-as desta forma. As diferenças entre famílias estão desde logo espelhadas entre ocidente e oriente. Como Giddens (2013) indica: “as famílias que habitam em contexto europeu e ocidental são famílias monogâmicas por lei, assentes no amor romântico que une os adultos que se casam”. Contudo, como este sociólogo afirma uma grande maioria de “europeus tem relações sexuais extramatrimoniais (p. 377)”.

Noutros países fora do contexto europeu as pessoas podem ter mais do que um casamento (bigamia). Também, nestes contextos, é mais comum encontrarem-se pessoas em relações de poliamor, nas quais três ou mais pessoas estão na mesma relação com o consentimento e afetividade por parte de todas (Souza, 2021).

As famílias também se distinguem de forma vincada, em função dos seus volumes de capitais, expressão utilizada por Bourdieu (1998). Cada família pode ter maior ou menor volume de capital social (rede de contactos, etc), cultural (habilitações literárias, consumo de eventos culturais, etc) económico (rendimentos, património, etc) e simbólico (*status* social, prestígio, poder, etc). Tendo em conta que quanto maior for o volume destes capitais, maior será o seu *status* social, ocupando desta forma um lugar mais próximo do topo da hierarquia social, sendo esta posição a mais desejada de qualquer família. Assim sendo, de acordo com Bourdieu (1989) as famílias que se posicionam neste topo formam a classe dominante. Neste ponto, o capital simbólico ganha destaque, visto que através deste, esta classe privilegiada tem aquilo a que Bourdieu (1989) apelida de poder simbólico. Este poder, segundo Bourdieu (1989), faz com que a classe dominante exerça “violência simbólica” sobre a classe dominada, violência esta, que é legitimada pela classe dominada, visto que, estes não dominam as gramáticas utilizadas pela classe dominante. Este cenário criado por Bourdieu (1989) permite compreender como existe uma luta entre as famílias privilegiadas e as famílias não privilegiadas.

Tome-se nota, que na modernidade a posição social da pessoa perante a sociedade, se deve mais a nível individual do que da sua família de origem, uma vez que, “[c]ada vez mais, o lugar do indivíduo na sociedade não é herdado, mas sim adquirido (Rios, 2020, p. 21)”. No entanto, também é preciso ter em conta que a família continua a deter um certo peso na imagem de cada um. Sendo que, este peso da família na sua imagem é experienciado de forma diferente, dependendo sempre do contexto onde o sujeito está inserido. Frequentemente os capitais herdados, entre outros fatores, contribuem para as desigualdades sociais existentes entre famílias. A própria habitação também diferencia as famílias, pois esta não é um mero imóvel, contribui para um maior ou menor *status* social da família. Desta forma, “[e]m toda a parte, a casa é um símbolo da posição de quem a habita (Sobral, 2017, p. 52)”. Também o gosto, como menciona Bourdieu, é uma peça chave para demarcar a distinção das famílias. Este gosto reflete-

se na apresentação em si da família, com primordial destaque para a decoração do espaço da sua habitação, assim como na imagem pessoal dos membros da família.

Segundo Bourdieu as famílias têm um papel decisivo no que respeita ao sucesso ou ao fracasso dos seus sucessores. Na obra de Ramos (2022) são analisadas as teses defendidas por este sociólogo, nas quais este olha para a sociedade como um mercado de grandes dimensões, constituído por outros mercados mais pequenos. Estes mercados para Bourdieu (2002, [1972]) são designados como campos (*apud* Ramos, 2022). Nestes diversos mercados são jogados jogos sociais, tendo os indivíduos de recorrer aos trunfos que as famílias lhes dispõem, para poderem fazer parte destes mesmos jogos sociais. Estes trunfos não se traduzem só em capitais, mas também em *habitus* (Bourdieu (2002 [1972])). Bourdieu (2002 [1972]) definiu este conceito como “sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando experiências passadas, opera como uma matriz de perceções, apreciações e ações (*apud* Ramos, 2022, p. 44)”. Os que têm maiores probabilidades de ganharem estes jogos e de alcançarem a tão desejada distinção social, são os que provêm de famílias com maiores volumes de capitais. Desta forma, os que pertencem a famílias desfavorecidas, estão à partida condenados ao fracasso. Porém, algumas pessoas que são originárias de famílias desfavorecidas, conseguem alcançar o sucesso nos seus percursos de vida. No entanto, estas são exceções à regra e, contribuem efetivamente para confirmar a regra.

O imaginário da sociedade sobre as famílias costuma ser povoado de ideias e imagens muito positivas, podendo mesmo afirmar-se “cor-de-rosa”, sobre estas. Porém, a realidade é bastante diferente, pois o espaço privado não é só feito de amor e felicidade. Apesar da realidade ser sombria, a sociedade continua a ignorá-la, ora veja-se:

*Todavia, nas nossas sociedades persistem as imagens positivas da família sendo vista geralmente como o “lar” permanente e durável; uma unidade de interação e afetos; uma espécie de universo social distinto onde as relações entre os seus membros estão imbuídas das noções de confiança, lealdade, reciprocidade, intimidade e sentimento. Tais representações não só se revestem de um profundo simbolismo, como se tornam parte integrante da nossa estrutura de pensamento, formando uma matriz de referência e de ação (Idem *apud* Dias, 2015, p. 10).*

O espaço privado (lugar privilegiado em termos de estabelecimento das dinâmicas em família) de cada família é também palco de violência (Giddens, 2013; Dias, 2015). De acordo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2016), as estatísticas apontam que cerca de 70% (*apud* s. a., 2017, p. 61) dos casos de violência ocorrem essencialmente, contra mulheres e crianças, dentro das suas residências, ou seja, no suposto “aconchego do lar”. Sobre estas mesmas estatísticas, Casimiro (2011) aponta que:

Contrastando com a via pública, a casa, local protegido dos olhares alheios, é onde em 80% dos casos as mulheres mais são violentadas (70% são-no na residência comum ao autor do crime e 10% na sua própria residência - neste último caso as agressões são cometidas por um ex-cônjuge, namorado ou ex-namorado). As vítimas que recorrem ao auxílio de instituições como a APAV e a CIG são maioritariamente mulheres com idades compreendidas entre os 26 e os 45 anos, casadas e com filhos, residentes em meios urbanos, que vivem do seu próprio trabalho e que sofrem de agressões continuadas. A escolaridade destas mulheres oscila entre o 1º ciclo e o ensino superior, o que significa, portanto, que este é um problema transversal a todos os meios sociais (p. 127).

“Os estudos mostram que os principais alvos de abuso físico são as crianças, principalmente as crianças pequenas com menos de seis anos (Giddens, 2013, p. 387).” Como se observou, em cerca de 70% das ocorrências de maus-tratos e abusos, quer a nível físico, quer psicológico, direcionados às vítimas, ocorrem de pessoas muito próximas de si em quem elas confiam e

amam. Neste sentido, Giddens (2013) aponta que: “[o] abuso sexual de crianças revelou-se um facto assustadoramente banal. [e]ncontra-se com mais frequência em famílias de classe baixa, mas tem lugar em todos os níveis da estrutura social – bem como nas instituições (p. 386).” Olhando para outras estatísticas sobre a violência familiar descobre-se que, “em Portugal 40% dos homicídios são cometidos no âmbito das relações de parentesco (Casimiro, 2011, p. 127)”.

Estas pessoas que exercem violência, assumem muitas vezes a figura de um familiar ou um amigo íntimo da família, frequentemente um homem. Relembrando que mesmo quando é a mulher a exercer a violência, esta nunca é tão agressiva como a de um homem (Giddens, 2013). No caso das mulheres que constantemente são colocadas no papel de vítima, são em diversas ocasiões os próprios companheiros que as colocam nessa condição. “A violência doméstica é o crime mais comum contra as mulheres, as quais correm maior risco de violência por parte de homens com quem têm relações familiares e íntimas do que por parte de estranhos (Rawstorne, 2002, *apud* Giddens, 2013, p. 388).” Também Perez (2019) trata desta temática frisando que: “[f]requentemente, a violência doméstica é razão pela qual as mulheres fogem de casa nos países pobres e é a razão pela qual fogem nos países prósperos do ocidente (p. 322)”. Esta violência costuma estar associada a um círculo que começa por pequenas práticas subtis por parte do agressor perante a vítima. Na etapa seguinte evolui para a violência psicológica e manipulação, seguida de violência física, costumando ser intercalado por fases de lua de mel em que o agressor pede desculpa pelos maus-tratos e promete não se voltar a repetir, embora os episódios de violência se voltem a repetir e assim sucessivamente. Tragicamente alguns destes círculos são quebrados com a morte da vítima às mãos do agressor. Outro grupo social que também é vulnerável a maus-tratos são os idosos, sendo por vezes vítimas dos próprios filhos e netos. Esta violência ocorre, porque este grupo social atualmente é olhado com base em sentimentos, que oscilam entre a preocupação com o seu bem-estar e serem encarados como um fardo (Casimiro, 2011).

Casimiro (2011) também aborda este tema da violência exercida sobre mulheres dentro do seu próprio lar, descortinando que em Portugal a violência já fazia parte do quotidiano das famílias formadas durante o Estado Novo, ao contrário do que se fazia ver e, continuou a existir nas famílias pós Estado Novo. Esta autora enuncia que:

As mulheres maltratadas no seu próprio lar, sujeitas às mais variadas formas de agressão opressão, ridicularização, humilhação e violência começaram a poder contar com, no pós 25 de abril, com um conjunto de instituições, estatais e privadas, de solidariedade, apoio e auxílio legal, psicológico e de (re)integração profissional e social. Esse amparo foi sendo alargado a diversas áreas do país e multiplicou-se o tipo de recursos a que as vítimas de violência passaram a poder aceder (p. 123).

Bauman (2006) também retrata cenários de violência entre cônjuges, que têm lugar nos seus quartos,

Os quartos partilhados podem ser um local de alegria e diversão, mas raramente de segurança e sossego. Alguns deles são palcos de dramas cruéis, cheios de escaramuças verbais que resultam em agressões e (se o casal não se separa antes) amplas hostilidades com desfecho semelhante ao de um Reservoir Dogs (p. 43).

É importante refletir que a família coloca os indivíduos numa situação de ambivalência, no sentido em que:

A família é o lugar onde convergem sentimentos positivos e negativos, num emaranhado de laços relacionais. Por outro lado, queremos manter a ideia mítica da família, guardiã de uma certa

segurança, por outro lado, queremos poder rapidamente renunciar a ela se isso vem contra o desejo individual de procura do paraíso perdido. O paradoxo da sociedade moderna é dar à família uma importância sem limites e ao mesmo tempo fragilizando-a, substituindo-a (Bayle & Martinet, 2008, p. 30).

De qualquer forma, o conceito de amor entre os membros da família foi uma invenção, que ocorreu essencialmente a seguir à idade média, tanto o amor entre mãe e filhos, como o amor romântico entre marido e esposa. Portanto, este amor só se encontra numa posição central da vida familiar moderna, como vinca Dias (2015). “Na família moderna, o amor e a felicidade tornaram-se centrais (p. 41).” “Na família moderna, sentimental e privatizada, o indivíduo, as suas escolhas e bem-estar opõem-se aos condicionamentos da família instituição (Dias, 2015, p. 42).”

Na Antiga Roma, por exemplo, era comum que as mulheres mais abastadas (aristocracia) dessem os seus filhos a amas de leite (Avial-Chicharro, 2021). Na Idade Média estas mulheres eram somente vistas como reprodutoras e eram submissas aos seus maridos (Ventura, 2011). Também na “fidalguia rural minhota dos séculos XII e XIII, era costume confiar o aleitamento e a criação dos seus filhos às mulheres das famílias locais de camponeses livres (Oliveira, 2011, p. 278)”. Segundo Oliveira (2011), estas crianças amamentadas pelas amas-de-leite acabavam por criar laços afetivos fortes com estas mulheres que as amamentavam, assim como com os seus filhos, formando com estes uma “irmandade de leite”.

“A mulher marca presença nos dois momentos cruciais da existência humana: o nascer e o morrer (Oliveira & Oliveira, 2011, p. 316)”. No fim do século XVIII (Agy, 2020), as mulheres passam a ser olhadas como mães, cujo papel principal é cuidar dos seus filhos, dando-lhes amor e um lar. Para além destas tarefas, às mulheres, também era incumbido que trabalhassem numa agricultura de subsistência e na criação de animais domésticos.

No que respeita aos homens, sempre lhes foi dada uma maior liberdade, sendo frequente estes, essencialmente em meados do século XIX, serem clientes habituais de bordeis e profissionais do sexo (Giddens, 2013). Tendencialmente, à mulher foi-lhe reservado o espaço privado e ao homem o espaço público. De acordo com esta afirmação posicionam-se Oliveira & Oliveira (2011), refletindo que: “sendo-lhe recusado o espaço público, considerado essencialmente masculino, à mulher resta-lhe o lar e com ele o mundo familiar [...] (p. 306)”. Culturalmente o *status* da família é atribuído através do homem, que ainda hoje em muitos contextos continua a ser visto como o chefe de família ou cabeça de casal (Malpique, 1990). Apesar de na atualidade existirem sinais de mudança, persistem as desigualdades no espaço público entre homens e mulheres.

Na Europa pré-moderna (Giddens, 2013), a criança era vista como um adulto em miniatura, sendo esta olhada como uma fonte de riqueza e, colocada a trabalhar desde tenra idade. Na época medieval,

[...] as crianças desempenhavam sobretudo tarefas que não exigiam grandes esforços físicos ou que se adaptavam bem à natural agilidade infantil, incluindo actividades tão diversificadas como ir buscar água, apanhar bolotas, juntar os pedaços de madeira, previamente cortados ou rachados pelo pai, caçar pássaros, na altura das sementeiras, apanhar os insetos, e animais nocivos das hortas e jardins, subir às árvores para apanhar fruta ou azeitonas (Oliveira, 2011, p. 282)”.

Na sociedade ocidental contemporânea a criança não é mais vista segundo esta perspectiva, agora esta, é olhada como um indivíduo com direitos e ocupa o lugar central na família. Contudo, ainda neste século XXI, uma percentagem considerável de crianças, continuam a ser exploradas.

Na época medieval, o casamento funcionava como uma “associação de interesses” até mesmo para os grupos sociais não privilegiados (Bloch, 1979, p. 160 *apud* Sousa & Pizarro, 2011). A partir do final do século XVIII isto passou a ser mal visto, criando-se a ideia que só seria aceitável casar com alguém que se amasse, surgindo deste modo o amor romântico (Giddens, 2013). Porém, no presente existem situações de casamentos “arranjados”, com uma lógica de aumentarem o volume de capitais.

Bauman (2006) defende a substituição da expressão “amor romântico” por “amor líquido”. Este sociólogo reflete sobre a fragilidade dos laços sociais estabelecidos na contemporaneidade. Sobre estes mesmo laços Bauman (2006) refere que: “precisam de ser atados levemente, para poderem ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem – o que, na modernidade líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes (p. 9)”. Este “amor líquido” tem consequências nas famílias, provocando mudanças recorrentes no seio familiar, sendo que constantemente está a entrar e a sair alguém para a rede familiar. Esta forma de amar é “conturbada” e altamente “ambivalente”, gerando instabilidade no espaço privado de cada família, pois os relacionamentos “oscilam entre o sonho e o pesadelo” (Bauman, 2006, p. 10).

A contemporaneidade sublinha, no entanto, que esta conexão e desconexão de pessoas na rede familiar não tem de ser necessariamente sempre negativa, existindo também o reverso da moeda, ou seja,

*Se por um lado, a entrada de novo(s) membros(s) na família pode ser vista como ameaçadora da coesão/ união familiar e causadora de fontes de conflitos, por outro lado pode ser vista como um suporte emocional e melhoria da supervisão parental (Kellam, Ensminger & Turner, 1977; Turunen, 2013 *apud* Almeida, 2014, p. 5).*

Voltando à questão do espaço privado, este pode ser palco de amor ou de violência, com a agravante de ainda reinar na sociedade contemporânea, uma cultura de que, o que acontece no espaço privado, fica no espaço privado, confirmando-se esta ideia no ditado popular português frequentemente proferido: “[e]ntre marido e mulher ninguém mete a colher”. Desta forma, a maior parte dos maus-tratos e abusos não são denunciados, havendo um silenciamento e normalização dos mesmos. Por outras palavras, como refere Giddens (2013), um certo grau de violência no âmbito familiar é tolerado e até mesmo aprovado (p. 389). Em termos de classe social, os episódios de violência tendem a ocorrer com maior incidência nos agregados familiares pertencentes às classes mais baixas ou desfavorecidas. Todavia, a violência ocorre de forma transversal em famílias pertencentes a todas as classes sociais (Giddens, 2013). Posto isto, pode-se afirmar: “[...] tantos são os contrastes que erguemos ao longo das paredes dos nossos lares que, às vezes, as regras “de dentro” se esquivam às leis do Direito (s.a., 2017, p. 46).”

Por outro lado, a família também é pautada pela inveja e ciúmes, como por exemplo a inveja entre irmãos ou entre pais e filhos. Também o espaço privado é palco de rivalidades entre membros da família. Para além disso, tem-se vindo a relatar o quão contraditório pode ser o que ocorre no espaço privado, nomeadamente em cada família, seguindo esta linha de pensamento:

*A família é um espaço de ação, comunicação, conflito, reminiscência, antecipação, mas também de mudança e de continuidade (Morgan, 1996 *apud* Dias, 2015, p. 10). É, ao mesmo tempo, um espaço físico, relacional e simbólico aparentemente mais conhecido e comum. Revela-se como um dos lugares privilegiados e de construção social da realidade. Constitui o domínio, por*

excelência, a partir do qual se constroem os arquétipos e os mitos sociais. Espaço de diferença, ela emerge igualmente como lugar de construção de imagens contraditórias. Ao lado da representação moderna da família como refúgio, lugar de intimidade e afetividade, coexistem as imagens da família como espaço de violência e opressão sobre os seus membros (Saraceno, 1992:13 apud Dias, 2015, p. 10). Tais imagens contraditórias encontram-se nas relações quotidianas, mas também subentendem a legislação e as políticas sociais (Dias, 2015, p. 10).

Dentro das famílias criam-se expectativas em relação aos diversos membros. Quando os comportamentos destes não correspondem às expectativas criadas, esta situação pode fomentar discórdia e incómodo. O espaço privado é um lugar privilegiado para acontecerem conflitos, visto que, “[o]s laços familiares estão normalmente impregnados de emoções fortes, que misturam frequentemente amor e ódio. As desavenças que ocorrem no contexto doméstico podem libertar antagonismos que não seriam sentidos da mesma forma noutros contextos sociais (Giddens, 2013, p. 389).”

Na representação ocidental tradicional, a família é a família nuclear, encontrando-se esta, dentro dos padrões considerados como “normais”. Tendencialmente a sociedade esquece, que existe todo um espectro de famílias onde cada uma se situa numa determinada posição, posição esta, que contribui para a inserção ou não inserção desta, na sociedade. A própria publicidade contribui para reforçar todo este imaginário que se constrói em torno da família. Desta forma, o “lado sombrio da vida familiar contrasta com as imagens cor-de-rosa harmoniosas que impregnam frequentemente os anúncios publicitários e outros locais dos meios de comunicação social populares (Giddens, 2013, p. 384).” É preciso ter noção de que a família, tal como quase tudo na sociedade, também é olhada com base numa construção social, idealizando-se a família perfeita. Esta imagem de família ideal foi construída com base no modelo de família associado à burguesia ocidental (Przbyś & Silva, 2010). O quadro desta família perfeita era composto pelo casal heterossexual unido pelo casamento católico e pelos seus filhos envolvidos num ambiente privado estável. Ora, esta família perfeita não existe, pois nenhuma o é. Por mais irreal que pareça, todas as famílias, até as mais abastadas, têm problemas, embora não nos apercebamos tanto disto, porque estas conseguem esconder os seus problemas, aparentando sempre, serem a família perfeita. Isto porque, nestas classes privilegiadas, seguem-se os modelos nobres de controlo de emoções (Silva, 1995 apud Casimiro, 2011, p. 120).

No presente, as famílias assumem diferentes configurações: família nuclear, família recomposta, família monoparental, família unipessoal, famílias LGBTQIA+, família adotiva e casais sem filhos. Souza (2021) acrescenta a esta lista a família anaparental, nomenclatura criada por Barros (2003). Em termos de agregado familiar, “Laslett (1992; 1997) distinguiu quatro tipos de estrutura familiares: grupos domésticos chamados “sem estruturas”; grupos domésticos “simples”, onde se encontram as famílias monoparentais; grupos domésticos “extensos” e grupos domésticos “múltiplos” (apud Saraceno, 1997, pp. 19-20).” Mencionar também que: “[p]or agregado entendem-se indivíduos ou grupos de indivíduos que partilham a mesma habitação, os seus espaços comuns e os elementos necessários para viver, como a comida (Giddens, 2013, p. 368).”

As famílias ao longo da sua vida são dispostas num ciclo de vida no qual passam por várias fases, não sendo estáticas. Este termo ciclo de vida:

[...] refere-se à história de cada família, à sua evolução e transformação no tempo. Tem a ver tanto com o tempo cronológico da duração, do período de vida de uma família (ou de um indivíduo), como com o do seu “calendário”: isto é, com as escanções e eventos que demarcam um período, ou fase, de outra (Saraceno, 1997, p. 221).”

Porém, atualmente, uma criança ou adolescente, pode começar por pertencer a um agregado familiar nuclear, podendo este transformar-se num agregado monoparental e, posteriormente num agregado recomposto. Dito de uma outra forma,

A família nuclear já não é o modelo de referência, tendo aparecido desde os anos 1970 outras noções como família separada, reconstituída e família monoparental. Uma criança pode ter vivido numa família nuclear, passando a seguir por um período de monoparentalidade e de família reconstituída com crianças deste novo casal que, anos mais tarde, acaba por se dissociar (Bayle & Martinet, 2008, p. 44).

Não obstante mencionar que, na idade média algumas crianças viviam em famílias hoje designadas de “recompostas”, o que acontecia sobretudo devido às elevadas taxas de mortalidade (Oliveira, 2011).

Abordando de forma sucinta algumas das configurações de famílias mencionadas anteriormente, a família unipessoal é formada por pessoas a viver sós. Segundo Nunes (2014) estas famílias são compostas essencialmente por pessoas idosas que vivem sós. Outro perfil que contribui para o aumento deste tipo de famílias são os jovens altamente qualificados (Mauritti, 2011 *apud* Nunes, 2014). Por sua vez, a família anaparental pode ser composta por irmãos, tios e sobrinhos ou amigas e amigos que vivem juntos (Souza, 2021).

Em termos de pobreza há famílias mais propensas a esta do que outras, como famílias não brancas, famílias detentoras de heranças com menor volume de capitais, famílias que habitam em países com instituições extrativistas em vez de inclusivas, ou seja, estas famílias habitam em países em desenvolvimento nos quais as leis são criadas para as elites do país em detrimento do seu povo (Acemoglu & Robinson, 2012), famílias com um só progenitor, nomeadamente, se o progenitor for mulher, famílias cujos postos de trabalho dos adultos são precários, famílias que habitam nas periferias das grandes cidades, entre outros fatores. A pobreza constituiu um círculo vicioso, sendo muito difícil uma família desfavorecida conseguir sair dessa condição. Estes círculos viciosos da pobreza contribuem para reproduzir as desigualdades sociais na sociedade pós-moderna, terminando estes, também por não serem quebrados, porque atualmente a pobreza é cada vez mais, vista como culpa individual e não como produto da sociedade (Rios, 2020). A literatura também aponta como a pobreza tem um forte impacto nas famílias e principalmente nas crianças. As crianças que crescem em famílias pobres, tendencialmente, têm resultados académicos não satisfatórios, menor bem-estar, sentem mais stress e o seu desenvolvimento pode se tornar deficitário (Bradshaw & Nieuwenhuis, 2021, p. 400).

A família contemporânea é pautada pela liquidez como assegura Bauman e marcada pelo risco como afirma Beck. Para Shorter (1995), a família contemporânea também é marcada pelo conflito entre gerações, onde os filhos se distanciam dos ideais e valores defendidos pelos pais, muitas vezes influenciados pelos amigos (*apud* Costa, 2016). Nesta época atual, os grupos de pares ganham um papel crucial na vida dos adolescentes, tendo uma influência direta na construção da sua personalidade. Assim, a família não é mais a instituição principal com a função da socialização das crianças e adolescentes. Contudo, a família nunca se preocupou tanto com as crianças e com o seu bem-estar como nos nossos dias. Ora veja-se:

Da análise do dia-a-dia das famílias que estudámos resulta a constatação de um quotidiano fragmentado entre múltiplos tempos e espaços onde os adultos acusam a escassez de tempo a que a sincronização com os ritmos e horários exteriores impõe. O dia-a-dia é um lugar de equilíbrio difícil e uma equação de contornos complexos onde pais e mães com filhos pequenos

se esforçam por encontrar estratégias de articulação das suas muitas (in)disponibilidades que decorrem da condição de famílias de dupla carreira e trabalhadores a tempo inteiro (Costa, p. 117-118, 2016).

Tendencialmente, observa-se hoje, que existe uma maior sensibilidade para com as crianças na sociedade e que muitos pais colocam os seus filhos acima de si próprios, organizando o seu quotidiano em função destes. Está-se longe de conseguir que todas as crianças vejam os seus direitos respeitados, mas nunca a sociedade tinha conseguido tratar tão bem as crianças como no presente. O mesmo é válido para os idosos.

O espaço privado na pós-modernidade assume duas faces contraditórias, o da descontração e lazer que é a que se encontra no imaginário idealizado pela sociedade e, a outra, subtil e mais invisível, é a do trabalho doméstico e da correria do dia a dia, como nos elucida Costa (2016):

Neste contexto de fragmentação, a casa surge discursivamente idealizada como espaço de reunião e fruição. Mas, na prática, a casa é antes de mais um espaço de trabalho, como bem demonstra a descrição das actividades que nela têm lugar, nomeadamente as relacionadas com as tarefas domésticas e de cuidado e acompanhamento das crianças. A casa é, também, uma espécie de hangar logístico de partida, chegada e distribuição de pessoas. Imagens idealizadas em torno de um pequeno-almoço tranquilo, de um jantar em conjunto ou de um fim-de-semana descontraído são constantemente colocadas em causa pela sujeição aos ritmos, horários e características da associação que adultos mantêm ao mundo do trabalho formal e informal, e as crianças aos ritmos escolares. De manhã, ao final da tarde e noite, o modo como o dia-a-dia está estruturado depende também de vários outros factores. Nomeadamente, do número e idade dos filhos, da situação conjugal, estrutura familiar e da rede social sobre a qual está alicerçado. Numa outra dimensão, mais invisível, o dia-a-dia é também atravessado pelos modelos de conjugalidade e pelas dinâmicas de género que lhes são subjacentes. Daqui resulta o maior centramento das tarefas domésticas e cuidados aos filhos na figura da mulher-mãe ou, mais frequente, uma maior repartição (não necessariamente igualdade) entre os membros do casal e o recurso complementar à rede de apoio, formal ou informal (p. 118).

Outra temática que se liga com a família e com a qual esta sempre conviveu inevitavelmente, é a morte. A perda de alguém é sempre um momento doloroso e com o qual a família necessita saber lidar, tendo em conta que, existem diferentes maneiras de lidar com a perda e o conseqüente sofrimento, que esta provoca. A evolução da medicina, a melhoria das condições de vida e o conseqüente aumento da esperança de vida, fez com que na sociedade moderna, tendencialmente, os indivíduos tenham contacto com a morte numa idade mais tardia. É caso para dizer que “o cemitério saiu do centro da vila como a morte saiu do centro da vida”, argumento este, declarado por Fourastié (1985), para o qual nas sociedades contemporâneas a morte está longe da vida (*apud* Ramos & Costa, 2014). Contudo, atualmente, os funerais, acabam por ser dos poucos momentos em que a família mais alargada se reencontra (Costa, 2016).

Não só a morte marca o quotidiano das famílias, mas também a doença é um marco nos percursos de vida das famílias. “As doenças marcavam decisivamente os quotidianos das crianças medievais [...] (Oliveira, 2011, p. 286)”. Estas experiências principalmente em contextos rurais não são exclusivamente privadas, pois as famílias acabam por se ajudar umas às outras.

A família é espaço plural também de emoções. “As famílias tanto podem ser um contexto de violência e de tensão, como um contexto de afeto e de apoio, sendo que as crianças reproduzem essas experiências quando são depois adultas e progenitoras (Giddens, 2013, p. 387)”. O espaço privado é definitivamente povoado por situações contraditórias, imagináveis e surpreendentes,

pois: “[a]li são amplificadas todas as angústias, tensões e incertezas que trazem consigo as pessoas que ali coabitam (s. a., 2017, p. 46)”. Apesar disso, persiste uma imagem romantizada em torno da família. Com efeito:

Do urbanismo aos partidos políticos de todas as tendências, da arte às ciências, da vida quotidiana às paixões e aos desejos humanos, em toda a parte se encontra a substituição da realidade por sua imagem. E, nesse processo, a imagem acaba por se tornar real, sendo causa de um comportamento real, e a realidade acaba por se tornar imagem (Jappe, A. Guy Debord. Petrópolis, Vozes, 1999, p. 21 apud Buzzi, 2002, p. 204).

Seguindo este raciocínio: “[p]ara muitas pessoas, a família proporciona uma fonte vital de consolo e conforto, amor e companheirismo. No entanto, como verificámos anteriormente, a família também pode ser um lugar de exploração, solidão e profunda desigualdade (Giddens, 2013, p. 413).”

De facto, pode-se reforçar a ideia com que se começou este tópico de que a família é complexa. Esta ideia surge retorcida, quando comparada a um passado mais ou menos recente:

Face ao casamento de outrora aparece a união de facto aceite pelas famílias, casamento tardio, as famílias monoparentais, as recompostas, as mistas e as homossexuais, casando-se por amor e não mais por razões económicas. Se por um lado as jovens mães aumentaram, tem-se filhos no entardecer dando a impressão de se ser jovem, recorre-se à cirurgia plástica para negar o envelhecimento, por outro lado, a sexualidade é uma fonte de prazer e a distância entre as gerações diminuiu. O casal, apesar da diversidade dos modos e aliança, continua a ser homogâmico (cônjuge do mesmo estatuto social, cultural, religioso, de idade idêntica, mesma origem étnica e estatuto social igual) (Bayle & Martinet, 2008, pp. 26-27).

A família mudou ao longo do tempo histórico-social, existindo uma certa tendência para romantizar o passado como “melhor”. Por causa disto,

Não se pode afirmar que a família do passado seja melhor ou pior que a família do presente; é preciso compreendê-la sob o ponto de vista de um contexto social, histórico e cultural em constante transformação, traçando trajetórias probabilísticas tanto para o indivíduo quanto para o grupo familiar. Os membros de determinadas famílias e culturas precisam se adaptar às demandas e tarefas propostas pelos contextos nos quais estão inseridos, uma vez que cada família possui seus próprios padrões de comunicação, que, por sua vez, influenciam as experiências de seus membros (Dessen, 2010, p. 210 apud Oliveira, 2020, p. 33).

Por outras palavras:

Para a ciência, os seres não estão uns acima dos outros; são apenas diferentes porque seus ambientes diferem. Não há uma maneira de ser e viver melhor para todos, com a exclusão de qualquer outra, e, por conseguinte, não é possível classificá-las hierarquicamente segundo se aproximem ou distanciem desse ideal único. [...] A família de hoje não é mais nem menos perfeita que a de antigamente: ela é outra porque as circunstâncias são diferentes. [...] O cientista estudará então cada tipo em si mesmo e sua única preocupação será a de procurar a relação que existe entre os caracteres constitutivos desse tipo e as circunstâncias que os cercam. (Id.: 25 apud Maior, 2005, p. 18)

Resumidamente, não há famílias que sejam melhores do que outras. Existem sim famílias, que se encontram enquadradas em contextos distintos. Também é mais confortável para cada um de nós pensar que nas famílias reina o amor, sendo o seu espaço privado ocupado por um ambiente agradável. Torna-se pesado demais, pensar que a cada segundo que passa, alguém está a sofrer no seu espaço privado, onde seria suposto estar no mínimo, bem-disposto e seguro

com aqueles que mais ama. Torna-se quase irónico refletir que muitos de nós, essencialmente as mulheres, temos receio em certas circunstâncias de deambular pelo espaço público sozinhos(as), particularmente durante os períodos noturnos, quando na realidade o verdadeiro perigo, muitas vezes, se aloja no interior dos nossos lares.

1.2. Teorias sobre a Família

A Sociologia tem-se vindo a concentrar nas mudanças que ocorreram na família, fruto da passagem da sociedade feudal para a sociedade industrial, tentando compreender esta relação entre a família e a industrialização (Dias, 2015). Comte (1839) “associa os efeitos nefastos da industrialização a uma possível desagregação da ordem familiar (*apud* Dias, 2015, p. 20)”.

Existem bastantes teorias sociológicas sobre a família. Giddens (2013) enfatiza desde logo na sua obra, as teorias funcionalistas, as quais defendem que a família tem a seu cargo funções de extrema importância. Daí a família ser vista como uma instituição pilar da sociedade. Os autores funcionalistas focam-se principalmente nas famílias nucleares e nas funções que estas desempenham. Parsons & Bales (1956) afirmaram que a família desempenhava duas funções principais: socialização primária e estabilização da personalidade (*apud* Giddens, 2013). A socialização primária consiste nas primeiras aprendizagens da criança sobre a forma como deve estar em sociedade, sendo que, a criança nesta etapa interioriza as normas da sociedade. Desta forma, estes autores demonstram que a família é de extrema importância para os seus descendentes. Parsons vê na família nuclear a configuração ideal de família e atribui ao homem o papel “instrumental” e à mulher o papel “expressivo”, significando que o homem é o “ganha-pão” da família enquanto a mulher cuida dos filhos e do lar.

Também Dias (2015) cita Parsons & Bales (1956; 1968) na sua obra, referindo que estes autores caracterizam “a família como um grupo social organizado à volta de valores opostos aos da estrutura da sociedade moderna (p. 23)”. Como já Giddens (2013) havia referido, para Parsons (1956; 1968) os papéis desempenhados por homens e mulheres no seio da esfera privada são distintos. Dias (2015) veio acrescentar a este discurso, o facto de para este autor, não poder haver uma competição entre estes papéis, ou seja, a mulher não poderia desempenhar também um papel “instrumental”, sob pena de a família poder vir a entrar em desequilíbrio e, conseqüentemente, a colapsar.

Giddens (2013) também destaca na sua obra as abordagens feministas. Estas por volta das décadas de 70 e 80, do século XX, vieram revelar o lado mais sombrio da família, dando ênfase às experiências das mulheres no espaço privado e às relações desiguais de poder que ocorrem neste mesmo espaço. Estas teorias demonstraram que as mulheres continuam com uma responsabilidade maior no que respeita aos afazeres domésticos e no cuidado dos seus filhos. A título de exemplo, citar que “[a]s mulheres fazem 75% do trabalho não remunerado em todo o mundo [...] (Perez, 2019, p. 48)”. Perez (2019) acrescenta que dedicam cerca de três a seis horas por dia a este trabalho não remunerado, comparativamente a sensivelmente trinta minutos a duas horas para os homens (p. 88). Assim, muitas mulheres são detentoras de uma dupla jornada de trabalho, ou seja, uma jornada paga e outra não paga. Jornada essa não paga, que acaba por ser completamente invisibilizada, assim como parte do trabalho remunerado que as mulheres desempenham, como indica Perez (2019) na sua obra. Esta autora explora esta dupla jornada de trabalho das mulheres exprimindo que:

E enquanto as mulheres foram crescentemente assumindo empregos remunerados, os homens não acompanharam essa inflexão através de um crescimento idêntico do trabalho remunerado que assumem: as mulheres pura e simplesmente viram aumentar o seu tempo total de trabalho, com múltiplos estudos ao longo dos últimos vinte anos a revelarem que lhes cabe a parte maior do trabalho não pago, independentemente da proporção do rendimento familiar que elas auferem (p. 89).

Mesmo quando os homens aumentam mesmo o volume do seu trabalho não remunerado, não é por assumirem as tarefas domésticas rotineiras que compõem a maior parte desse trabalho, mas antes por chamarem a si as atividades mais agradáveis, como cuidar dos filhos (p. 89).

As abordagens feministas ganham novos contornos com o aparecimento das novas tecnologias de informação e comunicação, querendo isto dizer que,

Para potencializar sua ação, uma nova fase do movimento feminista nasce nos tempos atuais: o feminismo na internet. Com a transformação tecnológica pela qual passa a sociedade, utiliza-se a comunicação baseada na interatividade na internet para expandir os ideais dos movimentos sociais e fazer com que eles cheguem a um número cada vez maior de pessoas, angariando mais adeptos ao movimento (Silva, 2020, pp. 20-21).

Dias (2015) também explora na sua obra algumas teorias sobre a família, enfatizando a teoria de Burgess (1960) que declarava a família estar a deixar de ser “instituição” para se transformar em “companheirismo”. Querendo isto dizer que a família passou progressivamente a colocar os interesses individuais em primeiro lugar, em detrimento dos interesses coletivos, tendo na base o amor entre os membros da família. Este autor apresenta a vida familiar como lugar de sentimento e intimidade, sendo que para a esfera pública estava reservada a competição, o interesse e a lógica do lucro. “A sua visão otimista conduzi-o a subestimar o conflito e as tensões que a família pode viver no seu seio (Leandro, 2001 *apud* Dias, 2015, p. 22)”. Em suma, “[p]ara o autor, a família tem um papel central na manutenção da ordem social, sendo considerada como compensatória e estabilizadora dos constrangimentos a que os indivíduos estão sujeitos no exterior (*apud* Dias, 2015, p. 22)”.

Já Goode (1963; 1969): “[c]onsidera que a industrialização proporcionou ao indivíduo a oportunidade de emancipação de controlo do grupo. O salário, o emprego autónomo da família, a mobilidade residencial, a livre escolha vieram permitir a realização das aspirações individuais (*apud* Dias, 2015, p. 25)”. Goode (1963; 1969) também assegura que as relações entre cônjuges passaram a ser mais instáveis. Sendo isto uma consequência da industrialização, que impulsionou a que as pessoas pudessem concretizar mais facilmente os seus objetivos ou interesses pessoais, proporcionando uma maior liberdade individual de escolha (*apud* Dias, 2015, p. 25).

Goode aponta uma nova visão sobre a família, na qual incorpora a luta pelos direitos das mulheres, admitindo “que ainda há muitos obstáculos a ultrapassar na família (e. g., o autoritarismo masculino) e na sociedade, em que prevalecem várias discriminações e, ao nível da própria resistência masculina à perda do poder absoluto (*Patrio poder*) sobre as mulheres (*apud* Dias, 2015, p. 27)”. Esta visão de Goode (1963; 1969) continua ainda atual, pois os direitos das mulheres continuam ainda um pouco por todo o mundo a ser violados diariamente, sendo muitas vezes vistas como propriedade dos homens e usadas como meros objetos sexuais.

Como já se referiu antes, na década de 70, nomeadamente depois de 1975 em Portugal, ocorre uma mudança de paradigma relativamente à família. Dias (2015) menciona que: “[n]os anos 70 do século XX dá-se uma efetiva rutura de paradigma, “[a]ssiste-se à passagem da noção de

mulher-natureza, condicionada às suas funções biológicas, para a concessão da mulher-indivíduo (p. 28)”. Esta mudança de noção sobre a mulher deve-se em grande parte à luta das feministas.

Nas décadas de 80 e 90, do século XX, surgem novas perspectivas de olhar para a família, como a de Singly (1993) que defendia que a família atravessa um processo de privatização (*apud* Dias, 2015), visto que a família por um lado, quer ter direito à sua privacidade no espaço privado e, por outro, o Estado cada vez mais elabora leis direcionadas para as famílias, nomeadamente, para proteger os mais vulneráveis dentro deste mesmo espaço. Como afirma Dias (2015), a família moderna encontra-se sob vigilância e,

Para Singly (1993:6), a família contemporânea é uma instância caracterizada por uma grande independência face ao Estado; por uma elevada independência face aos círculos do parentesco e, por último, por uma forte autonomia dos homens e das mulheres face à própria família. Desta forma, homens e mulheres, adultos e crianças, organizam a sua vida privada no quadro de uma dupla dualidade: uma reivindicação de independência coletiva e individual uma dependência acrescida face à esfera pública (apud Dias, 2015, p. 29).

Kaufmann (1993) pronuncia que o casal mudou, tendo agora estes de se ajustarem para realizarem uma vida a dois (*apud* Dias, 2015).

Outros autores assinalam o peso do individualismo na família, como demonstra o seguinte excerto:

A tendência será de novo para uma desmassificação, a caminho do culto do individualismo com certo cunho narcísico. A estrutura da família tenderá para um agregado móvel de pessoas que estão ligadas por opções afetivas e por interesses sociais comuns, podendo reaparecer a família como unidade de produção. A criança e o adolescente, que dispõem de uma rápida capacidade de aprendizagem para as novas tecnologias, terão uma mais ampla participação social tornando-se, desde cedo, elementos produtivos (Malpique, 1990, p.46).

Também Dias (2015) não deixa que o termo da individualização passe despercebido, segundo esta autora:

*[...] o conceito de individualização, [...] marca as perspectivas contemporâneas sobre as transformações da família. Este conceito encontra-se associado ao próprio processo de modernização da família e à emergência das noções de sentimentalização, privatização, desinstitucionalização, as quais passaram a dar primazia aos interesses individuais em detrimento das lógicas coletivas e tradicionais (o grupo de parentescos, a comunidade) (Anderson, 1984 *apud* Dias, 2015, p. 41).*

A individualização tem reflexo nos divórcios que ocorrem cada vez mais frequentemente na sociedade atual. Em Portugal entre o ano de 2018 e 2019 o número de divórcios aumentou, sendo os valores de 20345 e 20421 (INE, 2020), respetivamente. Deste modo,

*Nas nossas sociedades, o divórcio pode ser interpretado como um indicador significativo de individualização. A dissolução do matrimónio representa uma mudança considerável nas possibilidades dadas aos indivíduos para construir as suas biografias pessoais, simbolizando a passagem de uma visão do casamento como sacramento para noção do casamento como contrato (Roussel, 1989; Leandro, 2001 *apud* Dias, 2001, p. 45).”*

Em Portugal a individualização na família ganha maior visibilidade no pós 25 de abril. É a partir deste marco, que as famílias deixam de pensar no coletivo para pensarem mais em cada

elemento da família. Desta forma, “[o] projeto de cada um ganha importância no projeto familiar (Monteiro, 2011, p. 306)”.

Sumariamente a individualização faz com que:

“No mundo pós-romântico” como assinalam Ehrenreich e English, em que os antigos vínculos já não se sustentam tudo o que interessa é o tu: tu podes ser o que quiseres; tu escolhes a tua vida, o teu ambiente, até mesmo a tua aparência e as tuas emoções... As velhas hierarquias de proteção e dependência já não existem, só existem contratos abertos, livremente rescindidos. O mercado, que há muito tempo se expandiu para incluir as relações de produção, expandiu-se agora para abarcar todos os relacionamentos (apud Bauman, 2017, pp. 60-61).

Em suma, como se pode observar, diferentes teorias sociológicas têm sido dirigidas à família, trazendo cada uma destas teorias um olhar distinto sobre a mesma.

1.3. Famílias Monoparentais

As famílias monoparentais são compostas somente por um progenitor e pelos seus filhos. Este tipo de agregado familiar pode ser apelidado de grupo doméstico “simples”, mais concretamente:

As famílias monoparentais referem-se a famílias onde só vive um dos progenitores que, ou nunca coabitou com nenhum cônjuge, viveu, separou-se e não voltou a viver com mais nenhum cônjuge, ou então no caso de adoções. Elas sempre existiram de uma forma transitória com pais ausentes de casa ou separados e depois recomposição familiar ou permanentemente devido ao abandono da relação e da parentalidade ou por escolha de estilo de vida (Bayle & Martinet, 2008, p. 46).

Marinho (2014a) clarifica o conceito de família monoparental, explicitando que:

Em sociologia da família, o conceito de família monoparental refere-se a uma mãe ou um pai só (porque não vive em casal) que reside com um ou vários filhos dependentes (crianças ou jovens adultos solteiros). Abrange uma heterogeneidade de configurações familiares, moldada quer pela ausência de um dos progenitores na vida dos filhos, quer pela presença alternada de ambos e pelas formas de partilha coparental que organizam, quer ainda pela diversidade de formas de entrada em situações de monoparentalidade (nascimentos ou adoções fora da conjugalidade, ruturas conjugais, viuvez) (Letablier 2011; Neyrand 2001: 2004 apud Marinho, 2014a, p. 177).

Wall (2003) propôs duas categorias de monoparentalidade: “famílias monoparentais no *sentido lato*, referente a núcleos monoparentais com filhos de todas as idades; e famílias monoparentais *jovens*, referente a núcleos monoparentais com pelo menos um filho menor de 18 anos (apud Marinho, 2014a, p. 178)”. As famílias monoparentais enclausuram sobre si mesmas, uma grande diversidade de formas de estar numa disposição de monoparentalidade, ou seja, pode ser um progenitor só, apresentando um diferente estado civil, com crianças pequenas ou já adultas. Contudo, alguns vivem efetivamente sós com os filhos, enquanto outros partilham casa com familiares (Cardoso, 2013). Também as famílias de “pais e mães sós que vivem com os filhos em guarda conjunta com residência alternada (Cardoso, 2013, p. 96)” se inserem no campo das famílias monoparentais. Desta forma, a monoparentalidade é vivida e sentida de formas distintas, dependendo sempre do contexto onde se insere.

A sociedade criou a ideia de que estas famílias são de certo modo “novas” na nossa época. Porém, esta ideia é falsa, pois “As novas formas familiares não são tão novas assim: algumas delas sempre existiram (Bayle & Martinet, 2008, p. 43).” Por exemplo, já na idade média havia bastantes famílias hoje designadas de “recompostas”, cuja origem era reportada a abandonos,

casamentos anulados e viuvez (Ventura, 2011). De facto, a configuração de família monoparental foi durante largos anos invisibilizada. Somente a partir de 1960, mais concretamente em 1970 (Nunes, 2014), começou por ter visibilidade e ser reconhecida também como efetivamente dando corpo a uma família. “Foi em meados dos anos 70, em França, que surgiu o termo “família monoparental”. Este conceito foi introduzido por sociólogas feministas como uma adaptação ao conceito de *lone parente*, já trabalhado por autores de países anglo-saxónicos (Cardoso, 2013, p. 93).” Depois de ganharem esta visibilidade, que se ramifica em “económica, política e social (Cardoso, 2013, p. 93)”, concedida pela nomenclatura que lhes foi colocada, foram implementadas políticas públicas direcionadas para si (Wall & Lobo, 1999).

O interesse por famílias não nucleares também se começa a fazer sentir a partir da década de 60, do século XX, pelo facto das mulheres começarem a entrar no mercado de trabalho, fazendo com que os papéis desempenhados por homens e mulheres no seio familiar se aproximem e, também devido ao aumento dos divórcios, uniões de facto e à importância atribuída às relações afetivas no núcleo familiar (Cardoso, 2013). Costa (2016) acrescenta algumas alterações de comportamentos que contribuíram para a efetiva mudança de paradigma, como o aparecimento dos métodos contraceptivos e as respetivas alterações que ocorreram na esfera da sexualidade e, inevitavelmente, também na conjugalidade. Os métodos contraceptivos possibilitam que a mulher tenha um maior controlo sobre o seu corpo, podendo decidir quando é que pretende ter filhos e, o número destes. Este facto fez com que a mulher ganhasse uma “nova liberdade” e, como diria Shorter (1995), despontou uma segunda revolução amorosa apelidada de “amor sem casamento” (*apud* Costa, 2016).

As vias pelas quais uma família pode assumir a configuração de monoparentalidade são diversas: a viuvez, o divórcio, o abandono, violação ou por opção, recorrendo à reprodução medicamente assistida ou à adoção. Segundo Saraceno (1997) estas causas são: “viuvez, procriação fora do casamento, separação, divórcio (p. 49)”. Outras formas de formar uma família monoparental de forma temporária são: a emigração (Marinho, 2014a) de um dos cônjuges, normalmente o marido, prisão e ida à guerra (Tachibana & Resende, 2020). Esta última via foi comum no século passado nos períodos da Primeira e da Segunda Guerra Mundiais em que alguns homens eram mobilizados para ir combater, deixando as suas mulheres e filhos sós. Na atualidade com a guerra em solo ucraniano, esta voltou a ser uma realidade de milhares de crianças, que retornam a sentir a ausência dos seus pais devido a questões bélicas. Malpique (1990) na sua obra destaca ainda uma outra via, que são os períodos bastante longos em que os homens se ausentavam para ir pescar para o mar.

A separação e o divórcio ganham hoje visibilidade na sociedade contemporânea. Com “cerca de 60% das famílias monoparentais a resultarem do divórcio ou da separação (Giddens, 2013, p. 394).” Costa (2016) adverte para “as sequências de vida a *solo* que se intercalam entre períodos de vida conjugal e familiar (p. 98)”. Uma percentagem significativa de famílias monoparentais começa por ser uma família nuclear, posteriormente acontece um evento, como o falecimento de um dos cônjuges ou o divórcio, passando para a situação de monoparentalidade e, numa fase mais avançada pode se transformar numa família recomposta, podendo até existir períodos intercalados entre monoparentalidade e recomposta. Algumas partem da monoparentalidade e dão lugar a uma configuração recomposta, podendo até ter períodos intercalados entre estas duas configurações. Outras famílias monoparentais começam com esta configuração e prolongam-na por todo o seu percurso de vida, enquanto algumas partem de famílias nucleares, transformam-se em monoparentais e assim permanecem no tempo.

Todavia, como na sociedade ocidental contemporânea tudo muda à velocidade da luz, os cenários mais prováveis a observar nas famílias com este tipo de configuração são os dois primeiros, visto que as pessoas agora se sentem mais à vontade para estabelecerem vários relacionamentos amorosos ao longo da vida e, gostam inclusivamente de ter experiências novas. Desta forma, alguns casais podem dialogar em “os meus, os teus e os nossos” (Aboim, 2011, pp. 89-90). Aboim (2011) ilustra que continua a ser a mulher a principal responsável pela criança, a seguir ao divórcio, sendo que esta por vezes só vê o pai esporadicamente e este até nem paga regularmente a pensão de alimentos. Todos estes possíveis cenários, demonstram que a monoparentalidade está muito distante de ser homogénea, algo que segundo Gaspar & Varela (2016) ainda não é demonstrado pelos estudos sobre esta temática em Portugal, ainda pouco explorada no nosso país.

A via de entrada na monoparentalidade por opção é ainda bastante recente, fruto da modernidade e do progresso, sendo apenas possível, graças à evolução da medicina, que permite que uma mulher possa recorrer à reprodução medicamente assistida. No século passado as famílias monoparentais formavam-se essencialmente devido a fatalidades. Agora no presente, também se podem formar por opção da mulher, que decide ser mãe sem a ajuda de uma figura masculina, o pai. Embora se exponha que “[a] maioria das mulheres não deseja ser uma progenitora só (Giddens, 2013, p. 394).” Na via da opção também se devem encaixar as mulheres cujos companheiros não assumiram as crianças e estas optaram por ter essas mesmas crianças sozinhas em detrimento de abortar. Somam-se aqui, também aquelas que não deram a conhecer estar grávidas aos pais dos filhos, porque simplesmente preferiram ser mães *solo*.

O abandono ocorre em situações em que as mulheres engravidam em fase de namoro, sendo que os namorados não assumem a criança. Esta acaba por ficar sozinha com todas as responsabilidades inerentes à gravidez e ao tratamento da criança. Aqui a sua família de origem desempenha um papel fundamental, no que respeita ao apoio que pode dar a esta futura mãe *solo*. Contudo, nem sempre a família apoia estas mulheres grávidas que se encontram sozinhas. No passado era comum as famílias, nomeadamente o pai, considerado chefe de família, expulsar de casa a sua filha que tinha engravidado fora do casamento. Nos dias de hoje, embora as mentalidades tenham vindo a mudar, ainda se vislumbram situações deste tipo em determinados contextos, cuja cultura é mais tradicional. Estas mulheres são vistas como culpadas pelo que lhes aconteceu e, para além disso é considerado que este seu comportamento “mancha” a honra da família. Em Portugal, as questões relacionadas com a honra são provenientes de uma herança cultural transmitida pelo Estado Novo. Ora veja-se: “[o] medo de uma sexualidade que precedesse o casamento está de acordo com a moral sexual extremamente rígida que caracteriza o Estado Novo, equivalendo a “desonra” (Policarpo, 2011, p. 51)”. Também é importante salientar que a honra está associada à vergonha, sendo algo que marcava o quotidiano dos contextos rurais, sobretudo mediterrânicos. Este código cultural também refletia a dominação do homem sobre a mulher (Silva, 2008).

No que respeita à emigração na sociedade contemporânea, esta tende a ser uma via de entrada na monoparentalidade temporária, que ocorre com maior frequência nos países em desenvolvimento, onde as famílias detêm condições de vida precárias. Em consequência disto, os homens emigram para países ditos desenvolvidos, com esperança de conseguirem dar um melhor futuro à sua família. Um estudo realizado em Moçambique por Agy (2020), comprova que é comum as mulheres que estão sós com os seus filhos, devido ao marido ter emigrado, tenderem a ter melhores condições materiais de existência, acedendo a bens materiais que outras mulheres não conseguem aceder.

Atualmente, as taxas de divórcio têm vindo a aumentar. Ora veja-se: “[t]odos os cálculos de divórcios são, até certo ponto, estimativas, mas, tendo em conta as tendências do passado, podemos prever que cerca de 60% dos casamentos celebrados hoje poderão acabar em divórcio dentro de dez anos (Giddens, 2013, pp. 423-424)”. As estatísticas apontam que em Portugal no ano de 2019, “a duração média do casamento à data do divórcio foi de 17,6 anos (INE, 2020, p. 112)”, média esta, que se manteve no ano de 2020 (INE, 2021). Este aumento das taxas de divórcio dever-se-á, em parte, talvez à individualização que reina essencialmente na sociedade vigente ocidental, onde tudo parece ser descartável e o *self* está acima de tudo (Bauman, 2006). Utilizamos os objetos enquanto estes nos dão prazer, colocando-se assim o próprio ser humano, na condição de objeto ou mercadoria. O casamento deixou de ser algo sagrado e que não se possa romper. Agora o casamento persiste até que seja satisfatório para ambas as partes (Giddens, 2013). Neste mundo volátil tudo é efémero e as relações sociais também o são. As pessoas não querem apegar-se demasiado ao outro, pois valorizam imenso a sua própria liberdade. Giddens (2013) também aponta outras razões para o aumento das taxas de divórcio, nomeadamente: as mulheres já não estão dependentes economicamente dos seus maridos como outrora, logo este deixa de ser uma necessidade económica para os cônjuges; atualmente é mais fácil encontrar uma habitação para morar sozinho depois do divórcio do que no século passado e, o estigma social perante pessoas divorciadas ser menor (p. 392). Tome-se nota de que o divórcio não é algo sempre negativo como tendemos a conotar, ou seja:

O divórcio [...] nem sempre é um reflexo da infelicidade. As pessoas que antigamente se sentiam pressionadas a manter casamentos infelizes podem hoje em dia começar de novo. Nas não pode haver dúvidas de que as tendências atuais em relação à sexualidade, ao casamento e à família geram profundas ansiedades em determinadas pessoas, ao mesmo tempo que dão novas possibilidades de satisfação e auto-realização a outras (Giddens, 2013, p. 424).

Contudo mesmo estando as taxas de divórcio a aumentar e não havendo uma percentagem tão significativa de pessoas como outrora, que enveredam pela via do casamento, este continua a ter muita importância.

De acordo com Leandro (2001:101), o casamento civil e religioso sem ser praticado por todos, continua a ser a forma mais corrente de entrar na vida conjugal em Portugal. Todavia, para Aboim (2006), o traço central da vida familiar, no presente, reside numa vida conjugal e parental estruturada de modo mais informal. A esta tendência junta-se o peso da divorcialidade crescente. A par do afastamento face ao casamento institucional, a possibilidade de rutura emerge como uma característica do casamento moderno (Dias, 2015, p. 40).

Observando os dados estatísticos de 2019, em Portugal, ocorreram 33272 casamentos e em 2020, 18902 (INE, 2021). Se observarmos as taxas brutas de nupcialidade dos últimos anos, verifica-se que a quebra mais acentuada de casamentos deu-se precisamente entre 2019 e 2020 (INE, 2021). Giddens (2013) demarca o casamento como:

O casamento pode ser definido como uma união sexual entre dois indivíduos adultos, reconhecida e aprovada socialmente. Quando duas pessoas se casam, tornam-se parentes; contudo, o casamento une também um número mais vasto de pessoas que se tornam parentes. Pais, irmãos, irmãs e outros familiares consanguíneos tornam-se parentes de outro conjugue através do casamento (Giddens, 2013, p. 368).

Se as famílias no geral estão envoltas numa enorme complexidade, nas famílias monoparentais esta complexidade reforça-se. As famílias monoparentais são muitas vezes catalogadas como novas famílias, como já se referiu anteriormente. No entanto, esta configuração de família não é assim tão nova, pois, olhando para os séculos passados apercebemo-nos que sempre houve

famílias monoparentais. Como já se mencionou, este tipo de agregado familiar só começou a ganhar visibilidade a partir de 1970. Foi a partir desta década, que o número de famílias monoparentais começou a aumentar. Talvez também, porque esta década foi um ponto de viragem para a família no geral. O paradigma sobre a família tornou-se mais livre. Os valores tradicionais começam nesta década a transformar-se em valores mais liberais. É neste seguimento que a família também sofre um processo de privatização.

As famílias monoparentais têm vindo a ser associadas a aspetos menos positivos, sendo estas detentoras de uma herança cultural bastante depreciativa. Isto deve-se em parte, ao facto de a sociedade considerar que uma família “normal” é a família nuclear, chegando esta conceção a criar um complexo de inferioridade nas próprias famílias monoparentais, acabando estas por não se valorizarem e sentirem que nunca poderão ser felizes. Outro aspeto que contribui para esta herança cultural depreciativa é a ideia que a sociedade criou, de que as crianças necessitam de crescer com o acompanhamento de um pai e uma mãe. Também a religião contribui para que as famílias monoparentais continuem a sentir dificuldades em se integrarem plenamente na sociedade. Os valores que a religião defende colocam as famílias monoparentais num lugar de inferioridade perante as famílias nucleares. Durante muito tempo a Igreja conseguiu controlar de certa forma os nascimentos fora do casamento. Contudo, nos séculos XVI a XVIII em Guimarães a realidade era outra. Na obra “Filhos das ervas” da autoria de Neves (2001), revela que em Guimarães, as taxas de nascimento fora do casamento eram superiores às das restantes regiões de Portugal e dos restantes países da Europa, apesar da região onde se enquadra esta cidade, ser muito religiosa. Como afirma o autor: “[...] resultados de diversas investigações têm permitido consolidar a ideia de que em Portugal se encontram regimes de ilegitimidade completamente diferentes dos que se verificam no resto da Europa (Neves, 2001, p. 110).”

As famílias monoparentais também estão frequentemente associadas a agregados familiares em condições de pobreza e exclusão social, suscitada em parte por níveis de escolaridade baixos (Bradshaw & Nieuwenhuis, 2021). A pobreza experienciada pelas famílias é muitas vezes herdada das gerações anteriores. Um estudo realizado por Gaspar & Varela (2016) sustenta esta ideia, sublinhando que:

Assim, as crianças de famílias monoparentais “jovens” onde a incidência de desemprego, de precariedade laboral, de baixos rendimentos e de falta de recursos afete duas ou três gerações (pais / mães, avós e bisavós) encontram-se mais vulneráveis e expostas à privação infantil nas suas condições materiais de vida e na qualidade da mesma (p. 10).

Por outro lado, ter um emprego, não é sinónimo de não estar numa situação de pobreza ou em risco de fazer parte desta (Lohmann & Marx, 2018 *apud* Bradshaw & Nieuwenhuis, 2021), querendo isto dizer, que embora as pessoas trabalhem, não é garantido que consigam alcançar um patamar sem pobreza. Aprofundando, a pobreza em famílias monoparentais, Bradshaw & Nieuwenhuis (2021), assinalam que:

Naturally, family form and employment clearly intersect as determinants of poverty, which suggests that behavioural and structural theories of poverty are interrelated. There is, for example, evidence that compared with two-parent families, single parents have worse work–life balance and lower job security (Esser and Olsen 2018), and face a much greater risk of poverty even if they have a job, in large part because there is only one earner in the household (Nieuwenhuis and Maldonado 2018b) (p. 405).

Na maioria dos casos são os agregados chefiados por mulheres, os que se encontram nestas mesmas situações, o que levou alguns autores, entre eles, Carloto (2005) a articular a expressão “feminização da pobreza” (*apud* Gaspar & Varela, 2016). Em parte, porque as mulheres constituem uma categoria mais vulnerável perante o mercado de trabalho, tendo postos de trabalho mais precários comparativamente aos homens e com um volume de ordenado mais baixo. O capital económico tende a escassear em famílias monoparentais, sendo necessário fazer mais esforços para que não falte nada às crianças. Saraceno (1997) aborda este assunto dizendo que:

[...] a percentagem de famílias monogenitoriais em aumento é constituído por famílias com chefe de família mulher e filhos pequenos e adolescentes, que têm na origem o afastamento do marido-pai, ainda vivo, ou a sua ausência desde o início. Compreende-se assim porque se trata também de famílias que, segundo os dados internacionais (para além de Cinciari Rodano [1987] veja-se também, por exemplo, Kamerman e Kahn [1987] apud Saraceno, 1997, p. 50), correm maior risco de se encontrarem na pobreza: por motivos ligados à persistência de diferenças retributivas entre homens e mulheres no mercado de trabalho, mas também às dificuldades em apresentar-se no mercado de trabalho quando se trata de um único progenitor com responsabilidades de cuidar dos menores. Os dados da CEE a este propósito indicam que, embora em medida claramente inferior, também as famílias com um único progenitor homem se encontram mais facilmente em condições de dificuldades económicas do que as famílias com dois progenitores (p. 50).

Apesar de não ser o foco da presente dissertação, também é importante levantar o véu para situação de mulheres e crianças que compõem um agregado familiar nuclear não pobre, mas que se encontram precisamente na mesma situação de pobreza de famílias monoparentais, ou seja, apesar de fazerem parte de uma família que não é considerada como pobre, as mulheres e as crianças experienciam na mesma, a pobreza. Este fenómeno ocorre, devido aos homens que chefiam estes agregados, não concederem capital económico às suas mulheres e filhos, utilizando os seus rendimentos somente para proveito próprio. Saraceno (1997) foca este facto apontando que:

Inquéritos recentes em Inglaterra indicaram que pode existir uma pobreza de mulheres e crianças nas famílias formalmente não pobres na medida em que o marido pai reserva uma parte excessiva de rendimentos para si próprio (Brannen e Wilson 1987 apud Saraceno, 1997, p. 196).

As famílias monoparentais também têm de saber lidar com o estigma social. Este estigma afeta tanto os pais e mães sozinhos como os seus filhos. Porém, o foco costuma estar sempre nos progenitores, pensando-se por vezes que os seus descendentes não são alvo deste estigma. O estigma social funciona como um rótulo que impede os cidadãos de se sentirem integrados na sociedade. Este provoca mal-estar. Também é preciso mencionar que dentro da multiplicidade das famílias monoparentais, normalmente são as mães “solteiras” quem sofre mais com este estigma social. Estas, ainda nos dias de hoje continuam a ser sancionadas, especialmente em contextos rurais por terem tido filhos fora do casamento. Um estudo realizado na Polónia por Baranowska-Rataj, Matysiak & Mynarska (2014) revela que neste país existe uma desaprovação social relativamente alta para com “famílias alternativas” como as monoparentais, especialmente se estas famílias forem formadas por “mães solteiras”. Segundo este estudo, neste país as famílias monoparentais não são apoiadas institucionalmente.

Na verdade, a expressão mães “solteiras” reforça e reproduz o preconceito sobre estas, uma vez que, transmite a ideia de que para se ser efetivamente mãe, é obrigatório estar casada. Na presente dissertação poder-se-á recorrer a esta expressão por forma a distinguir os vários tipos de mães sozinhas que existem, não querendo com isto perpetuar o estigma social sobre estas.

Neste seguimento, também é necessário ter cuidado com o termo mães e pais sós ou sozinhos, pois também pode levar o leitor a pensar que estas mães e pais estão abandonados ou desamparados (Souza, 2021). Durante esta dissertação este termo será utilizado somente para indicar que se trata efetivamente de mães e pais sem um companheiro(a), sem de modo algum querer dizer, que estes estão ou foram abandonados.

Diversos trabalhos abordaram o capital social em diversas vertentes (Wall, José & Correia, 2002; Álvares, 2003; Portugal, 2011; Cardoso, 2013) embora tenham demonstrado, que este é determinante para a sobrevivência destas famílias monoparentais, pois a rede de contactos é frequentemente acionada para auxiliar no cuidado das crianças. Mães e pais *solo* que não sejam detentores de um grande volume deste capital têm a sua tarefa de serem progenitores sozinhos, dificultada. Destaque também, para o capital económico, para mães e pais sós, já que estes dispõem apenas de um salário para pagarem as despesas do quotidiano. A conciliação entre a jornada de trabalho, os cuidados que a criança implica e os afazeres domésticos sobressaltam estes progenitores sós.

Em termos estatísticos, os censos de 2001 apontavam que em Portugal, do total de núcleos familiares, existiam 11,6% famílias monoparentais. Passados 10 anos os dados estatísticos dos censos de 2011 apontam para 14,9% (Nunes, 2014), enquanto dados provisórios do PORDATA (2022) para 2021, estimam que o número de famílias monoparentais ronde as 452 835 famílias assentes nesta configuração, continuando deste modo a aumentarem. Como se pode verificar, entre 2001 e 2011, ocorreu um aumento considerável de agregados familiares monoparentais.

Por vezes, os estudos sobre as famílias monoparentais tendem a associá-las somente a aspetos negativos. Contudo, estas também são feitas de aspetos positivos como demonstram Baranowska-Rataj, Matysiak & Mynarska (2014) na sua investigação. Estes autores, entrevistaram mães sozinhas que expressaram que a maternidade em si foi positiva para elas, sendo os seus filhos uma fonte de felicidade e satisfação.

Sucintamente, o lado que ainda sobressai com maior fulgor destas famílias é o negativo, sendo necessário revelar o outro lado menos sombrio. Também é imperativo ressaltar que a monoparentalidade pode assumir diferentes formas, dependendo sempre dos contextos onde tem lugar. Desta forma, em contextos desfavorecidos, tende a ser imposta muitas vezes por fracassos amorosos (Relvas, 1996 *apud* Almeida, 2014). Enquanto nos contextos favorecidos tende a ser uma escolha, ou seja, um estilo de vida. Estes tópicos serão aprofundados nos próximos capítulos.

Capítulo II – Mães e Pais *Solo*

Neste capítulo aprofundar-se-ão as temáticas que se relacionam intimamente com a família monoparental, tratadas no capítulo anterior. As investigações sobre esta configuração de família têm dado um maior destaque às mães sozinhas não casadas. Devido a isto, existe uma maior informação sobre esta categoria. Pelo contrário, sobre pais sozinhos, os dados são reduzidos. Este facto refletir-se-á no presente capítulo.

As famílias monoparentais assumem uma maior percentagem de progenitores do sexo feminino responsáveis pelo agregado. Em Portugal, em 2011, do total de núcleos familiares monoparentais, 13,3% eram paternocêntricas e 86,7% eram maternocêntricas (Marinho,

2014a). Dados provisórios do PORDATA (2022) estimam que em 2021 estas percentagens eram de 18,1% famílias monoparentais paternocêntricas e 81,9% maternocêntricas. Estes tipos de famílias também têm uma maior incidência em espaços urbanos (Castro & Almeida, 2021). Marinho (2014a) ao analisar os censos de 2011 em Portugal, concluiu que existia uma maior proporção de famílias monoparentais jovens nas grandes cidades e na zona litoral. Enquanto no interior, a existência destas famílias era menos expressiva. Esta autora também denota que “os dados sugerem que a monoparentalidade no masculino tende a ser mais frequente quando os filhos já são mais velhos (p. 184)”. As famílias monoparentais com um filho único, também predominam com um valor de 58,5% do total de famílias com esta configuração (Marinho, 2014a). Marinho (2014a) também assegura que a monoparentalidade tende a ocorrer mais cedo na vida das mulheres do que na dos homens. Segundo esta autora, também existem diferenças a nível do género no que respeita as formas de entrar na monoparentalidade. Sendo assim, este trabalho, apurou que existe um maior peso de mulheres a entrar nesta condição por via de nascimentos fora da conjugalidade e ruturas de uniões de facto. Contrariamente, para os homens tem um maior peso a via da viuvez. Já nos anos 2000 estimava-se que as famílias monoparentais tivessem um peso de cerca de 25% do total da diversidade de famílias (Correia, 2002). Como o número de famílias monoparentais paternocêntricas ainda é pequeno, estas ainda têm pouca visibilidade, contribuindo assim para o reforço da ideia de que os homens são incapazes de cuidarem dos seus filhos sem uma presença feminina (Vitale, 2002 *apud* Souza, 2020, p. 89813).

Quando são as mulheres que ficam sós com os seus filhos, também é frequente que se designem estes agregados familiares por famílias chefiadas por mulheres. Sobre esta nomenclatura Carlotto (2005) inspirado por Carvalho (1998), defende que:

[...] o conceito de chefia familiar tem suas origens nas leis que regiam a família em sociedades antigas. Era normalmente empregado para designar a um único membro – normalmente ao homem mais velho – o poder sobre os demais membros do domicílio. Em relação a isso cabe observar que, num levantamento de dados para um trabalho de conclusão de curso orientado por nós, muitas mulheres, quando indagadas sobre quem é o chefe da família, se referiram ao membro mais velho. Isso nos alerta para o fato de que a denominação chefia familiar é atribuída (de fora) e que adquire diferentes significados para as famílias (p. 10).

A autora em referência chama a atenção também para o fato de que a denominação chefia familiar é em si reveladora, “pois é empregada tão-somente quando o homem adulto não está presente, como se a família chefiada por mulheres fosse uma anomalia, pois não se faz discriminação da terminologia por gênero quando a situação é inversa” (p. 10).

Outras nomenclaturas são utilizadas para referir as famílias monoparentais. A título de exemplo, na investigação de Abade (2014) este apelida as famílias compostas pela mãe e pelos seus filhos como matrifocal e, as compostas pelo pai e seus filhos como patrifocal.

No capítulo anterior referiu-se que as famílias monoparentais têm vindo a ganhar uma maior visibilidade desde a década de 70 do século XX, sensivelmente. No entanto, esta ainda é uma meia-verdade pelo menos em alguns países, onde este tipo de famílias continua a ser invisível. Por exemplo no Brasil, a pandemia desencadeada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, é que veio dar uma maior visibilidade a estes arranjos familiares, demonstrando a vulnerabilidade social, que os atinge, nomeadamente na dimensão económica e, que se agravou com o aparecimento desta doença (Castro & Almeida, 2021). De facto, a pandemia, um pouco por todo o mundo veio espelhar as desigualdades sociais que existem entre famílias e, como algumas famílias se viram privadas dos bens mais essenciais, como alimentos e produtos de higiene, durante os períodos

de confinamento. Com a chegada da pandemia, de um momento para o outro algumas famílias monoparentais encontraram-se numa situação de extrema precaridade.

O conceito de vulnerabilidade é explicado por Souza (2020), da seguinte forma:

[...] pensando na construção de um conceito de vulnerabilidade, pode-se estabelecer que a vulnerabilidade consiste em uma série de fatores que implicam uma maior suscetibilidade dos indivíduos a risco social ou a condições desfavoráveis de vida. Essas condições são desencadeadas por fatores como: violência, local de moradia, discriminação por gênero, por crença, por deficiência, por etnia, por classe social, por opção política ou sexual. Essas condições desfavoráveis podem ter origem externa (causadas pela sociedade) ou origem interna (pela subjetividade), isto é, de como os indivíduos se relacionam com essas situações e com as perdas ocorridas (mortes, separações, perdas) em seu ciclo de vida (p. 89812).

O presente capítulo explorará os perfis de mães e pais sozinhos, o estigma social que é depositado sobre os mesmos, a inserção destes no mercado de trabalho, as suas redes de apoio e os apoios sociais canalizados para si, ou melhor dizendo, a falta destes. Em todos estes pontos procurar-se-á transmitir o que distancia e aproxima as famílias monoparentais maternocêntricas e paternocêntricas.

2.1. Perfis de Mães e Pais *Solo*

Numerosas investigações sobre famílias monoparentais têm vindo a focar os agregados familiares chefiados por mulheres, das quais uma percentagem considerável apresenta como estado civil solteira. O grupo social das mães só também é composto por mulheres divorciadas e viúvas. Estudos sobre esta temática realizados por Wall, José & Correia (2002) apontam que:

O que se sabe sobre as mães só com filhos menores em Portugal é, sobretudo, a sua demografia (Wall e Lobo, 1999). É frequente viverem com outros familiares, estão fortemente inseridas no mercado de trabalho e o seu perfil segue de perto algumas tendências encontradas nos outros países europeus: por um lado, o crescimento do número de mães sozinhas ao longo das últimas décadas e, por outro, o aumento da proporção de mães separadas e divorciadas (em 1991 já representava em Portugal quase dois terços de total das mães só a viverem com filhos menores de 18 anos) (p. 631).

As jovens mães solteiras tendem a viver com outros familiares, formando desta forma uma família complexa (Wall, 2003). Wall (2003) também indica que as mães solteiras tendem a deter maior grau de instrução e uma maior liberalização no que respeita as relações amorosas.

Complementando o perfil das mães só, estas tendem a engravidar enquanto jovens, apresentam níveis de escolaridade mais baixos e são originárias de famílias pertencentes a classes desfavorecidas. Frequentemente estas mulheres nunca casaram. O seguinte estudo corrobora esta reflexão, indicando que:

Um estudo sobre a família numa freguesia do Baixo Minho [...] verificou que a maior parte dos agregados de mães solteiras pertenciam à fracção de classe dos «assalariados agrícolas» (50%), havendo também mães solteiras nos grupos sociais dos camponeses pobres e dos trabalhadores desqualificados dos serviços ou do sector secundário (Wall, 1998 apud Wall & Lobo, 1999, p. 127).

Outros estudos apontam na mesma direção:

Segundo os resultados de uma pesquisa multidisciplinar em curso, intitulada Millenium Cohort Study – que segue o percurso de nascidas no início deste século -, as mulheres mais jovens têm mais probabilidade de se tornarem mães solteiras, sobretudo aquelas cujo grau de escolaridade é (mais) reduzido (apud Giddens, 2013, p. 394).

Há uma grande correlação entre a taxa de nascimentos fora do casamento e indicadores de pobreza e exclusão social no caso da maioria das mães sóas ou solteiras (Giddens, 2013, pp. 394-395).

Tendencialmente, as mães sozinhas que engravidam ainda enquanto adolescentes, pertencem a contextos desfavorecidos e urbanos, uma vez que aliada à pobreza, falta muitas vezes o amor e, estas procuram na sexualidade o afeto que lhes falta em casa (Vilar, 1991 *apud* Gerardo, 2004).

Por outro lado, no que diz respeito às qualificações, Wall (2003) regista que nem sempre são os progenitores sóas que têm níveis de habilitações literárias mais baixos. Na sua análise equaciona que:

Curiosamente, as monoparentais de pessoas solteiras também têm níveis de instrução muito próximos dos valores médios, apresentando assim um perfil social que contradiz parcialmente uma representação que associa as famílias monoparentais de pessoas solteiras a meios sociais desfavorecidos do ponto de vista educacional e socioeconómico (p. 61).

De referir também, que atualmente a pobreza e a exclusão social são pautadas pelo não acesso a determinados bens materiais, que contribuem para a integração das pessoas na sociedade, conferindo-lhes *status* social (Álvares, 2003).

As mães sozinhas que nunca casaram, podem assumir diferentes perfis. Contudo, existem dois perfis tendencialmente dominantes: jovens adolescentes que engravidam de forma indesejada, em que nem todas têm uma família que as apoia e as acolhe e, “mães solteiras” independentes, que já dispõem de uma carreira profissional sólida e de casa própria (Wall, José & Correia, 2002). Relativamente aos pais das crianças, a maior parte não têm qualquer tipo de contacto com os filhos e alguns visitam os filhos pontualmente. Atualmente, também é comum existirem guardas partilhadas, nesse caso, a criança passa o mesmo tempo com a mãe e com o pai, normalmente de forma alternada. A guarda compartilhada também implica que os pais tomem as decisões sobre assuntos que dizem respeito aos seus filhos em conjunto e, que dividam as despesas dos mesmos de forma igual. Marin & Piccinine (2009, p. 432) descreveram à luz de outros dois autores as diferentes configurações que mães sóas podem assumir:

*Leite (1997) classifica, 1) mães que não queriam ter a criança, mas que a perda dos prazos legais, autorizando a interrupção voluntária da gravidez, a compeliu a assumi-la – denominada maternidade imposta; 2) mães que, mesmo não desejando a gravidez, decidiram assumi-la e educam a criança sozinhas – denominada maternidade involuntária; e 3) mães que decidiram conceber e educar sozinhas a criança – denominada maternidade voluntária. Outra classificação foi realizada por Lagenest (1990) e esta pode ser apresentada da seguinte maneira: 1) a mulher solteira que adota um filho; 2) a mulher que quis ter um filho sem casar; 3) a mulher que se tornou mãe por ter sido violentada; e 4) a mulher que se tornou mãe por não ter tido precauções junto ao companheiro (*apud* Oliveira, 2015, p. 81).*

Investigações no Brasil apontam que o perfil de mães sozinhas que se destaca, é composto pelas seguintes características: jovens, separadas, negras, pobres e com baixo grau de escolaridade e, ocupam postos de trabalho informais com más condições de trabalho e salários baixos (Mendes, 2002 *apud* Costa & Marra, 2013). Por sua vez, Baranowska-Rataj, Matysiak & Mynarska (2014), num estudo realizado na Polónia, referem que algumas mães sozinhas separam-se dos seus companheiros durante o período de gravidez, com o intuito de fugirem da violência, do álcool e das drogas. Portanto, estas mulheres ganham coragem através dos seus filhos para se separarem dos seus companheiros que as têm aprisionadas num contexto tóxico, refletindo estas, que é melhor para os seus filhos crescerem sem pai, em detrimento de crescerem num ambiente violento. Assim, a maternidade a *solo* não tem de ser sempre pejorativa para as

mulheres que a vivem, podendo inclusivamente incentivá-las a melhorar as suas condições de vida:

This finding complements previous qualitative studies on teenage single mothers that have found that becoming a mother might move a woman's life onto a better track: it may, for example, motivate her to complete her education, become more independent, or escape a pathological environment (Coleman and Cater 2006; Duncan 2007; SmithBattle 2008, 2000 apud Baranowska-Rataj, Matysiak & Mynarska, 2014, p. 1473).

Esta investigação também revela que existem outras mães sozinhas que são deixadas pelos pais biológicos dos filhos durante a gravidez. Na maioria destes casos as gravidezes não eram planeadas. Isto tanto para as mães que tomavam a iniciativa de romper com a relação como para aquelas que eram abandonadas pelos companheiros.

Contrariamente à ideia de que “é melhor ter um pai que chega a casa vindo de um emprego enfadonho e se põe a beber em frente à televisão do que não ter nenhum” (*The Economist*, 8 de abril de 1995, p. 121 apud Giddens, 2013, p. 397)”, para as mulheres que sofrem violência no espaço privado por parte dos pais biológicos dos seus filhos, é preferível que estes não cresçam com a presença desses mesmos pais.

Como já se mencionou, atualmente, os avanços da medicina permitem que as mulheres possam optar por ter filhos sozinhas, sem o apoio de uma figura masculina. Por isso, é cada vez maior o número de mulheres que opta por ser mãe *solo*, recorrendo a técnicas de reprodução medicamente assistida, nomeadamente, a inseminação artificial. Souza (2021) descreve que as outras técnicas mais utilizadas são a fertilização *in vitro*, e a transferência de embriões. Sobre este assunto, Giddens (2005, p. 158) expressou que:

[...] a maioria das pessoas não deseja ser pai ou mãe solteiros, mas há uma minoria crescente que faz esta escolha – criar um ou mais filhos sem o auxílio de um cônjuge ou companheiro. Mães solteiras por escolha é uma boa descrição para alguns tipos de mães solteiras, normalmente as que possuem recursos suficientes para manter de forma satisfatória um lar monoparental. Para a grande maioria das mães solteiras ou não casadas, porém, a realidade é diferente: há uma grande correlação entre a taxa de nascimentos ocorridos fora do casamento e os indicadores de pobreza e privação social (apud Oliveira, 2015, p. 81).

Neste ponto deve-se frisar, que para os homens, ser pai só por escolha é um processo ainda bastante complexo. Embora estes já possam recorrer a “barrigas de aluguer”, este é um processo que levanta questões éticas e também é dispendioso, não estando ao alcance de todos. Referir também que apesar de no quotidiano a expressão “barrigas de aluguer” ser regularmente utilizada, o termo mais correto a utilizar é doação temporária do útero (Souza, 2021). Na atualidade, as mulheres têm vantagens comparativamente aos homens, no que respeita à escolha de ser progenitor só, visto que o homem necessita sempre recorrer a uma mulher para se tornar efetivamente um pai *solo*. Sobre esta questão da monoparentalidade por escolha Moraes & Vieira (2021) defendem que:

Com as novas tecnologias envolvendo a reprodução humana, muitas questões atinentes à família voltaram a ser debatidas e discutidas. Na atualidade, muitas pessoas se encontram descrentes com a possibilidade de encontrar um companheiro(a) amoroso(a) em razão da liquidez com que as relações têm se dado e, por este motivo, se evidencia cada dia mais a vontade de muitas mulheres ou homens de realizar o projeto de parentalidade de forma isolada e individual, sem a existência de outra pessoa (p. 310).

Como se viu no capítulo anterior, constituir família e viver diariamente com esta pode gerar um grande volume de ansiedade. De outro modo, “[e]star num relacionamento significa muita dor de cabeça, mas sobretudo uma incerteza permanente (Bauman, 2006, p. 32)”. Porventura, pode ser uma das razões para que as pessoas prefiram viver a maternidade ou a paternidade sozinhas, uma vez que esta decisão pode atenuar parte da ansiedade. Todavia, estes

procedimentos que permitem gerar vida sem ser necessário ocorrer ao ato sexual, têm vindo a levantar questões éticas e morais. Ao mesmo tempo, estas inovações tecnológicas têm vindo a possibilitar que mais pessoas possam realizar o seu desejo de serem pais. Tome-se nota também, que recorrer a este método, implica ter um considerável volume de capital económico, não estando a escolha de ser mãe ou pai sozinho ao alcance de todos, pelo menos através desta via. Para as mulheres que não têm condições financeiras para recorrer à reprodução medicamente assistida, têm sempre a opção de engravidar e não comunicarem ao pai biológico da criança. Um projeto deste tipo “rompe com os papéis sociais impostos durante séculos (Diniz & Guilhem, 2000 *apud* Moraes & Vieira, 2021, p. 321)”. Também outras políticas, como a licença parental partilhada, contribuem para romper com os papéis sociais tradicionais de homens e mulheres, esta tem o “potencial de fomentar a participação masculina no cuidado dos filhos e da casa, bem como de ampliar a igualdade de género (Paiva, 2021, p. 163)”. Contudo, Paiva (2021) revela que no Reino Unido ainda existe uma resistência por parte dos casais em apostarem nesta modalidade, continuando até certo ponto, aprisionados pelos estereótipos de género.

Este desejo em ser mãe que está implícito nesta opção em ter sozinha a criança, deriva ainda de ideias pré-concebidas, como por exemplo o facto de ainda se opinar que uma mulher para ser efetivamente mulher tem de ser obrigatoriamente mãe e, a busca pelo reconhecimento social que para as mulheres tende a ocorrer quando estas se tornam mães (Lima & Ferés-Carneiro, 2021).

“As mães solteiras com filhos dependentes constituem uma importante e crescente proporção da população nos países industrializados (Machado, 1998, p. 80).” O próprio Estado olha para estas mulheres como sendo uma grande carga, pois estão economicamente dependentes de apoios ou subsídios, tentando empurrar a responsabilidade sobre estas, para os pais das crianças. As mães *solo* que nunca casaram estão constantemente sujeitas a uma avaliação moral depreciativa, sendo o seu comportamento fortemente criticado. Normalmente, esta categoria está associada a contextos de pobreza e está envolta por noções estereotipadas de género. Por causa de tudo isto, esta categoria de mulheres é desvalorizada socialmente, criando-se uma imagem negativa destas. Um facto que se constata é que as raparigas abastadas que engravidam estando solteiras, têm maiores probabilidades de casar com o pai da criança do que as raparigas desfavorecidas (Machado, 1998). Neste sentido, também aponta a investigação realizada por Baranowska-Rataj, Matysiak & Mynarska (2014), apurando que na Polónia era frequente as mulheres arranjam casamentos durante a gravidez. Muito provavelmente, esta seria uma estratégia para fugirem ao estigma social e a um percurso de vida precário.

Os perfis de progenitores sós, a nível da Europa, foram traçados da seguinte forma:

Na Europa (Insee Références, 2015), a monoparentalidade é decomposta em sete grupos de famílias: viúvas e viúvos (6%); pais não viúvos (11%), sendo dois terços divorciados; mães com três ou mais filhos (11%), divorciadas e solteiras; mães que vivem em uma família com três gerações (13%), mais jovens que a média; mães divorciadas (32%); mães solteiras com maternidade precoce (10%) e mães solteiras sem maternidade precoce (16%). A partir da diversidade de trajetórias percorridas por essas famílias, percebemos que a monoparentalidade constitui-se como uma categoria muito heterogênea, com características variadas, fazendo com que cada situação tenha uma dinâmica muito própria de acordo com a forma de ingresso, a idade dos pais, dos filhos, gênero da figura parental, condições socioeconómicas, a origem da criança e as relações envolvidas no seu nascimento, por exemplo (Bundesministerium für Familien Senioren Frauen und Jugend [BMFSFJ], 2012) (apud Lima & Ferés-Carneiro, 2021, p. 712).

Giddens (2013) também retrata na sua obra perfis de mães sozinhas, manifestando que:

[...] os agregados monoparentais também são mais comuns entre os africanos das Caraíbas do que em qualquer outra minoria étnica. [...] é mais comum encontrar mães “solteiras” empregadas entre as mulheres africanas oriundas das caraíbas (Modood et al., 1997 apud Giddens, 2013, p. 380).”

Em termos de etnia, “[e]ntre as famílias ciganas ainda são raros os casos de famílias monoparentais (Rios, 2020, p. 27)”.

As famílias monoparentais não são só chefiadas por mulheres, também existe uma percentagem, embora reduzida, de homens que são também pais sozinhos. Essencialmente, até ao século XX, a maioria dos pais *solo* encontravam-se nessa condição devido ao falecimento das suas esposas. Uma percentagem considerável destas mulheres falecia durante o parto das crianças, devido às precárias condições de vida. Portanto, o perfil dominante de pais sozinhos eram os viúvos. Um estudo brasileiro que analisou os pais sozinhos existentes no século XIX neste país, confirma esta tendência, observando que todos os agregados familiares monoparentais masculinos eram compostos por homens viúvos (Costa, 2000). Atualmente, outro perfil que se começa a destacar de pais sós, são os pais divorciados. Portanto, as formas de entrada na monoparentalidade na modernidade líquida estão ligadas com maior veemência, “à informalidade crescente dos laços conjugais (Wall, 2003, p. 59)”.

Até ao século XX, quando era o pai a ficar sozinho com as crianças, também era comum que este entregasse os filhos a algum familiar, como avós, tios, entre outros. O estudo brasileiro da autoria de Costa (2000) confirma este aspeto. Contudo, aos poucos esta realidade vai mudando, tentando agora os pais demonstrar que conseguem cuidar eficientemente dos seus filhos sozinhos (Ried, 2011). De qualquer forma, mesmo quando os pais sozinhos assumem a total responsabilidade pelos seus filhos, tendencialmente acabam por recorrer a maior número de ajudas comparativamente às mulheres. São as figuras femininas que sobressaem nas redes de apoio destes pais sós.

Os homens que ficam com os seus filhos sozinhos tendem a sentir-se mais confortáveis para ficarem a cuidar de uma criança também do sexo masculino e que já é mais crescida. Esta realidade é expressa em:

Alguns estudos têm inclusive indicado que, nos casos excepcionais em que o homem decide pedir a guarda do filho, ele o faz em função da idade e do sexo do filho: os homens parecem se sentir mais confortáveis para solicitar a guarda do filho quando ele é mais velho e se trata de um menino (Colcerniani, 2010; Denardi & Bottoli, 2017; Hernández & Pérez, 2014; Soria, 2019; apud Tachibana & Resende, 2020, p. 95).

Os pais *solo* também tendem a ser pais, que já quando coabitavam com a mãe dos seus filhos, eram eles os principais responsáveis pelos cuidados das crianças. De facto, nem sempre são as mulheres as principais cuidadoras das crianças (Vieira & Sousa, 2010 apud Denardi & Bottoli, 2017). Perante isto, tendencialmente são estes pais que tendem a lutar pelos seus filhos em tribunal, quer pela guarda partilhada, quer pela guarda total. Por vezes, também são as próprias mães que decidem logo, que o pai reúne melhores condições para ficar com as crianças. Outros motivos que levam os pais, a querer ter os mesmos direitos sobre a criança que a mãe, é o facto de sentirem que estão a desempenhar um papel de tio em vez de pai, quando a criança só está com eles no fim-de-semana (Marinho, 2010). Segundo Marinho (2010), os divórcios fazem com que alguns pais construam um papel mais ativo na vida dos seus filhos.

Os pais sozinhos que ficam com as crianças também tendem a fazê-lo, porque as suas ex-mulheres estão num novo relacionamento amoroso e estes sentem receio que os seus filhos

convivam com o padrasto, principalmente se forem meninas. Estes pais também já tinham uma relação afetiva bem próxima com os seus filhos e este amor que sentem por eles motiva-os a lutarem pela sua guarda (Abade, 2014).

Outra questão importante é o aspeto de para estes pais as responsabilidades aumentarem a partir do momento que se tornam pais sozinhos; enquanto para as mulheres as responsabilidades parecem ser as mesmas antes e depois de serem mães sozinhas (Marinho, 2010). Wall, Aboim & Cunha (2010) observam que está a acontecer a entrada dos homens na vida privada, nomeadamente na família, assumindo um novo papel parental mais presente, envolvido e íntimo desde a primeira hora.

Ser mãe só parece ser uma oportunidade para as mulheres poderem provar que conseguem ser independentes, trazendo-lhe uma maior emancipação; enquanto para os homens seria uma oportunidade para provarem que conseguem cuidar das crianças sozinhos, construindo deste modo uma “nova masculinidade” ligada ao afeto e ao cuidado. Pese embora, nem sempre a sociedade consiga observar e até mesmo prejudique, estes dois lados benéficos que a monoparentalidade poderia atribuir às mulheres e aos homens que a experienciam. Sendo assim,

[...] se de um lado, é atribuída às mulheres de hoje uma maior independência e a responsabilidade de assumir suas famílias; de outro, as famílias monoparentais femininas, que vivenciam complicações associadas a gênero, pobreza e etnia, são estigmatizadas como menos capazes e cuidar e administrar suas famílias sem a presença de um homem (Silveira & Silva, 2013, p. 127).

[...] podemos compreender a monoparentalidade imbricada com a emancipação da mulher, em que ter filhos/as e não ter cônjuge é um exercício cabível a mulheres e homens que (re)inscrevem suas funções de mães e pais e se descolam em relação à norma. Todavia, a heteronormatividade permanece, embora homens, também possam e vem sendo pais cuidadores de filhos/as, além de provedores, e mães possam ser (e efetivamente são) provedoras, trabalhadoras, além de cuidadoras de seus filhos/as (Ried, 2011, p. 47).

2.2. Estigma Social perante Mães e Pais Solo

Ao longo dos anos, as famílias monoparentais, têm sido alvo de estigma social por parte da sociedade, especialmente, as mães sozinhas que nunca casaram, isto porque estas são vistas como desviantes. Foi Goffman (1963), quem trabalhou este conceito de estigma social. No que respeita às “características sociológicas”, Goffman (1963) exprime que: “um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus (p. 7)”. Portanto, no que respeita a mãe sozinha cujo estado civil é solteira, o traço principal que afasta as pessoas de si, é o facto de ter dado à luz o seu filho(a) fora do casamento. Deve-se ter em conta que estas mulheres são ainda mais estigmatizadas, se possuírem outras características que não correspondam aos padrões ditos “normais” da sociedade. Deste modo, por exemplo, “mães solteiras” negras, pobres ou “mães solteiras” que não apresentem os padrões estéticos impostos pela sociedade, terão menores probabilidades de ser aceites por quem as rodeia. Para estas mulheres, o nível de discriminação e preconceito será mais elevado. Se olharmos para as famílias monoparentais, no geral o traço que afasta as pessoas de si é a ausência de um dos progenitores. Tendo também a noção de que “[t]he well-being of any marginal group depends to a large extent on whether society accepts or stigmatizes its members (Baranowska-Rataj, Matysiak & Mynarska, 2014, p. 1460).”

Sobre as mulheres negras, Babiuk (2015) relata que:

Historicamente, as mulheres negras são violentamente invisibilizadas e oprimidas, considerando contexto de racismo e sexismo (Werneck, 2008). Conhecendo e entendendo alguns fatores que se sucederam no passado, pode-se criar uma analogia com os acontecimentos que decorrem e os que ainda virão a ocorrer (apud Babiuk, 2015, p. 3).

Estas mulheres que são mães *solo* são alvo de censura e “má-língua”, estando associadas ao mundo da sexualidade ilícita. A sexualidade tem vindo a ser um tabu para a sociedade, especialmente para as mulheres, isto deve-se ao facto de:

A realidade que se estabeleceu entre homens e mulheres foi a da subordinação feminina a um modelo em que o homem governa a relação afetiva e sexual. Isso acabou desencadeando uma relação de poder em que o sexo não pode ser recusado, sob a pena de infringir os modelos que se aprendeu e os modelos esperados para o exercício da feminilidade. Nesse contexto, produz-se a representação de que a sexualidade feminina é passiva, dirigida exclusivamente ao prazer dos homens, e que o prazer sexual é um componente dispensável para a procriação (Faria, 1997). Ao homem importa entregar-se sexualmente por prazer e a mulher entregar-se sexualmente por amor. A mulher ficou relegado ser objeto de prazer, submetidas e silenciadas no direito ao seu próprio corpo, e até mesmo colocando em risco, muitas vezes, sua vida e sua saúde. Muitas mulheres, principalmente da classe menos privilegiada, ainda têm receio de solicitar ao seu companheiro o uso de preservativo, ainda estão subordinadas aos desejos do companheiro (Souza, 2020, p. 89820).

A colocação de alcunhas a estas mulheres (esta prática é um reflexo do estigma social existente perante esta categoria) era frequente na idade média. Algumas destas alcunhas depreciativas perduraram pelo tempo e marcam presença na contemporaneidade. Neves (2001) enumera estas mesmas alcunhas:

Observando o conteúdo dos registos paroquiais verifica-se que as mães solteiras eram certamente alvo de reprovação social, a que os párcos eram muitas vezes permeáveis, levando a que a situação de maternidade não agasalhada pela instituição do matrimónio levasse as mulheres ao confronto com experiências de discriminação e de marginalização, que se revelam no conteúdo das notas dos registos baptismais. Um dos sinais mais nítidos destas práticas discriminatórias encontra-se no costume da aposição de alcunhas aos nomes das mulheres que batizavam crianças bastardas, corrente nesta região e que Norberta Amorim já detetou nas paróquias de Creixomil e S. Sebastião, em Guimarães (p. 183).

As alcunhas, muitas delas de carácter aviltante, não raras vezes deixando transparecer, de forma mais ou menos velada, insinuações quanto à índole de mulheres fáceis daquelas a quem eram dirigidas (a linda, a doce, a amada, a embuda, a fidalga, a velha, a porqueira, a nozes, a bezuda, a mascarada, a palheira, a barba longa), são um estigma das mulheres que são mães de crianças geradas clandestinamente: quase dez por cento destas mulheres são assim identificadas nos registos baptismais ao longo do século XVII. Convém notar que as alcunhas são um exclusivo das mães solteiras: aos nomes das mães de crianças legítimas jamais eram postas alcunhas. É também interessante verificar que o uso destas alcunhas desapareceu a partir do final do primeiro quartel do século XVIII, altura em que a ação regulamentadora e normativa da igreja revelou avanços significativos, que transparecem no conteúdo dos registos paroquiais (p. 183).

Também Giddens (2013) reflete sobre termos discriminatórios direcionados a este tipo de família, expondo que:

Estes agregados situam-se, de uma forma geral, entre os grupos mais pobres da sociedade contemporânea. Muitos progenitores solitários enfrentam ainda a desaprovação social e a insegurança financeira, quer tenham estado casados ou não. Contudo, os termos antigos e mais

discriminatórios como “mulher abandonada”, “famílias sem pai” e “lares desfeitos” tendem a desaparecer (p. 393).

Atualmente, esta censura ocorre com maior frequência nos contextos rurais do que nos contextos citadinos; dependendo também a ocorrência desta censura do meio social em que as famílias monoparentais se encontram. Tendo em conta que apesar de se ter criado esta ideia de que nos contextos rurais as mães não casadas eram fortemente criticadas e por isso fugiam para as cidades, esta não é uma verdade absoluta, já que:

Um outra concepção que os nossos dados podem colocar em causa centra-se no princípio da variação da frequência da ilegitimidade consoante o rigor do controlo social, o qual seria maior no meio rural do que no espaço urbano. A noção de que as mulheres solteiras se dirigiam para os centros urbanos, onde o controlo social seria menos rigoroso, para aí darem à luz e batizarem os frutos dos seus amores clandestinos não parece ter completa correspondência com a realidade minhota (pelo menos, estava longe de ser regra geral), e o inverso era frequentemente verdade, uma vez que são comuns os casos registados de mulheres da vila de Guimarães que batizaram os seus filhos ilegítimos nas aldeias do termo. Por outro lado, atendendo à especificidade do povoamento deste território, era o centro urbano o local onde o controlo social se fazia sentir com maior rigidez. Mais uma vez, os dados demográficos negam a ideia de maior incidência da bastardia nas cidades: no Minho, a frequência dos nascimentos de filhos naturais não era, por regra, menor no mundo rural do que no mundo urbano. Os valores eram geralmente aproximados e, não raras vezes, mais elevados no interior rural (Neves, 2001, p. 205).

Porém, estudos apontam que este estigma não é absoluto, pois o nascimento de filhos considerados ilegítimos com o passar do tempo foi-se tornando num acontecimento cada vez mais frequente e, de certa forma, as comunidades têm vindo a aprender aceitar este facto. Investigações que corroboram esta tese defendem que:

O’Neill (1981) refere que, na aldeia de Fontelas, as “proporções são suficientemente elevadas (47,4% do total de batizados entre 1870 e 1978) para sugerir uma certa aceitação da bastardia por parte da comunidade e da igreja local”. Aquele autor faz referência a António Lourenço Fontes, que, num estudo sobre as aldeias de Montalegre, afirma que as mães solteiras são aceites, e a Robert Rowland, que, numa análise sobre o século XVIII, conclui que a ilegitimidade e a maternidade extraconjugal não comportam uma estigmatização social absoluta (apud Albino, 1986, p. 684).

Aquando do estudo realizado por O’Neill (1981) as “mães solteiras” como não tinham um homem no seu agregado familiar, não eram representadas na tomada de decisão sobre os assuntos da aldeia. Uma vez que, “[o] prestígio da família é dado pelo poder económico ou moral da figura paterna, prestígio para o qual muito contribui a mulher, sem, todavia, o reivindicar (Malpique, 1990, p. 152).” “Deste modo, a mãe solteira “parece” ser excluída da vida da comunidade (O’Neill, 1981, *apud* Albino, 1986, p. 685)”. O’Neill (1981), também constatou, que na opinião das “mães solteiras”:

Consideravam que os homens são mais livres do que as mulheres no âmbito da comunidade da comunidade aldeã, pois, façam eles o que fizerem, não carregam muitas vezes com as responsabilidades familiares, enquanto elas “carregam com os filhos que ambos fizeram” (apud Albino, 1986, p. 686).

Outro ponto que o investigador verifica é que a aceitação das mães *solo* não casadas, na altura, dependia em parte dos seus comportamentos; devendo os seus comportamentos, estar dentro da norma, ou seja, deviam estar de acordo com os valores morais estabelecidos pela comunidade. Portanto, aquelas que se esforçavam e desenvolviam um trabalho notável acabavam por ser aceites e respeitadas pela comunidade. Com esta investigação conseguimos

depreender que as “mães solteiras” são alvo de um maior controlo social por parte da sociedade e, que a sua aceitação parece ser ambígua. O’Neill (1986) conclui que:

A rapariga que tem um filho não é aceite, por a situação ser um desvio à norma social, mas por outro lado, defendida como força de trabalho, mulher/ mãe/ vizinha, com quem se conta ajudar no trabalho agrícola, para “acudir” na doença, para falar no tanque ou à soleira da porta (apud Albino, 1986, p. 694).

Segundo Borges (2020):

O estado civil atrelado ao termo revela que a mulher casada goza de determinado status social não atribuído à mulher solteira, tampouco à mãe que não está inserida em um relacionamento conjugal, como se o casamento por si só fizesse-a atingir um melhor nível social (p. 3).

Como já se referiu anteriormente, a religião também tem tido um papel ativo nesta reprodução do estigma social perante famílias monoparentais, principalmente para com mães sós não casadas. Moraes e Vieira (2021) apontam esta e outras estâncias que contribuem para manter vivo este estigma, ora veja-se:

Os ensinamentos da Igreja Católica, o patriarcado e a concepção de que o ser humano era o centro de tudo se perpetuaram durante séculos na sociedade ocidental, influenciado de forma palpável o modo de vida das pessoas, a elaboração legislativa e a constituição familiar, impondo a todos que somente seria considerada família a união entre um homem e uma mulher por meio do matrimônio (p. 309).

Em termos de estigma social existe uma desigualdade entre homens e mulheres, uma vez que, as mulheres são frequentemente culpadas pela condição em que se encontram e a sociedade raramente acha que o que elas fazem pelos filhos é o suficiente. Enquanto os homens que são pais sozinhos tendem a ser olhados como guerreiros que já fazem bem mais do que aquilo que lhes compete e são desculpados pela condição em que se encontram. Nunca é responsabilidade sua serem pais sozinhos. Portanto, as mulheres tendencialmente carregam uma imagem negativa, enquanto os homens carregam uma imagem positiva. De qualquer forma, por vezes, os homens também são alvo de desacreditação social, porque as pessoas acham que eles não têm capacidades para tomarem conta de uma criança e do lar sozinhos. Pese embora, ainda seja uma percentagem reduzida, o que é facto é que alguns homens têm vindo a contrariar estas pré-noções, demonstrando mais interesse em terem um papel mais ativo no cuidado e educação dos seus filhos. De acordo com Denardi & Bottoli (2017) esta é uma nova realidade da monoparentalidade masculina. Esta postura de alguns homens deve-se às mudanças que têm ocorrido no sentido de construir um novo papel para os homens enquanto pais. Goldenberg (2000) apresenta estas mudanças, descrendo que:

[...] antigamente, a relação de pais e filhos era marcada pelo distanciamento e pela postura autoritária do pai. [n]os dias de hoje, há mais proximidade quanto ao contato, participação mais ativa nos cuidados dos filhos e demonstração mais evidente de afeto e de carinho (apud Denardi & Bottoli, 2017, p. 128).

Fruto deste estereótipo de que o pai tem de ser mais autoritário e que não pode demonstrar afeto, muitos homens atualmente não têm um modelo pelo qual se possam guiar para desempenharem um papel mais ativo e responsável na vida dos seus filhos. Esta é uma realidade a ser enfrentada pelos homens que pretendem cuidar dos seus filhos a tempo integral. À vista disto, Denardi & Bottoli (2017) expressam que:

[...] evidencia-se que o grande desafio de ser pai atualmente, numa realidade monoparental é encontrar o jeito próprio de exercer a paternidade, pois, como referido anteriormente, a maioria

dos pais não possui um modelo anterior a ser seguido. Além disso, a sociedade ao longo das últimas décadas vem exigindo uma participação mais ativa e presente do pai na relação com os filhos. E, possivelmente, através da monoparentalidade masculina o homem tem a possibilidade de reconstruir esse papel de ser pai nos dias atuais, assumindo uma maior disponibilidade no relacionamento com o filho (p. 129).

Frequentemente, os homens são alvo de maior estigma durante os processos de adoção, reprodução medicamente assistida ou quando lutam pela mesma igualdade de direitos sobre os seus filhos após separações. Ried (2011) explica que isto acontece porque o homem é visto como uma ameaça, pois são associados à violência. Já Lima & Ferés-Carneiro (2021) apontam que o homem também é associado à pedofilia, quando estes pretendem cuidar dos seus filhos sozinhos ou ser efetivamente pais sós, sem o apoio de uma figura feminina. Por outras palavras,

Rabelo (2013) aponta que as preocupações e suspeitas de que homens que cuidam de crianças possam ser pedófilos contêm implicitamente o temor da sexualidade masculina e, ao mesmo tempo, corroboram com a ideia de que a mulher não possui impulsos sexuais causadores de perversão (apud Lima & Ferés-Carneiro, 2021, p. 723).

Sucintamente, pode-se afirmar que os homens sentem mais dificuldades em serem compreendidos no momento em que, demonstram à sociedade que desejam ter um papel mais ativo na socialização dos seus filhos e, por vezes, em processos de adoção ou guarda dos seus filhos encontram-se em desvantagem perante as mulheres. Nos processos de adoção, Fonte (2004) refere que os homens são alvo de um olhar inquiridor, que transporta preconceitos. No entanto, numa fase posterior, estes pais sós, tendem a ser parabenizados por conseguirem tomar conta das crianças sozinhos. Enquanto as mulheres façam o que fizerem parece nunca ser o suficiente para serem consideradas umas boas mães e serem elogiadas por isso. Paiva (2021) comprova esta reflexão, ressaltando que, mesmo quando os casais optam pela licença parental partilhada, o pai é frequentemente abordado pelos colegas de trabalho que o elogiam pelo ato de ficar sozinho com os seus filhos, enquanto as mães são questionadas, sob uma forma de sanção, por não terem ficado mais tempo com o bebé e terem delegado essa responsabilidade ao pai. Estas mulheres também encontram dificuldades quando retornam ao trabalho e sentem uma impotência em conseguirem prosperar na sua carreira profissional. Abade (2014) apurou igualmente que os pais sós que ficam com a guarda total das crianças, são vistos como heróis, sendo elogiados pela sua coragem em permanecerem com os seus filhos sem a presença de uma figura feminina.

A socialização explica muito disto tudo, já que à mulher foi atribuído o espaço privado e ao homem o espaço público. Portanto, para as mulheres é mais expectável tratar da casa e das crianças e, para os homens é menos expectável, porque desde o berço que foram educados e direcionados para assumirem distintos papéis dentro e fora de casa. A este propósito Souza (2020) refere que:

Nos discursos dos sujeitos entrevistados, especificamente os homens, percebeu-se a “naturalização” dos papéis masculinos e femininos que acaba dificultando, para muitos homens, o ato de cuidar e demonstrar carinho para com os filhos. No senso comum, a sociedade reforça que as mulheres possuem certo instinto materno a seu favor e os homens carecem disso, duvidando-se até mesmo da competência dos homens nas tarefas de cuidado de um filho. (LYRA et al., 2007). Isso merece também a reflexão do que significa o “cuidado”, não só no espaço privado (lar), como no espaço público (trabalho) (p. 89815).

Para homens e mulheres desprender-se destes papéis de género que foram construídos socialmente é bastante difícil, sendo sancionados quando se desviam destes. As mulheres

sentem uma maior carga destas sanções. Este desvio dos papéis de género estipulados socialmente, também faz com que os próprios desviantes sintam sentimentos ambivalentes ou dissonância cognitiva. No caso dos homens, quando se demonstram afetivos para com quem os rodeia, sentem que esta demonstração de sentimentos questiona a sua masculinidade (Álvares, 2003).

Também os meios de comunicação, como as revistas direcionadas para mães e pais contribuem para reproduzir as normas sociais tradicionais, estereótipos e, conseqüentemente os estigmas associados ao género. Uma análise realizada por César, Oliveira & Fontaine (2020) a uma revista de edição portuguesa de 2015 apelidada de *Pais & Filhos* corrobora este facto. Estes autores constataam que tem se vindo a dar uma evolução no que respeita a partilha de responsabilidades relativas às crianças por ambos os pais, comparativamente a outrora em que eram quase exclusivas das mães. “No entanto, a divisão de papéis de género na parentalidade é clara e a revista assume que as tarefas de cuidado dos/as filhos/as são, claramente, responsabilidade da mãe, enquanto o pai tem um papel mais educativo e lúdico (César, Oliveira & Fontaine, 2020, p. 190).” Seguindo esta linha de pensamento um autor francês denuncia esta sobrecarga de responsabilidade perante os filhos que as mulheres carregavam, ressaltando que:

[...] as mulheres que – será preciso lembrá-lo? – põem no mundo as crianças, têm de resolver, na maioria dos casos sozinhas, os problemas quotidianos e materiais que elas põem, ou antes, que a sociedade francesa acumula para elas, plena de desprezo e de indiferença. A despeito das aparências (Sandrel, 1978, p. 9).

No que respeita a novos relacionamentos amorosos, para mães ou pais sozinhos, também estes são olhados com base em preconceitos. Os homens parecem ter uma maior facilidade em estabelecer um novo relacionamento num curto espaço de tempo.

E se houver filhos, especialmente se forem pequenos, as probabilidades que uma mulher tem de se voltar a casar diminuem: mais um terço de mulheres brancas e cerca de metade das negras divorciadas com filhos nunca mais voltam a casar-se. Por outro lado, neste país como noutros, a tradição jurisprudencial e os modelos culturais tendem a “privilegiar” a mãe na entrega dos filhos, especialmente quando são pequenos em caso de separação e/ou divórcio (Saraceno, 1997, p. 119).

Por sua vez, as mulheres são vistas como menos atraentes para terem novos relacionamentos amorosos, visto que já são mães (Baranowska-Rataj, Matysiak & Mynarska, 2014).

Em suma, a família monoparental, no geral é alvo de estigma social, por não se enquadrar na família idealizada socialmente, que é composta pelo casal heterossexual e no presente pelos seus filhos, dois filhos ou pelo filho único. Como esta configuração de família rompe com a suposta “normalidade” e *status quo* ela é olhada com estranheza e, conseqüentemente, é sancionada pelo olhar do outro que a observa. Fruto deste olhar sancionador nestas famílias é criado um complexo de inferioridade, ora veja-se:

Analogamente, uma família com um único progenitor convivente é apenas uma família parcial, cuja “falta” produz efeitos não só na ordem material, que não prevê que um tal evento seja “natural”, mas também na ordem simbólica: também os indivíduos compreendem, e sentem de alguma maneira a “falta” – de um cônjuge, de um progenitor, da capacidade de o ter ou de o manter (Saraceno, 1997, p. 12).

Numa outra perspetiva,

As sociedades em que vivemos continuam a desenvolver processos de exclusão, por muitos avanços que tenham sido registados nas últimas décadas. As famílias monoparentais femininas são objeto de particular exclusão porque são o resultado, não só de problemas sociais e económicos preocupantes, mas também porque são vítimas de exclusões ainda não superadas relacionadas com a condição da mulher e com os agregados familiares não tradicionais (Gonçalves, 2013, p. 138).

Não é pelo facto das pessoas, comporem uma família monoparental ou, no caso específico das mães não casadas, não é a gravidez em si fora do casamento, que coloca estas pessoas numa condição de exclusão social. Quem as coloca nesta condição de excluídas é a própria sociedade que lhes ergue barreiras em vez de se esforçar por as incluir no seu seio. Baranowska-Rataj, Matysiak & Mynarska, (2014) focam este ponto, articulando que:

Hence, in line with Graham and McDermott (2006) and Duncan (2007), lone motherhood emerges in our study as a route to social inclusion, rather than to exclusion. It is, rather, the wider social environment that erects barriers for single women with children, such as social disapproval, a lack of support, and financial pressure. This finding is especially relevant for Poland and other countries with limited institutional support for lone parents, indicating an urgent need for improving the existing policies but also for changing the public discourse on single mothers (p. 1474).

Portanto, não são as famílias monoparentais que estão erradas, é a sociedade que olha para estas de uma forma errada, baseada em juízos de valor.

2.3. Mães e Pais *Solo* e o Mercado de Trabalho

As “mães solteiras” formam um público vulnerável perante o mercado de trabalho, estando expostas a maiores riscos, no sentido em que os seus direitos laborais estão maioritariamente sujeitos a ser violados pelas entidades patronais. Isto acontece porque uma “mãe solteira” tem uma extrema necessidade de deter uma fonte de rendimentos e, por isso, terá maior receio em reivindicar os seus direitos, pois pode sofrer a represália de perder o emprego e não conseguir encontrar outro. Para além disso, as mulheres por si só, tendem a deter postos de trabalho mais precários que os homens. Seguindo esta linha de raciocínio, Borges (2020) relata que:

[...] mãe solo carrega um preconceito histórico pelo fato de não estar inserida em uma relação conjugal e ainda desempenhar constantemente atividades não remuneradas no que tange ao trabalho de cuidado dos filhos(as). Não obstante, a mulher também é discriminada quando se trata de igualdade de salários e oportunidades de ascensão no mercado de trabalho (p. 14).

Amorim (1987) realizou um estudo no qual apurou, que já nos anos 90 do século XX, em Guimarães, muitas “mães solteiras” sentiam “vergonha social” e viviam num estado de pobreza. Esta investigadora relatou que:

Se para muitas mulheres o maior problema que se poria ao assumir a maternidade era a “difamação” e a vergonha que se abateria sobre elas próprias e sobre os seus familiares, para muitas o grande drama seria sustentar os seus filhos em condições de extrema carência, [...] (apud Machado, 1998, p. 82).

Com este estudo, Amorim (1987) demonstra que, para além de terem dificuldades de cariz económico, também sentem vergonha por terem engravidado fora do casamento. Não sendo

muitas vezes ajudadas pela comunidade a criar os seus filhos, estas mulheres entram num estado de pauperização e de vulnerabilidade. Deste modo, detêm vidas profundamente pautadas pela precaridade, quer a nível laboral, quer a nível pessoal.

Machado (1998) analisou um livro intitulado *“Single Mothers in an International Context: Mothers or Workers?”*, que incide sobre a situação social das mães não casadas. Este livro revelou que:

[...] a tendência internacional é a de que estas mulheres são particularmente afetadas por conjunturas globais de desemprego, precaridade do emprego e abaixamento dos salários. Os autores deste trabalho concluíram que a instabilidade da situação económica deste grupo social traduz um fenómeno de desigualdade sexual no posicionamento no mercado de trabalho ou do emprego. Isto é, a situação de empregos inseguros e salários baixos das mães não casadas é, de um modo geral, partilhada com as outras mulheres. A diferença essencial entre a situação económica das mães não casadas e das mães casadas é que as primeiras não auferem da remuneração adicional e compensatória proporcionada pelo trabalho do homem, que tendencialmente será mais elevada e mais estável (p. 94).

Estas mulheres que têm a cargo os seus filhos necessitam ser ajudadas pelas suas famílias nos momentos mais críticos, como quando se encontram em situações de desemprego ou são alvo de cortes salariais. Note-se que os censos de 2011 revelaram que existia maior taxa de desemprego nas famílias monoparentais do que população ativa no geral, atingindo principalmente as mães solteiras e viúvas (Marinho, 2014a). As famílias têm aqui um papel extremamente importante, perante estas mulheres em estado de vulnerabilidade. Porém, devemos-nos interrogar acerca do que acontece a quem não tem a quem recorrer para as ajudar nos momentos mais críticos. Muitas estão dependentes de apoios vindos por parte do Estado.

É preciso ter em mente que existem múltiplas situações de mães solteiras, pois estas estão dependentes das: “configurações do mercado de trabalho, de estruturas familiares e de vizinhança, assim como quadros culturais, regionais e individuais de perceção de maternidade fora do casamento e dos papéis do homem e da mulher” (Machado, 1998, p. 94-95). Também é necessário que a sociedade interiorize que as mães solteiras com filhos a cargo têm “sobre os seus ombros” uma sobrecarga de responsabilidade. Segundo Leite (1997), “ainda resta à mãe solteira enfrentar os problemas da ordem económica, o que a faz ter de desenvolver uma atividade profissional e dividir seu tempo entre a criança e o trabalho, em dupla jornada (*apud* Marin & Piccinini, 2009, p. 427).”

Todas as mães *solo* enfrentam dificuldades acrescidas no mercado de trabalho. Porém, as mães *solo* não casadas parecem sentir estas dificuldades de forma mais vincada. Os pais *solo* também estão longe de não sentir dificuldades. Até porque, “[s]ão, então, os pais só solteiros (mais jovens) e viúvos (mais velhos) que apresentam valores mais baixos no exercício da atividade económica (Correia, 2010, p. 133).” Contudo, os homens tendem a possuir empregos menos precários, mais bem remunerados, para além de lhes ser atribuído maior *status* social. Desta forma, o mercado de trabalho tende a reproduzir e a reforçar as desigualdades sociais em termos de género. Esta problemática também acaba por acontecer porque desde crianças, homens e mulheres, são direcionados a escolher distintas profissões. Os homens são incentivados a seguir carreias em áreas científicas como as engenharias e matemáticas, por exemplo. Por sua vez, as mulheres são incentivadas a escolher carreiras mais ligadas às humanidades e ao cuidado. Se se refletir um pouco sobre este assunto, compreende-se que as áreas supostamente masculinas são tendencialmente mais bem remuneradas do que as

femininas e, têm um maior prestígio. Embora atualmente as mulheres tenham melhores resultados acadêmicos do que os homens, continuam a ser estes, a ocupar postos de trabalho com maior destaque e, os que estão no topo da hierarquia laboral. Como os homens dedicam grande parte do seu tempo às suas carreiras, é-lhes mais fácil escalamem até aos lugares de topo no seu local de trabalho. Enquanto estes investem nas suas carreiras, as mulheres priorizam os afazeres domésticos e o cuidado dos seus filhos. Já para não falar, que os homens logo à partida são percecionados como mais capazes para exercerem certos cargos de trabalho do que as mulheres. Isto porque, os homens tendem a ser mais valorizados pela sociedade, facto que se traduz no ditado popular “Homem de palha vale mais do que mulher de ouro”. Neste sentido também aponta Paiva (2017) que faz transparecer no seu estudo esta posição de superioridade em que o homem é colocado face à mulher.

Souza (2020) tratou as disparidades salariais entre homens e mulheres, nos seguintes termos:

As afirmações de Faria e Nobre (1997) tornam-se alarmantes no que diz respeito ao tempo necessário (475 anos) para que as mulheres consigam uma igualdade salarial em relação aos homens. Isto não significa que se quer reproduzir o binarismo: homens poderosos e mulheres oprimidas. A discussão deve ultrapassar essa dicotomia. Deve-se levar em conta que os homens também são marcados e brutalizados pelo próprio sistema que lhes concede os privilégios e o poder (Giffin, 2005). Como bem menciona Torrão Filho (2005, p.139) “[...] não apenas as mulheres que aprendem a ser femininas e submissas, e são controladas nisto, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade” (p. 89816).

Seguindo esta linha de reflexão, Fagundes (2017) confirma os argumentos explanados anteriormente, explicitando que:

[...] na atualidade as mulheres se inserem cada vez mais no mercado de trabalho e também no ensino superior. Muitas delas ocupam trabalhos no campo das ciências humanas como professoras, pedagogas, assistentes sociais, sendo esses espaços desvalorizados e vistos como eminentemente dedicados “ao cuidado”. Cabe destacar que mesmo com essa maior inserção, os salários ainda não se equiparam ao dos homens (p. 19).

Pela lógica, trabalhadores mais instruídos ou com mais experiência tendem a ocupar os melhores postos de trabalho. Analisando o caso entre homens e mulheres esta diferenciação não se dá de forma igualitária, as mulheres na maioria dos casos são mais escolarizadas, porém os homens acabam tendo os melhores cargos no mercado de trabalho, devido as relações de sexo, que diferenciam, cargos e tarefas entre homens e mulheres, e que traz consigo esta diferenciação construída historicamente. Em síntese, este tipo de discriminação sublinha as dificuldades encontradas pelas mulheres na luta pela igualdade de gênero (p. 28).

Por sua vez, Souza et al. (2019, p. 39) trataram as discriminações recorrentes de que são alvo as mulheres no mundo laboral, mapeando que:

Apesar desses indicadores, o que vemos na prática e na vivência das mulheres dentro de estabelecimentos e organizações é que existe discriminação, mais especificamente, dois tipos de discriminação: a formal e a informal. Há discriminação formal quando temos um homem e uma mulher trabalhando na mesma função, realizando as mesmas tarefas, porém é atribuído ao trabalho realizado pelo homem mais credibilidade do que o realizado pela mulher, pelo simples fato de ter sido realizado por uma mulher (Brandão; Lopes, 2017). A discriminação informal é, em sua maioria, praticada por superiores, mas também por colegas de trabalho. São mais comuns em lugares em que grande parte dos colaboradores são homens. Pode ser um assédio moral ou sexual dentro do contexto de trabalho. As organizações que ignoram esse tipo de discriminação tendem a criar um ambiente de trabalho desfavorável às mulheres (Brandão; Lopes, 2017).

Desta forma, as mulheres provedoras de famílias tendem a ocupar postos de trabalho precários e em tempo parcial (Mathis, Braga & Amaro, 2020). Devido a este facto e, à consequente privação extrema que vivem elas e os seus filhos, algumas entram para o mundo da prostituição. Um estudo sobre a prostituição realizado por Ribeiro (2004) revela que uma percentagem considerável de profissionais do sexo são também mães sozinhas, sendo muitas delas, abandonadas pelos pais biológicos das crianças, logo após a gravidez. A sua maternidade tende a ser precoce e não planeada. Estas mulheres enveredam por este caminho, porque se encontram em situações limite. No fundo, são as circunstâncias da vida que as empurram para esta condição.

Posto isto, a situação de vulnerabilidade perante a qual as mães sozinhas estão no mercado de trabalho, leva-as a múltiplas privações e, consequentemente, a um estado de pobreza. “As mulheres estão mais expostas à informalidade nos países de baixo e médio rendimento e geralmente estão em situações mais vulneráveis do que os homens (Santos, 2020, p. 154).”

Ao longo da presente dissertação já se referiu que as famílias monoparentais tendem a encontrar-se em contextos carenciados, especialmente as mães sozinhas. Por exemplo, “[n]a África do Sul, 40% das famílias é chefiada por mulheres e estão entre as mais vulneráveis (Santos, 2020, p. 154).” Este facto fez com que se utilize o termo “feminização da pobreza”, que segundo Carlotto (2005) significa “crescimento da pobreza entre as mulheres (p. 16)”. Este termo também é utilizado por Silveira e Silva (2013), explicitando que:

A “feminização da pobreza” vem sendo compreendida a partir da ideia de “nova pobreza”, relacionada diretamente com a chefia feminina e a inserção das mulheres no mercado de trabalho; ou articulada com os efeitos específicos das políticas econômicas de corte neoliberal sobre a vida e o trabalho das mulheres. E, ainda há os estudos, que identificam grupos de mulheres mais vulneráveis ao empobrecimento, tais como as mulheres negras, as indígenas, as lésbicas, as mães solteiras, entre outros (p. 133).

Perez (2019), na sua obra, também retrata a pobreza associada ao género, explanando que:

Uma análise ao Inquérito aos Bens das Famílias de Karnataka, conduzido na Índia em 2010, foi ainda mais demolidora. Quando a comparação opunha famílias chefiadas por mulheres às chefiadas por homens, não havia grande disparidade de género nos níveis de pobreza. No entanto, quando a pobreza era avaliada a nível individual, a diferença era dramática, com, preparem-se, 71% dos que viviam na pobreza identificados como mulheres. E, entre os que viviam na pobreza, as mulheres sofriam o maior grau de privação. Mas talvez a constatação de que a maioria das mulheres pobres estava integrada em agregados “não pobres” fosse o fator que mais contestava a validade do uso da riqueza das famílias como forma de aferição da pobreza induzida pelo género (Perez, 2019, p. 275).

Neste sentido, Przbysz & Silva (2010) explanam que as famílias monoparentais femininas mais pobres, acabam por ficar dependentes dos seus pais, ganhando assim destaque, os avós maternos das crianças. Estes avós são figuras determinantes para promover um maior bem-estar a estas famílias vulneráveis. Também é preciso frisar, que não são exclusivamente as mães sozinhas que se encontram numa situação de privação, existindo igualmente, pais sozinhos que também experienciam esta mesma privação, embora a percentagem destes seja reduzida.

É necessário observar que a associação entre a pobreza e as mães *solo*, pode contribuir ainda mais para aumentar os constrangimentos, que estas mulheres e os seus filhos sentem no quotidiano. Pelo contrário esta associação deveria servir para que se criasse uma sensibilidade relativa a estes agregados familiares e aos seus problemas sociais. Por outra palavras,

Vitale (2002) afirma que a associação entre monoparentalidade e pobreza pode construir um estigma de que as mulheres são menos “capazes” de cuidar de suas famílias sem um homem. Por outro lado, é apontado que as mulheres ganharam mais independência e por isso podem assumir suas famílias. Entretanto, esta associação acaba por fortalecer muito mais a adjetivação dessas famílias como vulneráveis ou de risco do que como potencialmente autônomas (apud Carloto, 2005, p. 9).

Sobre esta mesma associação Guadalupe, Tavares & Monteiro (2015, p. 45) asseveram que:

Não podemos, no entanto, generalizar a associação entre a monoparentalidade e a pobreza. Mas se nas famílias com maiores recursos econômicos e socioprofissionais a monoparentalidade é muitas vezes uma opção e as dificuldades são ultrapassadas, as famílias com menores recursos tendem a viver a situação de monoparentalidade de forma mais negativa e estigmatizada, sobretudo quando as mulheres apresentam baixas qualificações e rendimentos, recaindo os encargos familiares exclusivamente sobre estas (Loyola, 2003).

Em suma, atualmente, a monoparentalidade não é um evento que ocorra somente em contextos desfavorecidos. Todavia, é preciso que se tenha consciência, que são principalmente as mães *solo* e os seus filhos(as) que têm maior probabilidade de viverem em situações de pobreza e exclusão social, situação esta que também é gerada, em parte, pelo mercado de trabalho.

2.4. Redes Formais e Informais de apoio de Famílias Monoparentais

As redes são construídas com base em conexões e desconexões entre indivíduos. Estas redes são altamente dinâmicas, estando sempre os indivíduos a entrar e a sair delas. De maneira geral, as redes albergam as relações humanas, sendo a “rede: o jogo interminável da conexão e desconexão (Bauman, 2017, p. 175)”. As redes assumem uma grande importância, sendo crucial deter uma ampla rede de contactos, pois através destas, os sujeitos ajudam-se uns aos outros, especialmente em momentos críticos, havendo uma troca recíproca de recursos materiais e imateriais. Neste sentido,

O termo rede não é casual: indica uma pluralidade de direcções, um entrelaçado de relações e de trocas nem sempre directas ou lineares; mas indica também uma atividade de apoio, ou pelo menos de protecção. Assinala além disso um dinamismo ditado não exclusivamente por regras adscritas e rígidas, mas pelo jogo das necessidades e das escolhas (Saraceno, 1997, p. 68).

Assim, as mães só precisam de organizar o seu tempo entre o trabalho, os afazeres domésticos e os cuidados com as crianças. O uso do tempo para estas mães tem de ser bem gerido, sendo este uso ditado em grande medida pelo horário de trabalho. Dependendo do horário de trabalho, assim é organizado o tempo dedicado aos cuidados que as crianças exigem (Wall, José & Correia, 2002). No caso das mães que não têm a ajuda de terceiros, estas muitas vezes não têm tempo para elas próprias. A forma de organizarem o seu tempo está sempre dependente dos horários de trabalho, dos horários das crianças, da disponibilidade dos familiares, amigos ou vizinhos. Portanto:

Responder às necessidades de cuidar de uma criança implica sempre uma reorganização da vida familiar. Para as mães só, as soluções encontradas vão articular-se de forma estreita com os seus trajectos e também com os equipamentos, os familiares disponíveis para cuidarem de crianças e, como é evidente, as suas preferências neste domínio (Wall, José & Correia, 2002, p. 642).

Como já se tinha referido anteriormente, estas mulheres enfrentam uma dupla jornada de trabalho. De acordo com Silveira & Silva (2013):

[...] a mulher chefe de família monoparental, passa a enfrentar jornadas árduas de trabalho extra e intrafamiliar, já que trabalha fora durante todo o dia e depois volta a trabalhar dentro da própria casa, além da função de educar e cuidar dos filhos, papel já tradicionalmente atribuído à mulher e que no caso da família monoparental, põe-se como mais um dever entre todos os que ela realiza sozinha no seu papel de mulher chefe de família (p. 135).

Face a esta realidade os progenitores só procuram trabalhos com horários flexíveis, por forma a uma melhor conciliação entre as várias dimensões da vida (Sousa, 2008).

A investigação de Wall, José & Correia (2002) descreve que nas redes familiares, os avós maternos constituem o principal apoio das “mães solteiras”. Os avós maternos prestam os cuidados às crianças nos momentos em que as mães têm compromissos de outras índoles. Frequentemente as mães solteiras que estão dependentes da família, também sentem falta de privacidade e, sentem que as suas mães (avós das crianças) querem impor uma educação às crianças com a qual elas não estão de acordo (Wall, José, & Correia, 2002). Oliveira (2020) também chegou à mesma conclusão, proferindo que as avós das crianças e mães das mães só, exercem sobre as filhas um elevado controlo social, estando sempre a lembrá-las que agora são mães e, por isso, devem ter em atenção os seus comportamentos. Assim, os avós maternos assumem definitivamente um importante papel na vida das crianças socializadas só pela mãe. Todavia, esta não é a regra em todos os contextos, por exemplo em Moçambique as mães sozinhas cujos maridos faleceram, continuam a viver em casa dos seus sogros, sendo deste modo os avós paternos que desempenham este papel ativo de ajuda na socialização das crianças (Agy, 2020).

Adicionalmente, como dispõem de pouco capital económico não conseguem usufruir de atividades de lazer com os seus filhos. Estas atividades de lazer são importantes, pois estes momentos permitem recarregar baterias para se enfrentar a rotina diária. Por vezes o dinheiro também escasseia para comprar certos produtos, que os filhos pedem, ficando a sentir-se culpados por não lhes poderem dar.

Todavia, o que fazem as mães que não dispõem deste apoio diário por parte das famílias? Nestes casos:

[...] aqui a imbricação faz-se entre a mãe sozinha e o(s) filho(s), obrigando a um moldar permanente entre os horários de cada um e também a uma autonomização mais rápida da criança em idade escolar (entre os 8 e os 11 anos). São gestos de autonomia que se adquirem pouco a pouco — ir para casa sozinho, aprender a andar de autocarro — e que vão permitindo uma articulação mais flexível entre os horários de cada um. Neste tipo de conciliação, o ex-cônjuge e os familiares mais próximos não participam na prestação regular de cuidados durante a semana, estando apenas presentes em situações ocasionais (em caso de doença), nos fins de semana ou durante as férias. Todas as mães só têm uma pequena retaguarda de pessoas a quem pode recorrer ocasionalmente. São quase sempre familiares próximos: os pais, os ex-sogros, uma irmã ou uma prima (Wall, José & Correia, 2002, p. 647).

Como nos demonstram Wall, José & Correia (2002):

[...] todas elas, com ou sem adaptações da vida de trabalho, procuram e precisam de um apoio institucional forte, ou seja, de ATIs que completem o horário da escola, de prolongamentos depois das 16.00 e, sem exceção, de equipamentos com horários e serviços alargados que acolham a criança durante o dia inteiro (p. 648).

As crianças que crescem em famílias monoparentais cujas mães cuidam sozinhas delas tendencialmente tornam-se autónomas muito mais cedo. Esta autonomia dita precoce,

Em parte é estimulada pela mãe, porque é preciso, em parte é sugerida pela criança, que prefere estar em casa e nem sempre quer acompanhar a mãe para todo o lado. Abrem-se, assim, progressivamente alguns espaços de autonomia num modo de funcionamento que, à partida, é extremamente fusional (Wall, José & Correia, 2002, p. 649).

Gongla (1982) corrobora também esta argumento, sublinhando este maior grau de autonomia por parte das crianças que vivem somente com as mães. Este autor constatou que:

[...] nas famílias de mães solteiras, a criança tende a ganhar maior responsabilidade e poder para realizar suas próprias atividades e para participar da forma de divisão de tarefas e da adequação de horários às suas necessidades, além de se tornar mais independente dos demais membros familiares no seu dia-a-dia, o que contribui para que ela tenha maior autonomia (apud Marin & Piccinini, 2009, p. 424).

Por outro lado, as mães mais abastadas podem optar, caso sintam essa necessidade, por contratar uma empregada doméstica a tempo inteiro (Wall, José & Correia, 2002). Logo, as mães que detêm maior volume de capital económico, têm a sua vida mais facilitada. As mães com pouco volume de capital económico, quando necessário, terão de optar por contratar uma ama por algumas horas. Pontualmente também conseguem recorrer às redes amicais e vicinais, para tomarem conta das crianças. As mães sós, necessitam destas soluções quando têm horários de trabalho mais longos. Muitas também sentem a necessidade de colocar os filhos em escolas privadas, porque nestas podem permanecer, por um maior período de tempo. O único impedimento de se recorrer a uma escola privada é que estas são bastante caras, por isso nem todas as mães podem recorrer a estas. Algumas mesmo auferindo rendimentos bastante reduzidos, optam ainda assim na mesma por colocar as crianças num colégio particular, sabendo, no entanto, que terão de abdicar de outras coisas para poderem pagar este tipo de serviço.

Das redes formais também fazem parte centros de atividades extracurriculares, centros de estudo e explicações, locais de atividades desportivas, campos de férias, entre outros. Para as mães e pais sozinhos que não conseguem ir buscar os filhos à escola e levá-los até estes estabelecimentos, contratam instituições privadas de transporte de crianças (Cardoso, 2013). Cardoso (2013) apurou que à semelhança das mães sós, também os pais sós mais escolarizados e com trabalhos mais estáveis contratam empregadas a tempo inteiro ou parcial, *baby-sitters* e recorrerem a alguns destes serviços formais. Este autor também constata que não é regra, serem só os mais favorecidos a recorrer a estes serviços, por vezes dispendiosos. O que é facto, é que para os favorecidos, as suas redes de contactos são bem fortalecidas. Cardoso (2013) também observou que os pais sós que retornam para casa dos seus pais são os que apresentam menor escolaridade e trabalhos precários. Estes pais tendencialmente não têm experiência com os afazeres domésticos, necessitando de muito auxílio por parte das suas mães. Estes pais também costumam ser abandonados pelas mães das crianças, que já eram bastantes distanciadas das mesmas.

Outras figuras que muitas vezes se destacam nas redes informais são os padrinhos das crianças (Gonçalves, 2013), frisando que no geral das famílias, as figuras que definitivamente mais se destacam nestas mesmas redes informais, são as femininas, ou seja, “[...] as redes são nitidamente polarizadas ou, por outras palavras, são redes femininas - 77,6% das famílias têm uma rede de apoio onde as mulheres estão presentes em mais de metade das relações activadas (Portugal, 1995, p. 167)”.

Imprescindivelmente, nas redes informais de apoio, os elementos mais importantes e mais presentes são os membros da família, designadamente aqueles com quem se partilham laços de sangue. As razões deste fenómeno são várias, sendo que:

O trabalho empírico mostra que as normas têm uma aplicação diferenciada dentro e fora dos laços de família. As redes definem formas de inclusão e de exclusão, oferecem protecção ou indiferença, a partir de critérios de confiança e de desconfiança. As entrevistas mostram que o parentesco biológico oferece aos indivíduos a segurança que os outros laços não comportam, ao mesmo tempo que impõe deveres e obrigações claras (Portugal, 2011, p. 50).

Portugal (2007) explicita que de alguma forma os familiares sabem que se pode contar com os parentes, transmitindo os laços sociais familiares segurança, permanência e confiança. Neste sentido, as redes sociais são marcadas pelo familiarismo. As ajudas mútuas são prestadas consoante a necessidade e a proximidade.

As “mães solteiras” precisam gerir todo um conjunto de possíveis ajudas para:

Conseguir manter os laços e os vários apoios familiares sem depender exclusivamente deles, procurando ao mesmo tempo diversificar as referências afectivas da criança, é o desafio principal para as mães sozinhas que adoptam este tipo dos apoios múltiplos (Wall, José & Correia, 2002, p. 654).

Marin & Piccinini (2009) acrescentam que:

As necessidades das crianças podem ser supridas por uma variedade de rearranjos sociais. O que parece ser mais importante é que todos aqueles que contribuem para o desenvolvimento das crianças tenham recursos emocionais, sociais e materiais adequados para este fim (p. 427).

Porém, o que acontece quando as mães só não conseguem encontrar as ajudas certas? Quem responde a esta questão são os investigadores Wall, José & Correia (2002):

Na nossa população existem casos de mães só que não conseguiram encontrar os serviços e os apoios de que necessitam, o que as leva a abandonarem parcialmente os cuidados prestados às crianças e, por vezes, a descurem algumas obrigações de trabalho, levando a faltas ou irregularidades no desempenho (p. 655).

Posto isto, como assevera Souza (2020), a falta de políticas públicas faz com que se estabeleçam estas redes vicinais, amicais e familiares que se tecem numa cultura de solidariedade. Estas redes também se estabelecem com maior veemência em contextos pobres. Dias (2015) corrobora este facto, pronunciando que:

O desenvolvimento dos sistemas de segurança social também não diminui completamente a importância da família nos processos da entajuda quotidiana. Tais redes continuam a ser importantes, sobretudo nos meios sociais dotados de menos recursos socioculturais e financeiros, mas também em contexto de emigração (e. g., através de transferências monetárias) (Leandro et al., 2002, p. 27).

Outro autor que confirma este fenómeno é Álvares (2003), pronunciando que:

Outro aspecto interessante que se observa nas famílias pobres é a rede social de protecção e de auxílio que se instaura. As famílias pobres se aproximam constituindo redes de apoio e ajuda-mútua, entre amigos, parentes e vizinhos; possuem também um intercâmbio com empregadores e instituições, buscando desse modo amenizar os impactos sofridos pelas condições de miserabilidade e vulnerabilidade a que estão expostas e, também, produzir estratégias de sobrevivência (pp. 60-61).

Porém, dentro dos contextos pobres, nas famílias mais carenciadas, que se encontram marginais na sociedade, estas redes de contactos tendem a ser escassas. São pessoas que acabam por se encontrar isoladas com os seus filhos desprovidas de auxílio. Deste modo, “Pereirinha *et al.* (2008) referem que nas famílias economicamente mais carenciadas as redes informais de entreajuda familiar são menos intensas (*apud* Guadalupe, Tavares & Monteiro, 2015, p. 58)”.

Definitivamente, no que respeita aos pais sós, estes também sentem a necessidade de recorrer a redes de apoio. Os pais sós recorrem com maior frequência às suas redes de contactos, especialmente aos contactos femininos. Denarti & Bottoli (2017) apuraram que os pais sós que cuidam de filhas, sentem dificuldades em comunicar com estas, especialmente durante a fase da adolescência. O aparecimento da menstruação é muitas vezes um momento constrangedor para ambas as partes, porque ainda é um tema tabu para a sociedade. Também, a esfera da sexualidade coloca desafios aos pais homens, pois é difícil para estes abordar o tema das relações sexuais com as suas filhas. Para esta categoria, tomar conhecimento das primeiras experiências sexuais das filhas, é um momento de grande constrangimento (Ried, 2011). Estes pais chegam até a sentir algum constrangimento nos momentos em que precisam acompanhar as suas filhas ainda crianças a uma casa de banho pública destinada às mulheres (Denarti & Bottoli, 2017). Nestas situações em específico recorrem às mulheres que fazem parte da sua rede de apoio. Parece assim, que os homens sentem mais dificuldades em desempenharem o seu papel de pais sós, nestas situações específicas do dia a dia, enquanto as mulheres, tendencialmente sentem maiores dificuldades a nível financeiro, acabando muitas vezes por ficarem dependentes de terceiros. Souza (2020) também reforça este fenómeno, referindo que o que fragiliza as famílias chefiadas por mulheres é o fator económico, enquanto nas chefiadas por homens é o ato de cuidar e tudo o que este implica.

Correia (2002) sublinha que o capital social que as famílias monoparentais possuem, também deve, em alguns casos, ser composto por um médico, nomeadamente médico de clínica geral ou de família e um psicólogo, que acompanhe e apoie a família com os seus problemas causados por crises como o falecimento ou o divórcio (Correia, 2002). Até porque,

*Muitas mulheres, influenciadas pela cultura e pelo contexto em que vivem, tomam como base para o sucesso, o ideal de família tradicional e acreditam ser esse o modelo que garantiria um melhor funcionamento para sua família. Baseadas em tais pressupostos, temem que seus filhos sejam rotulados como produtos de um lar desfeito, filhos ilegítimos, problemáticos, entre outras definições pejorativas, diante disto podem prover as questões relacionadas a ansiedade e a depressão, visto que esses supostos julgamentos advindos da sociedade acarretam nestas famílias sintomas desconfortantes que abrem as portas para a instalação de um possível transtorno depressivo ou de ordem ansiosa (Verza; Sattler; Strey, 2015 *apud* Basoni, Siqueira & Silva, 2021, p. 121).*

Para além disso,

De facto, a família monoparental tem de lidar com os problemas e outras crises do seu ciclo de vida e ainda «continuar a assegurar as funções necessárias à evolução dos seus membros», pelo que se impõe a necessidade de uma diferente abordagem na ajuda da construção/reconstrução de uma nova vida familiar, psicológica e emocionalmente satisfatória para cada um dos seus membros (Correia, 2002, p. 242).

Basoni, Siqueira & Silva (2021) concluem com os seus resultados obtidos “[...] que as famílias monoparentais femininas, estão mais propícias a apresentar ansiedade e depressão (Basoni, Siqueira & Silva, 2021, p. 129).” Por causa disto, é benéfico para estas famílias serem acompanhadas por profissionais de saúde que as auxiliem a saírem destas situações destrutivas.

Em certas famílias monoparentais também a religião, nomeadamente a igreja, faz parte deste capital social, auxiliando nos momentos mais críticos. Assim como outras organizações, pertencentes ao terceiro sector, sem fins lucrativos (Álvares, 2003).

No que diz respeito às redes de contacto, também é preciso sublinhar que, apesar de a monoparentalidade poder ser um refúgio para com a violência, esta pode advir posteriormente também pelos membros pertencentes à rede de contactos da família. Para além de outros conflitos que despontam desta mesma rede para com os elementos da família monoparental. Souza (2020) alerta para este aspeto, parafraseando Amazonas (2003) menciona que:

[...] a rede primária de solidariedade e de apoio constituída pela família e vizinhança nem sempre pode ser entendida como harmoniosa e consensual entre seus membros. Há conflitos, violência e interferência de um núcleo familiar no outro, ocasionando certa “atrofia” do núcleo que temporariamente necessita do outro, além do que as crianças passam a ser vistas como “filho de todo mundo”, o que dificulta a educação e imposição de limites, uma vez que cada membro que ajuda se vê no direito de opinar na educação das crianças (Amazonas, 2003 apud Souza, 2020, p. 89822).

Nomeadamente, dentro da rede informal constituída exclusivamente por familiares, os conflitos são frequentes e geram desconforto, ou seja, “[a]s tensões, no interior da família, são, frequentemente, silenciadas, ou expressas através de não-ditos, gerando mal-estar. Outras vezes, são assumidas com veemência, gerando incompatibilidades e rupturas nos relacionamentos (Portugal, 2011, p. 51)”.

Outro ponto essencial a ser focado nas redes informais, é que todas as ajudas prestadas, pressupõem sempre uma retribuição ou recompensa (Portugal, 1995). As redes de cada um também se caracterizam pela homogeneidade (Portugal 2007) de perfis de quem compõe a sua rede, pois as pessoas tendem a relacionar-se com pessoas com características semelhantes a si.

Na atualidade, as redes estendem-se para o espaço virtual, sendo as redes sociais utilizadas como ferramentas para mães *solo* se apoiarem mutuamente. Estas redes virtuais aproximam pessoas com perfis semelhantes em termos de características e experiências de vida, havendo entre si uma troca de apoio.

Com a criação dos espaços na internet e, principalmente, a intensificação dos espaços de interação através de grupos virtuais, as mães encontram um instrumento integrante na construção da maternidade, compartilham ideias, dúvidas, sentimentos, frustrações e encontram na rede social uma rede de apoio no tocante à maternidade (Silva, 2020, p. 61).

Sumariamente,

Mais uma vez, nem todas as famílias se encontram nas mesmas condições materiais e culturais tanto para fruírem vantajosamente dos serviços, como para negociarem com estes padrões e avaliações. E vice-versa cada família realiza combinações diferentes de uso dos serviços, de trabalho familiar, de ajudas da rede parental, segundo os próprios meios, mas também conforme as próprias culturas: num processo que se assemelha mais aquele que foi definido segundo a construção de um patchwork [Balbo 1982, também Karmerman 1981 apud Saraceno, 1997, pp. 216-217] de recursos, que a uma rígida adaptação a um modelo e a um tipo de uso únicos. O que implica certamente maior trabalho para as famílias e sobretudo para as mulheres. Mas implica também uma capacidade de leitura da realidade, de escolha, de intermediação, que são típicas precisamente de sociedades articuladas como as contemporâneas (Saraceno, 1997, p. 217).

2.5. Apoios Sociais direcionados para Famílias Monoparentais

Em contexto português, verifica-se a escassez de apoios sociais especificamente direcionados para as famílias monoparentais. Consultado o portal da Segurança Social, verifica-se que, podem beneficiar de certo tipo de apoios, como o abono de família e a bolsa de estudos. No que respeita ao abono de família, para os agregados familiares monoparentais, o valor monetário é acrescido. Todavia, existem vários tipos de agregados monoparentais, como se tem vindo a frisar, sendo diferente ser mãe sozinha, mas ter algum apoio por parte do progenitor da criança ou ser “mãe solteira” sem qualquer tipo de apoio por parte do pai biológico da criança. Tal como é diferente ser “mãe solteira” com apoio por parte da rede familiar ou ser mãe solteira sem qualquer tipo de apoio. Marinho (2014b) enuncia, que as:

[...] várias dimensões que modelam a diversidade de situações em que é vivida a monoparentalidade: a repartição por sexo; os perfis etários das mães, dos pais e dos filhos mais novos; o número de filhos menores de 18 anos nos núcleos; e o estado civil, os níveis de escolaridade e a condição perante o trabalho das mães e dos pais sós (p. 6).

Contudo, o apoio estatal parece esquecer esta diversidade e não tem em conta as diversas situações dos agregados familiares monoparentais. Ainda assim, o abono de família é uma política pública muito importante para atenuar as desigualdades sociais existentes entre famílias, nomeadamente, entre as crianças. “Em França em 1976 foi aprovado o “abono de pai só”, por forma a reduzir as desigualdades sociais (Sandrel, 1978).”

As mães solteiras assim como outros tipos de agregados familiares, podem, segundo consta no Portal da Segurança Social, usufruir de certos serviços, como: Intervenção precoce na infância, Ama, Creche familiar, Creche, Estabelecimento de Educação pré-escolar, Centro de atividades de tempos livres e Centro de férias e lazer. Contudo, é preciso ter em conta que estes serviços são pagos com base no rendimento familiar e, o acesso a estes serviços está dependente da zona onde a família reside e da capacidade destes estabelecimentos para receberem a criança ou jovem. Logo, se a família não residir nas proximidades dos estabelecimentos que prestam estes serviços torna-se difícil ou quase impossível a usufruir deles, assim como, se a capacidade de receber crianças e jovens já tiver sido ultrapassado (Portal da Segurança Social).

Também o Rendimento Social de Inserção (RSI) permite que estas famílias monoparentais possam viver com relativa dignidade em períodos de crise. Guadalupe, Tavares & Monteiro (2015) observaram que a maioria das famílias monoparentais recebia este apoio formal. Dentro destas famílias, também bastantes recorreram ao Fundo de Garantia de Alimentos Devidos a Menores. Este apoio visa substituir a suposta pensão de alimentos que o pai ou a mãe não conseguem pagar aos seus filhos por falta de rendimentos.

O RSI é uma das principais medidas que visa combater a pobreza e a exclusão social em Portugal (Rios, 2020). No entanto, nem sempre este apoio do estado cumpre a função para o qual foi destinado, isto significa que:

O Rendimento Social de Inserção por si só não anula as situações de pobreza infantil, nem o estigma e exclusão social a estas associados. Pelo contrário, por vezes aumenta o risco de estigma e exclusão dos quais estas famílias são vítimas (Rios, 2020, p. 88).

No que respeita ao desemprego, se as mães e pais sozinhos se encontrarem nesta situação, têm direito ao subsídio de desemprego nas mesmas circunstâncias que os restantes cidadãos em idade ativa, tendo direito a uma majoração no montante recebido. Poder-se-á interrogar, como é que as mães e pais sozinhos sem qualquer tipo de ajuda financeira por parte de terceiros, conseguem viver dignamente juntamente com os seus filhos, somente com um rendimento de

cerca de 450 a 500€ (Portal da Segurança Social) mensais? Mesmo que este capital económico seja acrescido com o valor do abono da criança, estes progenitores sós desempregados, terão de sobreviver juntamente com o seu filho com cerca de 700 a 800 euros mensais. No momento presente, em que as despesas diárias dispararam, dispor apenas de 700 ou 800€ por mês, coloca os agentes numa situação quase de luta diária pela sobrevivência.

No Brasil, Castro & Almeida (2021), denunciam que existe uma invisibilidade jurídica no que respeita as famílias monoparentais. Esta invisibilidade fez-se sentir com mais força com o despontar da pandemia. Esta configuração de família necessita uma maior proteção a nível de legislação. Sendo visível que:

[...] a progressiva extensão de reconhecimento de direitos individuais, e relativamente a diferentes dimensões da experiência – desde o trabalho, à saúde, à garantia de rendimentos na velhice, ao tempo livre, etc. – favoreceu particularmente os membros mais fracos da sociedade e da família: as crianças, os idosos, as mulheres (Saraceno, 1997, p. 203).

Mais recentemente algumas estudiosas indicaram que o estado social, através do sistema de serviços e das transferências monetárias (por exemplo, medidas como subsídios de nascimento, mas também de mínimo vital, de pensão social, etc.) forneceu pelo menos parcialmente às mulheres aquelas garantias de sobrevivência e de participação nos direitos de cidadania a que homens acedem mais facilmente, embora não exclusivamente, através da participação em posição mais forte no mercado de trabalho (por exemplo, Piven Ehrenreich 1984, Sidel 1986, Kamerman 1988, Saraceno 1988 apud Saraceno, 1997, p. 203).

Todavia, mesmo com a implantação de certas medidas que protegem os mais vulneráveis, estas ainda não são suficientes para garantirem a sua efetiva integração na sociedade. Desta forma, o Estado Social moderno é uma estância que assume uma enorme responsabilidade, no que respeita ao estreitamento das desigualdades sociais entre os sujeitos, ou seja,

Como observamos ao falar da família como unidade de rendimentos, os recursos redistribuídos por via pública, pelo estado, são decisores para a qualidade de vida, para uma satisfação adequada das necessidades, tal como são socialmente definidas e entendidas. Por isso, a maneira como eles são concretamente distribuídos torna-se um elemento crucial nos processos de produção e reprodução das desigualdades, já não deixadas unicamente às vicissitudes dos mecanismos distributivos (ocupação, salários) (Saraceno, 1997, p. 212)."

O Estado moderno também assume responsabilidade acrescida no que respeita à proteção dos mais vulneráveis. Embora, estando perante um paradoxo, dado que:

O direito das famílias contemporâneo vive momento pendular ao transitar por dois valores constitucionais de igual patamar hierárquico. Se, por um lado, deve-se assegurar a liberdade nas escolhas existenciais que propiciem o desenvolvimento pleno da personalidade de cada pessoa integrante da família, por outro, a tutela das vulnerabilidades é imprescindível para que as relações familiares se desenvolvam em ambiente de igualdade de direitos e deveres, harmónico e de proteção contra qualquer forma de violência. Dessa forma, o princípio da dignidade e da solidariedade familiar ampara o dever de cuidado como instrumento necessário para a tutela das vulnerabilidades no cenário democrático das famílias, em que se torna legítima a interferência do Estado para coibir os abusos e as violências intrafamiliares e promover a proteção dos arranjos mais vulneráveis (Costa & Almeida, 2021, p. 87).

A Constituição da República Portuguesa (2005) no Artigo 67º referente à família no ponto 1 estipula que: “[a] família, como elemento fundamental da sociedade, tem direito à proteção da sociedade e do Estado e à efetivação de todas as condições que permitam a realização pessoal dos seus membros (p. 52)”.

A literatura também deixa claro que o Estado não pode intrometer-se na vida privada das famílias de forma abusiva. Ora veja-se,

[...] não há legitimidade do Estado para interferir nas formações familiares e na realização pessoal de seus núcleos, pois os princípios fundamentais garantem aos indivíduos a busca pela felicidade de forma ampla, seja qual for a forma de união entre as pessoas. Assim entendem Cristiano Chaves de Farias e Nelson Rosenvald: “O Estado somente deve interferir nas entidades familiares para efetivar a promoção dos direitos e garantias (especialmente os fundamentais) dos seus componentes, assegurando a dignidade” (Farias e Rosenvald, 2016, p. 47 apud Diniz & Silva, 2021, p. 14)

São vários os autores que consciencializaram que os Estados de uma forma geral, têm vindo a falhar nestas suas responsabilidades, ficando aquém das expectativas dos cidadãos. Melhor dizendo,

As políticas sociais apresentam-se incapazes e ineficazes para atender a demanda populacional de miseráveis e excluídos, tornando-se, desse modo, focalista, residual e seletista, ou seja, são orientadas por uma perspectiva de se atender somente a pobreza absoluta, limitando-se a ações minimalistas, pontuais e descontínuas, que excluem cidadãos que por direito deveriam ter acesso a recursos e benefícios (Álvares, 2003, p. 54).

Outro aspeto que é preciso ter em conta, é que nem sempre as pessoas conhecem os seus direitos ou mesmo conhecendo estes, por vezes, sentem dificuldades em os alcançarem. Estas dificuldades prendem-se com processos na maioria das vezes demorosos e altamente burocratizados, principalmente para pessoas menos qualificadas é ainda mais difícil usufruir dos seus direitos. De outro modo:

Hespanha et al. (2002, p.42) haviam já sublinhado essa característica num estudo com população em exclusão social, assinalando que “a população desconhece os seus direitos sociais, ignora os serviços existentes [...] e tem uma profunda dificuldade em lidar com os processos de acessos aos benefícios e serviços sociais que lhes são destinados (apud Guadalupe, Tavares & Monteiro, 2015, p. 56)”.

Aquando da falta deste suporte de apoio formal por parte do Estado, são as redes informais que compensam esta mesma ausência. Para as famílias monoparentais um problema complexo instala-se quando estas redes são mais restritas, posto que: “[u]ma rede informal de recursos escassos também não garante uma ação compensatória em face à insuficiência de apoio por parte das políticas públicas, cada vez mais seletivas e restritivas na proteção oferecida (Guadalupe, Tavares & Monteiro, p. 59)”.

Assim sendo, as políticas públicas precisam ser atualizadas, por forma a responderem às necessidades de todas as famílias contemporâneas. De acordo com Mathis, Braga & Amaro (2020, p. 7),

Como observa Zola (2015), em determinados países da Europa, como Portugal, observa-se uma dificuldade da mulher conciliar formação e trabalho profissional com os trabalhos domésticos e a organização familiar, muito em função da ausência e/ou limitações das políticas sociais voltadas ao apoio familiar existentes. De acordo com as autoras, a família ainda é percebida pelas políticas sociais a partir de uma visão funcionalista e harmônica onde as funções atribuídas aos membros da família, como homem e mulher, guardam uma visão tradicional de família nuclear que diverge de todo o processo de individualização e autonomia próprio do desenvolvimento da modernidade.

Esta ausência de políticas públicas fortes pode-se explicar na medida em que as instituições funcionam como um travão à mudança na sociedade, demorando estas, a adaptar-se a novas formas de estilos de vida e de pensamento. Assim como, as próprias mentalidades também demoram o seu tempo a mudar.

Capítulo III – Filhos Socializados em Contextos de Monoparentalidade

Os descendentes de agregados familiares monoparentais têm sido invisibilizados, sendo as suas vozes silenciadas. A maior parte dos estudos sobre esta configuração familiar tem dado voz aos progenitores em detrimento dos seus filhos. Sobre os filhos existe uma visão sempre revelada pelos seus pais e não uma visão sua, sobre si mesmos e, as suas trajetórias de vida. Este aspeto limita a compreensão da realidade, pois “[n]unca será de mais insistir nos erros que nascem de uma visão exclusivamente adulta dos problemas das crianças (Bernachon, s/d, p. 20).”

Embora reduzidas, algumas investigações focam as crianças socializadas nestes contextos. Todavia, enquanto adultas, são escassas as investigações que dão voz a jovens adultos socializados em contextos de monoparentalidade. Por vezes, envereda-se pelo erro de pensar que são somente os progenitores sós, que detêm trajetórias de vida desafiantes, tendendo a sociedade a esquecer-se que os seus filhos também detêm igualmente trajetórias de vida complexas e desafiantes.

Posto isto, pouco ainda se sabe sobre filhos socializados em contextos de monoparentalidade, sendo as suas perspetivas também desconhecidas, visto que estes não têm sido prioridade nas investigações sobre o tema. Neste capítulo serão descritos os perfis de herdeiros pertencentes a agregados familiares monoparentais, destacar-se-ão as características da geração y e explorar-se-á o universo de filhos de mães e pais sozinhos.

3.1. Perfis de Descendentes de Agregados Familiares Monoparentais

Durante muito tempo e em muitos contextos, os filhos socializados em situação de monoparentalidade foram apelidados de ilegítimos. O termo, ilegítimos, significa que “[...] a traço grosso, podemos classificá-los como os nascimentos que resultam de contactos sexuais estabelecidos fora da instituição jurídica do casamento (Neves, 2001, p. 121).” Fora desta designação ficavam os filhos de mães e pais viúvos. A este rótulo de ilegítimos eram atrelados outros termos consoante o estado civil dos seus progenitores, entre outras características destes, ora leia-se:

Do ponto de vista jurídico, os ilegítimos assumem condições distintas, conforme as circunstâncias de nascimento: naturais (filhos de pai e mãe livres para contraírem matrimónio entre si) e espúrios, que podem ser conforme os casos, adulterinos, incestuosos ou sacrílegos (filhos de alguém que vez votos de castidade) (Neves, 2001, p. 121).

A todos aqueles que nasciam fora do casamento eram associados rótulos que os inferiorizavam, bem como às suas respetivas mães, como menciona Neves (2001, p. 122):

Em Portugal empregam-se diversos termos para identificar aqueles que nascem fora de um casamento. A maior parte das designações conhecidas têm conotações pejorativas: adulterino, bastardo, bastardinho, espúrio, fornezinho, (porque gerado de fornício ou torpe de ajuntamento), filho de gança (aquela que só com o fim da ganância, e por dinheiro, ou coisa equivalente, se prostituía a quantos a procuravam), filho das ervas (aquele cujo pai se ignora por sua mãe tratar desonestamente com outros), ganhadiço, apanhadiço, ilegítimo, natural.

Tais designações remetem a atenção para uma questão que, do nosso ponto de vista, é fundamental para a compreensão do fenómeno da ilegitimidade: a condição da mulher na velha sociedade europeia, na sequência do que escreve François Lebrun quando refere que muito mais do que uma rutura consciente com os quadros religiosos e culturais estabelecidos, a ilegitimidade aparece como a ilustração da inferioridade da condição feminina (Lebrun, 1983: 99).

Nos nossos dias, a Constituição da República Portuguesa (2005) no Artigo 36º referente à família, casamentos e filiação no ponto 4, estipula que: “[o]s filhos nascidos fora do casamento não podem, por esse motivo, ser objeto de qualquer discriminação e a lei ou as repartições oficiais não podem usar designações discriminatórias relativas à filiação (p. 35)”. Todavia, esta discriminação continua a perdurar de uma forma informal no dia a dia destes filhos.

Alguns estudos, nomeadamente da área da psicologia, realizados com crianças que vivem no seio de famílias monoparentais, apontam alguns problemas que estas mesmas crianças apresentam. Desta maneira:

Em 1954 Stolz e col. fazem também um estudo em crianças que tiveram o pai ausente na Grande Guerra, comparando-as com um grupo controlo (17 em cada). Aplicou testes projetivos. Concluiu que os filhos de pai ausente tinham mais dificuldade em estabelecer contacto com os companheiros, isolavam-se, eram desconfiados e tinham dificuldades em exprimir agressividade quando atacados. Eram mais passivos e dependentes dos adultos (apud Malpique, 1990, p. 114).

Em situação diferente estão os filhos com o pai presente, sendo que: “[a] literatura mostra-nos que a participação efetiva do pai na vida de um filho promove segurança, autoconfiança, autonomia e equilíbrio emocional (Rodrigues, Simões & Almeida, 2021, p. 2).”

O problema destes estudos é que por vezes levam à generalização e a uma maior estigmatização destas crianças. Todavia, como já foi referido no capítulo anterior, a literatura também ilustra que os filhos socializados em contextos de monoparentalidade tendem a adquirir uma autonomia precoce, podendo isto levar a outros problemas para estes. Por conseguinte:

Nessa dinâmica de colaboração da rede de solidariedade, os filhos podem constituir tanto uma condição de risco quanto de proteção. Como fator de proteção, as crianças e os adolescentes participam muitas vezes no auxílio ao trabalho informal e contribuem para minimizar os agravos financeiros, assim como partilham dos serviços domésticos e da colaboração no cuidado dos irmãos menores. Enquanto fator de risco, os filhos se inserem no trabalho precocemente, para auxiliar nas necessidades financeiras do lar e, conseqüentemente, vivenciam prejuízos escolares ou até mesmo abandonam os estudos. Esse fator favorece a perpetuação da condição de pobreza e vulnerabilidade (Costa & Marra, 2013, p. 150).

Diante desse cenário monoparental feminino, em que há a colaboração dos filhos na rotina do lar, as relações afetivas entre mães e filhos podem se expressar por meio da troca contínua, respeitosa e afetiva (BRITO, 2008). Contudo, os mesmos fatores de colaboração dos filhos, aliados à ausência paterna, material e afetiva, podem constituir uma relação, aglutinada entre mães e filhos, de dependência afetiva, impedindo uma educação emancipatória. Ou seja, fortalecem-se tanto entre si, que a possibilidade de inserção de outro membro na família, seja um

possível companheiro da mãe seja dos filhos, torna-se inaceitável (Costa & Marra, 2013, pp. 150-151).

O peso da maternagem associado ao pequeno preparo das mulheres de baixa renda para o enfrentamento das atividades no espaço público, desencadeia um processo crescente de empobrecimento das famílias chefiadas por mulheres, como já tratado em outros momentos por Silva (2007a e 2007b). Segundo a autora, a falta do cônjuge para suprir as necessidades econômicas ativam processos em cadeia. Um destes processos é que com a diminuição do rendimento familiar, os filhos são obrigados, nos termos de uma escolha constrangida, a buscar contribuir com as despesas do lar. Isso acaba por abortar suas possibilidades de estudo e ascensão social, criando um ciclo de reprodução ampliada da pobreza urbana, quando se considera uma nova geração (Przbyśz & Silva, 2010, p. 34).

Esta autonomia precoce leva também a problemas de outra ordem, que se prendem com:

Weissmann (2008), que realizou atendimentos clínicos psicanalíticos com quatro famílias monoparentais femininas, entende que esse tipo de organização pode, no entanto, trazer danos psíquicos para os integrantes do núcleo familiar. Isso porque, em meio a essa dinâmica em que os filhos adolescentes são convocados a agirem de modo adulto para anular a ausência de um dos genitores, parece emergir uma dinâmica de indiferenciação entre as gerações, de modo que mãe e filho, integrantes de duas gerações distintas, acabam se apresentando como se estivessem todos num mesmo nível (apud Tachibana & Rezende, 2020, p. 101).

Igualmente, Correia (2010) foca no seu estudo esta mesma autonomia dos filhos provenientes de famílias monoparentais masculinas, indicando que:

É entre os 10 e os 12 anos que os pais começam por permitir alguns gestos de autonomia à criança, entre os quais ficar com a chave de casa, ir e vir da escola sozinha, ou aprender a andar de transportes públicos. A autonomia controlada acontece não só porque o pai sente que a criança/jovem precisa de assumir uma atitude mais pró-activa, como também porque o próprio jovem manifesta o desejo de maior independência (p. 139).

Apesar de, por um lado, os pais impulsionarem esta autonomia desde cedo, por outro, esta também lhes gera alguma preocupação. Para aqueles que dispõem de poucas ajudas, as crianças cuidam uma das outras no dia-a-dia e, especialmente nos momentos delicados como a doença. Quem assume primordialmente estes cuidados são os irmãos mais velhos (Correia, 2010). Desse modo, pode-se depreender que as experiências de monoparentalidade no âmago das fratrias de irmãos são distintas. Este estudo conduzido por Correia (2010) também revela que por vezes os irmãos mais velhos, especialmente as raparigas, acabam por desistir da escola para tomarem conta dos irmãos mais novos e do lar. À vista disto, estes filhos acabam por se colocar no papel do progenitor ausente (Almeida, 2014). Um estudo realizado em Moçambique por Agy (2020) revela que neste país quando os filhos de mães sóas atingem a idade adulta, passam a ser responsáveis pelo sustento da mãe.

Para as famílias monoparentais que passam por eventos como a perda de um dos progenitores, as situações parecem ser ainda mais delicadas para as crianças. Esta perda pode ser efetiva aquando do falecimento ou perda no sentido da rutura do casal, que culmina no afastamento de um dos progenitores, continuando a ser mais comum ser o pai a afastar-se da criança. Assim sendo:

[...] o principal sentimento que a criança experimenta é um sentimento de PERDA, perda da unidade familiar, perda da presença de um dos progenitores, perda de alguma segurança e a esperança que tudo volte ao «normal» entre os pais, podendo levar a alguma hostilidade para com o progenitor com quem ficam, do que em relação ao que parte (Correia, 2002, p. 242).

Almeida (2014) realizou uma investigação, da qual conclui que os descendentes de famílias nucleares, tendencialmente apresentavam um autoconceito mais elevado do que os descendentes de outras tipologias de famílias.

As identidades atuais dos descendentes de famílias monoparentais são moldadas em parte pelo seu passado, nomeadamente, pela sua infância. Esta etapa da vida é crucial para a construção das identidades e marca para sempre o trajeto de vida de cada pessoa. À vista disto,

A criança é especialmente vulnerável aos problemas sociais e ameaças associadas à pobreza. Essa vulnerabilidade decorre, desde logo, da sua dupla dependência – física e emocional - em relação aos adultos, mas também por se encontrar num estágio da vida que implica o pleno desenvolvimento físico, cognitivo e social. O impacto dos acontecimentos vivenciados na infância é potencialmente maior do que o que têm os acontecimentos vividos noutros momentos da trajetória de vida, tendo efeitos estruturantes e duradouros no indivíduo. Assim, um conjunto de experiências sociais negativas acumuladas ao longo da infância pode vir a ter influência na posição social ocupada pelos indivíduos (Bastos et al., 2013 apud Rios, 2020, p. 15).

Santos (2018) elaborou uma investigação em que deu voz aos filhos socializados em contextos de monoparentalidade. Os seus resultados equacionam sentimentos de tristeza, revolta, rejeição, frustração, entre outros sentimentos negativos, uma sensação de falta de um pulso firme, aprendizagens realizadas com a experiência de vida em vez de com o progenitor ausente, sentimentos de culpa por rutura do casamento dos pais, sentimentos de orgulho pelo progenitor presente ter conseguido criá-los sozinhos e, sentem preconceito por parte dos mais velhos. No geral, este estudo também aponta que a sua perceção agora adulta sobre terem sido socializados em agregados familiares monoparentais, é mais positiva.

3.2. Descendentes de Famílias Monoparentais pertencentes à Geração Y

O conceito de geração pode-se definir do seguinte modo:

De acordo com Kupperschmidt (2000), uma geração pode ser entendida como um grupo identificável que compartilha os mesmos anos de nascimento e, conseqüentemente, viveu os mesmos acontecimentos sociais significativos em etapas cruciais do desenvolvimento (Comazzetto, Vasconcellos, Perrone & Gonçalves, 2016, p. 146).

Outros autores pensaram o termo de outras formas e, inclusivamente, desenvolveram novos termos derivados da palavra geração, para demonstrarem que o mundo real é demasiado complexo e nada em si é linear. Assim sendo,

Forquin (2003) apresenta conceituação de geração na perspectiva histórica e sociológica. As gerações possuem características distintas devido a experiência histórica e cultural vivenciadas pelos indivíduos. Elas são marcadas por um conjunto de pessoas que nasceram em um determinado período que terão semelhanças em suas experiências histórica e cultural, apresentando marcas da era educativa, política e cultural deste período, pelo menos em teoria. As pseudo gerações são marcos de que a teoria pode diferenciar-se da realidade vivida pelos indivíduos (Souza & Gomes, 2022, p. 7897).

Abordando a geração Y, esta é composta pelas pessoas que nasceram depois de 1975 e essencialmente nas décadas de 80 e 90. Contudo, entre os autores não existe um consenso para o ano que marca o início desta geração, nem para o ano que marca o seu final. Vejamos a delimitação de anos que os autores definiram como sendo a geração Y: para Howe & Strauss (2000) o intervalo de tempo é de 1982 até 2000; Lancaster & Stillman (2002) apontam entre

1981 até 1999; Martind & Tulgan (2002) entre 1978 até 2000; segundo Oblinger & Oblinger este intervalo de tempo vai do ano 1981 até 1995; por sua vez Tapscott (1998) define os anos de 1976 até 2000; Zemke *et al.* (2000) de 1980 até 1999; e, Reeves & Oh (2008) definiram o intervalo de 1981 até 2000 (*apud* Torocsik, Szucs & Kehl, 2014).

Esta geração também tem sido apelidada com diferentes nomes, como por exemplo Geração *Millennial*, *Millennials* e Geração Digital, entre outros. Segundo Xavier (2011) os sujeitos pertencentes a esta geração digital usam o computador e o *smartphone* como se fossem seus apêndices do dia-a-dia. Este autor também partilha a ideia de que o letramento digital se tem vindo a naturalizar no quotidiano desta geração.

Esta geração é caracterizada pelos estudiosos da seguinte forma:

Ao estudar a geração Y, torna-se imprescindível assumir a abordagem proposta por Edmunds e Turner (2005): dependendo do país de origem e do referencial teórico, os autores definem o período ao qual pertence a geração Y de maneira distinta, mas sempre o colocam dentro do intervalo que vai de meados dos anos 1970 até o final dos anos 1990. Assim, esta geração se caracteriza por ter crescido em um ambiente digital e vivenciado a ideia de aldeia global de maneira plena em decorrência da revolução da internet (McLuhan, 1962) (apud Rudge, Reis, Nakata & Picchiali, 2017, p. 408).

Tapscott (2009) destaca alguns conceitos essenciais para compreender a geração Y: liberdade, customização, integridade, colaboração, entretenimento, velocidade e inovação. Esses conceitos seriam fruto de uma geração que cresceu na era da internet e reflete as mudanças que a tecnologia está provocando na sociedade, seja da perspectiva pessoal e familiar, seja do mercado de trabalho e consumidor. Em linhas gerais, os jovens dessa geração buscam ambientes verdadeiramente colaborativos, que fomentam a inovação e possuem uma estrutura organizacional dinâmica que garanta fluidez na tomada de decisão (apud Rudge, Reis, Nakata & Picchiali, 2017, p. 408).

Em síntese,

De acordo com Cordeiro e Albuquerque (2013): as expectativas exclusivas da geração Y relacionam-se a desafios e dinamismo, prazer no trabalho, flexibilidade, qualidade de vida, reconhecimento e feedback, bom relacionamento com as pessoas, bom ambiente e o interesse em trabalhar em uma organização socialmente responsável (apud Rudge, Reis, Nakata & Picchiali, 2017, p. 409).

Todavia, é preciso ter noção que nem todos os nascidos no período desta geração apresentam estas características. Desde logo, isto acontece devido às desigualdades sociais, que levam a que alguns não tenham acesso às novas tecnologias. A forma como a geração Y é descrita adequa-se mais, desde logo, para os que nasceram em países ditos desenvolvidos e, posteriormente, para os que habitam em meios urbanos, com maior volume de capital económico. Portanto, esta descrição revela predominantemente os estilos de vida das pessoas da geração Y, cuja origem social provém das classes sociais privilegiadas e em contexto urbano. Esta questão da desigualdade entre pessoas da mesma geração também opera ao nível do mercado de trabalho. Neste sentido,

Insistir sobre uma geração 'Y' individualista e insubmissa à autoridade, colocando todos os jovens no 'mesmo saco', é também esquecer a desigualdade dos jovens face ao emprego. Mais precisamente, todas as pesquisas sobre a geração 'Y' na França e no mundo, resultando na grande maioria dos casos da literatura gestionária e comercial, geralmente tratam apenas de jovens das classes privilegiadas. Por exemplo, a caracterização de 'nativos digitais' evoca uma geração que sempre cresceu no mundo da informática de consumo. Ora, basta observar as classes

desfavorecidas de França e da América Latina - apenas para citar algumas - para lembrar que o facto de dispor de um terminal informático está longe de ser característico de uma geração inteira. Por outras palavras, com essa ideia de 'Geração Y', que incluiria todas as crianças nascidas entre 1979 e 1994, é todo um segmento da juventude que se encontra, portanto, invisibilizado. Em França, por exemplo, como a socióloga Nathalie Moncel aponta, a geração 'Y' não é nada mais do que 'a encarnação 'dessa nova juventude' de diplomados das escolas de negócios e de engenharia, que representa apenas 6% dos jovens' (apud Duarte, 2018, p. 2).

Deste modo,

[...] a expressão 'Geração Y' constitui-se como uma forma suplementar tomada pelo pensamento emprestado (Dejours, 1998) e pelo imaginário social neoliberal, que, insistimos, tem como principal objetivo opor uma negação à realidade concreta e ao sofrimento das pessoas (Duarte, 2017). Sob a sua aparente inocuidade, a noção de 'Geração Y' parece ser mais uma pedra colocada na parede da negação do real e do sofrimento, que é conhecida por ser a pedra angular de todo o totalitarismo (apud Duarte, 2018, p. 3).

Outro ponto a ter em conta, que é de extrema importância é o facto de, por vezes, quem pertence a esta geração, sente pressão social para partilhar estes valores e estilos de vida, que estão associados à sua geração. Por outras palavras,

A valorização social dos meios tecnológicos de informação e comunicação permitiu a quase banalização da utilização da internet e em especial das redes sociais, facilitada pela «geração Y», cidadãos nascidos entre 1982 e 2000, crente na sua utilização e sem grandes limitações na exposição pessoal e social. Apesar de não o demonstrar, esta geração tem consciência da visibilidade e exposição que a sua relação com a tecnologia propicia, mas vê-a como integrante da sua utilização e aceita-a em troca de respostas, em tempo real, para todas as suas necessidades. Os adolescentes pertencentes à «geração Y» sentem-se «obrigados» a participar nelas para não serem socialmente excluídos, não sentindo concretamente os seus efeitos e consequências (Lee & Cook, 2014 apud Gomes, 2016, p. 30).

Para sublinhar estas desigualdades sociais foi criado o termo pseudo gerações,

[...] que surgem junto com o avanço tecnológico somado a desigualdade de distribuição de renda, acentuando-se após o boom tecnológico que marcou os nativos digitais. A desigualdade de acesso ao aparato tecnológico fez com que membros nascidos em um mesmo período manifestassem características ligadas a tecnologia enquanto outros membros não apresentam essas características devido à falta de acesso a ela (Souza & Gomes, 2022, pp. 7896- 7897).

Para todos aqueles que pertencem à geração Y, mas não tiveram contacto com as tecnologias durante a sua infância e juventude, são agrupados em “a geração dos pseudoimigrantes digitais (Souza & Gomes, 2022, p. 7899)” que:

compreendem pessoas que fazem parte, pelo ano nascimento, da era digital, mas que apresenta características diferenciadas dos demais membros por não terem contato com a tecnologia e o ambiente digital em sua infância e juventude. Pessoas dessa geração podem ter comportamento semelhante aos imigrantes digitais e até apresentar maiores dificuldade dos que esses imigrantes (Souza & Gomes, 2022, pp. 7899-7900).

Esta geração já nasceu numa época em que havia uma maior liberalização dos valores e comportamentos relativos à família, sendo deste modo a primeira geração, cujos elementos que cresceram em famílias monoparentais, já eram reconhecidos como sendo efetivamente uma família, detendo uma maior visibilidade social. É também uma geração com uma percentagem mais elevada de indivíduos, que compõem e/ou compunham uma família monoparental. À luz disto,

Esses jovens nasceram em famílias estruturadas de forma mais flexível, em que ter pais separados deixou de ser exceção. Conviveram frequentemente com uma estrutura familiar diversa, incluindo mães que trabalham fora e irmãos de pais diferentes (Engelmann, 2007 & Oliveira, 2009 apud Drumond, Ituassu, Silva & Lavinias, 2020, p. 3).

3.3. Universo de Filhos de Mães e Pais Sozinhos

Até ao século XX era comum as crianças não terem o pai presente. Neste sentido, alguns estudos publicados, trataram a ausência do pai. Estes estudos provaram que muitas vezes, embora este pai estivesse ausente fisicamente, ele continuava presente no imaginário dos seus filhos e da mãe, ou seja, “[o] pai ausente, mesmo por morte, pode estar presente na memória, no desejo e no agir da mãe que, assim, permite sustentar no imaginário de cada um e da família uma importante força estruturante (Malpique, 1990, p. 98).”

A ausência do pai provoca consequências adversas nas crianças e restantes familiares. Sendo assim:

A ausência do pai real arrasta consigo muitas outras consequências – reação da mulher a essa perda, carências económicas, existência de substitutos paternos, dinâmica familiar no sentido de reencontrar a homeostase, acção da comunidade – cujo efeito sobre a criança pode ser mais penetrante do que a própria ausência do pai (Hetherington, 1972; Illsley e Thompson, 1961; Santrok e Wohlford, 1970; Chilman e Sussman, 1964; Biller, 1970; Crain e Stamm, 1965; Wylie e Delgado, 1959; Pederson, 1966 apud Malpique, 1990, p. 101).

Outras investigações indicam que:

[...] Schabbel (2005) destaca que pesquisas realizadas em outros países apontam, basicamente, para duas percepções que a separação conjugal provoca nos filhos: o medo, consciente ou inconsciente, de que o outro cônjuge também vá embora; e a percepção de que os adultos não são confiáveis e nem honestos. Além disso, é essencial mencionar que tanto o ex-casal quanto seus filhos passam por momentos delicados e difíceis na tentativa de resolver questões práticas da separação, como guarda e visita, além de questões emocionais, como lidar com a interrupção de certas tradições familiares, a perda da convivência diária com um dos pais e a sensação de desamor, rejeição e abandono (apud Denardi & Bottoli, 2017, p. 123).

Por outro lado, “[s]e o valor simbólico que o pai representa for transmitido pela mãe e pela sociedade, a sua ausência real pode ser superada (Malpique, 1990, p. 99).” Estas crianças também tendencialmente colocam outros adultos da sua rede de apoio no lugar dos seus pais, sendo esta uma estratégia para superarem a ausência do pai. As crianças do mesmo género do progenitor ausente, sentem dificuldades acrescidas como asseveram as investigações:

A problemática identificatória presente, frequentemente, nesta tipologia familiar remete-se para a dificuldade sentida pelo filho do mesmo sexo do progenitor ausente em construir a sua identidade, face à inexistência de um modelo concreto de identificação na família (idem, 2002 apud Almeida, 2014, p. 6).

É apontado que “os adolescentes provenientes de famílias monoparentais apresentam um risco maior de desadaptação social e bem-estar comparativamente a adolescentes de outras tipologias familiares (Kellam, Ensminger & Turner (1977) apud Almeida, 2014, p. 6)”

O bem-estar das crianças na sociedade moderna está em primeiro lugar e, em nome deste facto, as famílias monoparentais são pressionadas em nome do bem-estar que proporcionam às suas crianças e jovens. Relativamente a esta questão, Moraes & Vieira (2021) mencionam que:

O bem-estar da criança é algo que deve sempre estar acima de qualquer interesse, seja individual ou coletivo, visto que o menor é considerado uma pessoa vulnerável em todos os seus aspectos. E mesmo que sejam garantidos aos genitores ou ao genitor de forma particularizada os direitos sexuais e reprodutivos através das técnicas de RHA, estes atos devem sempre se pautar no princípio da dignidade humana e, principalmente, no da parentalidade responsável, do melhor interesse e proteção integral da criança e do adolescente, sendo repudiada qualquer prática que venha a atentar contra a existência, a liberdade e a vida digna da pessoa (pp. 315-316).

Neste sentido, as famílias monoparentais são, por vezes, alvo de acusações por parte de terceiros que afirmam, que estas violam de certa forma os direitos das crianças. A este respeito,

Para Schmitz & Renon (2009) a família monoparental existe em pé de igualdade com a típica família tradicional pois consegue “construir um ambiente onde aqueles que nele convivam possam sentir e exercitar sentimentos e valores essenciais à formação de seres humanos conscientes” (p.122) capazes de se relacionar na sociedade onde vivem (apud Antunes, 2016, p. 12).

As mesmas autoras consideram, também, que fazer parte de uma família monoparental, não é restringir à criança o direito de ter uma mãe e um pai conjuntamente mas possibilita, mesmo na ausência de um/a progenitor/a, um ambiente familiar saudável capaz de formar crianças aptas para se relacionarem dentro da sociedade (Antunes, 2016, p. 12).

Inequivocamente, os direitos das crianças coexistem com os direitos dos adultos, cabendo a cada adulto encontrar um equilíbrio e decidir se se coloca a si próprio em primeiro lugar ou à criança, em relação a determinados assuntos. Para além disso:

A preocupação com o bem-estar infantil tem sido utilizada para impossibilitar a utilização das técnicas de reprodução humana pelas mulheres solteiras. No entanto, tem-se, na verdade, é o medo da —[...] “perda do espaço da família nuclear heterossexual monogâmica” (Moraes & Vieira, 2021, pp. 329-330 apud Souza, 2021, p. 77).

No que respeita a vínculos afetivos, de entre os autores que se debruçaram sobre esta temática, Gomes (2016) destaca que os filhos de mães e pais sós, criam vínculos afetivos mais fortes ou relações estreitas com os progenitores presentes, comparativamente a outras configurações familiares.

Para aqueles que fazem parte de uma família monoparental devido ao divórcio ou separação, por vezes as crianças ficam colocadas no centro da disputa conjugal. Quando os pais não pensam no bem-estar dos seus filhos em momentos de crise como o divórcio, isto provoca consequências adversas nas crianças e adolescentes. Seguindo esta linha de pensamento,

De acordo com Boamorte (2014) na maioria das vezes, o casal encontra dificuldades em colocar o filho em primeiro lugar após uma separação. Isto se deve a diversas razões, como o sofrimento do término da conjugalidade, as disputas judiciais, dentre outras. Em alguns casos nem sempre um casal se dissolve com o consentimento dos dois e quando um sai magoado da relação muito pior é para o filho, onde a parentalidade é prejudicada em detrimento do conflito conjugal. Quando o casal possui conflitos e não entra em um acordo, acaba recorrendo ao poder judiciário para resolver estes, com isso, os filhos se veem no meio de uma batalha judicial entre pai e mãe, onde a conjugalidade se confunde com a parentalidade (Denardi & Bottoli, 2017, p. 124).

No entanto, vários estudos apontam para que as crianças pequenas, entre os 4 e os 9 anos, de famílias monoparentais, que sofreram o afastamento de um dos progenitores, estão em maior risco de terem problemas de adaptação do que as crianças da mesma idade de famílias com os dois progenitores biológicos. Estas crianças parecem ser mais hiperactivas e ter mais problemas

com as outras crianças da mesma idade, podendo também apresentar dificuldades emocionais e um comportamento menos amável e afável, sobretudo os rapazes (Correia, 2002, p. 242).

Estudos abrangendo este grupo de jovens, revela que os adolescentes de famílias monoparentais têm mais problemas emocionais do que os adolescentes de famílias nucleares, apresentando menos autoestima, mais sintomas de ansiedade e de solidão, mais humor depressivo e ainda a existência de pensamentos de suicídio (Correia, 2002, p. 243).

A investigação também enfatiza que crianças que estão em famílias monoparentais tendem a ter maiores probabilidades de não deterem sucesso escolar. “Uma pesquisa realizada pelo Instituto Glia revelou que de um total de mais de cinco mil crianças com pais separados, 46% destas apresentavam baixo rendimento escolar (*apud* Alvarenga, 2010).” Outras pesquisas debruçaram-se sobre os comportamentos que crianças sem o pai podem apresentar no âmbito escolar, revelando que:

*Dentro da mesma perspectiva de pesquisa, Muza (1998) revisou os efeitos da ausência paterna no desenvolvimento cognitivo infantil. Concluiu que: em famílias sem a presença do pai ou nas quais os pais apresentavam pouca interação com seus filhos, havia maior associação com desempenho fraco em testes cognitivos das crianças. Com a ausência da figura paterna, têm duas vezes mais probabilidade de repetir o ano escolar, as crianças que apresentam comportamentos violentos nas escolas, têm mais chances de não conviver na companhia do pai (*apud*, Rodrigues, Simões & Almeida, 2021, p. 13).*

Também o estigma social faz parte do quotidiano destas crianças e adolescentes, uma vez que, “[...] convivem diariamente sem a presença contínua do outro genitor (não guardião) e acabam por sofrer, muitas vezes, com a discriminação social fruto de preconceitos que dizem respeito a este modelo de família (Denardi & Bottoli, p. 126).” Este estigma acaba por ser mais instigado se estas famílias receberem apoios do estado como o RSI. Por outras palavras,

Para além de partilharem a vulnerabilidade social em diferentes domínios da vida, estas famílias e beneficiários partilham, igualmente, o estigma associado a ser dependente de um apoio do estado. Este estigma tem um impacto negativo sobre os adultos mas, também e particularmente, sobre as crianças e jovens (Rios, 2020, p. 1).

Como se tem vindo a frisar, a monoparentalidade, pode ser vivida de múltiplas formas. No que respeita à guarda compartilhada, os pais podem entre eles efetuar diversos acordos, ora veja-se:

A colaboração nas famílias de residência única é classificada de “parentalidade paralela”, termo que exprime a ausência de colaboração coparental, na medida em que os progenitores mantêm com a criança relações separadas e segregadas e têm um acordo tácito de não interferir na vida do outro. As famílias em que o pai não tem contactos com a criança são denominadas de “parentalidade só” (Marinho, 2010, p. 338).

Portanto, as crianças que se encontram em regime de guarda compartilhada, podem estar sujeitas as diferentes regras na casa de cada progenitor ou iguais formas de estar, dependendo sempre dos acordos mútuos que os adultos fazem entre si. Sendo que as formas de tratar as crianças por parte dos pais e das mães são diferentes (Marinho, 2010).

Na época atual, estas crianças têm um papel importantíssimo no auxílio da construção das “novas masculinidades”, ou seja, “[...] a criança passa a ser, também, um elemento progressivamente apropriado pelos homens na construção de uma masculinidade mais afetiva (Wall, Aboim & Cunha, 2010, p. 463).”

Aqueles que são abandonados por um dos progenitores, sentem-se frustrados por terem sido rejeitados pelos pais. Assim sendo,

Adrados (1966) colabora que as crianças não desejadas, que são rejeitadas antes mesmo do nascimento, assim como as que não são bem aceitas pelos pais, especialmente durante a primeira infância, costumam apresentar problemas. Observou-se através das falas dos participantes, sentimento de ódio e hostilidade de alguns filhos, devido ser rejeitado pelo pai (apud Santos, 2018, p. 55).

Os filhos de mães e pais só, sentem determinados constrangimentos e sentimentos menos positivos em certos dias assinalados, levando esta reflexão a questionar o seguinte:

Boa parte da atual geração de crianças já vivencia novos modelos familiares ... mas as escolas ainda funcionam como se a tradição imperasse. O que sente, então, uma criança filha de mãe solteira ou de um casal homossexual no que antes era uma simples festinha de Dia das Mães ou dos Pais?" (Pereira, 2003: 89 apud Woortmann e Woortmann, 2004, p. 84).

Definitivamente, os descendentes de famílias monoparentais correm o risco de estar envolvidos em inúmeros problemas. Todavia,

Frisa-se que estes possíveis problemas não são oriundos de um arranjo familiar diferente do tradicional, mas sim das pressões, cobranças, apontamentos e julgamentos da sociedade frente aos novos e contemporâneos arranjos familiares. Essa compreensão torna-se importante nesta pesquisa visto que a problemática ainda é recaída sobre os novos arranjos e não sobre a inferência da obrigatoriedade de constituição familiar tradicional aceita socialmente (Santos, 2018, p. 37).

Outras investigações apontam nesta direção, sublinhando que:

Observa-se, analisando os resultados das falas obtidas e categorizadas que as pessoas quando amparadas, as mulheres mães solteiras, bem como seus filhos, conseguem superar dificuldades sociais e emocionais e a mãe consegue então, obter um melhor desenvolvimento na criação de seus filhos, sem que estes filhos não sejam julgados ou rotulados por serem filho de uma mãe solteira (Santos, 2018, p. 69).

Uma percentagem considerável dos super-heróis detêm trajetórias de vida complicadas, pertencendo a famílias monoparentais. Neste sentido, há estudos que apontam que as crianças que vivem nestes agregados familiares deveriam ter contacto com as histórias de vida destas personagens, funcionando estes como figuras inspiradoras e modelos a seguir. Deste modo,

Conforme afirmam Fradkin et al. (2016, p. 139), "o super-herói na fase "pré-capa/prémáscara" está muito vivo e compartilha suas histórias com muitas crianças em situação de risco". Para exemplificar, os autores referem Peter Parker (Homem-Aranha), Superman, Capitão América e Viúva Negra, cada qual deles sendo vítimas de abandono, perdas de entes queridos, bullying, entre outros casos de adversidades na vida desses super-heróis. Em uma indexação das adversidades dos top-20 de super-heróis das HQs, um estudo recente (Fradkin, Weschenfelder, & Yunes, 2016, p. 412) observou que "86% dos personagens super-heróicos, foram órfãos ou abandonados; 49% tiveram pelo menos um dos pais assassinado; 15% foram sequestrados; 29% sofreram bullying e 29% viveram e cresceram com limitações econômicas" (apud Weschenfelder, Yunes & Fradkin, 2020, p. 8).

Este contacto com as trajetórias de vida dos super-heróis é importante para as crianças, que não se encontram dentro dos padrões estabelecidos como normais e desejáveis pela sociedade. Isto porque, as histórias dos super-heróis demonstram que por mais difícil que possa ter sido a

infância e adolescência de uma pessoa, esta pode ser uma pessoa empoderada e ter sucesso no futuro. Costa (2010) expressa que:

Muitas vezes, a origem do super-herói é marcada por alguma tragédia, que o faz tornar o que é hoje. Morte de entes queridos é o mote mais comum. Dessa forma, o trauma impulsiona o personagem a proteger as outras pessoas para que não ocorra o mesmo de novo (p. 51).

Sucintamente, os jovens adultos socializados em contextos de monoparentalidade estão envoltos numa enorme complexidade, desde que ocorre este acontecimento. A ausência de um dos progenitores, coloca-os num lugar desconfortável. Este desconforto intensifica-se se os adultos não conseguirem assegurar o bem-estar destes, algo que não é tarefa fácil, uma vez que estes, também estão a sofrer com o acontecimento. Contudo, tome-se nota que existem diversas experiências de descendentes de famílias monoparentais e, nem todas são reflexo ou se reduzem numa tragédia, como veremos.

Capítulo IV - Metodologia

4.1. Tipo de Estudo, População e Amostra

A fim de alcançar os objetivos traçados foi desenvolvido um estudo qualitativo de casos múltiplos. A metodologia qualitativa é muito utilizada em ciências sociais e especialmente pelos sociólogos. Este tipo de pesquisa “[...] dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (Flick, 2009, p. 37). A opção pela metodologia qualitativa justifica-se também porque não existe uma base de dados onde constem os dados de filhos socializados em contextos de monoparentalidade.

A população é composta por indivíduos adultos, socializados em contextos diversificados de monoparentalidade, isto é, que tenham passado um período de tempo durante a infância e/ou adolescência ou desde sempre com pais a viver a *solo*. Procurou-se que estes descendentes de famílias monoparentais apresentassem distintos perfis. A unidade de análise é composta por indivíduos com idades compreendidas entre os 20 e 43 anos de idade. Escolheu-se esta faixa etária, porque todos aqueles que se encontram nela formam a chamada Geração Y, também apelidada de Geração *Millennial*, *Millennials* e Geração Digital (Howe & Struass, 2002; Lancaster & Stillman, 2002; Martin & Tulgan, 2002; Oblinger & Oblinger, 2005; Tapscott, 1998; Zemke *et al.*, 2000; Reeves & Oh, 2008 *apud* Torocsik, Szucs & Kehl, 2014). Tome-se nota, que os participantes que têm 20 e 21 anos estão situados em anos de nascimento que compõem uma fronteira entre a geração Y e a geração Z, fronteira esta que é líquida, pois não há um consenso entre os autores que determine em que ano termina a geração Y. A geração Y é uma geração onde “é comum ter pais separados, bem como ter irmãos de pais diferentes não é um facto absurdo” (Oliveira, 2010 *apud* Cunha, 2013, p. 34). Esta geração nasceu depois de 1970, mais concretamente nas décadas de 80 e 90 do século XX, o que significa para Portugal o período democrático pós Estado Novo e dele distinto em termos legislativos e de valores. Dias (2015) enumera alguns acontecimentos que marcaram a mudança de paradigma na década de 70 relativamente à família: movimentos feministas, entrada da mulher no mercado de trabalho, aumento das taxas de divórcio, alteração de valores e comportamentos, entre outros. Note-se que em Portugal este paradigma só começou efetivamente a mudar a partir de 1975, com a implementação da democracia. Optou-se por circunscrever a unidade de análise a esta geração justamente para captar experiências de indivíduos que foram socializados em contextos de monoparentalidade e, que já se encontram hoje em idade adulta.

Foi bastante difícil encontrar homens dispostos a participar no estudo, facto que justifica algumas exceções aos limites etários inicialmente estabelecidos. As exceções de idade presentes na amostra são: uma entrevistada e um entrevistado com 20 anos; outro entrevistado com 21 e uma entrevistada com 43 anos de idade. No que respeita ao progenitor presente, também foi mais difícil encontrar pessoas que tenham sido socializadas em contextos de monoparentalidade paternocêntrica. Em todo o caso, estas situações de pai *solo* são também mais escassas do ponto de vista estatístico, como se observou anteriormente.

Para esta investigação foi constituído um estudo de casos múltiplos, construído com o auxílio do acionamento da rede de contactos da mestranda, potenciada posteriormente pelo recrutamento em bola de neve (*snowball*). Como se trata de um estudo qualitativo, não é possível definir à partida o número de participantes a incluir na amostra. Os dados foram recolhidos até se atingir o ponto de saturação, ou seja, quando a mestranda concluiu que as entrevistas já não acrescentavam novas categorias à interpretação de resultados. Atingido este ponto os resultados poderão ser extrapolados, embora teoricamente, para a população. Neste sentido, Guerra (2006), inspirada por Pires (1997), recomendaria que para este estudo se construa uma amostra por contraste-saturação, explicitando que:

A amostra por contraste-saturação, como seu nome indica, pretende atingir rapidamente a saturação e é geralmente aplicada em problemáticas não muito complexas e relativamente restritas. Assim, acumulam-se entrevistas de pequena dimensão (duas horas), bem centradas em apenas alguns tópicos. Por exemplo, em lugar de fazer uma entrevista em profundidade de 10 horas, fazem-se três entrevistas mais curtas. A finalidade teórica é combinar a amostra por contraste e por homogeneização (p. 47).

Deste modo, a amostra foi construída tendo por base o critério da diversidade, ou seja, dentro da designada geração Y, recrutaram-se pessoas com diferentes estatutos socioeconómicos, no que respeita, profissões, origem social, classe social, ponto geográfico de residência, habilitações literárias, vias de colocação em contexto de monoparentalidade, entre outros.

No final obteve-se uma amostra composta no total por 13 participantes, 9 mulheres e 4 homens, com idades compreendidas entre os 20 e os 43 anos de idade. Deste total de entrevistados(as), 9 foram socializados com a mãe, 3 com o pai e uma em regime de guarda compartilhada. As vias pelas quais entraram na monoparentalidade foram: 7 pelo divórcio, 5 pelo falecimento e uma situação em que a mãe sempre foi mãe *solo*. No conjunto dos entrevistados este acontecimento ocorreu entre os 5 e os 18 anos de idade, à exceção de uma entrevistada cuja mãe sempre foi mãe *solo* não casada.

4.2. Técnicas de Recolha, Tratamento, Análise de Dados e Interpretação de Resultados

O instrumento de recolha de dados utilizado foi a entrevista semi-estruturada. Este tipo de entrevista permite recolher dados em profundidade, aspecto em grande medida potenciado pela existência de um guião flexível, no qual podem ser suprimidas e acrescentadas questões durante os vários momentos das entrevistas. As entrevistas semi-estruturadas também permitem que o entrevistado fale livremente (Quivy & Campenhoudt, 1998). Desta forma, aplicando este instrumento de recolha de dados existe uma maior probabilidade de encontrar algo novo. Em síntese,

As entrevistas exploratórias não têm como função verificar hipóteses nem recolher ou analisar dados específicos, mas sim abrir pistas de reflexão, alargar e precisar os horizontes de leitura, tomar consciência das dimensões e dos aspetos de um dado problema, nos quais o investigador não teria decerto pensado espontaneamente. Permitem também nos lançarmos em falsos problemas, produtos inconsistentes dos nossos pressupostos e pré-noções. As divergências de pontos de vista entre os interlocutores são fáceis de detetar. Podem fazer surgir questões

insuspeitadas no início e, portanto, ajudar o investigador a alargar o seu horizonte e a colocar o problema de forma mais correta possível. As divergências e contradições impõem-se-nos como dados objetivos. Não somos nós que as inventamos (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 79).

A etapa da aplicação das entrevistas implica uma fase anterior, que alberga a construção do guião da entrevista semi-estruturada. Este guião foi construído com base num processo prévio de conceptualização e operacionalização. A conceptualização consiste na definição de conceitos e dimensões e, a operacionalização consiste na seleção de dimensões e identificação de indicadores. Estes processos resultam num modelo de análise (cf. Apêndice I). Este modelo de análise foi construído tendo como fio condutor a pergunta de partida, o objetivo geral e os objetivos específicos. Com base nos processos de conceptualização e operacionalização construíram-se as perguntas, que integram o guião de entrevista (cf. Apêndice II). O guião é composto por um pequeno texto inicial em que se contextualiza o estudo a realizar, onde se dá a conhecer os objetivos a atingir com o mesmo, em que se assegura garantir o anonimato, em que se comunicam as instruções de funcionamento da situação da entrevista e se pede autorização para gravar a entrevista. De seguida, o guião apresenta as questões de caracterização que também podem ser apelidadas de quebra-gelo. Estas permitem traçar o perfil do entrevistado e, também deixá-lo mais confortável com a presença do entrevistador. Nas outras dimensões do guião encontram-se as perguntas direcionadas para os objetivos da investigação, terminando este instrumento de recolha de dados com um agradecimento ao entrevistado e um convite a explorar algum outro assunto.

Antes de se utilizar este guião para a realização das entrevistas realizou-se um pré-teste, a fim de confirmar se o guião estava realmente bem construído. O pré-teste permite também detetar possíveis erros ou questões ambíguas. Também é importante ter em atenção o tempo que o entrevistado demora a responder a todas as questões, de modo a detetar se o guião está demasiado extenso e, permitindo assim antever o tempo médio de aplicação das entrevistas. O tempo que a entrevista vai demorar depende em parte da personalidade do entrevistado e se este está ou não confortável no momento da mesma, tendo também o entrevistador o papel de deixar o entrevistado à vontade, para falar tranquilamente sobre os assuntos que lhe são colocados. Como o pré-teste foi bem-sucedido, este integra a amostra, ocupando o lugar da primeira entrevista. Realizar um pré-teste também permite, que o entrevistador perceba se está ou não confortável com o guião de entrevista que construiu. É crucial que o entrevistador antes do momento da entrevista estude o guião da mesma. No momento em si deve adotar uma postura que deixe o entrevistado falar à vontade. Não se deve interromper o raciocínio do entrevistado, nem o entrevistador deve emitir opiniões próprias sobre o assunto. Quivy & Campenhoudt (1998) refletem sobre a importância dos silêncios nas entrevistas, exprimindo que:

[...] não devem temer-se os silêncios. Estes assustam sempre o entrevistador principiante. Algumas pequenas pausas numa entrevista podem permitir ao entrevistado refletir mais calmamente, reunir as suas recordações, e, sobretudo, aperceber-se de que dispõem de uma importante margem de liberdade. Querer freneticamente preencher o mais pequeno silêncio é um reflexo de medo e uma tentação tão frequente como perigosa, pois incita a multiplicar as perguntas e abafar a livre expressão. Ao longo destes silêncios passam-se muitas coisas na cabeça da pessoa que interrogamos. Muitas vezes hesita sem dizer mais. Encoraje-a então com um

sorriso, ou qualquer outra atitude muito recetiva, porque o que ela dirá pode ser fundamental (p.76).

No final da entrevista agradeceu-se a participação de cada entrevistado e foram construídos os respetivos croquis (cf. Apêndice III). Durante o trabalho de campo, de modo complementar, também se realizaram leituras e análises de literatura que incidem sobre a temática que se estava a estudar. Esta literatura foi pesquisada *online* em motores de busca como o google académico, o repositório digital da universidade de Évora, repositório científico de acesso aberto em Portugal, em sites de revistas científicas, entre outros. A pesquisa de bibliografia não foi somente realizada *online*, recorreu-se também a livros impressos, alguns deles disponíveis na biblioteca geral da Universidade de Évora.

As entrevistas tiveram uma duração média de 52 minutos, sendo gravadas em áudio, mediante autorização prévia e, posteriormente realizou-se a sua transcrição *verbatim* integral. Recorreu-se à gravação das entrevistas, porque desta forma é possível dispor da entrevista integralmente, sendo possível aceder a qualquer momento e onde se quiser a toda a informação que o entrevistado nos forneceu. Se tirassem somente notas escritas da entrevista, corria-se o risco de não conseguir reter informação crucial para a investigação. Outro procedimento seguido no momento da entrevista foi dar a possibilidade ao entrevistado de escolher um pseudónimo ou nome fictício, de modo a garantir o anonimato dos participantes e, o outro aspeto foi desenhar o *croqui* do lugar onde ocorreu a entrevista. Dar a oportunidade ao entrevistado para escolher um pseudónimo é também uma forma de envolver mais os participantes na investigação e, de os deixar mais à vontade com o investigador.

Para realizar o tratamento dos dados utilizou-se o *software* de análise qualitativa NVivo (licença da Universidade de Évora). Este programa permite organizar de forma eficiente as várias respostas dadas pelos entrevistados e, auxilia na construção de categorias e subcategorias. Desta forma, tornou-se mais fácil elaborar a análise de conteúdo. A análise de conteúdo teve por base um procedimento misto, permitindo a validação de categorias e subcategorias que já constavam no modelo de análise e outras que emergiram de modo indutivo. Desta forma, os discursos dos entrevistados foram minuciosamente analisados com base no trabalho antes desenvolvido na fase de conceptualização e operacionalização, o que muito facilitou o processo de tratamento e análise dos dados. Os dados foram posteriormente analisados com recurso a uma análise qualitativa de conteúdo realizada com base nos *outputs* fornecidos pelo NVivo.

Em concreto, foi realizada uma análise de tipo categorial. Este tipo de análise foi apresentada por Bardin (2010), como “consistindo no desmembramento e posterior agrupamento ou reagrupamento das unidades de registro do texto (*apud* Sousa & Santos, 2020, p. 1401)”.

Quivy & Campenhoudt (1998) recomendam que a análise de conteúdo de entrevistas seja uma análise da enunciação. Esta

[...] incide sobre o discurso concebido como um processo cuja dinâmica própria é, em si mesma, reveladora. O investigador está então atento a dados como o desenvolvimento geral do discurso, a ordem das suas sequências, as repetições, as quebras do ritmo, ect (p. 229).

No corpo da dissertação, a análise é apresentada recorrendo às palavras dos entrevistados e à literatura, tendo como orientação as questões e os objetivos de investigação. Posteriormente, com base nesta análise de conteúdo elaborou-se a discussão de resultados, a qual foi também complementada com literatura.

Antes de finalizar esta secção, referir que quando se definem os processos metodológicos é muito importante que se tenha em conta o perfil das pessoas que compõem a população alvo, entre outros aspetos, e que técnicas se adequam melhor, de forma, a que a recolha de dados seja o mais eficiente possível. Porém, a única certeza que temos é que todas as metodologias apresentam limitações, tornando-se necessário fazer escolhas e optar pelas mais adequadas, para o tipo de investigação e para as características apresentadas pela população em que a investigação irá incidir. Felson (2010) reforça esta ideia, expressando o seguinte: “[...] todas as metodologias de pesquisa apresentam limitações. O pesquisador deve compreender estes problemas, realizar ações para minimizá-los e escolher a metodologia (ou combinação delas) que melhor responda aos objetivos da pesquisa (*apud* Vasconcellos-Guedes & Guedes, 2007, p. 16).”

4.3. Observações Éticas

Todas as investigações levantam questões éticas particulares. Desde logo, quando se procede a uma investigação que implica a participação através de entrevistas é importante que se garanta o anonimato desses participantes. Neste estudo o anonimato assume ainda mais importância, visto que se trata de um tema bastante sensível e que penetra bastante na vida privada das pessoas. A participação dos entrevistados(as) foi voluntária e foi-lhes dada a possibilidade de não responderem a todas as questões que lhe fossem colocadas, se assim o entendessem. Perante isto, os participantes deram o seu consentimento para que os dados fossem recolhidos. No presente estudo este consentimento foi somente oral, visto que as pessoas que se entrevistaram são maiores de idade e não pertencem a populações ditas vulneráveis. O investigador enquanto sociólogo deve assumir uma postura neutra e objetiva perante a investigação que se está a realizar, colocando de parte juízos de valor e pré-noções. Por outras palavras,

*Da mesma forma que o olho não deve possuir nenhuma cor, a fim de poder registar todas as cores, ou o paladar deve ser sem nenhum gosto específico para que ele possa degustar todos os aromas, da mesma forma, o pensamento deve ser inteiramente receptivo, virgem de todas as imagens, se quer reconhecer a realidade [nascer dentro dela] (Tomás de Aquino, Commentaire du Traité de l'âme d'Aristote. Louvain 1923, p. 543 *apud* Buzzi, 2002, p. 116).*

Para além destas, questões éticas, o Código Deontológico (1992) aponta também outras observações éticas igualmente importantes, a que procuramos aderir, designadamente, a importância de explicitar o contexto e fins da investigação. Como enunciado, “[n]os processos de recolha de informação, os sociólogos devem ter o cuidado de explicitar junto dos informantes a sua identidade profissional, tal como a natureza, objetivos, procedimentos e enquadramentos institucional dos trabalhos que realizam (APS, 1992, p. 9)”.

A nível de problemas e desafios, já se previa que pudesse existir uma certa resistência em as pessoas falarem sobre o assunto da monoparentalidade, pois este é um tema sensível e que

obriga de certa forma a que, as pessoas revelem acontecimentos que ocorrem no seu espaço privado e, que por vezes trazem à memória situações que causam sentimentos de tristeza e desconforto. Não se previa, no entanto, que esta resistência fosse tão acentuada e tão atravessada pelo género. De facto, somente 4 homens demonstraram disponibilidade em dar o seu testemunho, isto depois de diversos esforços de contactos e mobilização da rede pessoal e académica para esse efeito, alegando alguns destes não se sentirem confortáveis para falar no assunto, enquanto outros simplesmente encontraram formas subtis para não participarem no estudo. Fica a percepção que o assunto é efetivamente incómodo mais para os homens do que para as mulheres, provavelmente porque são socializados desde pequenos para não mostrarem sentimentos nem revelarem as situações mais delicadas pelas quais já passaram no seu trajeto de vida.

Outra questão que também gerou desconforto em possíveis participantes foi a questão do abandono. Aqueles ou aquelas que foram abandonados pelos pais também não se sentiram à vontade para falar sobre o assunto. Neste caso, talvez o receio de serem julgados pelo facto de terem sido abandonados por um dos progenitores seja a razão para esta situação.

No contacto com os entrevistados adotou-se sempre uma postura profissional. Na generalidade dos casos este primeiro contacto foi realizado através do *WhatsApp*. Sempre que possível as entrevistas foram realizadas no espaço público, sendo que foram sempre salvaguardadas as questões de privacidade, por exemplo optando por um local menos frequentado. Por forma a facilitar o reconhecimento mútuo foram reveladas de antemão as peças de roupa que iriam fazer parte do *outfit* de cada um no momento da entrevista.

Destacar também que a análise de dados é complementada com excertos das transcrições *verbatim* das entrevistas. Todos os nomes dos entrevistados são fictícios.

Capítulo V – Análise de Dados e Interpretação de Resultados

Id.	Pseudónimo	Sexo	Idade	Local de Socialização Monoparental	Habilitações Literárias	Acontecimento	Idade ao Acontecimento	Progenitor Presente	Habilitações Literárias do Progenitor Presente	Profissão do Progenitor Presente	Duração da Entrevista
1	Pedro	M	29	Lisboa	Licenciado	Divórcio	8	Mãe	12º	Trabalho de Escritório	01:30:00
2	Delfina	F	21	Argentina Cordoba	12º	Divórcio	9	Mãe	12º	Administrativa	00:43:00
3	Mafalda	F	20	Évora	12º	Divórcio	13	Mãe	12º	Administrativa	01:08:00
4	Zé	M	21	Degolados	12º	Falecimento	16	Pai	9º	P.T.	00:33:00
5	Luísa	F	33	Angola	Doutorada	Divórcio	9	Mãe	Medicina	Médica	00:56:00
6	Mariana	F	27	Alenquer	12º	Falecimento	18	Mãe	Educação Básica	Professora	00:46:00
7	Margarida	F	27	Évora	Mestrado	Falecimento	5	Mãe	12º	Cuidadora Informal	00:42:00
8	Paula	F	30	Adão	Licenciada	Divórcio – Guarda Compartilhada	11	Neste momento é o Pai	9º	Assistente Técnico	00:42:00
9	Maria	F	43	Vila Fernando	12º	Falecimento	9	Mãe	6º	Reformada	01:15:00
10	Alexandra	F	27	Guarda	12º	Mãe <i>Solo</i>	0	Mãe	12º	Ajudante da Ação Direta	00:30:00
11	Sónia	F	41	Seixo do Côa	12º	Falecimento	6	Pai	9º	Agricultor	00:15:00
12	Carlos	M	37	Paul	Mestrado Integrado	Divórcio	9	Pai	Licenciado	Reformado	01:03:00
13	Miguel	M	20	Portimão	12º	Divórcio	7	Mãe	Mestrado	Médica Veterinária	01:17:00

Tabela 1: Caracterização dos(as) Entrevistados(as) e dos(as) Progenitores(as) Presentes

Fonte: Elaboração Própria, 2022

Neste capítulo procede-se a uma análise qualitativa de conteúdo, composta por uma caracterização geral dos entrevistados e das entrevistadas que constituem a amostra da presente investigação, assim como, dos seus progenitores presentes. Posteriormente, exploram-se as outras categorias e correspondentes subcategorias que compõem o guião de entrevista, sendo estas: experiência de monoparentalidade, infância, adolescência, transição para a idade adulta, situação presente, práticas e representações.

5.1. Perfis dos(as) Entrevistados(as) e dos(as) Progenitores(as) Presentes

A amostra é composta por 9 mulheres e 4 homens, com idades compreendidas entre os 20 e os 43 anos de idade. A amplitude de idades é de 23 anos e a média é 28,92. Analisando a tabela 1, que contém as características chave dos(as) entrevistados(as) e dos progenitores presentes e, as respetivas biografias dos mesmos (cf. Apêndice IV) traçam-se os seus perfis.

Pedro, Delfina, Mafalda, Luísa, Mariana, Margarida e Miguel foram socializados em contexto maioritariamente urbano. Por sua vez, Paula, Maria, Sónia, Carlos e Zé em contexto rural e a Alexandra transitou entre o contexto rural e urbano.

Em termos de habilitações literárias, verifica-se que os filhos apresentam um grau mais elevado do que os pais ou a mesma escolaridade. Nenhum dos entrevistados tem somente o 9º ano e, daqueles que têm o 12º ano, cinco ainda se encontram a estudar no ensino superior, sendo eles: Delfina, Mafalda, Zé, Mariana e Miguel. Do total dos entrevistados, cinco já têm concluídos os seus cursos no ensino superior. Nesta amostra, as três entrevistadas que ficaram pelo 12º ano são as três provenientes de aldeias, sendo também a Maria e a Sónia mais velhas e os seus progenitores quem apresenta uma escolaridade mais baixa, 6º e 9º ano, respetivamente.

A Luísa, a Margarida e a Paula, que possuem graus académicos de nível de ensino superior, frequentaram cursos orientados para a área social e humana, vindo a confirmar a tendência para as mulheres ingressarem nestas áreas. Também os cursos que estão a frequentar as entrevistadas mais novas são na área das humanidades e do cuidado. Ora veja-se, a Delfina está a frequentar Relações Internacionais, a Mafalda, Sociologia e a Mariana Medicina Veterinária. Já os homens que compõem a amostra estão a frequentar cursos relacionados com as engenharias e matemática. O Pedro é licenciado em engenharia Zootécnica e agora frequenta o curso de Informática, tal como o Zé, que também já fez licenciatura neste mesmo curso e agora frequenta o mestrado. O Miguel está a frequentar o curso de Economia e o Carlos é mestre em Medicina Veterinária.

Aprofundando a escolarização das mães e dos pais presentes, há quatro progenitores que têm um grau de ensino superior, cinco o 12º ano, três o 9º ano e uma o 6º ano. A literatura revela que há uma tendência para as mães e pais só serem pessoas com escolaridade mais baixa, estando esta tendência no século XXI a ser invertida. Neste sentido, aponta Wall (2003) que os progenitores só apresentam atualmente níveis de habilitações literárias mais elevados. Esta amostra vai ao encontro desta tendência.

No que diz respeito às vias de entrada na monoparentalidade, estatisticamente o divórcio no presente é a via mais expressiva, recordando que Giddens (2013) assegurou que cerca de 60% das famílias monoparentais resulta do divórcio. Nesta amostra esta realidade é confirmada com 7 entrevistados cujos pais se divorciaram, seguindo-se o falecimento e somente a mãe da Alexandra sempre foi mãe só. No conjunto apenas três entrevistados, Sónia, Zé e Carlos, foram

socializados com o pai. As mães de Sónia e o Zé faleceram. A literatura sustenta que uma percentagem considerável de pais sós estão nesta condição por causa do falecimento das suas esposas (Marinho, 2014a). O caso do Carlos constituiu uma exceção, mas vai ser explorado mais à frente. Também a Paula tinha o seu pai presente, embora em regime de guarda compartilhada. Se tivermos em conta que os seus pais se divorciaram há cerca de 19 anos e viviam numa aldeia, a Paula parece uma *outsider* dentro da realidade da monoparentalidade.

Direcionando o olhar para a idade ao acontecimento, quem entrou para a experiência da monoparentalidade durante a sua infância foi: Pedro, Delfina, Luísa, Margarida, Maria, Sónia, Carlos e Miguel. Por sua vez, fizeram-no durante a sua adolescência Mafalda, Zé e Mariana. Os *outsiders* neste aspeto são a Alexandra que foi desde o seu nascimento e a Paula cujos pais se divorciaram numa idade entre a mudança da infância para a adolescência. Neste sentido, quem viveu num período mais curto de monoparentalidade foi o Miguel, tendo sido este período entre 2 a 3 anos, seguido do Zé que se encontra nesta condição há cerca de cinco anos e da Mafalda há cerca de sete anos. Neste espaço de tempo a mãe da Mafalda teve um namorado que coabitou consigo e com os filhos, tendo esse relacionamento, entretanto, terminado. Neste momento a mãe tem um novo relacionamento amoroso, mas não coabita com o namorado. Todos os outros entrevistados registaram períodos de vivência em famílias monoparentais ou em agregados familiares monoparentais, como é o caso da Paula, iguais ou superiores a 9 anos.

No que respeita às profissões exercidas pelos(as) entrevistados(as) e as suas experiências de trabalho, destacam-se aqueles que já trabalham a tempo inteiro, que são Luísa, Paula, Maria, Alexandra, Sónia e o Carlos. Outra modalidade são os que trabalham e estudam, sendo estes Pedro, Delfina, Mafalda, Zé e Margarida. O Pedro está num local de trabalho não relacionado com a área da sua primeira licenciatura e exerce um trabalho que não está de acordo com as suas qualificações. A Delfina começou a trabalhar desde cedo e já trabalhou em vários locais, também neste caso sub-qualificados para a suas habilitações. A Mafalda, à semelhança da Delfina, começou a trabalhar assim que teve idade legal para o fazer, tendo vindo a realizar diversos trabalhos temporários, por vezes a recibos verdes. Agora que está a frequentar licenciatura, faz de vez em quando pequenos trabalhos temporários. A Margarida também desde cedo que queria ser independente e tentou ter um emprego, mas a mãe não estava de acordo. Assim que terminou a licenciatura começou a trabalhar na sua área e atualmente trabalha e estuda. O Zé começou a trabalhar enquanto investigador colaborador, logo após ter concluído a sua licenciatura e agora também está a frequentar o mestrado. Por fim, a Mariana e o Miguel neste momento só estudam, tendo em conta que a Mariana nunca trabalhou formalmente e, o Miguel também já esteve em alguns trabalhos temporários.

Quanto às profissões das mães e pais presentes, verifica-se que aqueles 4 progenitores que frequentaram cursos de ensino superior detêm ou detiveram profissões mais valorizadas socialmente, mais bem remuneradas e com melhores condições de trabalho. Nesta amostra os únicos progenitores que estiveram numa posição mais precária foram o pai da Sónia e a mãe da Alexandra, que chegou a ter três empregos em simultâneo. Outra conclusão que se pode retirar é que esta amostra confirma o que já havia sido proferido na literatura sobre as mães e os pais sós estarem fortemente inseridos no mercado de trabalho (Wall, José & Correia, 2002). Para além de todos terem empregos ou terem tido no passado, também todos trabalhavam por conta de outrem.

Claramente, quem se apresentou mais confortável para falar do assunto foram os entrevistados cujos pais se divorciaram, sendo isto comprovado em parte pela duração das entrevistas, tendencialmente mais longas.

Todos os entrevistados, quer tenha sido um período mais longo ou mais curto, viveram numa família monoparental. No presente esta situação varia em função da idade. No que respeita o agregado familiar dos entrevistados, o Pedro e a Delfina moram sozinhos. A Delfina é uma exceção dentro dos mais novos, uma vez que já mora sozinha, mas este fenómeno explica-se porque esta é imigrante. A Mafalda, o Zé, a Mariana, a Margarida e a Paula continuam a morar com os progenitores presentes. Tome-se nota, que todos eles já tiveram ou têm experiências de viver períodos sozinhos, por norma devido aos seus estudos universitários, à exceção da Mafalda. A Luísa mora com a irmã. A Maria é a única que está casada pela igreja, a Alexandra, a Sónia e o Carlos estão em união de facto. Estes quatro são também os únicos que dentro da amostra já são pais. A Maria tem um filho, a Alexandra tem duas filhas, a Sónia tem um filho e o Carlos tem um filho e três enteados, sendo um deles o Miguel, que segundo ele sempre os tratou como se fossem seus filhos. Portanto, do total da amostra no presente, 3 participantes vivem num agregado familiar que dá lugar à família nuclear, o Carlos e o Miguel vivem numa família recomposta, embora inserida numa família alargada, visto que a sua sogra e avó mora com eles na mesma casa, 5 perduram numa família monoparental, 2 numa família unipessoal e a Luísa numa família anaparental. Como se pode observar, esta amostra é composta por uma diversidade de famílias de pertença dos entrevistados.

Focando agora o olhar nos agregados dos progenitores presentes, destacam-se aqueles que vivem sós, sendo estes seis, cinco continuam a habitar com os seus filhos, a mãe do Miguel constituiu nova família e o pai da Sónia já faleceu, mas segundo o que se sabe nunca teve uma outra relação amorosa, vivendo sempre sozinho após os filhos saírem de casa. Assim como a mãe da Paula que também foi uma figura materna presente também já faleceu, esta sempre viveu com a filha, sabe-se que teve uma relação amorosa, mas nunca chegou a coabitar com o namorado.

Se explorarmos a questão dos relacionamentos amorosos dos progenitores presentes e ausentes após o evento do divórcio, do falecimento ou de ser mãe *so/o*, destaca-se o facto de os progenitores presentes, maioritariamente mulheres, tenderem a não voltar a ter outro relacionamento ou a demorarem algum tempo a tê-lo. Quanto aos progenitores ausentes, na sua maioria homens, tendem a entrar logo após a separação num novo relacionamento, sendo que alguns já tinham relações extraconjugais ou até mesmo voltando para relacionamentos antigos. Focando as mães responsáveis pelo agregado familiar, nos casos do Pedro, da Mafalda, Luísa, Paula, Alexandra e do Miguel, voltaram a deter relacionamentos amorosos, mas passado “algum tempo” após ter acontecido o evento que gerou o estado de monoparentalidade. Já as mães da Delfina, Mariana, Margarida e Maria não voltaram a deter um relacionamento amoroso. Olhando agora para os pais responsáveis pelo agregado familiar, no caso do Zé e da Sónia não voltaram a ter um outro relacionamento. O pai da Paula teve uma outra relação e o pai do Carlos já tinha uma relação extraconjugal que manteve durante algum tempo após o divórcio. Direccionando o foco para os progenitores ausentes, sendo estes homens, todos eles entraram em novas relações amorosas, tendo constituído efetivamente novas famílias, como é o caso do pai da Delfina e, o pai da Luísa que voltou para um relacionamento antigo. A exceção é a mãe do Carlos que não voltou a ter nenhum relacionamento amoroso.

Existe uma percentagem considerável de agregados familiares monoparentais que são compostos pelos progenitores presentes e por apenas um filho. Marinho (2014a) confirmou que segundo os censos de 2011, 58,5% dos agregados familiares monoparentais se encontravam nesta condição. Nesta amostra estão ou estavam nesta condição a Delfina, a Luísa, a Mariana a Paula, a Alexandra e o Carlos. Os progenitores presentes com dois filhos a cargo estavam ou

estão os do Pedro, Mafalda, Zé, Margarida e a Maria. As exceções à regra são a Sónia e o Miguel, que têm mais 3 irmãos e mais 2 irmãs, respetivamente. Portanto, as famílias monoparentais com 3 ou mais filhos tendem a ser casos menos frequentes.

Em termos de religião, destaca-se a religião católica, com 9 pessoas afirmaram ser católicas, sendo que a Mariana se define como católica não praticante. Os restantes 4 afirmam não pertencer a nenhuma religião.

É difícil enquadrar as pessoas numa classe social e, para estas serem colocadas numa determinada classe é preciso ter em conta determinados fatores, como profissão, volume de capital social, económico, cultural e simbólico, avaliação do *status* social que a pessoa em si apresenta, entre outros fatores. Neste sentido, segundo Giddens “[a] riqueza e a ocupação profissional constituem as principais bases das diferenças entre as classes (2013, p. 488)”. Mediante as informações que os entrevistados forneceram e, tendo a noção do quão difícil é posicionar uma pessoa numa determinada classe social, podemos afirmar que do leque de entrevistados seis (Pedro, Zé, Mariana, Margarida, Paula e Maria) pertencem à classe média, três (Luísa, Carlos e Miguel) pertencem a uma classe média alta. Outros três (Delfina, Alexandra e Sónia) pertenciam à classe baixa, mas neste momento pode-se dizer que ascenderam para uma classe média e a Mafalda pode-se considerar, tendo como base o seu discurso, que pertence à classe alta, uma vez que, a família da mesma tem um grande volume de *status* social e faz parte de um grupo de *status*, expressão de Weber, onde todas as pessoas que compõem o grupo tendem a ser originárias de famílias mais abastadas do Alentejo, estão ligadas às atividades económicas do campo, frequentam touradas, rãguebi a igreja, têm uma forma própria de vestir, códigos linguísticos próprios, entre outras características específicas. Estas características e práticas são “marcadores e símbolos de *status*” (Giddens, 2013, p. 493). Deste modo, este *status* de acordo com Weber “passou a expressar-se através dos estilos de vida das pessoas (*apud* Giddens, 2013, p. 493)”.

Em suma, pretendia-se que os entrevistados apresentassem distintos perfis e isso confirma-se nesta amostra. Para além da origem geográfica, esta diversidade também está presente nos acontecimentos, idade ao acontecimento, habilitações literárias e profissões, o que, inevitavelmente, molda de forma necessariamente diferente a experiência vivida e narrada de monoparentalidade.

5.2. Experiência de Monoparentalidade

5.2.1. Acontecimento desencadeante da Monoparentalidade

No começo da entrevista foi solicitado aos entrevistados(as) que falassem sobre o acontecimento subjacente à monoparentalidade, nas suas respetivas famílias. Verifica-se que todas as famílias passaram de uma família nuclear para dar lugar a uma família monoparental, à exceção da família da Alexandra.

Nesta amostra, o acontecimento do divórcio foi experienciado por: Pedro, Delfina, Mafalda, Luísa, Paula, Carlos e Miguel. Destes participantes, a Delfina e o Miguel são os únicos que para além de contarem o que aconteceu para terem ficado a viver numa família monoparental, narraram também acontecimentos anteriores a este evento que ajudam a compreender melhor as suas trajetórias de vida familiares. Desta forma, a Delfina narrou que os pais se conheceram na universidade e, que, entretanto, a mãe engravidou dela logo nessa altura, “com vinte e poucos anos”. Um acontecimento que marca as trajetórias familiares de Delfina e dos seus

familiares é uma grande crise económica, que se dá na Argentina na altura em que ela nasceu, intitulada Corralito. Esta crise fez com que os seus pais passassem de uma classe média para a classe baixa, levando o seu pai a sair da Argentina à procura de trabalho em Espanha. Até aos seus 9 anos viveu numa família monoparental temporária, visto que, passava seis meses com a sua mãe na Argentina e os outros seis meses iam para Espanha. Aos 9 anos dá-se a efetiva rutura e o seu pai muda-se para a Inglaterra com a sua nova companheira, com a qual tem duas filhas, ficando desta forma a Delfina a viver só com a sua mãe na Argentina. Acrescenta que depois passou a visitar o seu pai juntamente com a avó e que este sempre ajudou economicamente, tendo os dois uma “boa relação”.

Por sua vez, o Miguel expôs como a sua mãe o teve quando ainda era bastante nova, ainda adolescente, com 16, 17 anos, este sempre passou muito tempo com os seus avós maternos, estando a casa dos seus pais e dos seus avós a uma distância de 2 km. Explicou que como o seu progenitor biológico é “alguém que não é muito certo da cabeça”, ele tinha como exemplo, ou seja, como imagem ou modelo o seu avô materno, seguindo-o para todos os lugares. Entretanto o avô quando faleceu o Miguel tinha 6 anos e, a sua mãe e a avó decidem ir viver juntas. E neste seguimento, com um intervalo de tempo de cerca de 12 meses, a sua mãe e o seu pai divorciam-se, acrescentando que o seu pai biológico “tem um feitio dito especial”.

A Mafalda referiu que os pais se divorciaram quando tinha 13 anos, ficando a viver desde então com a mãe e o irmão, mantém contacto com o pai, que se mudou para Lisboa. No final da sua resposta menciona que: “[e]stou com a minha mãe e é tudo à base da minha mãe, a minha mãe é que é mesmo a figura parental que tenho”.

O acontecimento do falecimento ou da viuvez foi experienciado por: Zé, Margarida, Mariana, Maria e Sónia. Dos cinco entrevistados que perderam um dos progenitores, a Margarida é a única que nesta resposta não revela qual foi a causa do falecimento do seu pai. O Zé diz somente que a mãe faleceu de forma repentina há cerca de 5 anos. A Sónia disse que a mãe se afogou num poço, porque estava doente. A Maria e a Mariana proferiram que:

Na... em novembro de 84, outubro de 84 o meu pai ia a trabalhar normal ia buscar um colega de trabalho e teve um acidente onde ainda estava sozinho ainda não tinha chegado a buscar o colega teve um acidente e perdeu a vida logo aí, logo no acidente. Simples, mas foi, foi assim (Maria, 2022).

O meu pai faleceu com um ataque cardíaco fulminante quando eu tinha 18 anos. Pronto a minha mãe foi trabalhar de manhã eu fui fazer um exame na altura ... peço desculpa aqueles exames para aceder ao ensino superior exames nacionais, fui fazer um desses e, quando voltei a casa fui a primeira a chegar e encontrei-o na casa de banho. E isso foi, foi assim que ficamos sozinhas (Mariana, 2022).

No caso da Alexandra, a mãe teve um companheiro e no início moraram com os avós maternos, mas a Alexandra não considera que tenha vivido nem numa família alargada nem numa família recomposta, declarando que:

Sim, pelo que eu soube foi a minha mãe engravidou e desde então foi mãe solteira, desde que ficou grávida. Moramos inicialmente com os meus avós e depois fomos entretanto nós as duas, Depois ela entretanto teve um companheiro, mas basicamente sempre fomos eu e ela, basicamente foi isso. A minha mãe sempre foi mãe solteira nesse sentido.

Em síntese, estas respostas dão-nos conta da complexidade e diversidade das experiências de monoparentalidade, desde logo a partir do evento que a desencadeou. Nesta amostra

predominam as vias de monoparentalidade do divórcio, seguidas do falecimento ou viuvez e somente um caso através da maternidade a *solo*.

5.2.2. Razões para a entrada na Monoparentalidade

Aos entrevistados cujos pais se divorciaram foi perguntado se sabiam quais é que foram as razões para que o divórcio entre os mesmos se tivesse dado. A Alexandra foi também questionada neste sentido, de modo a se perceber quais as razões para o seu pai não ter sido um progenitor presente. As subcategorias encontradas são: influência familiar, relação extraconjugal, álcool, múltiplas razões, situação estranha e razões vagas.

A Alexandra posiciona-se na subcategoria influência familiar. As razões para a mãe da Alexandra não ter tido o pai da filha presente na sua vida foram razões pouco comuns e que se distanciam daquilo que a literatura retrata sobre as mães *sós*. Ora observem-se as seguintes palavras da Alexandra:

Eu acho que isso foi uma situação também um bocado derivada do meu avô, eu acho que na altura o meu avô também se meteu muito no meio, como era antigamente. A minha mãe era jovem andava a estudar e entretanto o meu avô também se meteu um bocado no meio, nesse sentido, mas não sei muito sobre isso, sei que o meu avô meteu o dedo no meio como se costuma dizer, em eles não se darem bem nesse sentido, mas acho que foi mesmo por causa do meu avô, pelo que eu ouço da minha mãe e do meu pai foi mesmo por causa do meu avô que não houve ali algo mais sério, acho que inicialmente até houve ali um pedido de casamento, mas o meu avô não deixou como era em antigamente, não tenho certeza nesse sentido, mas acho que ainda chegou a haver um pedido de casamento. E depois o meu avô não deixou e entretanto cada um seguiu a sua vida.

A Alexandra adicionou ainda, que depois o avô materno também não deixava que o seu pai tivesse muita ligação consigo. O mais comum é os pais quererem que a sua filha case com o pai do seu neto(a), vendo nisso uma questão de honra, uma vez que a filha engravidou fora do casamento. Porém, este pai e avô não aceita a relação da sua filha com o pai da sua neta. O que leva a questionar: O que pode levar um pai a não deixar a sua filha manter uma relação de compromisso com o pai da sua bebé? A mãe da Alexandra torna-se mãe *solo* por razões “incomuns”, visto que, uma percentagem considerável destas mães é-o ou por abandono por parte do pai da criança ou então porque estas decidem terminar a relação, por forma a proteger a criança do próprio pai.

O Carlos expôs prontamente que: “Sim, claramente [ênfase], o meu pai tinha uma relação extraconjugal e a minha mãe não concordou com ela, portanto a minha mãe é que saiu de casa e foi assim”.

O Pedro exprimiu que: “[a]cho que era mais por causa do meu pai... estar um bocado ausente por causa da bebida. Não propriamente por ser um bêbado violento, nada do género. Ia beber, chegava a casa bêbado pronto. Sentia-se mais uma ausência disso, acho era mais essa a ideia”.

Já a Mafalda é bastante detalhada, apresentando múltiplas razões pelas quais os pais se separaram. Na sua resposta pode ler-se:

Eu percebi tudo, lá está eu como era tinha outra idade eu sempre fui muito precoce, eu tinha aquela mania de ir ouvir as conversas e estar sempre à coca, tanto que eu quando era mais nova aí por volta dos oito anos eu cheguei inclusive a chegar ao pé do meu pai e disse: a mãe e o pai estão sempre a discutir não percebo porque continuam juntos não vale a pena. E depois, mesmo

pequenina disse: se é por nossa causa, não é porque nós preferimos ver os pais felizes do que nós vemos os pais tristes juntos, portanto. Pronto depois o casamento ainda durou alguns anos. Mas depois acabaram por se divorciar porque já não conseguiam, o meu pai veio a tornar-se uma pessoa diferente da minha mãe. E também os meus pais estiveram muito tempo juntos, começaram a namorar com 18 anos e separaram-se com quarentas e muitos já, foi de facto uma vida inteira e já perceberam que queriam seguir caminhos diferentes, que já não gostavam das mesmas coisas. O meu pai também mudou um bocado a maneira de ele ser e então por esses motivos foi melhor separarem-se. Mas entretanto uma coisa que veio agravar um bocado a situação foi que a minha mãe trabalhou durante vinte anos no banco no BBVA que havia cá em Évora, entretanto o banco foi vendido aos espanhóis ou aos chineses ou uma coisa assim do género e a minha mãe trabalhou lá durante 20 anos teve direito a uma indemnização e a subsídio de desemprego, ou seja a minha mãe acabou por passar muito mais tempo casa. E por isso havia ali uma grande revolta do meu pai e da minha mãe, da minha mãe estar em casa constantemente e pronto quase que parecia que a minha mãe não fazia nada então isso foi um desencadear, foi a maior razão para se terem separado. O meu pai entretanto eu apercebi-me que o meu pai antes de sair de casa já tinha outra mulher. Foi a partir daí, foi mesmo, foram vários motivos, mas a razão principal foi a minha mãe ter ficado desempregada e foi o meu pai ter arranjado outra pessoa.

O Miguel foi o único entrevistado que fugiu à questão, todavia tocou em pontos também essenciais para a presente dissertação. Neste sentido, logo que a pergunta é colocada notou-se um ligeiro desconforto no Miguel, tanto a nível de linguagem corporal como da própria comunicação verbal. Depois deste desconforto inicial que a pergunta lhe causou, este declarou que no início a situação foi um bocado “esquisita” para si, mas que depois se consciencializou em pouco tempo que o seu pai não ia estar em casa a viver com ele. Também destaca que a sua mãe deixou o seu pai completamente à vontade para estar com os filhos sempre que quisesse. Apesar de o Miguel nesta resposta não revelar as razões pelas quais os pais se separaram, noutras respostas revela de forma subtil que a mãe era alvo de violência psicológica por parte do pai.

A Paula e a Luísa não revelaram propriamente razões detalhadas e concretas, dizendo a Paula que os seus pais “não estavam a viver bem juntos” e a Luísa que quando fez 25 anos a mãe lhe contou as razões pelas quais tinha optado por se separar do pai dela. A Luísa não revela estas mesmas razões no momento desta questão. Porém, mais adiante revela que a relação dos seus pais não “fluiu” como eles desejavam.

Nesta amostra as razões principais que se apuraram para acontecer um divórcio, na perspetiva dos filhos, são problemas com álcool, relações extraconjugais, desemprego, casais que já não são felizes juntos e violência psicológica. Já as razões para uma mãe ser mãe só desde que o seu filho(a) nasce, neste estudo percebeu-se que por vezes podem ser os próprios familiares os causadores desta condição de mãe só. Esta amostra aponta na direção dos estudos de Baranowska-Rataj, Watysiak & Mynarska (2014) demonstrando que o ato de formar uma família monoparental pode ser uma forma de fugir perante um ambiente familiar tóxico, feito de violência, problemas com álcool entre outros. A diferença entre os resultados deste estudo e os resultados desta amostra é que neste estudo as separações dos casais ocorriam ainda em fase de gravidez e na presente amostra as separações ocorrem já com os filhos relativamente crescidos. Portanto, a monoparentalidade é uma condição que se dá muitas vezes por razões que os próprios intervenientes não conseguem de forma alguma controlar e, deste modo, é uma forma de viver até certo ponto imposta.

5.2.3. Situação após a entrada na Monoparentalidade

Nesta secção foi pedido aos entrevistados que descrevessem a situação após a entrada na monoparentalidade. Perante esta questão as respostas dadas foram diversas, percebendo-se que as experiências de monoparentalidade são distintas para estes treze entrevistados. Analisando as respostas fornecidas, observa-se que os relatos de quem vivenciou o divórcio e a maternidade a *soló* são bastante distintos de quem vivenciou a perda de um dos progenitores.

A Alexandra enquadra-se na subcategoria designada de aproximação ao progenitor ausente. Esta entrevistada e a mãe ficam inicialmente a viver com os avós maternos e neste seguimento manifesta que nunca teve a presença do seu pai em termos de viverem juntos, vindo este visitá-la esporadicamente. Só começaram a ter mais contacto aos seus 14 anos e uma relação efetiva de pai e filha quando esta teve a sua primeira filha, há cerca de 5 anos. Deste modo, a Alexandra foi construindo com o passar do tempo uma boa relação com o seu pai. A Alexandra deixa transparecer que este assunto era de certa forma incomodativo e ainda hoje não é algo totalmente ultrapassado:

Sim hoje em dia já falamos com mais leveza do que inicialmente, inicialmente era um assunto que não se falava, não por não querermos, nunca foi um assunto que foi muito puxado à mesa, neste momento sim, porque até tenho uma ligação mais forte neste momento com o meu pai do que tinha antes, antigamente basicamente era só a minha mãe agora já não, já tenho uma ligação com os dois, mas nunca falamos mesmo, acho que nunca foi um assunto que eu quisesse saber muito no fundo, sabia o básico e nunca quis prolongar muito, porque sei foi uma relação de adolescentes que é mesmo assim e nunca teve aquela relação séria. Então também nunca quis saber muito nesse sentido.

Pelo contrário, a Mafalda manifestou que a seguir ao divórcio tinha contactos frequentes com o seu pai, mas que a presença deste foi decaindo com o tempo. Ao mesmo tempo transparece que a sua relação com o pai é um pouco “conturbada”. Desta forma, a subcategoria associada à Mafalda é afastamento ao progenitor ausente. Estes factos estão expostos nas seguintes palavras da Mafalda:

O meu pai na altura ainda estava a trabalhar em Évora, portanto alugou uma casa em Évora para nos receber eu já era oficial já tinha outra pessoa só que essa pessoa vivia em Elvas, portanto não havia essa coisa de ela viver connosco. Mas, entretanto eu como não gostava de ir para casa do meu pai não ia muitas vezes, mas acabava por ir mais vezes obrigada por causa do meu irmão que não queria cortar relações e eu sabia que perfeitamente o meu irmão só iria se eu fosse. Portanto foi por aí. Entretanto o meu pai viveu em Évora ainda seis meses continuou a trabalhar cá. Entretanto foi viver para Elvas com a namorada e com os filhos da namorada e depois foi aí que eu e o meu irmão começamos a ir mais vezes para casa dele, nós gostávamos muito da namorada do pai na altura, dávamo-nos muito bem com os filhos dela ela tinha três filhos que eram mais ou menos da mesma idade que nós. O mais velho na altura tinha dezassete e do meio tinha a minha idade e o mais novo tinha a idade do meu irmão. Portanto, nós dávamo-nos todos muito bem, então eu e o meu irmão adorávamos, era suposto só irmos de 15 em 15 dias, mas acabávamos por ir assim que conseguíamos íamos logo, porque nos dávamos mesmo bem e quando estávamos com a mãe durante a semana. Portanto dava perfeitamente para conciliar as duas coisas. Depois entretanto, separou-se dela e, andou a mudar de casa em casa, então aí é que foi mesmo o cair. Não foi o cair da relação com o meu pai, mas foi o cair da presença do meu pai.

No caso do Miguel, a relação com o seu pai biológico deixou efetivamente de existir. No princípio os contactos eram frequentes e à medida que o tempo foi passando foram-se reduzindo

gradualmente e, neste momento não existe contacto algum entre os dois. É revelador desta situação o seguinte excerto:

... Eu lembro-me que no início ele tentou ser alguém presente, mas depois começou a diluir, vá, o que era estar lá todas as semanas deixou de ser, depois de duas em duas, depois de mês a mês e depois havia desculpas e depois lá está, depois acabei mesmo por perder o contacto. Até porque ele depois tornou-se alguém, até porque ele, não é que ele já não fosse, mas não conhecia essa vertente dele mais maldosa. Até porque eu já não falo com ele. Eu tenho o número dele bloqueado no telemóvel.

Este decair da relação dá-se por volta dos seus 9 anos, em que o tempo que passavam juntos era quase insignificante, segundo o Miguel. De qualquer forma, Miguel encontra uma desculpa para o pai deixar de estar com ele e as irmãs frequentemente, verbalizando que “[...] é normal que alguém se farte de viajar todas as semanas”.

A partir do momento do divórcio o Pedro passa a ver o pai raramente. Dá corpo por isso à subcategoria “contactos raros”. Nesta sua retórica revelou algo que é crucial para explicar estes poucos contactos com o seu pai, que é o facto de a sua relação já ser uma relação distante mesmo quando o pai ainda estava casado com a sua mãe. A literatura (Abade, 2014) retrata isto mesmo enfatizando que, quando entre pais e filhos as relações são pouco afetivas a seguir a uma rutura conjugal o progenitor ausente tende a não manter contactos frequentes com os seus filhos ou até mesmo a deixar por completo de fazer parte da vida dos mesmos. Vejamos a resposta de Pedro:

É pá, poucas vezes o vi. Eu era muito miúdo na altura por isso também não tenho muitas memórias disso, lembro-me mais ou menos quando o meu pai se foi embora. Mas depois acho a minha vida continuou mais ou menos normal, porque eu também nunca tive uma ligação muito forte com o meu pai. Ele também era um bocado ausente, acho que também era mais porque ele não conseguia lidar comigo porque eu era mais estranho, por isso foi mais ou menos isso.

Mais uma vez o Pedro, à semelhança do Miguel parece tentar desculpar o pai pelo sucedido. Seguindo esta linha, também a Luísa revelou que os contactos com o pai passaram a ser pouco frequentes, articulando que:

Bom, quando os meus pais se separaram na altura o meu pai deixou de viver na minha província, portanto eu deixei de ter a relação de ligação permanente que eu tinha com ele, que ele vivia na minha casa eu via-o sempre, quando eles se separaram eu deixei de ver o meu pai, não só constante de o ver em minha casa e na minha cidade, mas o meu pai também mudou de cidade então acabamos por ficar alguns anos, ficamos alguns meses, depois o meu pai veio, vinha me visitar quando podia. Depois houve um lapso de tempo em que, não nos podíamos não nos podemos ver.

No que diz respeito à Delfina, apesar de não entrar em pormenores, diz simplesmente que ela já sabia que o pai estava seis meses em casa e seis meses fora. Portanto, tinha a figura do pai presente em seis meses e nos outros seis só a sua mãe. A subcategoria atribuída à Delfina foi contactos pré-estabelecidos.

O Carlos concentrou-se em explicar como se deu o seu processo de decisão após o divórcio dos pais. Para o Carlos os seus avós paternos sempre foram muito importantes para si, assegurando mesmo que foram estes que o criaram, porque os seus pais passavam o dia fora de casa por causa dos seus trabalhos. Por causa dos seus avós é que decidiu ficar com o pai, sendo uma escolha sua ficar a viver com os avós e o pai. Neste sentido, o Carlos é um exemplo de processo de escolha com qual progenitor ficar distinto, visto que, os estudos relatam que os homens

enquanto pais tendem a ficar com os filhos do género masculino quando estes são mais crescidos, porque é mais cómodo para si educar e cuidar de um rapaz já com alguma idade (Marinho, 2014a; Tachibana & Resende, 2020). Todavia, no caso do Carlos a decisão foi dele próprio e tomou-a por causa dos seus avós, afirmando este que: “[a]liás eu toda a vida disse que não ficava nem com a minha mãe nem com o meu pai, que ficava com os meus avós. E com o meu pai por inerência, porque morava lá em casa”. Enquanto a sua irmã parte com a sua mãe para Abrantes, segundo o Carlos esta toma esta decisão porque não se adaptou ao colégio interno onde os pais a tinham colocado. Depois de todas estas decisões e mudanças, os seus pais acordam que querem que os seus filhos (irmãos) passem o máximo de tempo juntos, passando então os dois todos os fins de semana juntos, ora em casa da mãe ora em casa do pai. Do mesmo modo, as férias eram “religiosamente”, termo utilizado pelo próprio, divididas a meio.

Já se mencionou que a Paula constitui efetivamente um caso pouco comum e o que esta relata comprova isto mesmo. Primeiramente, a guarda compartilhada é um regime ainda hoje pouco comum. Os pais da Paula decidiram isto em conjunto, sem ser necessário haver uma disputa em tribunal para que este regime fosse implementado, sendo um processo “muito calmo”. Quando lhe foi perguntado se era distinto estar em casa da mãe ou do pai, disse que não, que era “tudo muito igual”. Conseguiu-se perceber também que esta semelhança em viver em casa da mãe ou do pai era algo que acontecia “naturalmente”, expressando que:

Sim, era algo que acontecia naturalmente porque é assim nunca tive aquela educação muito rígida, muito, não, os meus pais educaram-me muito bem e eu sabia muito bem, pronto como é que havia de fazer as coisas e era normal estar aqui ou com a minha mãe era igual, estar com a minha mãe ou com o meu pai era completamente igual era só dizer que estávamos em casas diferentes, porque de resto, para mim já estou tão habituada a isto que para mim, para mim era uma vida, como é que eu hei de dizer, para mim já era normal, pronto não me fazia diferença.

Os relatos de quem passou por um processo de perda são diferentes dos anteriores. Assim sendo, Margarida contou que lhe disseram logo na altura que o pai tinha falecido, mas como era muito pequena a sua reação foi muito “impessoal” e não tem muitas memórias disso. Deste modo, a subcategoria associada à Margarida é reação “impessoal”.

A Mariana expressou que:

No momento nós tivemos muito apoio tanto de amigos como de familiares e sempre nos ligamos muito uma à outra. Nunca nos culpamos nem uma nem outra a minha mãe teve um período de culpa por ter sido eu a encontrar e não ela. Mas entretanto já passou. Mas sempre nos demos bem e sempre nos apoiamos e acho que a partir daí até nos uniu muito mais, neste momento somos muito mais unidas.

Na perspetiva de Mariana, este acontecimento provocou uma imensa dor na mãe e filha, mas acabou por uni-las mais. Sendo a sua subcategoria união.

A Sónia desvendou que ela e a irmã tiveram que criar os dois irmãos mais novos, sendo ela a segunda mais velha na fratria dos irmãos. “Estudavam, ajudavam o pai na agricultura, tinham ovelhas e faziam as lidas domésticas”. Deste modo a subcategoria da Sónia designa-se auxílio.

O Zé concentrou-se no processo de luto que ele, o irmão e o pai fizeram após a perda da sua mãe, descrevendo este mesmo processo de luto da seguinte forma:

Sim, é difícil claro, é difícil, pá tivemos um período de um ano, dois anos de luto com problemas psicológicos, problemas na família só que o meu pai também teve depressão, eu também tive

mas foi na altura do meu décimo segundo ano nos exames teve ali a coisa um bocado mais difícil. O meu irmão era mais pequeno ainda estava no oitavo, acho eu ou no sétimo. É um trauma para a vida, claro para o meu irmão e para todos, só que tivemos aquele período de dois anos de luto, mas agora acho que já está tudo ok, já ultrapassamos isso.

As pessoas que perderam alguém, quando lhes eram colocadas questões raramente falavam logo nessa mesma perda e o que esta causou. Assim sendo, para se conseguir obter maior volume de informação sobre este assunto, foram adicionadas algumas questões no momento da entrevista. No caso do Zé tentou-se perceber como passou a ser o quotidiano dele e da sua família sem a sua mãe presente. O Zé declara que nos primeiros tempos o pai “desatava a chorar”, por vezes, quando estavam à mesa e, que ele tentava proteger de alguma forma o irmão, pois este era mais novo. Ainda sobre o irmão, o Zé adianta também que:

Mas, mais, mais coisas pá do meu irmão lá esta é um bocado estranho, mas agora já se está a normalizar é o falar e com o falar é o desabafar e com o desabafar é dizer o nosso estado mental ou como estamos às pessoas já se está mais a normalizar mais um bocadinho, mas como era uma casa só de homens [risos] e nós não, lá está não sei porquê mas nós somos mais interiores não, não nos exprimimos muito e então não sei como é que é o meu irmão, mas lá está acho que deixou alguma marca nele, mas acho que está tudo ok com o meu irmão.

A nível da rotina diária, o pai e eles os dois sempre conseguiram “fazer sozinhos” todos os afazeres domésticos, tendo alguns amigos da mãe e familiares que passavam lá por casa para “confirmarem” se tudo estava bem. O Zé também confirma que esta perda da mãe o fez tornar-se mais independente.

De entre os entrevistados(as) que perderam um dos progenitores a Maria foi quem falou mais. Esta contou que antes do pai falecer viviam na Guarda e só foram viver para a aldeia após o falecimento deste. O irmão fez todo o percurso escolar numa aldeia vizinha e ela não o fez porque a escola da aldeia estava mais atrasada em termos de matéria comparativamente à escola primária da Guarda que frequentava na altura. Por causa desta questão foi viver com uns tios para Vilar Formoso, os quais ficaram como seus tutores. Estes tios não eram os seus padrinhos, mas ficaram com este papel de tutores, porque o seu padrinho de batismo não estava presente nessa altura. Ficou com os tios até ao nono ano e nesse período de tempo vinha todos os fins de semana a casa de comboio. Quando termina o 9º ano volta a viver permanentemente com a mãe e o irmão. Desta forma, a Maria enquadra-se na mudança de estilo de vida.

Como se pode observar, a seguir aos acontecimentos que originam a monoparentalidade podem suceder múltiplas situações. Desde relações entre progenitores ausentes e filhos(as) que se afastam com o tempo, até relações que se tornam mais fortes com o passar do tempo. Sendo estas últimas menos comuns. Existem ainda contactos de fim de semana, contactos esporádicos e contactos mais frequentes. Frequentemente as relações dos filhos(as) com os progenitores presentes tendem a se tornar mais estreitas a seguir a estas crises familiares, algo comprovado por esta amostra e por (Gomes, 2010). Para quem perdeu um dos progenitores é comum os discursos direcionarem-se para tristeza, problemas psicológicos como depressões, traumas e cuidado dado aos irmãos mais novos. Este assunto também é de certa forma percecionado como incomodativo e, por causa disso, é um assunto do qual se evita falar.

5.2.4. Reações dos(as) Progenitores(as) à Monoparentalidade

Neste ponto foi perguntado aos entrevistados se tinham notado algum tipo de reações na altura, por parte dos seus progenitores, quando se dá o acontecimento de monoparentalidade. Através

da informação facultada pelos participantes foram geradas as seguintes subcategorias: inconformidade com a situação, reações calmas, relações cortadas, reação de manipulação, reação de conflito, expressões do luto e reações “más”.

Na subcategoria inconformidade com a situação, encontra-se a Alexandra. Esta entrevistada desvendou que a mãe continua a não lidar bem com a situação, culpando o avô da Alexandra e, seu pai, pelo sucedido. Já que, o pai da Alexandra tinha sido o seu primeiro grande amor.

Na subcategoria reações calmas, encontram-se Delfina, Luísa e Paula. As entrevistadas não revelaram que tenham ocorrido conflitos entre os seus progenitores após o divórcio. Assim sendo, relataram que:

Ok, entre eles, eles nunca me mostram assim de nada entre eles, tipo a minha mãe nunca falou mal do meu pai, nem o meu pai da minha mãe, quando era pequena agora já é diferente. Mas [risos]... não sei, tipo meu pai sempre ajudou a minha mãe e a família do meu pai que é a minha avó e as minhas tias, têm uma muito boa relação com a minha mãe. E então elas fizeram tipo a, tipo a, como se diz, tipo presente ao meu pai, sabes, a figura a figura do meu pai (Delfina, 2022).

Eu às vezes gozo com as pessoas e digo que sou filha de um divórcio que funcionou, porque quando os meus pais se separaram eu tive consciência de que os meus pais se iam separar, porque a minha mãe efetivamente falou-me que o meu pai iria, a conversa da minha mãe foi muito que o meu pai ia ter que viajar por algum tempo. E eu lembro-me de o meu pai ir, sair e eu sentir a falta dele. Depois disso é que eu comecei a contestar que aquela viagem parecia muito demorada, ok, e o meu pai voltou entretanto no ano seguinte foi já ele a explicar-me que tinha viajado, que tinha coisas para fazer e que provavelmente não conseguiria estar aí sempre, comigo, mas que eu podia ligar para ele, escrever cartas, nós na altura não tínhamos telemóvel, eu lembro-me de ir à escola e escrever muitas cartas ao meu pai, depois entregava à minha mãe que era para a minha mãe deixar no correio [risos]. E pronto o meu pai ligava muito muito esporadicamente nos fins de semana. E falávamos um bocado e isso (Luísa, 2022).

A Paula expressou simplesmente que: “[n]ão, foi tudo muito natural, tudo muito calmo, tudo muito natural, não havia aquelas confusões que às vezes se vê, entre famílias ou eu não assisti a nada disso, sou sincera.”

Na subcategoria relações cortadas posiciona-se o Carlos. O Carlos disse que os pais nunca mais se falaram, nem mesmo quando iam a tribunal para formalizarem o divórcio. Só se voltaram a falar passados 25 anos numa festa de família organizada pelo Carlos e pela sua companheira. Devido a esta mesma festa atualmente vão falando através da internet e combinam encontros.

Na subcategoria reações de conflito está a Mafalda. Esta entrevistada contou que o pai achava que a mãe tentava impedir que ela e o irmão passassem os fins de semana com ele. Quando na realidade a mãe até os incentivava para passarem mais tempo com o pai. O pai da Mafalda chegava a dizer que a mãe fazia com eles “alienação parental”. Deste modo, a Mafalda revoltava-se com esta atitude do pai.

Na subcategoria reações de manipulação encontram-se o Miguel e o Pedro. O Miguel afirmou que a mãe sempre tentou que houvesse um bom ambiente depois do divórcio. Todavia, o pai tentava manipulá-lo a si e às suas irmãs. O Pedro recorda que a situação do divórcio na altura em que aconteceu foi difícil para todos e à semelhança do Miguel também exprime o ato de manipulação por parte do pai. As palavras do Pedro foram as seguintes:

É pá foi difícil, não é, toda a gente estava assim um bocado mal nisso. Não tenho muitas memórias dessa altura lembro-me de o meu pai ir-se embora e pronto, e dizer-me que “se ia embora” e se “eu queria que ele se fosse embora” eu chorei e ele chorava, também senti foi um bocado de

manipulação nessa altura e ele também agarrar-se ele estava mal com isso e foi buscar o que podia... Mas pouco mais me lembro disso.

Na subcategoria expressões de luto posicionam-se a Margarida e a Mariana. A Margarida abordou um ponto que ainda não tinha sido abordado que é a questão de vestir roupa preta após o falecimento de um ente querido, referindo que se chateava por causa de a mãe andar sempre vestida de preto, porque era uma coisa que a incomodava muito. Lembra-se também de a mãe andar bastante “apagada” ainda quando o pai era vivo, mas já estava muito doente. A Maria forneceu uma resposta bastante detalhada, manifestando que a mãe enquanto foi casada nunca trabalhou, porque o marido disse-lhe sempre que “não havia necessidade de trabalhar”. Após o falecimento deste, quando veio para a aldeia “comprou uma vaca para andar a chorar atrás das paredes”, enquanto fazia o luto vestida de preto. A Maria revelou de antemão que uma das tias, irmã da mãe, foi um apoio crucial para a sua mãe e que a família do lado do pai também nunca se afastou e continuou presente nas suas vidas. A Maria também revelou os seguintes factos:

A minha mãe foi vestir o preto, durante muito tempo não se via televisão a televisão não se ligava durante algum tempo, acho que era o luto que se fazia. Fazia um bocado de confusão, porque o meu pai teve, a mortuária não existia e para a capela não foi e esteve lá na nossa sala e então lembro-me e o meu irmão nessa altura ainda fazia comentários, que o pai tinha estado a dormir lá na sala, o meu pai estava lá no caixão. Durante um tempo ele falava nisso que o pai estava lá a dormir na sala.

Maria acrescentou que foi uma “vida de solidão” para a mãe e, que sempre se falou no que tinha acontecido ao seu pai. Com o tempo, o que aconteceu foi-se “normalizando”.

Na subcategoria reação má estão a Mariana, Sónia e Zé. Estes três elementos da amostra verbalizam que os progenitores presentes reagiram “mal” à perda do seu cônjuge. Neste sentido, a resposta dada pela Mariana é ilustrativa deste tipo de reação:

Ela reagiu mal, aquela pessoa de tentar dar força ao outro mostrando que está forte e não está. E foi-se várias vezes abaixo e muitas vezes e tentou sempre proteger-me mas foi-se muito abaixo. Ela ficou mesmo desolada, digamos assim [baixa o tom de voz], ficou mesmo mal.

Por sua vez, Sónia referiu que o pai reagiu “mal”, porque estava a criar quatro filhos sozinho. Tentou-se que esta revelasse algo mais e acrescentou que para os dois irmãos mais novos foi mais difícil lidarem com a perda da mãe. Por fim, o Zé já tinha contado como é que o pai reagiu à morte da sua esposa, passando por um “período complicado de profunda tristeza”.

Em síntese, as reações dos adultos aos eventos que geram a monoparentalidade nem sempre são propriamente pacíficas, tendo essencialmente para aqueles que perderam um dos progenitores misturadas reações de profundo sofrimento. Para quem se divorcia misturam-se sentimentos positivos e negativos pelo ex-cônjuge levando a reações, por vezes, conflituosas e de manipulação. Desta maneira, colocar os filhos em primeiro lugar após o divórcio é difícil (Denardi & Bottoli, 2017). Contudo a Delfina, Luísa e Paula expõem reações, por parte dos seus progenitores, “calmas” perante o evento da monoparentalidade. Assim sendo, nem todos os acontecimentos de monoparentalidade geram ambientes familiares necessariamente instáveis.

5.2.5. Reações da Rede de Contactos à Monoparentalidade

A entrevista procurou também averiguar reações aos eventos que ocorreram por parte de outras pessoas como familiares, amigos, vizinhos ou até mesmo conhecidos. As subcategorias encontradas são: questionamentos de terceiros, apoio, reações calmas, escândalo, “apontar o dedo”, tristeza, ausência de complexos e presença crucial.

O Carlos e o Miguel fazem parte da subcategoria questionamentos de terceiros. O Carlos relembrou as reações das pessoas após o divórcio dos pais, descrevendo-as da seguinte maneira:

Aquilo que mais me recordo era da tradicional pergunta de toda a gente a mim e à minha irmã. Se “Ficas com o teu pai ou com a tua mãe”? Todo, todo mundo perguntava e a minha resposta era sempre a mesma que ficava com os meus avós e o meu pai. Não havia, não havia outra opção na minha cabeça se quer.

O Miguel desvendou mais coisas sobre a sua mãe, ao mesmo tempo que pronuncia a reação das pessoas conhecidas à ausência do seu pai.

Ah por exemplo, a minha mãe na altura era cavaleira antes de, porque a minha mãe como me teve de nova acabou por não vir logo para a universidade, e acabou só por vir com vinte e poucos anos. E nessa altura ela era cavaleira e o meu pai costumava ajudá-la e era ele que conduzia o camião dos cavalos e na altura a reação das pessoas acho que o divórcio é algo que não deve ser publicitado, e na altura eu lembro-me que as pessoas “Ah e então o M.?”. E a minha mãe tinha de explicar o que é que tinha acontecido.

A Luísa, Maria, Mariana e Sónia constituem a subcategoria apoio. Estes elementos da amostra vincaram o apoio que receberam por parte de quem os rodeava a seguir ao evento que os colocou numa família monoparental. A Luísa recordou como a rede de apoio se tornou muito mais presente na sua vida, após o divórcio dos pais. Esta rede de apoio era composta pelos tios, tanto do lado da mãe como do lado do pai, pelos avós e padrinhos, sendo uma rede principalmente familiar. O seu padrinho assume a figura paternal perante a ausência do seu pai, fazendo parte da sua rotina diária. Este seu padrinho passou a ser um suporte para a sua mãe. A Maria nesta questão emocionou-se e chegou mesmo a chorar, dizendo que a sua tia e madrinha, irmã da sua mãe, foi um grande apoio para todos na altura. Diz que no geral, todas as pessoas sentiram a morte do pai, porque era jovem e era “boa pessoa” para quem o rodeava. A Maria articula também que:

Mas tenho ainda essa noção, tipo fui mais sentindo a morte do meu pai, não naquele ano, não no ano a seguir, por exemplo fui sentido, mas também não era quando fazíamos os trabalhos para o dia do pai ou isto ou aquilo, não é nessas alturas é quando já és mais crescida, por exemplo eu perdi o meu tio A., perdi o meu tio C., perdi o pai do meu pai e eu nessas perdas pensava na perda do meu pai, que não a vivi, não a senti, fui-a sentido ao longo do tempo, é diferente. É verdade, não foi naquele ano, não foi no ano a seguir, foi sempre um bocadinho durante, mas quando se perde, se perdia um irmão dele ou o pai dele eu vivia também a morte do meu pai mais, mais do que quando o perdi na realidade, é verdade. E eu senti isso, é daquelas coisas nunca se pensa, não é, mas no momento do funeral, quando eu soube da morte do meu avô, o pai do meu pai, do meu avô, mas acho que mexeu muito mais por ser o pai do meu pai que já tinha morrido, ya, e que eu não valorizei naquela altura por causa da idade. Mas assim de comportamentos acho que foi sempre de cabeça levantada e com a realidade que era e com o sofrimento e pronto e com tudo, mas levou-se, tentou-se levar sempre tudo com naturalidade e sempre presentes, não houve afastamentos de ninguém, não, normal. [choro misturado com risos]

Já a Mafalda encontra-se na categoria escândalo. Como a sua família é muito conhecida em Évora, inevitavelmente o divórcio dos pais foi sabido por toda a cidade, assim como, as razões para ter ocorrido. Neste sentido, gerou-se um “alarido” acerca do assunto, como a própria traçou.

Eu lembro-me que na altura não foi assim, vá eu vivo numa cidade pequena e na altura mesmo no seio dos nossos amigos somos muito poucos os que têm os pais separados e então na altura não foi assim tão, já estava mais ou menos à espera que os meus pais se separarem, mas foi um grande choque, no sentido em que toda a gente soube que o meu pai já tinha outra mulher. Foi um grande falatório ainda por cima a mulher, a namorada do meu pai na altura também era conhecida cá em Évora porque tinha, porque o ex-marido dela tinha sido forçado, cá no grupo de forçados cá de Évora, era amigo do meu pai, foi toda ali uma grande confusão por assim dizer, foi mesmo uma granda confusão, porque diziam que o meu pai tinha roubado a mulher ao rapaz que tinha estado cá nos forçados em Évora, depois diziam o contrário que a namorada do meu pai tinha roubado o meu pai à minha mãe, pronto foi assim, na altura foi uma bomba, um mini escândalo que se causou, mas depois a coisa acalmou a partir do momento em que começaram a perceber que nós nos dava-mos bem com ela e, que as coisas tinham sido minimamente pacíficas, dentro do possível. Portanto aí o escândalo acalmou.

A Paula à semelhança da Mafalda também referiu comentários que eram dirigidos ao divórcio dos seus pais. A Paula referiu “nas aldeias as pessoas têm sempre a mania de apontar o dedo”. Todavia, nunca levou isto a peito e nunca respondeu a ninguém, pois segundo a própria “seria ainda pior se respondesse a este tipo de comentários”.

Por sua vez, o Pedro deu a entender que tudo continuou calmo, não tendo notado diferenças, nem por parte dos amigos, nem por parte da família. Contudo, também vinca que talvez se na “altura tivesse mais maturidade poderia ter reparado em alguma coisa”.

A Alexandra não abordou propriamente as reações das pessoas ao seu redor, levando a questão para o facto de nunca ter tido complexos por causa de não ter o pai presente na sua vida.

Não, acho que essa situação nunca foi, porque lá está depende muito do que levamos de casa. E eu sempre tive uma relação muito aberta com a minha mãe. E nunca tive aquela coisa de não ter pai. Há aquelas crianças, porque é que eu não tenho pai, porque é que os outros meninos têm pai e eu não tenho. Nunca tive essa situação até porque depois a minha mãe teve um companheiro bastantes anos e no fundo ele foi aquela imagem paternal que eu tive também se calhar também daí não ter sentido, não é sentir a falta, porque um pai faz sempre falta, não é verdade. Mas se calhar não tinha sentido esse complexo por causa disso. Mas sim mesmo na escola o facto de não ter pai nunca tive grandes complexos com isso, porque eu tenho pai, não tenho é pai presente, não tinha era pai presente nessa situação. Mas sim nunca notei grande diferença nesse sentido.

A Delfina desviou-se da questão, mas reforçou que a presença da avó e da sua tia foram essenciais, no sentido em que a ajudaram a deter a relação que tem hoje com o pai.

A subcategoria tristeza é composta pela Margarida e pelo Zé. A Margarida como tinha uma tenra idade não se lembra de muita coisa, expressando que a pessoa que “viu mais afetada a seguir à mãe foi a tia”. Até porque, estava a viver com esta e com os primos, porque o seu pai já estava muito doente, “mas esteve quase até ao fim em casa”. Nesta resposta também se consegue perceber que a família tentou protegê-la do que estava a acontecer. O Zé transmitiu que “toda a família passou por um período de luto, pensando ele que este luto não deve ter sido igual ao seu e ao do seu pai e irmão, mas que foi uma situação devastadora para todos”.

Sumariamente, os entrevistados(as) expuseram o apoio dado por quem os rodeava, principalmente por parte da família, os comentários que tomaram forma a partir das suas crises familiares, as questões que as pessoas lhe colocavam por causa destas mesmas crises familiares e a tristeza sentida pela perda de um ente próximo.

5.2.6. Descrição dos Trajetos de Vida dos(as) Progenitores(as) Presentes e Ausentes

Nesta questão tentou-se averiguar como é que foram os trajetos de vida dos progenitores presentes e ausentes, depois de ter ocorrido o evento que os levou à monoparentalidade, assim como, depreender a forma como os seus filhos as descreviam. Nos casos em que houve um afastamento ou uma aproximação tardia entre os entrevistados e os progenitores ausentes, os filhos(as) sabem pouco sobre o que aconteceu nas vidas destes mesmos progenitores após o acontecimento que deu lugar à monoparentalidade. As subcategorias dos trajetos de vida dos progenitores presentes e ausentes são diferentes. Para os progenitores presentes foram encontradas as seguintes subcategorias: trajeto lutador, trajeto complexo, trajeto independente, trajeto doloroso, trajeto deambulante, trajeto rotineiro, estilo de vida alterado, sobrecarga de responsabilidades e sobrecarga de trabalho. Já para os progenitores ausentes: trajeto individualista, trajeto de sofrimento, trajeto conturbado e trajeto instável. O trajeto individualista e o trajeto complexo cruzam-se para os dois géneros de progenitores.

Na subcategoria trajeto lutador encontra-se a Alexandra. A Alexandra reforçou que a mãe foi uma lutadora e que chegou a ter três empregos ao mesmo tempo, para lhe poder dar uma vida boa. Refere também que “se ela é a pessoa que é no presente, é graças à mãe”.

Na subcategoria trajeto individualista posicionam-se Alexandra, Carlos e Miguel. O único progenitor presente que se encontra nesta subcategoria é o pai do Carlos. Este entrevistado demonstrou que o “pai faz a vida dele” e que não sabe grandes pormenores sobre a sua trajetória de vida, transmitindo apenas que o pai continuou a relação extraconjugal que tinha por 18 anos e, que, inclusivamente essa pessoa era casada e que nunca o deixou de ser. Depois disso ainda teve uma namorada que viveu com ele cerca de um mês e, depois acabaram a relação.

A Alexandra, no que respeita o seu pai demonstrou saber pouco sobre o seu trajeto de vida, confessando que o seu pai para “não lhe dar o abono” nunca teve contratos fixos no trabalho. Só quando ela fez os 18 anos é que passou a ter contrato de trabalho fixo, permanecendo há oito anos numa empresa de montagem de parques infantis. Disse ainda que é casado e não tem mais filhos.

O Miguel sobre o pai começou logo por referir que para si o “pai está morto”. No entanto, tentou dizer o que sabe sobre o pai. O pai após o divórcio volta para o Alentejo e foi trabalhar para uma empresa de rações que tinha com o tio do Miguel. No início tentou ir ver os filhos todos os fins de semana mas as viagens foram diminuindo com o tempo. Entretanto deixa a empresa devido a algumas “chatices” que ocorreram e encontrou emprego como motorista de pesados que transportam mercadorias. Teve uma companheira, que segundo o filho já não é atual.

Na subcategoria trajeto complexo estão Carlos, Delfina e Mafalda. A mãe do Carlos é a única progenitora ausente nesta categoria. Este entrevistado sobre a mãe referiu que teve uma vida complicada, declarando que:

A minha mãe teve a vida um bocadinho mais difícil do que o meu pai. A minha mãe voltou para casa dos pais. Os meus avós viviam, os meus dois avós e a mãe da minha avó, portanto a minha bisavó eram os três que lá estavam. E a minha mãe acompanhou-os no final da vida a todos doentes e acamados. O meu avô teve 13 anos acamado a minha avó teve só nove e a minha bisavó teve aí um ano e meio, mas todos eles tiveram um final de vida acamados e em casa. Com sobrecarga de trabalho para a minha mãe. E a minha mãe não tinha qualquer ajuda de terceiros e foi um bocadinho mais forçada para conseguir aguentar o barco não é. Mas foi pronto.

Por sua vez, Delfina desvendou que a mãe nunca teve uma “boa relação” com a sua mãe e neste momento não têm qualquer tipo de relação. Assim como, “a sua mãe não se fala com ninguém da sua família de sangue”. A mãe tem muitas amigas e tem uma ótima relação com a sua sogra, mesmo não estando já casada com o seu filho.

A Mafalda contou com muitos pormenores as trajetórias de vida dos seus progenitores. A sua mãe a seguir à separação ainda ficou desempregada por cerca de quatro meses. Depois encontrou trabalho numa loja que vendia gás, na qual não gostava de trabalhar. Até porque, os horários da loja não lhe permitiam ser muito presente na vida dos filhos. Então encontrou outro emprego no qual entrava às seis da manhã e saía às duas da tarde. Assim já podia almoçar com os filhos e realizar as tarefas domésticas. Mas continuava a existir um problema é que “não os conseguia levar à escola às 8h”. Na altura a mãe tinha um namorado que morava lá em casa com eles e este levava-os à escola. Porém, a dada altura esta relação tornou-se tóxica, porque o namorado da mãe “dizia que só servia para os levar à escola”. Perante esta situação a mãe da Mafalda terminou a relação. Neste seguimento a mãe da Mafalda muda novamente de emprego e permanece neste até agora, tendo um horário dito normal e como a Mafalda e o irmão “já têm outra idade as coisas já são diferentes”. Mafalda relembra ainda que passado cerca de um ano de os pais se terem divorciado o seu avô paterno faleceu. Este acontecimento também marcou muito a sua mãe, já que ela e os seus filhos tinham uma relação de grande proximidade com os avós maternos, uma vez que, a avó mora no andar de baixo e eles no andar de cima, sendo muito presentes na vida uns dos outros.

No trajeto independente encontram-se a Luísa e a Paula. Ambas retrataram que como as mães já tinham as suas profissões e eram independentes da relação que tinham com os maridos a sua vida sofreu poucas ou nenhuma alterações. Desta maneira, exprimem que:

Bom, a minha mãe quando se separou do meu pai, já a minha mãe era formada, portanto a minha mãe trabalhou como médica, sempre trabalhou como médica intensivista, ok, então quando os meus pais se separaram a dinâmica de vida da minha mãe mudou pouco, mudou pouco porque na verdade aquilo que aconteceu é que a minha mãe começou a em vez de ficar 24 sob 24 como ela ficava quando o meu pai estava, ela começou a ter mais um dia menos um dia para poder equacionar o tempo de vida comigo, não é, já que o meu pai era um suporte que já não estava. A mais não vi assim grandes mudanças na vida da minha mãe, porque a minha mãe sempre trabalhou sempre teve a vida dela muito autónoma e nunca foi muito dependente da relação com o meu pai, então apesar de se terem separado se calhar o emocional dela poderia ter sido mais afetado, mas nunca, nunca senti essa exteriorização dela (Luísa, 2022).

... Basicamente igual. [risos] A minha mãe depois saio desta casa, vivemos na Guarda ainda num apartamento e depois fomos para Vila Fernando para as bombas de gasolina foram os meus pais que cederam a casa, pronto, entretanto a minha mãe teve uma relação, mas nada assim de grande importância, mas pronto entretanto ela já faleceu, já faleceu há oito anos e pronto foi assim a história de vida. Nas bombas ela trabalhava muito, trabalhava 15 horas por dia, assim mais o que é que eu posso dizer mais, mas pronto foi, não sei, eu tenho a sorte de ter nascido numa família muito calma e tenho uns pais muito orientados. Não houve assim aquelas, aquelas,

como é que eu hei de dizer, aquele desabrochar de flores que às vezes há nas senhoras, não é, ou nos senhores pronto, foi tudo muito pacífico (Paula, 2022).

A Mariana e o Zé dão corpo à subcategoria trajeto doloroso. O Zé referiu que o pai antes da mãe falecer só ia fazendo uns trabalhos de vez em quando. Depois de a mãe falecer teve um período de depressão, que já foi descrito e, posteriormente, “teve de se mexer” para continuarem em frente. Conseguiu um trabalho como PT e continua nessa profissão. Já a Mariana, descreve o trajeto da mãe nos seguintes termos:

A minha mãe teve muito mal mesmo quando o meu pai faleceu e piorando também a minha avó faleceu um ano depois e ela chegou mesmo a entrar em depressão. Ficou com uma grande depressão... Depois foi melhorando, graças a Deus eu e uma colega dela conseguimos fazê-la ver que não estava bem e ela foi mesmo para um psiquiatra e foi melhorando. Ainda não é a mesma viu-se que perdeu, envelheceu muito e viu-se que perdeu alguma da alegria que ela tinha. Mas já está bem melhor agora. Continua a dizer que não quer um parceiro, continua sem querer ocupar aquele espaço, diz que não tem necessidade, enquanto ela, dei a minha parte a entender que o dia que ela entendesse que estava na hora ou encontra-se alguém eu iria apoiá-la e iria ser muito honesta com ela como ela faz comigo. Mas ela diz que não quer que não se sente preparada e até sente repulsa de pensar em estar com outra pessoa. Mas agora está mesmo bem, como se vai aproximar a minha queima acaba por ser momentos um pouco agro e doces, porque são sempre momentos em que se pensa mais no meu pai. E mesmo quando eu entrei na universidade ele já não estava entre nós e inclusive a minha mãe diz que sentiu uma mão e depois olhou para trás e não estava ninguém no dia em que, no dia 1 de novembro quando eu estava no primeiro ano. Portanto, também é uma data especial...Mas posso dizer que estive mal mesmo, muito muito mal mas agora já está bem, acho que me arrisco a dizer que já está bem.

O Miguel forma a subcategoria trajeto deambulante, uma vez que o trajeto da mãe foi marcado pela sua transição entre Évora e Portimão. O Miguel sobre a sua mãe disse que esta foi cavaleira profissional até 2010, terminando a sua carreira nessa altura. Em 2011 ingressa no ensino superior em Évora no curso de medicina veterinária. O Miguel ficou a viver com a avó e a mãe “tentava ir todos os fins de semana a casa ou quando esta não podia, vinham eles ter com ela”. Em 2017 vai fazer o estágio na Alemanha e agora passa a maior parte do tempo no Algarve.

A Paula e a Sónia formam a subcategoria trajeto rotineiro, no sentido em que os seus pais apresentam um percurso pautado pela rotina do trabalho. A Paula sobre o seu pai, disse que este ainda teve uma namorada e, remata dizendo que “ela não gosta de se meter na sua vida pessoal”. Mencionou também que a vida dele sempre foi muito trabalho, casa, casa, trabalho, reforçando esta ideia da seguinte forma: “[t]em a quinta tem os animais e entretém-se por aqui, não gosta muito de ir ao café vai uma vez de vez em quando toma o seu cafezinho e vai-se embora, portanto o entretém dele foi sempre por aqui”.

Estilo de vida alterado é retratado pela Margarida, que não revela propriamente informações detalhadas sobre acontecimentos de vida da sua mãe. No entanto, retratou que após o falecimento do seu pai o seu estilo de vida se alterou. Mas, esta diferença de estilo de vida também foi influenciada pela doença da sua irmã, que se tem vindo agravar com o passar do tempo. Quando o pai era vivo viajavam e passeavam muito, quando o pai falece isso deixou de acontecer. Ainda fizeram férias no Algarve, mas por períodos de tempo curtos, “com o pai era diferente”. À medida que os anos vão passando fazem cada vez menos coisas juntas e “mãe cada vez vive mais para os outros e menos para ela”.

No que confere a subcategoria sobrecarga de responsabilidades está presente a Maria. A Maria narrou que a mãe a seguir à perda do marido esteve três anos pela aldeia, tratava de umas vacas

e do quintal. Passados os três anos os antigos patrões do marido vieram propor-lhe que fosse trabalhar para sua casa como doméstica, vincando a Maria que estes sempre foram um apoio para a sua mãe. Decidiu aceitar a oferta de emprego e esteve lá a trabalhar durante 21 anos. Ao fim dos 21 anos decidiu sair porque “já estava cansada” e foi fazendo outras coisas. A Maria conta também que a sua mãe não tinha a carta e que só a tirou aos 40 anos. Este foi um ato que lhe trouxe maior independência. No meio do relato da história recorda-se como havia conflitos entre si e a sua mãe quando ela frequentava o secundário e queria ir aos jantares de turma. Havia “chatices” porque a “responsabilidade era só dela” e ainda por cima a Maria era uma “rapariga”. Acabava sempre por ir aos jantares depois de a mãe dizer que “não e ela dizer que sim” e, ficava em casa de uma tia. Remata o seu discurso com as seguintes palavras: “[m]as acredito que fosse mais nesse sentido de ser rapariga e ser ela sozinha e a responsabilidade ser dela, não é. Não tinha aquela situação do pai dizer, sim ou o pai ir-me a buscar, é diferente. [emoção]”

Por sua vez, o Pedro enquadra-se na subcategoria sobrecarga de trabalho. Este entrevistado relembrou como a mãe trabalhava muito e sempre conseguiu “dar-lhe o que precisavam”. Posto isto, descreve a trajetória de vida da mãe:

Sim... é pá trabalhava ela trabalhava muito. Lembro-me muito de estar nas aulas e ia para o ATL e era sempre o último a sair de lá saí pelas oito horas e até houve uma vez ou outra em que fui sozinho ou até me foram levar lá a casa. Pronto porque ela ficava muito tempo, ficava agarrada ao trabalho também devia ter a ver com a gestão monetária por trás disso. Devia estar um pouco ligado a isso. Foi muito stresse até senti que ela se queimou um bocado com o stress, prejudicou mesmo a saúde dela... Mas pronto sempre tive uma boa relação com a minha mãe sempre tive mais afinidade com a minha mãe. O que é que posso dizer mais? Deixa-me só pensar aqui mais um bocado... Divorciaram-se, trabalho muito, sempre tive muita ligação, senti um bocado a ausência dela por causa do trabalho, acabava por não ter assim tanto tempo connosco... e senti na altura que ela se afastou e por acaso acho que ele lembra-se disso, afastou-se um bocado de nós para nos tentar crescer a mim e ao meu irmão, para nos fazer crescer emocionalmente, porque ela pensava e “e então e se eu morrer agora? Como é que é? Quem é que fica com eles?”. Eu por acaso na altura senti isso, pensava que era da minha cabeça que era parva. Mas não e era disso... gosto muito da minha mãe e sempre tive muita ligação, educou-nos, fez-nos crescer e muitas experiências e deu-nos o que precisávamos.

Pedro não se recordou logo de algumas fases da vida da mãe quando a questão lhe foi colocada, mas veio-se a recordar na sequência de perguntas seguintes. Uma dessas questões prendia-se com os “namorados da mãe”. O primeiro que teve a seguir ao divórcio foi quando o Pedro andava no secundário e este tentou ser uma figura paterna para estes, mas não resultou. Esta relação não deu certo porque este namorado da mãe não conseguiu criar uma ligação com ele e, o seu irmão opôs-se a esta relação. Aqui pode estar espelhada a confusão de papéis que se dá quando um dos progenitores não está presente em casa, causando estas oposições dos filhos a novos relacionamentos amorosos do progenitor presente. Segundo Costa & Marra (2013) dá-se uma dependência afetiva entre mãe e filhos e, desta forma, é difícil aceitar alguém novo no núcleo familiar. Posteriormente, quando o Pedro veio para a Universidade a mãe começou uma nova relação amorosa, continuando com essa mesma relação. Até hoje esta pessoa é vista como um apoio emocional para ela. Têm gostos semelhantes e fazem sempre programas que ambos gostam. O Pedro diz que gosta dele, mas que este já “veio tarde” para ser uma figura paterna.

A Delfina forma a subcategoria trajeto conturbado, mencionando que o pai tem uma relação um pouco conturbada com a sua própria mãe, acrescenta que ninguém queria que este fosse embora da Argentina, não tinha telemóvel na altura, pois ainda era no início dos anos 2000.

Começou a trabalhar em Espanha, depois foi mudando de países e trabalho até se fixar na Inglaterra.

A Luísa posiciona-se na subcategoria trajeto de sofrimento. No que diz respeito ao pai, na sua opinião este “sofreu muito” com o processo da separação, mas sempre aceitou a decisão da mãe da Luísa em se separarem. Apesar de todo este sofrimento o pai garantiu uma rede de apoio para a Luísa por parte da sua família, sendo frequente o “lado da família do pai” ir visitá-la. O pai não estava presente fisicamente, mas ligava e recebia as suas cartas, sendo esta a forma que encontrou para de certa maneira estar presente na vida da filha.

Na subcategoria trajeto instável encontram-se Mafalda e Pedro. Os seus progenitores ausentes têm tido um trajeto de vida instável por causa dos traumas do passado e do álcool, respetivamente. A Mafalda, relativamente ao pai, contou a sua história de vida ainda quando este vivia com os seus pais, tendo uma vida muito estável até aos seus 14 anos. O pai era juiz e a mãe doméstica, porque o pai “sempre disse que ela não precisava de trabalhar e ficava a criar os filhos em casa”, que eram cinco com o pai da Mafalda. Entretanto o seu pai e, avô da Mafalda, quando o seu pai tinha catorze anos decide sair de casa, indo viver com outra pessoa e deixando para trás a esposa com os cinco filhos. Como o avô nunca contribuiu com nenhum tipo de ajuda económica a sua avó teve de arranjar dois empregos e, o seu pai juntamente com o irmão gêmeo, como eram os mais velhos, começaram também a trabalhar para poderem ajudar a mãe a sustentar toda a família. Perante toda esta situação nas palavras da Mafalda: “[p]ortanto eu acho que houve ali uma grande revolta por parte do meu pai, nesse sentido que foi o ter que assumir o papel de pai de família muito cedo”. Para além da sua mãe depois ter vindo a falecer numa fase em que “já podia finalmente descansar”, sendo a revolta do seu pai ainda maior. Assegura que: “[p]ortanto, eu acho que isso foram tudo traumas para o meu pai, que o meu pai nunca chegou a resolver e que vieram a transparecer depois na relação dele com o meu pai na relação dele comigo, na relação dele com o meu irmão.” Teve também um período em que “teve muitas namoradas, mudando de casa em casa”. Decide tirar mestrado para subir na hierarquia do banco, e consegue efetivamente sair do atendimento ao público e passar para o departamento de qualidade. Depois muda-se para Lisboa e no meio de toda esta história o seu pai e, avô da Mafalda, reaparece passados 30 anos sem terem mantido qualquer tipo de contacto neste intervalo de tempo. Quando se dá esta mudança para Lisboa, primeiramente vai viver com o pai e a seguir é que encontra a própria casa e mantém-se nesta. Perante tudo isto, na opinião da Mafalda o pai tem um percurso instável e este tem uma doença. O pai é bipolar só que segundo a Mafalda “não se quer tratar”. A Mafalda explica que o pai “não toma os medicamentos que é suposto e que fuma todos os dias ganzas, dizendo que esse é o seu antidepressivo”. Mafalda explica também esta atitude do pai só agrava a situação. Devido a isto como o pai é uma pessoa mentalmente instável “faz com que ela não consiga ter uma relação boa com ele”. Todavia, diz que o lado positivo é que nada disto se “reflete no trabalho do pai”, conseguindo este conciliar esta vida pessoal mais instável com a vida profissional. Acrescenta que o pai se refugia no surf e que quando necessitava de lhe pedir dinheiro para alguma coisa “havia sempre discussão”. Por isso assim que teve idade mínima para trabalhar começou logo a fazê-lo para ter o seu próprio dinheiro e não ter que pedir ao pai e poder “folgar de certa forma a mãe”. Diz também que não consegue ficar uma semana com o pai em Lisboa, pois os seus feitios “chocam um com o outro”. Remata o seu discurso, frisando novamente que o pai tem tido um percurso instável.

No que respeita ao seu pai, Pedro começou logo por avisar que não sabe muita coisa sobre o pai. Diz que este é de Santarém e que trabalha nas obras. Disse que falava de vez em quando com o

pai pelo telefone, mas nunca tinham muita coisa para dizer eram sempre “conversas mais superficiais”, frisando novamente que “nunca tiveram uma grande ligação”. Voltou também a repetir que o pai “não sabia lidar com ele”, porque era muito tímido, tendo muito mais afinidade com o seu irmão. Disse também que o viam uma vez por ano. Entretanto no seu 10º ano perde o contacto com o pai, porque diz que já não queria falar com ele devido a, “quando lhe ligava ele muitas vezes estar bêbado”. Conta também um episódio com o pai que o marcou e que no primeiro ano da universidade quando estava a passar “por uma fase má” lhe tentou ligar novamente, mas que mais uma vez ele estava bêbado. Não lhe voltou a ligar até terminar o curso e estar no estágio, mas mais uma vez a conversa foi “superficial”. Tentou dar-lhe mais uma hipótese, no entanto, não resultou. Soube também pela sua mãe que ele vive com uma namorada e com o filho desta. A sua mãe também se apercebeu que ele teve dificuldades em ultrapassar o divórcio. O Pedro refere também que: “[n]as pronto ele tentou lutar contra o álcool e tentou desistir várias vezes, mas acaba por ir com os amigos e bebe.” Volta também a vincar que não é um “bêbado violento”, mas que já perdeu a carta várias vezes por andar a conduzir bêbado. E por causa disto a avó do Pedro disse-lhe que o pai tinha ido preso, achando o Pedro que atualmente está preso, porque “foi apanhado a conduzir sem carta e bêbado”.

De forma concisa, os trajetos de vida dos progenitores presentes são complexos, pautados por sobrecarga de trabalho e responsabilidades, preocupações, um ritmo de vida acelerado e mágoas. Os progenitores ausentes detêm trajetos de vida, percecionados pelos filhos, mais leves, por vezes, instáveis e mais “centrados em si próprios”. Estes trajetos também refletem a fluidez das relações na modernidade líquida trabalhada por Bauman (2006). Fluidez esta que é refletida por aqueles que se divorciaram. Quem perdeu os seus cônjuges resistiu e parece ainda resistir em encontrar um novo parceiro.

5.2.7. Elementos Facilitadores da experiência de Monoparentalidade para os(as) Progenitores(as) Presentes e Ausentes

Nesta secção o objetivo era perceber que elementos facilitadores, ou seja, o que é que ajudou os progenitores presentes e ausentes no seguimento dos acontecimentos de monoparentalidade. Focou-se a rede de apoio e figuras aliadas, mas também se queria que os entrevistados(as) trouxessem para a investigação novos elementos. Com a Alexandra, o Miguel e o Pedro não foi possível explorar os trajetos de vida dos progenitores ausentes, pois estes não estão ocorrentes dos seus acontecimentos de vida. As subcategorias trazidas pelos entrevistados foram: ausência de elementos, rede familiar, rede múltipla, rede amical, género. Estas subcategorias cruzam-se para os progenitores presentes e ausentes.

Alexandra, Delfina e Paula constituem a subcategoria ausência de elementos facilitadores. A Delfina e a Alexandra não consideraram que as suas mães tenham tido elementos facilitadores. Assim como, a Paula opinou que o seu pai não teve elementos facilitadores. As palavras da Alexandra são ilustrativas desta falta de elementos facilitadores:

Não, tudo muito pelo contrário, a minha mãe basicamente sempre teve de que como é que eu hei de dizer, teve que se esforçar para ter o que tem hoje, a minha mãe nunca foi de ter as coisas na mão. Sempre teve que lutar bastante para ter o que tem hoje. A minha mãe trabalhava durante o dia, tinha dois trabalhos e mesmo assim à noite ia estudar para conseguir ter um bom emprego. Nunca foi facilitada, sempre foi bastante, tudo o que ela tem é pelo esforço e mérito.

Como se pode analisar nas palavras da Alexandra esta não considerou que a mãe tenha tido algum tipo de elementos facilitadores. Porém, esta já tinha contado que até aos seus 6 anos

viveram em casa dos avós maternos. Neste sentido o mais normal seria a Alexandra ter considerado os avós como elementos facilitadores, mas isso não aconteceu. Assim, como a Defina enveredou pela mesma opinião, sendo que a sua avó esteve muito presente na sua vida. Também se pode afirmar que as mães sozinhas acabam por fazer coisas, como ir estudar, pelos seus filhos ou filhas. Mas ao mesmo tempo estes atos de ir estudar são também uma mais valia para elas próprias. Portanto, a maternidade a *solo* pode levar as mulheres a investirem em determinadas coisas que são positivas para a sua vida. Sendo efetivamente os seus filhos uma fonte de satisfação e felicidade (Baranowska-Rataj, Matysiak & Mynarska, 2014).

A rede familiar é a que reúne maior número de entrevistados, sendo estes: Carlos, Luísa, Mafalda, Margarida, Maria, Paula e Sónia. Nestas redes de apoio sobressaem avós, tios e tias, entre outras figuras, dos entrevistados. Ou seja, são pais, irmãos(ãs) e cunhados(as) que auxiliam os progenitores presentes a partir do momento em que ficam sozinhos com os filhos. Para a Mafalda e a Maria os tios são para as entrevistadas uma figura paterna. O apoio que a família presta subdivide-se em: moral, psicológico, financeiro e prestação de serviços, como auxílio no cuidado com as crianças. Desta maneira os entrevistados proferiram que:

Sempre, teve sempre a fulana com quem ele teve o relacionamento dava-lhe algum suporte económico e os meus avós como base familiar. O meu pai não tinha que se preocupar comigo se eu estava bem se estava mal se tinha comida se não tinha comida, porque isso estava entregue à gestão da casa da minha avó. Não havia cá grande preocupação (Carlos, 2022).

Olha eu honestamente posso te dizer que, há várias, pelo contexto nós temos um contexto cultural que é diferente do europeu e então normalmente no nosso contexto cultural quando as famílias, quando se separam as famílias, os outros membros da família tendem a criar uma rede de apoio, ok de suporte para aquela família ou para aquela mãe ou para aquela criança ou aquelas crianças. Então aquilo que eu senti efetivamente foi que essa rede de suporte ela aumentou, ela já existia, mas ela aumentou, então os padrinhos, os tios, os avós, todo o mundo tinha um lugar a mais na sua mesa para o caso de eu precisar, ok e como a minha mãe já naquela altura trabalhava, a minha mãe tem uma história de vida que ficou órfã de pai e mãe muito cedo aos 17 anos. Então ela já tinha uma rede que lhe protegia na altura e então quando ela se separou do meu pai essa rede agigantou-se tornou-se mais fina na medida em que começou-se a criar mais elementos para me salvaguardarem e eu senti que as dinâmicas foram acontecendo, todo o mundo estava ali para dar suporte (Luísa, 2022).

Os grandes apoios neste caso é sempre a família, não é, porque nós somos todos, somos muitos e somos todos muito colados uns aos outros e convivemos muito uns com os outros e a minha mãe acabou por se refugiar um bocadinho nos meus avós e nas irmãs dela (Paula, 2022).

A Luísa sobre o pai referiu que “tirando a parte do emocional dele” que ficou bastante afetado com a situação, na opinião da Luísa “sob o ponto de vista social este não teve tantos problemas”. A Luísa explica que o pai ficou numa situação de “privilégio” relativamente a ela e à sua mãe, pois ficou a viver com a madrasta da Luísa e com os seus meios-irmãos, tendo também toda uma família que o auxiliava e não sendo necessário ter de se preocupar com ela ou reajustar a vida dele por sua causa. Reforçou esta sua opinião com os seguintes argumentos:

Ele tinha a preocupação de saber como é que eu estava, mas materialmente isso não tinha um impacto [ênfase] direto na vida dele se eu não fosse à escola naquele dia, porque eu estava com a minha mãe e nós estávamos em províncias diferentes ainda para mais e então o impacto era muito mais o emocional de ele saber a informação ou a Luísa está doente ou eu não pude ir com a Luísa ao hospital ou aquele dia a mãe da Luísa teve que faltar ao trabalho, porque a Luísa precisou de ir à escola e outro sítio, então a mãe teve de levar e deixou de, mas materialmente o meu pai não deve ter sentido tanto como a minha mãe com certeza que não.

Na rede múltipla encontram-se Carlos, Pedro, Zé e Mariana. O Carlos destacou que a mãe teve como elemento facilitador o tio e padrinho, que foi quem lhe deu suporte. Este tio e padrinho ajudava com a filha, ia buscá-la e levá-la à escola e aos fins de semana quando era preciso também ia buscar e levar o Carlos. Até porque, estas viagens para ir buscar e levar o Carlos eram pesadas, pois Abrantes e o Paul estão a uma distância de cerca de 200 km. Um das amigas de infância da mãe também foram essenciais nesta sua fase de vida. Sobre o auxílio que estas amigas prestaram à sua mãe pronuncia o seguinte:

Mais ali umas amigas da infância que lhe deram ali alguma reintrodução no ambiente social da cidade. A minha mãe tinha saído daquela cidade para ir estudar para Castelo Branco, portanto foi aí com 18 anos, coisa que o falha e regressou tenho que fazer contas a minha mãe é de 58 divorciou-se em 95, 47 é 47. Não 37 a minha mãe divorciou-se com 37 e teve 17 fora daquela vida de cidade e portanto a reintrodução no meio social custa sempre um bocadinho, não é.

O Carlos sobre esta reintrodução no meio social soma ainda o fator da idade, dizendo que quanto mais velhos mais difícil é a inserção no meio social e a aceitação social. Outra questão que também teve de ser ultrapassada pela sua mãe foi o facto de não conduzir. O Carlos explicou que a mãe tinha a carta, mas não conduzia.

No que diz respeito à sua mãe, segundo o Pedro os seus elementos facilitadores a seguir ao divórcio foram os seus avós maternos e pais dela, ele e o irmão. Também considerou que as colegas de trabalho podem ter sido um apoio, uma vez que iam, todos juntos a eventos culturais, que a “mãe gosta muito”. Ainda tinham um grupo de caminhadas e a “mãe mantinha contacto com duas ou três pessoas estrangeiras por cartas”.

A Mariana narrou que os elementos facilitadores da mãe foram ela e uma colega dela de trabalho, que é a colega mais próxima que tem. Foi a colega que se apercebeu que a sua mãe não estava bem e que inclusivamente estava a pensar suicidar-se, contou isto mesmo à Mariana. Foi a Mariana que conseguiu convencer a mãe a não colocar termo à vida, porque desse modo ela ficaria sozinha. Neste sentido, confidenciou que com a família do lado do pai não têm ligação e que a família do lado da mãe está toda em São Miguel.

À semelhança da Mariana o Zé também considerou que ele próprio e o irmão foram elementos facilitadores para o pai, de seguida os tios e agora ultimamente o trabalho que o ajuda a estar ocupado.

O Miguel forma a rede amical, apontando que a mãe:

Sim teve, há uma amiga que é uma grande amiga nossa, que também é veterinária e disse-lhe na altura “Oh A. se queres ser veterinária não sejas parva. Vai agora.” Isto porquê, porque o meu pai era alguém lá está era demasiado controlador e alguma vez lhe disse isso, “quero ir tirar o curso” e disse-lhe que não, inventou mil e uma desculpas e lá está também acabou por sentir, já não tinha aquela anilha na pata que dava o entrave.

A Delfina enquadra-se na subcategoria género, no que diz respeito ao pai. Segundo esta entrevistada o pai como é homem, isso pode ter facilitado a que este encontrasse emprego mais facilmente em Espanha. Nesta situação encontra-se o peso que o género ainda tem no mundo laboral.

Sumariamente, para estes progenitores presentes que perderam os maridos ou esposas os filhos são apoios incondicionais, sendo estes que os fazem lutar e superar o falecimento dos seus parceiros(as). Nestas redes de apoio destacam-se os familiares, seguidos de amigos e amigas e colegas de trabalho. Portugal (2011) nos seus estudos já revelava este destaque da família como

apoio. Para além da família em si, também destacava que nestas redes quem estava mais presente eram figuras femininas. Esta amostra contraria de certa forma este aspeto, no sentido, em que também se confirma que figuras masculinas foram importantíssimas nos trajetos de vida dos progenitores presentes e ausentes.

5.2.8. Obstáculos à experiência de Monoparentalidade para os(as) Progenitores(as) Presentes e Ausentes

Neste tópico pretendia-se averiguar que tipo de obstáculos tiveram de ultrapassar os progenitores, tentando-se perceber se depararam com o estigma social e com dificuldades económicas por causa da sua condição familiar. Também se pretendia que outros tipos de obstáculos fossem abordados pelos entrevistados(as). Esta subcategoria ramifica-se em: múltiplos obstáculos, ausência de obstáculos, dificuldades económicas, olhar diferente, perda, filhos e revolta com Santos. Também os obstáculos de progenitores presentes e ausentes se cruzam.

Na subcategoria múltiplos obstáculos posicionam-se Alexandra, Delfina, Luísa, Mafalda, Mariana, Margarida e Pedro. Nesta subcategoria os obstáculos que se destacam são: o estigma social, dificuldades económicas, condição de mãe *solo*, o não acesso a apoios formais, problemas enfrentados pelos imigrantes, controlo social, entre outros.

Acho que o maior obstáculo dela era ser mãe solteira, acho que era mesmo o maior obstáculo dela, mesmo a nível de ajudas, nesse sentido. Mesmo por causa do trabalho, acho que o obstáculo dela foi mesmo ser mãe solteira [...] Sim, de certa maneira acho que sim, não consigo explicar muito bem essa situação, mas eu acho que sim, que ela teve alguma dificuldade nesse sentido, por exemplo houve uma altura que a minha mãe não tinha trabalho, porque a fábrica fechou e ela foi pedir apoio como é normal, porque era mãe solteira e ela pronto conseguiu arranjar dois part timezinhos e a resposta foi que ela tinha dois trabalhos, que não precisava de ajuda nenhuma. Mesmo sendo mãe solteira, que não precisava de ajuda nenhuma. E acho que sim, que teve alguns preconceitos nesse sentido. Mas essa resposta acho que é melhor ser a minha mãe a dar-lhe acho que sim que teve, mas não lhe consigo explicar assim aprofundadamente (Alexandra, 2022).

Oh obstáculos, deve-se ter sentido mais sozinha, ela também não teve assim, não tentou arranjar assim alguém até quase dez anos depois, eu lembro-me deixa-me pensar foi mais ou menos até ao meu terceiro ano e quando eu estava no secundário começou a namorar com uma pessoa não resultou... em parte se calhar também não sei por causa do meu irmão não conseguiu lidar bem com a situação e acho que lhe piorou um bocado a vida, neste aspeto... Por isso ia obstáculos foi um bocado estar sozinha, mas virou-se muito para nós e ficou mais junto ao ninho, estás a ver. Portanto estamos aqui juntos nisto e pronto depois é stress, tempo e criar duas crianças sozinhas... Acho que é um bocado isso (Pedro, 2022).

A Delfina inicialmente verbalizou que a mãe teve de aceitar coisas que não queria. Relativamente ao preconceito a Delfina não o associa propriamente ao facto de a mãe ser divorciada, mas relativamente a ela ter engravidado ainda bastante jovem, não estando casada. Segundo a Delfina a avó sempre teve preconceito para com a mãe por causa disto e, que na altura em que a mãe engravidou frequentando a universidade as pessoas comentavam a situação. Sentiam-se as dificuldades económicas devido à crise que se implantou na Argentina. O pai como foi para outro país teve de enfrentar as barreiras linguísticas, ter de se adaptar a uma outra cultura, gerir o facto de ter de enviar dinheiro para Argentina sempre em datas certas

e não foi fácil estar longe da família. O pai também foi alvo de estigma no sentido em que as pessoas diziam que este “tinha abandonado a filha e se tinha ido embora”.

A Luísa expressou que a mãe não teve obstáculos muito expressivos, prendendo-se os seus obstáculos com o facto de quando a mãe e o pai estavam juntos, a mãe “tinha uma maior facilidade em resolver os seus assuntos, porque a podia deixar com o pai”. Um certo impacto financeiro, apesar de o seu pai contribuir, contudo o volume de capital económico era mais reduzido, como seria de esperar. Por fim, a mãe teve que por vezes deixar de lado os seus interesses para ficar com ela. Portanto, temos aqui refletida a questão de as mães colocarem os seus filhos em primeiro lugar em detrimento de elas próprias. Quando se direciona o olhar para o estigma, a Luísa elucida que:

Bom eu acho que a minha mãe não sentiu, pronto prontos socialmente nós também, não somos uma sociedade que estigmatiza muito o divórcio, ok. Entendemos que as relações elas começam e terminam e normalmente na base no termino de uma relação costumasse dizer as mulheres em Africa e especificamente em Angola se a mulher partir para o divórcio entende-se que há ali alguma justificação plausível do ponto de vista dela para aquela rutura, porque normalmente as mulheres de África são conhecidas por perdurarem muito tempo na relações independente de elas por vezes serem abusivas, relações que não fluam, ok. A partir do momento que tomas essa posição por norma a sociedade começa a perceber que alguma coisa não é do lado dela é se calhar do lado do marido. E então não houve muitos estigmas eu não senti estigmas do lado da minha mãe, não senti.

Segundo a Mafalda a mãe sentiu dificuldades económicas e estigma social. Estas dificuldades económicas levaram a que o seu estilo de vida tivesse de mudar, sendo para si este o maior obstáculo que tiveram. O pai paga a pensão, mas esse dinheiro também já tem o seu destino todos os meses. Também a avó materna contribui todos os meses com uma certa quantia de capital económico para ajudar a mãe com todas as despesas e para que possam ter uma vida mais confortável. No que diz respeito à questão do estigma a Mafalda explana que as pessoas da cidade de Évora olhavam para a mãe “como uma coitada que foi deixada pelo marido e que deixou de ter uma vida muito estável e que tem de criar dois filhos, tendo um ordenado pouco acima do ordenado mínimo”. A Mafalda sublinha que isto a revoltava muito, no entanto, a sua mãe nunca se revoltou com isso. Também menciona que a avó materna após a mãe se ter divorciado, começou a exercer sobre esta e os seus netos controlo social. A mãe da Mafalda tem uma relação amorosa que dura há três anos e, por vezes, marca encontros com o namorado e a avó não gosta que ela faça isto. Acrescenta que este aspeto é mais difícil de a mãe conseguir assimilar, pois tem 50 anos e tem de pedir ajuda à mãe e, para além disso, tem de saber lidar com o seu comportamento controlador. Segundo a Mafalda a avó coloca-se no lugar da mãe, como se esta a partir do momento em que se divorciou não conseguisse cumprir com o seu papel de mãe. Por fim, conclui o seu raciocínio dizendo que a mãe com esta situação é que ficou “mesmo em baixo”, pois tinha de dar justificações à sua mãe, tendo em conta que já tinha sido casada e que tem dois filhos. Para si este foi um grande obstáculo e também um preconceito.

Sobre o pai a Mafalda voltou a referir que os seus obstáculos têm sido os traumas e o facto de estar sempre a culpar a mãe da Mafalda por aquilo que lhe acontece de mal. A Mafalda disse que o pai estava sempre a falar mal da mãe e que por essa razão ela não queria ir para casa dele. A seu ver o maior obstáculo do pai é: “estar instável e transparecer essa instabilidade para mim e para o meu irmão”. Relativamente ao estigma, este aconteceu com o pai a partir do momento em que ele começa a ser uma pessoa que se distancia dos padrões impostos pelo grupo de *status*, ao qual pertence. Esta ideia está patente na seguinte resposta da Mafalda:

Em Lisboa não, mas cá em Évora sim, porque o meu irmão joga rãguebi estamos a falar de um certo, não quero dizer classe social, estamos a falar de um certo e determinado grupo de pessoas. É tudo muito à volta de pessoas do campo, forçados, rãguebi, tudo figuras muito à volta do mesmo, percebes, tudo super politicamente correto, ou seja, viam o meu pai chegar, o meu pai também foi forçado foi casado com a minha mãe, também seguia todo esse, o meu pai também jogou rãguebi, também seguia todo esse, essa carneirada como eu lhe chamo, que era o politicamente correto, tudo muito das aparências. O meu pai, chega o meu pai completamente todo mudado de Lisboa, completamente fora da caixa a fumar ganzas, não sei quê, então eu acho que o meu pai acabou um bocadinho por levar com esse preconceito no sentido em que, passou de ser o betinho que trabalhava no banco, que era forçado, que jogava rãguebi para passar a ser o maluquinho que se separou, que trocou a mulher por outra, que foi viver para Lisboa, que agora faz surf e pronto começou-se a borrifar para tudo o que era rótulos de betinhos e não sei quê não sei que mais. O meu pai acho que nunca, lá está como o meu pai sempre foi muito na dele, acabou por desligar um bocado desses dramas como foi para Lisboa acabou desligar um bocado, então só vem mesmo a Évora quando tem que ver jogos do meu irmão ou quando tem que porventura vai a uma corrida com ele e coisas assim do género.

A Margarida acha que o maior obstáculo da mãe foi mesmo ter perdido o marido, que era o “amor da sua vida”. Também afirmou que a sua mãe nunca mais voltou a ser a mesma. A Margarida acha que a única vez que pode ter havido algum tipo de preconceito para com a mãe, foi quando esta numa altura ainda chegou a aproximar-se de um homem. Segundo a Margarida este preconceito partiu por parte dos avós, porque pertencem a uma outra geração. As outras pessoas que a rodeavam apoiavam-na para que realmente tivesse uma outra relação amorosa. Quando questionada sobre as dificuldades económicas, explica:

Bem acho que deve ter sentido diferença, não é, claro tem que sentir, mas bem dificuldade económica em si mesmo dificuldade acho que não. Espero que não, mas espero que não, pelo menos nunca me chegou nada, mas claro que senti diferença, até porque ela algumas vezes comentou comigo, porque é diferente. Até porque houve algumas coisas na altura que tiveram que mudar um bocadinho, porque agora já não havia dois ordenados só havia um e havia coisas a que estava habituada, por exemplo, o facto de passarmos um fim-de-semana fora todos os meses tinha de deixar de acontecer pelo facto de várias razões pela situação em si e porque agora era só um, o dinheiro da minha mãe para duas filhas, que uma delas que é a minha irmã exige muitos tratamentos todos os meses que exige muitas idas a Lisboa ao IPO e exige muitos gastos, sim isso acho que, logo que isso aconteceu ela fez questão de me explicar, pronto e eu tive que aceitar.

A mãe da Mariana também nunca foi alvo de estigma, até pronunciou que “havia quase mais um preconceito do lado delas do que do lado dos outros”. No sentido, em que lhe diziam para ela encontrar outra pessoa e ela não gostava desse tipo de conversas. Cada vez que alguém falava mal de um pai ou marido, para elas as duas era difícil escutar esse tipo de comentários. Os obstáculos que a mãe teve efetivamente de passar foram:

Ela disse-me que ficou, pensava sempre quando tinha de tomar uma decisão relativa a mim era sempre a pensar ele o que é que diria e ele o que é que diria. E isso prejudicou muito eu lembro-me que eu cheguei a dizer mãe o pai já não está cá, pensa tu o que é que tu te sentes bem a fazer, isso foi um. O eu estar longe porque acabamos por ficar as duas sozinhas, tanto que eu não vim logo para Évora. O ano em que o meu pai faleceu eu fiquei lá, mais um ano. E depois é que vim e pronto também acho que foi mau por isso, porque acabamos por ficar muito afastadas, não nos víamos e somos muito ligadas. Foi a nível monetário porque era só ela a ganhar e para sustentar um curso e uma casa longe, acho que assim os maiores obstáculos foram esses foram mesmo a distância, o ordenado e ... já não me lembro do outro, ah ela sentir-se culpada no início também

foi muito, ela teve de batalhar muito com esse ponto para se deixar, para conseguir continuar. Basicamente foram esses os pontos piores que eu vejo.

Em relação à subcategoria ausência de obstáculos, esta é composta por Paula e Carlos, que asseguraram que os seus pais não tiveram obstáculos. Segundo a Paula o pai não teve obstáculos pois os homens continuam a ter mais privilégios, comparativamente às mulheres. Em relação ao Carlos, o seu pai não sentiu qualquer tipo de obstáculo a seguir à separação por ter ficado com o seu filho, muito provavelmente devido a ter os seus pais e a namorada sempre presentes para ajudar em tudo.

Na subcategoria dificuldades económicas estão presentes Carlos e Sónia. A Sónia quando é questionada sobre os obstáculos que o seu pai teve, disse simplesmente que “teve de se fazer à vida”. O pai nunca sentiu estigma e teve dificuldades económicas, mas eles, os filhos, sempre o ajudaram em tudo e, foi assim que contornou a situação. A mãe do Carlos sentiu algumas dificuldades económicas e foi superando estas com a gestão que ia fazendo do seu vencimento e das necessidades do quotidiano. A questão do estigma nunca se colocou, porque na localidade de origem da mãe estar divorciada ou divorciado era algo que já se tinha normalizado devido a muitas pessoas estarem nessa condição, explicando o Carlos que:

Não, não, porque naquela geração, porque hoje em dia falamos disto de maneira diferente, mas na altura era o mais banal, mais banal do que se calhar é hoje em dia, porque da geração da turma de estudantes de liceu da minha mãe, quando a minha mãe regressou a Abrantes havia uma pessoa que mantinha o casamento, as outras estavam todas divorciadas, todas.

No olhar diferente encontram-se Luísa e Paula. Estas entrevistadas não consideram que a sua mãe e o seu pai, respetivamente, tenham sido efetivamente alvo de estigma social. Porém, estes foram alvo de um olhar diferente por parte dos outros. Posto isto, a Luísa relativamente ao pai também o colocou como alguém que não foi alvo de estigma, mas de um olhar diferente, pelo facto de este estar envolvido ativamente na religião e ter uma filha fora da sua primeira relação, que é a Luísa. Também para quem pertence a uma religião ser divorciado é um rótulo pejorativo. Deste modo, a Luísa refletiu que:

Olha eu acho que em relação ao meu pai há aqui uma particularidade que pode ser o diferencial, porque eu sou a única filha fora da relação do meu pai então o que pode ter acontecido é que pelo processo religioso é que o meu pai era de uma outra igreja e a igreja deles também é uma igreja que tem um olhar mais conservador sobre os assuntos e pode ter sido a partir daí que ele pode ter vivido não sei se um estigma, mas um olhar diferenciado em torno dos outros porque era, o meu pai era pastor numa igreja e ser um pastor e ter uma filha fora da relação, estás a perceber? Se calhar pesava mais um bocadinho para ele nada mais do que isso.

A Paula disse que a mãe nunca se sentiu estigmatizada, mas que:

Toda a gente passa por obstáculos na vida e estamos a falar de um divórcio há 15 anos atrás ainda se apontava muito o dedo e não era fácil ela chegar a qualquer lado e dizer que era divorciada e as pessoas apontavam o dedo e comentavam, mas pronto. Tudo se ultrapassa quando há vontade própria tudo se ultrapassa.

A mãe da Paula até deixou de frequentar um café, por causa destes comentários sobre o facto de se ter divorciado. Já o seu pai não ouvia este tipo de conversas, pelo simples facto de ser homem. A Paula manifesta que as conversas são sempre no sentido de criticar a mulher e nunca o homem.

Na subcategoria perda encontra-se a Maria. A Maria também mencionou que a própria perda do pai foi um obstáculo. A Maria considerou que a depressão da mãe ocorreu porque ela passou por muitas situações difíceis, nomeadamente por algumas perdas de familiares muito próximos, quando era muito nova e, tudo isso foi acumulando e veio a manifestar-se já numa idade mais tardia. Este cansaço da mãe, como a própria Maria disse, também foi em parte provocado pelo seu trabalho na casa dos patrões, pois esta já era mais velha e o trabalho tinha vindo a aumentar, vincando que “os patrões não exigiam nada da mãe ela é que gosta de fazer as coisas à maneira dela e bem feitas”. Foi medicada e agora está bem. Ainda chegou a trabalhar em outros lugares até à idade da reforma. As questões económicas e o estigma nunca se colocaram.

Na subcategoria filhos está o Miguel. O Miguel pensou que o facto de a mãe ter três filhos acabou por ser um obstáculo, porque ela teve de equacionar muito bem como iria fazer para vir estudar para a Universidade. A questão do estigma e das dificuldades económicas nunca se colocaram. Tendo em conta que a mãe do Miguel sempre teve os seus pais e avós dos filhos ajudá-la.

Na subcategoria revolta com os Santos está o Zé. Este entrevistado contou que:

Eles em termos religiosos, eles eram religiosos tipo católicos e assim, mas depois pouco tempo, por isso é que disse que o meu pai era católico e não sabia muito bem. Mas se, eles eram os dois religiosos eles tinham muito santos e pouco tempo depois de a minha mãe morrer não sei foi um bocado estranho para nós para os filhos, ele atirou com os santos todos para o lixo. Atirou com os santos todos para o lixo, não se se é isso que querias perguntar.

Em síntese, os obstáculos com se depararam estes progenitores, de acordo com os entrevistados(as), foram: a condição de mãe solteira, o não acesso a apoios do estado, controlo social, doenças psicológicas, a perda em si, indecisões, os próprios filhos, sentir-se só, deixar de ter vida pessoal, revolta com Deus e com os Santos, olhar diferente, estigma social e dificuldades económicas. O estigma social tende a ocorrer em meios pequenos onde todos se conhecem e no seio da religião, com aqueles que se divorciam e, onde o divórcio é um acontecimento raro. Quando o divórcio é um acontecimento frequente torna-se normal e a questão do estigma dissipa-se. O estigma não é sentido por quem ficou viúvo. As dificuldades económicas acabam por estar muito presentes no quotidiano das famílias monoparentais, não sendo estas dificuldades acentuadas, mas apertos económicos. Estes apertos económicos surgem, em parte, da falta dos rendimentos auferidos pelo antigo parceiro.

5.2.9. Estratégias Adotadas pelos(as) Progenitores(as) Presentes e Ausentes

No que respeita as estratégias, tentou-se compreender se estes progenitores presentes e ausentes sentiram a necessidade de recorrer a estratégias para de certa forma facilitarem a sua vida ou para serem mais felizes. As subcategorias associadas às estratégias foram: ausência de estratégias, entrega ao trabalho, rede familiar, ausência de vida própria, diálogo aberto, múltiplas estratégias, aumento de relações.

A Alexandra, Carlos, Maria, Miguel, Paula, Margarida e Sónia compõem a subcategoria ausência de estratégias. Nos seus discursos os seus progenitores não necessitaram de recorrer a estratégias. Ora veja-se:

Não, nunca me consegui aperceber dessa situação. Acho que no fundo a minha mãe nem tinha tempo para respirar, a minha mãe trabalhava muito. O tempo dela para mim era todo para o

trabalho. Portanto eu acho que ela nem tinha tempo para pensar em alguma estratégia (Alexandra, 2022).

... O que eu acho é que ela não precisou de usar, porque era um entrave que ela tinha na vida dela, até mesmo se nós pensarmos mesmo, por exemplo mesmo que o meu pai fizesse certas tarefas, o facto de tentar colocar entraves psicológicos é muito pior do que não fazer a, b ou c. A partir do momento em que deixou de ter esse entrave psicológico, talvez não tenha que utilizar estratégias. Pelo menos foi assim que eu vi e percebi a situação. Agora se arranjou ou não, sei que ela na altura quando se separou que ainda gostava dele, mas que achou que derivado ao feitio dele e aos entraves que lhe punha, não era a pessoa certa para estar ao lado dela, não a fazia feliz, porque lá está não a deixava fazer, não queria que ela fizesse isto ou aquilo, demasiado controlador (Miguel, 2022).

Na subcategoria entrega ao trabalho encontra-se novamente o Carlos. Para este entrevistado a estratégia da mãe foi entregar-se ao trabalho. Na sua exposição pode ler-se:

Eu acho que a minha mãe se entregou demasiado ao trabalho dela. Eu acho que ela se entregou muito à escola e dedica-se muito aos miúdos por causa disso. E para enfrentar também um bocadinho a experiência da solidão, regressar para uma casa vazia, porque quando a minha mãe perdeu a avó porque era a referência dela materna, porque ela nunca se deu bem com a mãe dela foi com a avó, quando morreu a minha bisavó que foi a última dos três a morrer, portanto a minha mãe primeiro perdeu o pai, depois a mãe e depois avó. E quando perdeu avó no ano a seguir estamos a falar em meia dúzia de meses a seguir a minha irmã saiu de casa para ir para a universidade. E então a minha mãe vê-se pela primeira vez na vida com a experiência de regressar todos os dias a uma casa sozinha. E aí, sim eu notei que ela se dedicou muito mais à escola, que fazia sempre ali um compasso de espera quando chegava, ela dava ali aulas em Vila de Reis, que é a 30 km de Abrantes e quando regressava a Abrantes fazia ali um compasso de espera ela fazia de propósito dava ali uma volta no Continente, ia ao centro comercial, para não ir logo para casa. Agarrou-se também à cadela que eu lhe meti lá em casa nessa altura. Foi uma grande companhia para ela a cadela que era a lara, era uma rafeira do Alentejo, foi uma cadelinha muito fixe.

A Delfina encontra-se na subcategoria rede familiar. Inicialmente não soube dizer possíveis estratégias que a mãe tenha utilizado. Porém, enunciou que ela ia almoçar sempre a casa da avó, portanto esta poderia ser uma estratégia para “poupar dinheiro”.

A Luísa encontra-se na subcategoria ausência de vida própria. Esta participante fugiu um pouco à questão, no sentido em que declarou que a mãe acabou por deixar de lado os seus sentimentos e a sua vida pessoal durante 12 anos, para poder lhe dar mais atenção a ela. Só passados 12 anos é que a mãe da Luísa voltou a ter uma relação com um homem, que veio a ser padrasto da Luísa e pai da sua irmã. Entretanto o padrasto da Luísa já faleceu.

A Mafalda forma a subcategoria diálogo aberto. A mãe da Mafalda sempre apostou em ter um diálogo aberto com os filhos, explicando-lhe tudo o que se passava. Na opinião da Mafalda esta comunicação sem segredos ajudou muito. Como a própria Mafalda diz, a mãe tentava sempre “agilizar o processo” para que ela e o irmão não ficassem com nenhuma revolta e tomassem consciência do que se passava realmente.

O Pedro e a Mariana constituem a subcategoria múltiplas estratégias. Estes entrevistados descreveram as estratégias adotadas pelas mães nos seguintes termos:

Deve ter, quase de certeza, não tive bem noção disso ... que ela pronto nós na altura eu tinha 8 anos e o meu irmão tinha 4 por isso ainda não podíamos ficar sozinhos, por isso ela teve de mudar coisas, teve de depender muito dos meus avós, para ela fazer as coisas dela também, deixava-nos com os nossos avós. Como disse quando estava na escola até ao quarto ano tínhamos de ficar

lá no, nos tempos livres aquilo supostamente era até às sete, às vezes ficava até às 8 da noite era mesmo, tinha muito disso. Bem, não tenho más memórias disso era um bom tempo. Mas tínhamos problemas e lembro-me de ela ligar às funcionárias da escola “já vou, não vou, estou atrasada”, tinha muitos problemas desses. Agora o que é que ela teve, necessito de algo mais concreto. [pausa] Dependeu muito dos meus avós, do ATL na altura porque pronto tinha de ser (Pedro, 2022).

Eu lembro-me que houve uma altura, ela gosta muito de trabalhos manuais e ela foi para um cursinho onde fazia isso. E acho que foi mesmo para fazer algo que goste e ter a cabeça ocupada. Ela pensou muito mais nela do que no trabalho. Ela sempre pensou muito no trabalho, no trabalho, no trabalho. Não que ela prejudicasse a família, aquele ponto que nós às vezes até vemos em filmes, não era a esse ponto, mas era muito dedicada sempre foi e a partir daí não, era mais a minha filha está primeiro, pronto a partir daí também só era eu. Eu estou primeiro, quando ela já estava muito cansada punha atestados, ela aí teve muito tempo de atestados, porque não estava em condições e agora pensa muito nela, “se eu estou cansada vou por um atestado para não trabalhar”. Acho que talvez tenha sido isso foi refugiar-se muito em mim, na nossa ligação e fazer mais aquilo que ela gostava. Acho que sim (Mariana, 2022).

O Zé reportou um aumento de relações. Este entrevistado mencionou que para o pai relacionar-se com as outras pessoas foi uma mais-valia.

De acordo com as pessoas entrevistadas, as estratégias resumem-se em auxílio por parte da rede familiar, entrega ao trabalho, diálogo aberto e sincero, manter contacto com quem os rodeia, recorrer às redes de apoio formais como o caso do ATL e, fazerem aquilo que gostam. Também alguns progenitores não necessitaram utilizar estratégias e outros nem tinham tempo para pensarem nelas, pois estavam absorvidos pelo trabalho.

5.2.10. Avaliação dos Trajetos de Vida dos(as) Progenitores(as) Presentes e Ausentes

Nesta dimensão tentava-se perceber como é que na perspetiva dos filhos tinham sido os trajetos de vida dos seus pais. No sentido em que se tinham sido positivos ou não, felizes ou não, difíceis ou não entre outras respostas que poderiam ser dadas. As subcategorias implícitas nesta avaliação são: elogios às mães, maior esforço, trajetos difíceis, positividade do divórcio, trajeto influenciado, avaliação crítica, avaliação boa, trajeto de auxílio, tristeza e melhor pessoa.

Segundo os dados recolhidos a Alexandra, a Paula, a Delfina e a Mafalda fizeram uma avaliação onde elogiam as suas mães. Por isso a sua subcategoria é elogios às mães. A Alexandra e a Paula caracterizam as mães como sendo lutadoras, a Delfina referiu que a mãe foi ótima consigo, mas “tem que fazer algo para voltar a falar com a sua família de sangue”. Enquanto a Mafalda admirou a mãe proferindo a seguinte linha de pensamento:

... Que avaliação é que eu faço? Eu faço que, eu por exemplo admiro muito a minha mãe não se ter ido abaixo com todas as coisas que se passaram na vida dela e mesmo com as coisas que se passam agora, ter que lidar com todas estas coisas da minha avó e isso tudo eu acho que a minha mãe, eu não sei se estivesse no lugar da minha mãe lidaria tão bem com a situação como a minha mãe lida. Gostava muito de um dia ser para os meus filhos aquilo que a minha mãe, tem conseguido ser para mim e para o meu irmão ao longo destes anos todos. No sentido em que a minha mãe desdobra-se em trinta mil pessoas para conseguir chegar a todo lado e estou sempre a refilar porque tenho 20 anos e a minha mãe é super mãe galinha. Eu tenho vinte anos e a minha mãe ainda me liga 5 vezes ao dia a perguntar onde é que eu estou. “E se está tudo bem e se eu comi” e pergunta pelos meus trabalhos. Sabe dos meus trabalhos todos, sabe das minhas frequências todas, anda sempre e cima de mim para eu estudar. E eu digo que isso é galinha, mas ao fim ao cabo eu sei que é muita preocupação. No sentido em que não quer que me falte nada

e que eu me perca e portanto a minha mãe nessa coisa é muito eu gostava muito, mas acho que não conseguia. A minha mãe tem mil e uma coisas para fazer no trabalho está a pensar em mil e uma coisa que tem para fazer quando chegar a casa, nos trabalhos do meu irmão, nos estudos do meu irmão, nas explicações do meu irmão que o meu irmão entretanto tem duas explicações diferentes. Portanto a minha mãe tem que gerir o horário dela para conseguir ir buscar o meu irmão, sair do trabalho para ir buscar o meu irmão às seis da tarde, porque depois o meu irmão tem explicação, depois tem treino às sete e meia é toda depois é toda aquela coisa não sei se conseguia lidar. Gostava muito de um dia ser mãe e pai ao mesmo tempo como foi a minha mãe para nós e sentir que não me falta nada. E que estou plenamente, que estou completamente preenchida. Claro que há sempre aquela coisa da figura paternal, neste caso acabei por me apoiar muito nesta caso no meu padrasto, eles não são casados, mas eu chamo-lhe padrasto e no meu tio o marido da tia T.

A Luísa encontra-se na subcategoria maior esforço, no que respeita a mãe. Esta entrevistada vai ao encontro destas opiniões, no sentido em que expressou o quanto ainda uma mulher tem de dar de si para mostrar que pode ser uma boa mãe sem ter o auxílio de um homem. Esta opinião da Luísa está expressa nos seguintes vocábulos:

Bom eu em linhas gerais eu penso que aqui há vários cenários que podem ser colocados, o primeiro é que socialmente ela era uma mulher que estava numa situação de ter que sustentar uma casa, uma família, uma casa e uma criança. E então a sociedade ela não é fortificada para ajudar as mulheres a terem uma vida mais fácil, então ela socialmente, eu acho que ela teve que aumentar sobre o ponto de vista das coisas a visão dela, trabalhar mais querer ser um caso de sucesso porque já que estava separada apesar de as pessoas não arremessarem pedras à rua, mas ficava-se sempre com aquela percepção provavelmente uma mulher solteira não consegue educar uma criança. E então a minha mãe a dada altura acho que ela teve que criar uma força tarefa para garantir que isso acontecia, então a sociedade exigiu dela mais esforço, ok e a sociedade em que nós vivemos continua a ser igual, mas eu sinto que foi muito isso e isso também se refletiu muito na pessoa que eu fui, ok eu também comecei a mentalizar muito cedo que eu tinha que passar por uma jornada em que não faltasse às aulas e não prejudicasse o esforço todo que a minha mãe já estava a fazer em torno de me tornar uma pessoa melhor, independente de ela ser uma mãe solteira. A criar uma filha, não é.

No tocante a Margarida, Maria e Mariana e Zé como as mães e, o pai do Zé, perderam os maridos e esposa, tendem avaliar como trajetos mais difíceis. A Margarida disse que a mãe se sente sozinha, Maria disse que não foi fácil, mas que foi muito bom e a Mariana disse que a mãe teve uma trajetória de vida pesada, desvendando um pouco mais do passado da mãe quando ainda o seu marido e, pai da Mariana era vivo.

Muito pesada, porque mesmo do, com o meu pai em vida foi uma pessoa sempre muito doente. E acho que foi uma pessoa muito importante para a minha mãe, mas acho que foi uma vida muito pesada que ela teve. Ela ainda há pouco tempo me esteve a contar que lhe custou muito, porque o meu pai teve um acidente de carro e eu era pequenina e a minha mãe teve que ir trabalhar, porque tinha que ganhar o dinheiro, o meu pai estava em casa acamado e eu tive que lhe reensinar a andar, reensinar a comer, tinha que lhe dar o lanche, os comprimidos. Quando eu digo há pouco tempo, foi neste fim de semana que ela me teve a contar isso, que lhe revoltava lhe revoltava imenso, eu não me lembro, mas até houve uma vez que ele não quis comer e a minha mãe para eu, era criança e dizia “o pai para recuperar tem que comer, tem que tomar os comprimidos, tem que na na na, se não o pai vai ficar pior [imita a mãe]”. E eu, a minha mãe diz que chegou a casa e eu estava a chorar, lavada em lágrimas porque o meu pai, não quis comer e que a minha mãe lhe deu raspanete de todo o tamanho [risos], “porque eu não tenho culpa nenhuma, porque eu sou pequenina” e foi sempre muito, qualquer chamada do telefone podia ser o médico, qualquer coisa. Depois disso houve uma espécie de paz, porque tanto eu como a

minha mãe felizmente somos bastante saudáveis, mas foi uma perda muito grande, porque falta ali alguém. E ela passou mesmo muito mal. Como eu disse de ficar sozinha, sim foi difícil eu consideraria assim (Mariana, 2022).

O Miguel e o Pedro encontram-se na subcategoria positividade do divórcio. Estes entrevistados reconheceram que o divórcio das mães foi positivo, revelando o Miguel de forma sutil que o pai exercia violência psicológica sobre a mãe e o Pedro que a sua mãe apesar de tudo foi muito feliz. Como se pode confirmar nos próximos excertos:

... O melhor que ela fez foi mesmo separar-se do meu pai, eu acho que não tenho outra opção, eu tento, eu tento pôr-me de fora desta situação que é: se alguma amiga minha me visse dizer que tem um namorado e se cada vez que ela diz que quer fazer a, b ou c, ele diz que não pode e coloca entraves e às vezes até é bruto com ela. Eu acho que não está a fazer nada, eu vendo nessa ótica eu acho que foi exatamente o melhor que ela fez (Miguel, 2022).

Eu acho que quando houve a separação pronto, foi negativo e tal, mas eu acho que foi apesar do divórcio, foi dos momentos mais felizes da vida, pronto passei por algumas coisas, mas tenho muito boas memórias da altura e lembro-me de a ver sempre muito contente e feliz, porque eu acho que ela focou-se muito em nós. E nós também estávamos muito dependentes dela e precisávamos dela, tínhamos bons momentos íamos dar voltas e passeávamos com ela. Ia-mos fazer caminhadas, fazíamos muita coisa e ela era dada muito a nós e nós a ela. Por isso... acho que foi não posso dizer que tenha sido menos feliz, passou por momentos maus, o stresse do trabalho, o divórcio e tal, da parte se calhar amorosa disso não vimos muito. Do trabalho sim isso conseguimos ver era o stress isso conseguimos ver. Agora assim emocional é capaz de ter privado um bocado de nós. Mas mesmo assim acho que ela teve muitos bons momentos e acho que foi muito feliz nessa altura, fazíamos muita coisa, tínhamos uma vida muito ativa na altura. Por isso acho que não, para passar um bocado por cima disso. Sente-se mal então vou fazer outra coisa para esquecer aquilo. Agora, mas acho que podes dizer que ela teve uma fase feliz apesar de tudo. Também o divórcio é porque havia coisas erradas na relação e depois vem sempre a mágoa e acabas por ultrapassar sempre essas coisas é a parte mais positiva (Pedro, 2022).

O Carlos constitui a categoria trajeto influenciado. A mãe do Carlos é a única mãe desta amostra, que se divorciou e não foi progenitora presente do filho. O seu filho achou que a trajetória de vida da mãe foi influenciada pelas escolhas feitas pelo seu pai, articulando que:

Pois a minha mãe é fruto das circunstâncias ela não escolheu ela descobriu que tinha uma relação com alguém que não era fiel e portanto não se sentiu confortável nela. Portanto, não foi uma escolha foi uma consequência das escolhas de outros. Portanto ela acaba por ser fruto dessa circunstância dessa escolha de terceiro e tem de se aguentar à bomba, pronto, é o que é. Tá numa posição mais favorável do que o meu pai embora morre sozinho, mas a minha irmã mora na mesma cidade e veem-se todos os dias e, portanto a minha mãe teve sempre mais acompanhamento familiar do que tem o meu pai. Mas isso para mim é importante perceber que há nestas situações específicas não quer dizer que sejam todos assim, mas há um trajeto de vida da minha mãe que foi condicionado pelas escolhas de vida do meu pai (Carlos, 2022).

O Carlos, relativamente ao pai, forma uma outra subcategoria, que é avaliação crítica, juntamente com Delfina, Mafalda e Miguel. Sobre os pais presentes o Carlos é o único que tende a fazer avaliação, criticando para um lado mais negativo as escolhas de vida que o pai fez, confessando que essas mesmas escolhas também influenciam as escolhas que ele agora faz na vida. Neste sentido, expressou que:

Eu pessoalmente acho que o meu pai neste momento está a colher os frutos, que semeou na vida. E muita da solidão que ele sofre neste momento, porque está sozinho em casa é fruto disso. Portanto ele toda a vida não se preocupou com a família, portanto, seguiu sempre a vidinha dele,

feliz e contente. E agora cada um de nós quer eu, quer a minha irmã todos temos a nossa vida e pronto, não posso estar a condicionar a minha vida para lhe ir fazer companhia uma vez que ele também não quer sair de lá. Se eu para mim queria isso, não quero. E eu reconheço que algumas das minhas opções de vida têm por base algumas consequências que eu vi acontecer à vida do meu pai por aquilo que ele fez. Não quero, não é isso que eu desejo para a minha vida. Não quer dizer que não venha acontecer, mas não é essa a ideia.

No que confere os progenitores ausentes homens, estes tendem a ser avaliados criticamente pelos seus filhos de uma forma mais depreciativa. Nos seguintes discursos:

Cada um escolhe o caminho, não é. Tipo eu, se fosse eu procurava arranjar uma outra forma. Tipo eu não ficava longe do meu filho ou da minha filha. Mas pronto cada uma faz como pode (Delfina, 2022).

De zero a dez se calhar avalio num ...4,5 [risos]. E vou explicar porquê, inevitavelmente o meu pai teve um percurso instável e transmitiu-nos essa instabilidade obviamente eu, para mim sendo eu uma miúda de treze anos para mim foi complicado lidar com essas coisas todas. Portanto, mas inevitavelmente não deixa de ser meu pai e eu não deixei de conviver com o meu pai durante 13 anos e não deixei de fazer as coisas todas, lá está porque o meu pai quando estava com a minha mãe, estava estável ele tinha a doença, mas porque a minha mãe também não o deixava, conseguiu que ele fosse tratado, mas depois deixou de ser tratado porque disse que aquilo, os comprimidos que ele estava a tomar desligava as emoções, portanto eu acho que pronto não deixa de ser o meu pai. Não deixo de ter muita pena de não poder ter a relação pai e filha com o meu pai. Mas lá está eu acho que ele não lidou com as coisas da melhor maneira, porque ao contrário se eu estivesse no lugar do meu pai, isto é sempre muito fácil uma pessoa falar estando fora. Eu estou fora, mas estou dentro, porque sou eu. Mas se eu tivesse alguma doença e eu quisesse manter essa relação com os meus filhos eu fazia por ficar bem. Ok, que eu sinto que desliga as emoções, mas lá está estou só a pensar no meu umbigo, mas também tenho que pensar naquilo, no sofrimento que vou causar aos meus filhos. Eu faria de tudo para que as coisas resultassem e eu acho que o meu pai não o faz a partir do momento que não se quer tratar. E continua a fazer as coisas que faz à nossa frente, percebes. O meu irmão já teve que perceber o que é que era, porque o meu pai acabou por falar dele. E eu percebi muito novinha o que aquilo era, é que eu nunca tinha ouvido falar numa ganza, nunca tinha ouvido falar em drogas na minha vida aquilo para mim, assim que ouço essa palavra, eu digo assim à minha mãe: o pai anda a fumar uns cigarros com um cheiro estranho, o que é que são? E a minha mãe “Não sei fala com o teu pai”. E eu perguntei: Pai o que é que o pai fuma? E o meu pai disse-me assim: “pesquise lá aí marijuana”. Escrevi marijuana no google com 12 anos, droga e eu aí Jesus. Droga, droga, droga e aquilo começou logo a ecoar na minha cabeça. Mas pronto avalio o percurso do meu pai porque eu acho que ele não lidou bem connosco e acho que devia ter feito as coisas de outra maneira. Mas agora pronto já não há nada a fazer (Mafalda, 2022).

... Aquilo que eu consigo tirar é que foi alguém, que em muito jovem tinha muita garra de levar as coisas para a frente e com o tempo diluiu acho que houve alguma dessa frustração de não ter conseguido levar as coisas no tempo que ele queria também acabou por se tornar naquilo que ele é hoje ou que nota-se que é alguém que é um bocado frustrado na maneira de lidar com as coisas e de ser alguém alguém que controla a outra pessoa de fazer algo para ser melhor, normalmente é porque é frustrada nesse aspeto ou porque queria e não conseguiu, ah agora lembrei-me porque ele tinha um sonho desde não sei era uma vontade desde criança que era ser advogado, mas pronto depois também lhe passou a vontade (Miguel, 2022).

Quanto aos outros participantes cujos pais foram progenitores presentes, foi a Sónia que só disse mesmo que foi “boa”. A Paula disse que o pai tal como a mãe também é muito de “dar a camisola”, no sentido em que gostam de ajudar os outros. Portanto a Sónia forma a categoria avaliação boa e a Paula relativamente ao pai forma a categoria trajeto de auxílio.

No que respeita o Pedro, este expressou que fica triste com esta história de vida do pai, pois queria vê-lo bem. Desta forma, a sua subcategoria relativa ao pai é tristeza.

Em relação à Luísa esta encontra-se na subcategoria melhor pessoa no que confere o pai. Refletiu de forma profunda sobre o trajeto de vida do seu pai a seguir à separação, sendo o seu parecer que:

Eu acho que o meu pai, o meu pai separou-se da minha mãe e voltou para uma relação antiga que ele já tinha. Que é a mãe dos meus irmãos mais velhos e dos meus irmãos, no caso eu até sou a filha do meio. Aquilo que eu penso em relação ao meu pai é que o meu pai o emocional dele como eu disse do termino da relação dele com a minha mãe mexeu muito com ele. Então o meu pai virou-se para uma vida mais, uma vida mais relacionada com o interior dele, o meu pai entrou para a igreja, formou, manteve a família que ele já tinha e ficou muito comprometido em ser o melhor que podia na quele lugar, percebes, porque já tinha noção sob o ponto de vista dele sobre várias conversas que fomos tendo até o meu pai morrer que é pá ele estava fragilizado por saber que tinha uma filha fora da relação e numa relação que ele gostava e uma filha que ele gostava e não podia fazer nada. Muito virado para esta necessidade do que eu vou fazer para ser melhor efetivamente, não pude ser melhor há pouco tempo atrás e agora tenho que ser melhor, não é. E acho que isso é uma coisa com a qual ele viveu bastante tempo.

Em resumo, as mães que são ou foram as responsáveis pelo agregado familiar tendem a ser elogiadas pelos seus filhos e filhas. Para quem perdeu o marido ou a esposa foi e, ainda é, um trajeto de vida difícil e pautado pela tristeza. Quem é mais criticado pelos entrevistados(as) de forma menos positiva são os progenitores ausentes. Na perspetiva dos filhos(as) estes poderiam ter tomado decisões diferentes, que seriam mais benéficas para si enquanto filhos e mesmo para eles próprios. O divórcio não tem de ser necessariamente negativo, podendo ser positivo quando as relações já não estão bem, sendo a família monoparental, por vezes, uma fuga à violência. Este lado positivo do divórcio já havia sido abordado por Giddens (2013), revelando que este evento podia trazer autorrealização e satisfação aos implicados.

5.3. Infância dos(as) Entrevistados(as)

Este campo inicia outra dimensão do guião que é o trajeto de vida pessoal. O trajeto de vida para além de biológico, é social (Vicent, 2003 *apud* Giddens, 2013). Variando consoante a cultura em que as pessoas estão inseridas, as condições materiais de existência (Giddens, 2013), entre outros fatores. Nesta dimensão pretendia-se que os entrevistados(as) descrevessem o seu próprio trajeto de vida, explorando também elementos facilitadores, obstáculos e estratégias adotadas. Finalmente, também se pretendia que avaliasses cada etapa do seu trajeto. O seu trajeto de vida foi dividido em quatro etapas: infância, adolescência, transição para a idade adulta e presente.

5.3.1. Descrição da Infância dos(as) Entrevistados(as)

Neste tópico era pedido aos participantes que falassem sobre a sua infância. Apesar de ser clarificado que o trajeto de vida seria tratado por etapas, alguns entrevistados logo na infância descreveram outras etapas da sua vida. As descrições da infância tendem a ser mais positivas, demonstrando os entrevistados sentimentos alegres quando falam desta etapa da sua vida. Mesmo para aqueles cujos pais se separaram durante a sua infância ou um dos progenitores faleceu, esta continua a ser uma etapa cheia de memórias felizes, sinalizando sempre estes que a separação dos pais ou o processo de luto é que foram momentos maus. As subcategorias

encontradas foram: ótima infância, infância boa, infância feliz, infância normal, infância tranquila, boas memórias, descrição de acontecimentos.

Do total de entrevistados(as) oito descrevem as suas infâncias de forma positiva. Sendo que esta forma positiva apresenta num espectro de descrições. Assim sendo, à Alexandra corresponde a subcategoria ótima infância, à Luísa infância tranquila, à Delfina boas memórias, à Mariana infância feliz, à Maria infância normal e à Margarida, Paula e Pedro infância boa. Posto isto, vejam-se as suas descrições:

Eu, a minha infância já foi como eu disse anteriormente, eu lembro-me mais ou menos a partir dos meus 6 anos. A infância que eu tive aqui na aldeia eu não consigo recordar. E a partir dos meus 6 anos foi uma ótima infância que é mesmo assim. Tinha amigos brincávamos sempre na rua. Nunca tive aquele complexo de não ter pai, por exemplo. Nunca senti esse complexo entre os meus amigos. Acho que tive uma boa infância, acho que sim. E a minha mãe sempre me conseguiu dar assim o mínimo, o mínimo, não, o máximo conforto. Sim tive uma boa infância, posso dizer, carinho principalmente essas bases todas. Às vezes quando são famílias monoparentais há aquele desleixo, não é desleixo, mas não há tanto aquele carinho. E eu não, não posso dizer isso, pelo contrário sempre tive bastante carinho da minha mãe. Consegui ter uma infância feliz (Alexandra, 2022).

Oh pá eu mesmo até aos 9 anos que foi a altura que os meus pais se separaram eu sempre tive uma infância tranquila. Eu durante muito tempo fui filha única e tive a oportunidade de ter vivido a minha infância muito misturada as dinâmicas de vida do meu pai e da minha mãe. A minha mãe era médica já, o meu pai era professor universitário e eu andava numa escola onde o meu pai me ia buscar ou a minha mãe, via os meus amigos de forma regular, a minha vida era uma vida regular. Tive uma infância de muita brincadeira com os meus primos íamos a casa dos meus avós, íamos à igreja porque nós sempre rezávamos o meu pai ficava comigo quando a minha mãe tinha de ir fazer turnos e tínhamos uma dinâmica de vida tranquila, não era nada assim fora do normal e era uma infância também muito tranquila (Luísa, 2022).

Acho que a minha infância foi boa, diria que foi completamente normal, tirando esse episódio aí, que na verdade na minha vida pelo menos de forma consciente eu não acho que tenha influenciado negativamente porque eu, eu não tenho grandes memórias, por exemplo se fosse, se eu tivesse 12 anos tinha tido um impacto completamente diferente em mim, digo eu. Não é, como era muito pequena não tenho grandes memórias e então o que eu acho ou a minha ideia agora quando olho para trás é que tive uma infância completamente normal e feliz, porque eu lembro-me de brincar todos os dias na rua e pronto e de estar completamente bem durante a minha infância toda. Tive ali talvez algum tempo num vá já durante o processo final do meu pai, pronto houve ali algumas alterações, fui viver com a minha tia, mas também, porque eles não queriam que eu me apercebesse muito apesar de eles saberem que eu não sentisse muitas coisas e como os meus primos tinham a minha idade eu andava sempre a brincar com eles e não sinto que tenha sofrido muito com isso na altura e foi bom foi normal (Margarida, 2022).

[...] Depois normal, vim para cá, sempre tive uma infância normal nunca me senti menos, por não ter o meu pai, só não tinha cá o meu pai, ah não tenho pai, tenho, sempre tive [risos]. Só não o tinha era cá. Mas levei uma infância normal. Não houve nunca senti bullying a esse ponto [risos]. Não, nunca senti bullying a esse ponto. Não vejo nada, por exemplo agora no L. M. que ele esteja a fazer comigo e com o pai dele, que eu não o tivesse feito só com a minha mãe, foi exatamente igual, porque lá está sempre tive não era o meu pai, mas sempre tive uma presença homem tanto aqui o tio C. mais aqui nos fins de semana enquanto estava de férias, porque é ele que está aqui, não é. Como o tio S. durante a semana, pronto. Sempre tive uma presença homem, pai e, claro sempre o respeitei. Tanto que o tio C. é o avô do L. M. O avô cá... e foi tudo normal (Maria, 2022).

A minha infância foi bastante feliz, felizmente, tinha os meus pais sempre se deram bastante bem. Brincava imenso com o meu pai, que ele aí ainda estava saudável. Com a minha mãe também. Com a minha mãe foi mais a educação pelo menos daquilo que eu me recordo, mais a parte do saber como comer, o saber como falar, o saber como estar, o saber como pedir. Essa parte foi mais ela, se bem que brincou muito comigo, mas é o que eu tenho assim mais na minha mente e o meu pai era mais para a brincadeira. Brinquei imenso com ele. Depois lembro-me que fiquei muito triste, porque estava no sexto, sétimo ano e foi quando o meu pai teve o acidente e então eu lembro-me que chorei imenso na aula quando soube e que ele ficou em coma vinte e tal dias e eu fiquei esse tempo todo sem o ver, depois quando o vi eu, ele não se lembrou de mim perguntou quem eu era, foi mais ou menos no meu sétimo ano que ele começou a ser uma pessoa mesmo doente. E íamos muitas vezes ao hospital eu cheguei a ver o meu pai a ter um ataque cardíaco, afinal, antes disso aos meus quatro anos, mas eu não me lembro ele teve duas próteses uma em cada perna, de veias ou artérias que não estavam boas, então ele deixou de brincar comigo, porque não podia fazer grandes esforços, porque nós íamos andar de bicicleta, jogávamos à bola e brincávamos na piscina no verão. Eu deixei de poder fazer isso com o meu pai. E ele deixou de nos acompanhar bastante também porque não conseguia. Íamos ao supermercado eu e a minha mãe ele ficava em casa, para passear ele ficava sentado, nós íamos dar uma volta depois voltávamos para o apanhar. Mas depois de mais crescida era isso, ia muitas vezes ao hospital, tinha exames, tinha doenças, tomava imensa medicação. Mas eu continuo a considerar que era uma infância feliz, com alguns sustos. Mas uma infância feliz e é assim mais ou menos o que me lembro até foi mais, eu sempre gostei de cavalos e foi o meu pai que teve a ideia de me colocar na equitação e ele ia assistir (Mariana, 2022).

Ah a minha infância sempre foi a fazer asneiras, não é, [risos] a partir tudo, pronto. Eu tinha para aí 11 anos quando os meus pais se divorciaram, portanto ali foi numa fase de pré-adolescência e foi assim uma fase complicada porque a fase do armário é uma fase complicada para as meninas e pronto foi muito difícil eu fazia muitas birras e asneiras, mas foi uma situação, uma boa, eu digo que tive uma boa infância (Paula, 2022).

Ok, a minha infância acho que foi boa, fora claro que passaram coisas más, e isso fez parte da minha infância e provavelmente deve de me ter marcado de alguma forma. Mas tive uma infância muito boa. Senti que foi dos melhores momentos da minha vida, era uma criança muito feliz, muito contente tinha muita imaginação sempre tive muitos amigos. Muitos, não, poucos mas dava-me bem e tenho amigos muito fortes e mesmo hoje tenho amigos meus que conheci desde o terceiro ano... sempre muito virado para os desenhos animados e coisas assim, não sei. Foi uma infância boa, bons amigos, bons momentos alguns momentos piores, claro se calhar este do divórcio deve ter sido das piores coisas que tive, ya, não sei o que possa dizer mais (Pedro, 2022).

Ao Carlos, Mafalda, Sónia, Zé e Miguel corresponde a categoria descrição de acontecimentos. Estes entrevistados(as) descreveram alguns acontecimentos que se recordam da sua infância. O Carlos relata que cresceu no Paul sempre tudo “girando à volta dos avós paternos”. Tem vagas memórias de ir visitar os avós maternos a Abrantes. Posteriormente descreve como era o seu dia a dia com os seus avós e fornece mais algumas informações sobre esta sua etapa.

O meu avô era professor de escola primária, portanto foi uma transição mais ou menos pacífica tentaram pôr-me no infantário, mas eu fugia de lá, queria era ir para o meu avô, portanto tive que ir para a pré escola, porque era a onde o meu avô estava a dar aulas na sala por baixo. Era um ambiente que me era favorável, porque eu conhecia aquela gente toda. E entretanto, depois no final da escola primária foi quando os meus pais se divorciaram nessa altura depois ainda assim, eu ingressei no quinto ano num colégio privado, num colégio interno estive lá um mês ou dois meses aproveitei o embalo do divórcio e saí. Eu disse que não queria continuar no colégio e aí a minha mãe bateu um bocado os pés e disse ao meu pai se não é para ficar comigo em casa também não fica assim. E tive de vir para o ensino normal e recorrente que era na mesma aldeia e permaneci até ao nono ano.

A Mafalda preferiu que andava num colégio particular, até que os pais decidiram colocá-la numa escola pública. Andou sempre com a sua prima na escola. Na escola pública havia algo que incomodava a Mafalda que era o facto de ser rotulada como betinha. Um certo dia decide acabar com este rótulo, experimentando fumar e faltando a uma aula. Depois deste episódio conta à mãe o que tinha feito e, esta decide colocá-la de novo no colégio, não podendo sair deste quando quisesse. Passado algum tempo retorna à escola pública, confessando esta que gostou mais das experiências nas escolas públicas do que no colégio.

O Miguel enunciou que:

Bem então já tinha contacto até a minha avó e a minha mãe terem começado a viver juntas, passaram a viver juntas numa quinta que nós temos em Portimão sempre tive muitos bichos, cavalos... cães na altura eram os cavalos e eram basicamente os cães era o que eu tinha. Tinha e ainda tenho, agora tenho mais animais, mas na altura foi o que me marcou mais os cavalos e os cães. [pausa] Vivi em Portimão até ao meu nono ano.

A Sónia não revelou pormenores sobre a sua infância, limitando-se a dizer que andou a estudar no Sabugal até ao nono ano. Mas como se percebeu pela entrevista que deu, esta desde que perdeu a mãe aos seis anos passou a tomar conta da casa e dos seus irmãos juntamente com sua irmã mais velha e, ainda ajudavam o pai nos trabalhos do campo. Sendo portanto, uma infância repleta de afazeres e responsabilidades.

O Zé também não revelou grandes pormenores, mas comentou que os pais sempre fizeram tudo para que fosse feliz, na escola era bom aluno, tinha a todas as disciplinas cinco e o nascimento do seu irmão foi um momento de alegria para todos.

Em suma, observa-se que os discursos relacionados com a infância tendem a ser mais romantizados, pois esta é a fase da vida por excelência da inocência, não se apercebendo por vezes as crianças da verdadeira realidade em que vivem. Sendo que a única que conta episódios mais tristes que ocorreram na sua infância é a Mariana, porque o seu pai tinha alguns problemas de saúde. Mesmo perante esta realidade continua a considerar que foi uma infância feliz.

5.3.2. Elementos Facilitadores da experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Infância

Nesta subcategoria pretendia-se perceber que elementos facilitadores, ou seja, quem é que eram as pessoas que os ajudavam na sua infância ou que os inspiravam. Podendo também referir outros tipos de elementos facilitadores. As subcategorias presentes nas informações transmitidas pelos participantes são: rede formal, rede familiar, rede múltipla e figuras inspiradoras.

A Alexandra exemplifica a importância da rede formal, uma vez que, considerou que na sua infância o seu elemento facilitador foi a ama onde a mãe a colocou. Disse que ainda hoje esta ama é para si uma mãe de coração. As amas são também elementos das redes de apoio formais às quais estas mães *solo* recorrem.

Para a subcategoria rede familiar contribuí Carlos, Luísa, Mafalda, Margarida, Maria, Mariana, Paula e Sónia. Nestas redes familiares destacam-se: avós, mães, tios, tias, padrinhos e primos(as) em primeiro grau. Para aqueles que sentiam a ausência do pai, os tios, padrinhos e avós substituíram esta figura paterna. Estes entrevistados(as) sobre os elementos facilitadores enumeraram que:

Oh pá eu acho a dada altura depois dos meus nove anos um bocado, porquê, porque o facto de a minha família da rede da minha família ter a consciência de que eu estava passar por uma fase sobre o ponto de vista deles um bocadinho menos boa, então eu tive, os meus tios, os meus avós as pessoas que me conheciam muito conoptradas em tentar perceber o que era melhor para mim como me auxiliar da melhor maneira possível, então tirávamos férias e quando as famílias tiravam férias eu ia para aquelas pessoas os meus padrinhos ficavam sempre ali a encontrar maneiras de me tornar mais conseguir garantir maiores laços com primos para eu não sentir tanto o impacto da falta que o meu pai fazia, então acho que deve ter sido pelo menos do 9 aos 12 anos alguns elementos facilitadores na medida em que as famílias a rede da família foi criando elementos para em deixarem mais à vontade e tranquila com a dinâmica de vida que eu estava a viver naquele momento (Luísa, 2022).

Tinha os meus pais, porque eu até na escola, não tinha muitas ligações. Eu até cheguei a sofrer mesmo de bullying na escola por ser gordinha e não, assim amigos próximos cheguei a ter na equitação, já tinha aos meus 12 anos aí criei amizades fortes na altura, mas mais mais eram os meus pais. Eu sempre e ainda hoje digo quem me dera ser um terço de mãe do que a minha mãe é comigo é talvez mais a minha mãe porque eu com a minha mãe conseguia conversar sobre tudo e ainda hoje falo, enquanto que com o meu pai não, não falava nada com o meu pai assim pessoal por isso talvez a minha mãe (Mariana, 2022).

O meu avô que me levava a Espanha a comprar gomas para a minha mãe não me bater. [risos] Era, quando a minha mãe às vezes quando eu fazia asneiras, não é, e a minha mãe passava-se e o meu avô agarrava-me e metia-me no jipe e dizia “vamos ali dar uma volta” e levava-me a Espanha e comprava-me assim [faz gestos para exemplificar o tamanho dos sacos] daqueles sacos de quilo de marshmallow e, sim nesse caso ele era o facilitador, sim e, facilitou-me muitas vezes a pele. [gargalhadas] (Paula, 2022)

Foram mesmo as pessoas que não deixaram que me faltasse alguma coisa, por exemplo eu tinha algum problema era quase como uma intervenção familiar, vinha a família toda rumo a minha casa sentavam-me lá no meio a falar comigo e a ajudarem-me. Portanto, eu acho que os únicos, os elementos facilitadores foi mesmo essa rede de apoio que eu tive. Que vieram substituir um bocado o meu pai nesse sentido (Mafalda, 2022).

A Mafalda apontou ainda que ela sempre foi uma criança precoce que se apercebia de tudo o que se passava na vida dos adultos. Antes de a mãe saber que o pai já tinha outra pessoa, ela já sabia, porque tinha visto no Facebook do pai. Mas todas estas coisas de que a Mafalda se ia apercebendo ela não contava a ninguém. Como a própria diz, “sofria em silêncio”. Só passados alguns anos já enquanto adolescente é que pediu à mãe para ser acompanhada por um psicólogo. Esta decisão de ser acompanhada também foi impulsionada pelo facto de a Mafalda não querer repetir a história do pai. Neste momento já não está a ser acompanhada, mas já está “preparada para ter de voltar a falar com alguém”. Acaba o seu raciocínio dizendo que foi uma “criança com altos e baixos”.

A Delfina posiciona-se na subcategoria figuras inspiradoras, referindo que quem a inspirava era a avó e a Hannah Montana.

Na subcategoria rede múltipla encontram-se Miguel, Pedro e Zé. Neste tipo de rede destacam-se: familiares, amigos, colegas de escola e figuras inspiradoras. O Zé também destacou que quem o ajudou foi a família, os amigos e colegas de escola. O Miguel voltou aqui a referir os animais e nesta resposta coloca-os como elementos facilitadores. Atualmente, os animais ganham um novo destaque na vida dos seres humanos. Neste sentido, o Miguel apontou que:

A figura que sempre me ficou marcada e ainda está é o meu avô, sim. Eu se muitas vezes estiver indeciso numa situação, penso o que é que ele faria porque ele normalmente era sábio naquilo

que ele fazia. Outro elemento que acho que sempre facilitou muito foi a convivência que eu sempre tive com os animais, acho que foi sempre um escape andar com os cães e os cavalos e tudo ajudou-me muito. E posso comprovar a 100%, especialmente os cavalos então se nós estivermos em cima deles completamente foras de nós eles persentem logo e já me aconteceu eu estar completamente de rastos estar encostado a uma box e a égua mete a cabeça de cima do meu ombro. Acho que sim que os animais também foram muito facilitadores, pronto isso um elemento facilitador. As pessoas sem ser a nossa família... eu acabei sempre por ter amigos no ponto X ou Y que acabaram sempre por ajudar. Tenho um amigo meu por exemplo, que está agora Holanda, apesar de não falarmos todos os dias, não é, mas de vez em quando metemos a conversa em dia, porque é alguém que me marcou na infância e que me ajudou a ir para a frente.

No que diz respeito ao Pedro, na sua infância os seus elementos facilitadores eram a mãe, os avós e “um ou outro amigo”. Nesta resposta o Pedro também acaba por confessar que como o seu pai não conseguia lidar bem consigo lhe comprava “coisas”, para de certa forma compensar esta falta de ligação. A mãe também era para si uma figura inspiradora, diz que foi o ídolo da sua vida. A sua figura paterna foi o seu avô materno e diz também que tinha um amigo mais velho que também o usou como figura inspiradora. A nível de personagens fictícias tinha como inspiração o Sunoku e o Dragon Ball, que era o seu ídolo.

Resumidamente, as redes de apoio são essencialmente compostas por elementos familiares, destacando-se, avós, mães, tias, tios, primos(as), padrinhos e irmãos(ãs). Os avós são figuras muito importantes na vida dos seus netos, destacando-se os avós maternos. Já Wall, José & Correia (2002), assim como, Oliveira (2020) ressaltavam a importância dos avós maternos nestes trajetos marcados pela monoparentalidade. No entanto, a Delfina e o Carlos fogem a este padrão, sendo os seus avós principais os paternos, como seus cuidadores. Contudo, tome-se nota que tanto a mãe do Carlos como a mãe da Delfina não tinham uma boa relação com as suas respetivas mães, podendo este aspeto influenciar a relação que estas poderiam ter com os seus netos. Também os animais têm um papel ativo em fazer sentir bem os seus donos, sendo estes também uma fonte de bem-estar. Em segundo plano estão amigos(as) e elementos das redes formais. As figuras inspiradoras nem sempre são pessoas reais. Quando as pessoas não têm a família presente recorrerem à rede de apoio formal, como é o caso da mãe da Alexandra.

5.3.3. Obstáculos à experiência da Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Infância

Neste ponto tentou-se perceber se tinham obstáculos durante a sua infância. Tendo a noção de que a infância é uma etapa menos propícia a sentirem-se obstáculos, uma vez que, as crianças assimilam as coisas de uma forma mais leve do que os adultos. Esta subcategoria fragmenta-se em: dificuldades económicas, ausência do pai, ausência de obstáculos, complexo de inferioridade e múltiplos obstáculos.

A Alexandra dá corpo à subcategoria dificuldades económicas. Quando foi questionada disse que não teve nenhum obstáculo, nem mesmo pela ausência do pai. Quando a pergunta é direcionada para as dificuldades económicas, esclareceu que quando era criança não as sentiu, no entanto, agora sendo adulta sabe que elas existiram. Este esclarecimento fica explícito nas seguintes palavras:

Eu na minha infância nunca senti essa dificuldade. Eu olhando agora para trás e sendo adulta já, consigo ver, que sim que a minha mãe teve dificuldades, mas a minha mãe nunca demonstrou isso para mim. A minha mãe sempre me deu tudo o que eu pedia, não digo tudo, porque aos filhos não podemos dar tudo o que querem, não é verdade, mas isso é uma questão de educação. Mas,

sim, posso dizer que sempre tive o que os outros tinham. Não posso dizer nesse sentido, na minha infância não senti dificuldades nesse sentido. Mas agora olhando para trás sei que a minha mãe teve dificuldades e sabe Deus os sacrifícios que fez para me dar o que eu queria.

A Delfina e a Maria encontram-se na subcategoria ausência do pai. A Delfina verbalizou que não se lembra de ter obstáculos na infância. Todavia, agora enquanto adulta sente que o pai não estar presente era um obstáculo, que não sentiu na altura porque era uma criança. Quando é questionada por causa do estigma pelo pai não estar presente, ela responde o seguinte: “Sim, sim, porque minha amigas falavam isso “mas teu pai vem agora faz que fiquei juntos outra vez e não sei quê” e “eu dizia, não, não, está tudo bem, separados, mas pronto sim”.

A Maria não coloca explicitamente a ausência do pai como um obstáculo. Porém, frisou que não era no dia do pai que se lembrava mais do pai e que ficava mais triste, pois ela “lembrava-se todos os dias do pai e todos os dias lhe fazia falta”. Para ela não eram os dias assinalados, como o dia do pai ou aniversários que lhe faziam diferença.

Na subcategoria ausência de obstáculos estão Carlos, Paula, Sónia, Zé, Luísa, Margarida e Miguel. Carlos, Paula, Sónia e Zé não consideraram que tenham tido qualquer tipo de obstáculo. A Luísa, Margarida e Miguel consideraram igualmente que não detiveram obstáculos nesta etapa. Contudo, estes entrevistados expressam que:

Olha eu senti pouco, senti muito pouco porque é que eu digo que senti pouco, porque aquilo foi assim, apesar de os meus pais terem vivido juntos as atividades, em algumas atividades íamos todos juntos, em outras ia só a minha mãe ou só o meu pai. Durante o tempo em que os meus pais se separaram. O meu pai deixou de ir às atividades mas em compensação ia a minha mãe ia um tio e as pessoas não falavam tanto sobre a separação dos meus pais, quase ninguém falava, não era um assunto que nós discutíssemos, ninguém falava daquele assunto sabia-se que o meu pai tinha se ido embora ou que os meus pais se tinham separado, mas os meus amigos eu acho que nem era um assunto que era tratado na casa deles, porque os meus amigos da escola, os meus amigos de catequese eram os meus primos a rede estava tão fechada ali que aquelas crianças os pais daquelas crianças conheciam-me e os assuntos em torno daquilo que se passava comigo não eram discutidos assim, por isso eu não sentia do lado dos meus amigos, ah o teu pai não veio, ah agora tens que ir só com a tua mãe. Não existia isso. A rede era tão fechada que era, vamos por exemplo vamos a um passeio a minha província natal não tem praia. A praia é numa outra província e normalmente alguns pais costumavam pegar os filhos para ir aquela praia da outra província para tu teres consciência de como aquilo estava tão conoptrado era assim: “Vamos à praia”. Ligavam para a minha mãe e era assim: “Tia F. ou F. nós vamos à praia e precisamos de saber se podemos levar a fulana” Tá bem a minha mãe pegava metia as minhas coisas deixava a mochila e a pessoa ia lá buscar-me e ia. Eu não tinha noção se podia ser melhor se estava com o meu pai, não, porque aquilo eram tios eram pais e a brincadeira acontecia, ok. Mais tarde eles diziam: “Olha já vou deixar a fulana”. Deixavam-me aí iam para a sua vida e eu olha foi uma tarde boa. A minha mãe perguntava-me, olha fiz isto, fiz aquilo, a dada altura eu podia sentir ah mas podia ter contado ao meu pai, não contei ao meu pai, pronto escrevia uma carta aquela conversa da carta e na carta deixava lá todas as informações de como foi aquele dia e o meu pai não estava, mas pronto, ele depois de um tempo mandava uma outra carta e dizia: “E no outro dia foste à praia e como é que correu?” e prontos passava não era um calcanhar de Aquiles nem um problema, nem um problema assim tão visível (Luísa, 2022).

Não, acho que não o que eu senti sempre é que quando as pessoas me perguntavam sobre o meu pai, pronto eu dizia que o meu pai já tinha morrido as pessoas tinham sempre aquela tendência, “ah desculpa”, e a minha reação, ah está tudo bem, porque realmente para mim está tudo bem e prontos também já tinha passado muito tempo ou não, também depende, mas para mim tive, talvez ali depois de ele ter morrido, passado pouco tempo eu fugia do assunto, se me

perguntassem, por exemplo, “então como é que está o teu pai?”, já tinha morrido. Eu nunca disse só passados muitos anos, ah tá na mesma. Enfim mesmo para evitar o assunto e para não me perguntarem coisas, ah tá bom, está melhor ou qualquer coisa assim, mas depois há medida que o tempo foi passando comecei tipo, as pessoas também não me faziam perguntas sobre isso, já tinha passado tanto tempo que já toda a gente sabia que então eu só dia, ah está tudo bem, há sempre essa tendência, “ah desculpa”, está tudo bem, porque realmente está tudo bem, não há problema nenhum em falar sobre o assunto (Margarida, 2022).

Não eu até achava que podia fazer tudo, na altura. O que eu achei agora pensado para trás é por exemplo, naqueles foi dois anos ou três, naqueles anos em que não tinha uma figura masculina em casa eu tinha lá trabalhadores e havia lá um, havia lá dois que já os conhecia há muitos anos que já trabalhavam para os meus avós há muito tempo em que eu notei que agora penso para trás, que me colava um bocado a eles a ver o que eles faziam, quase como tentativa para ver se havia ali alguma figura que faltava presente (Miguel, 2022).

Verifica-se que a Margarida fugia à realidade não falando da morte do pai. Já o Miguel a questão do estigma nunca se colocou, até porque, ele e outros amigos falavam entre si que os pais se tinham divorciado e, assim, percebiam que não eram casos únicos e que não era algo que não se pudesse ultrapassar. Apesar de assumir que é uma situação “chata e principalmente quando se é mais novo”.

A Mafalda posiciona-se na subcategoria complexo de inferioridade. Nesta questão transmitiu que:

Os obstáculos que eu tive eu sentia-me, eu dava-me sempre com as mesmas pessoas era sempre tudo daquele meio, lá está daquele meio que eu te falei à bocado. Portanto eu sentia-me um bocado estranha, que era das poucas pessoas que tinha os pais separados e toda a gente a fazer a vida que se calhar eu tinha há uns tempos atrás, monetariamente, portanto eu acho que isso foi sempre um obstáculo que encontrei enquanto criança, não me revoltava de todo, porque continuava sempre a fazer as mesmas coisas se calhar não com tanto à vontade porque não tinha dinheiro para isso, mas eu acho que foi um bocado isso, por isso o meu obstáculo foi mesmo dar-me com aquelas pessoas e saber que não conseguia acompanhar esse ritmo de vida.

Quando lhe foi perguntado se ela no seio desse grupo de *status* sentia estigma social por parte das pessoas que o constituem, respondeu prontamente: “[e]u nunca senti o preconceito eu fazia o meu próprio preconceito. Eu tinha um preconceito comigo mesma eu nunca senti preconceito da parte das outras pessoas.”

A Mariana e o Pedro constituem a subcategoria múltiplos obstáculos. A Mariana declarou que um dos seus obstáculos era o *bullying* de que era alvo por estar acima do peso. Por causa disto disse que nunca teve autoestima nem autoconfiança. O outro obstáculo eram as doenças do pai que não facilitavam o seu quotidiano.

Por sua vez, o Pedro nos obstáculos voltou a frisar a sua timidez e todos os problemas que tinha em socializar com os outros no seguinte discurso:

Obstáculo... deixa-me pensar... tive de certeza. Eu acho que o maior obstáculo da minha infância foi ter mesmo.... a minha... timidez e falta de inteligência social. Eu agora não já ultrapassei isso, mas era uma pessoa que tinha muita dificuldade em socializar com pessoas, era muito fora, era muito tímido e depois não sabia lidar com as pessoas, acho que foi por isso que o meu pai teve muitas dificuldades em lidar comigo, já a minha mãe era mais fora da caixinha acho que sabia lidar muito bem comigo. Mas isso foi de certeza absoluta a minha maior dificuldade, porque eu até com os meus amigos quando quebrava ali a barreira quebrava ali o gelo eu era uma pessoa muito aberta, que falava muito e divertia-me muito. Mas era muito tímido até esse ponto e não

falava com as pessoas, desviava muito o olhar e então na altura quando era miúdo acho que me punha atrás da minha mãe quase de certeza. Lembro-me de ir à terra, nós tínhamos uma família muito grande da parte de Santarém, não conheço muito sou muito desligado disso, mas lembro-me de ir ver pessoal meus tios, avós e não sei quem e hoje não conheço e eu ficava com muita vergonha, não, não falava, não era capaz de falar para as pessoas. Tanto que eu acho que... quando é que foi... quando estava no 10º no secundário de ir outra vez à minha escola antiga falar com as funcionárias da altura até ao quarto ano, “Tu falas?” [ênfase] “Falas tanto”. Pronto no secundário tinha um bocado disso, comecei a ultrapassar, quando vim para a universidade é que ultrapassei isso completamente. Mas sim esse foi o maior obstáculo que tive [pausa] sim, foi isso.

Apesar da infância ser uma fase com tendência para se sentirem menos obstáculos, eles existem efetivamente neste período, como comprovam os discursos dos entrevistados(as). Por vezes, os obstáculos não são sentidos nesta altura, porque são vistos através das lentes próprias das crianças, que pintam o mundo cor-de-rosa. Pode-se apurar que é efetivamente importante para as crianças terem uma figura paterna e que na ausência desta procuram pessoas que a possam substituir. Isto acontece porque estas crianças sentem a ausência de um modelo (Denardi & Bottoli, 2017). A rede de apoio é essencial para apaziguar estes obstáculos. Sendo também mais fácil lidar com a monoparentalidade quando ao nosso redor existem outras pessoas na mesma condição, pois quando nos sentimos diferentes dos outros corremos o risco de criarmos o nosso próprio preconceito, como mencionou a Mafalda. Nem sempre é só nos dias assinalados que se acentua a falta do progenitor ausente, este sentimento de ausência acompanha os filhos na sua rotina diária, como vinca Maria.

5.3.4. Estratégias Adotadas pelos(as) Entrevistados(as) na Infância

Neste item pretendia-se averiguar se durante a sua infância adotaram alguma estratégia para de certa forma fugirem à realidade ou à rotina ou até mesmo para serem mais felizes ou facilitarem o seu dia a dia. As subcategorias presentes nas estratégias adotadas são: ausência de estratégias, silêncio, independência, múltiplas estratégias, mundo de fantasias e criatividade.

A subcategoria ausência de estratégias é composta por: Alexandra, Carlos, Margarida, Maria, Paula, Sónia e Zé. Estes entrevistados asseguraram que não utilizaram estratégias, aclarando que:

Não, não me chateou muito porque eu mantive sempre a referência dos meus avós. Portanto o meu pai continuou a fazer a vida normal dele. Saía de manhã ia dar aulas regressava ao final do dia na mesma. A minha mãe como era essa vida que fazia também, mesmo enquanto os meus pais estiveram casados o agregado familiar incluía sempre os meus avós e quando a minha mãe e quando a minha mãe já estava menos confortável e saiu de casa eu continuei a ter a mesma rotina de vida. Portanto, eu acordava de manhã e ia para a escola, vinha almoçar a casa e almoçava com os meus avós e no final do dia vinha para casa, porque sabia que tinha sempre os meus avós em casa. E o meu pai havia de chegar por força (Carlos, 2022).

A Margarida afirmou que conscientemente não fez nada. Porém tem consciência que “algum escape teve que haver”, não conseguindo dizer qual. Esta é uma questão que ela tem estado a trabalhar com um psicólogo e, até brinca que se esta entrevista fosse daqui a alguns meses já poderia ter alguma resposta concreta para dar.

A Delfina forma a subcategoria silêncio. Enunciou que nunca falava sobre o facto de o pai estar ausente e a mãe levou-a ao psicólogo. Passados uns tempos questionou a mãe do “porquê de

ter de ir contar as suas coisas a uma pessoa estranha” e, nunca mais voltou durante a sua infância, depois mais tarde sentiu a necessidade de ser acompanhada por um psicólogo.

A Luísa aparece na subcategoria independência, contando as consequências que o divórcio dos pais teve na sua forma de lidar com os outros, expondo que:

Sim, isso sim, eu nunca fui uma pessoa muito dependente dos outros, mas eu tenho a certeza que depois disso eu me tornei ainda mais independente, ou seja, eu gostava muito de estar com os meus primos e irmos a casa dos meus avós, mas eu estava tão bem lá como se estivesse na minha casa. Eu brincava tão bem sozinha como se estivesse com os outros, ou seja, a dada altura eu comecei a olhar para os outros como, ok estamos juntos gosto de estar, mas se não estivermos não tem problema. Então não me, deixei de me apegar às pessoas, não, não já não era um problema para mim.

A Mafalda e Mariana aparecem na subcategoria múltiplas estratégias. A Mafalda desvendou as suas estratégias, mas estas já são mais estratégias que utilizava numa fase de adolescência. De qualquer forma, percebe-se no seu discurso que desde sempre tentou ter a sua mente ocupada para evitar pensar nos assuntos que a magoavam.

Estratégias? Sempre foi muito à base de ajudar os outros para arranjar coisas para me distrair, para não estar sempre parada no mesmo sítio também meter-me em trinta mil voluntariados, meter-me a trabalhar, lá está eu nunca tive sempre parada nunca tive sempre, eu nunca isto até parece mal dizer. Mas o meu escape é estar fora de casa, ia muito ter com as minhas amigas, ia muito mas isso foi mais para uma fase instável minha que foi dos trezes aos quinze anos saía muito à noite, não tinha idade para isso e saía muito à noite. Portanto isso foi o meu escape, mas depois quando dei aquele clique dos dezasseis eu já posso começar a trabalhar eu já posso começar a fazer qualquer coisa de útil para a minha vida e foi aí que comecei a meter-me em mil voluntariados em mil trabalhos, lá está para amenizar um bocado o ter estado tanto tempo em casa e sentir-me útil. Foi um bocado aí o clique de maturidade que me deu.

Os refúgios da Mariana eram as bonecas quando tinha uma tenra idade e, numa fase de passagem da infância para a adolescência foi a equitação e jogar *sixt* à noite.

O Miguel encontra-se na subcategoria criatividade, pois tinha uma imaginação muito fértil,

Não, não sei se está diretamente relacionado com isso, mas eu sempre tive algo, que se calhar nessa altura ainda, pronto ainda, que era elevada criatividade. Então eu era capaz de estar sozinho para me distrair do que estava à minha volta e pronto e pensava em ideias mirabolásticas, em foguetões e coisas assim e então acabei sempre e especialmente nessa altura ainda mais, distrair do resto a pensar nesse tipo de coisas.

Por sua vez, o Pedro forma a subcategoria mundo de fantasias, refletindo que na altura da infância não fazia nada conscientemente, mas agora olhando para trás eram estratégias para se distanciar daquilo que o magoava. Neste sentido, o Pedro explicou que:

[pausa] *eu sou capaz de ter... isto foi de certeza inconscientemente que aconteceu, não pensei fazer isso para fugir ao tema mas pronto podia ter acontecido para não me sentir mal não tenho memórias disso, mas eu muito provavelmente era muito virado para isso já era muito do mundo das fantasias, jogos, desenhos animados e coisas do género e se calhar isso fez-me mergulhar ainda mais nessas coisas. Hoje em dia já sou capaz de identificar que isso aconteceu. Mas na altura se aconteceu foi uma coisa inconsciente não foi consciente. Mas isso pode ter sido para substituir tenho aqui uma parte má vou fazer coisas que eu gosto, um bocado para fugir aquilo.*

Com estes discursos percebe-se que alguns dos entrevistados tentavam e tentam ser pessoas que nunca estão paradas e que mergulham em determinados mundos, sendo de certa forma

esta uma estratégia para não pensarem nos acontecimentos que os levaram à monoparentalidade. Outros não utilizavam nenhum tipo de estratégia, contudo estes tinham elementos na sua rede de apoio que compensavam o que de menos positivo ocorrera nas suas vidas. Os psicólogos também são elementos frequentes nestas redes. Correia (2002) expressava a importância de as pessoas serem acompanhadas por um psicólogo nos momentos em que passam por crises familiares que geram a monoparentalidade. Claro que nem todas as pessoas ficam afetadas psicologicamente com estes eventos, como é provado por esta amostra com os casos de Paula, Carlos, Luísa e Miguel.

5.3.5. Avaliação da Infância

Neste tópico pretendia-se perceber que tipo de avaliação é que os participantes faziam da sua etapa da infância. As subcategorias traçadas com base nas respostas dos(as) entrevistados(as) foram: avaliação muito boa, avaliação boa, avaliação feliz, avaliação mista, avaliação difícil.

Na subcategoria avaliação muito boa estão: Alexandra, Carlos, Paula, Delfina, Luísa e Miguel. A Alexandra confirma que teve uma infância muito boa. “Se calhar uma infância melhor do que quem teve pai e mãe (Alexandra, 2022)”. O Carlos pronunciou que: “[e]u gostei muito da minha infância. E se pudesse estava lá neste momento”. A Paula também tem um discurso semelhante ao do Carlos, exprimindo que a sua infância foi muito boa e que adorava estar nessa etapa. A Delfina exprimiu que: “É foi muito boa muito livre, e diferente aos outros, porque os outros tinham tipo irmãos um pai para, aos domingos comiam assado em casa do pai e eu não e pronto isso era diferente”. A Luísa opinou que a sua infância foi muito positiva. Não tendo a separação dos seus pais um “forte impacto em si porque teve uma rede de apoio que a auxiliou e também a sua mãe estava bem emocionalmente para ficar consigo”. Nesta direção também aponta o discurso do Miguel, dizendo que teve uma infância muito boa. Tome-se nota, que o Miguel também tinha os seus avós na retaguarda que acabam por protegê-lo do facto da convivência dos seus pais não ser a melhor.

Uma avaliação boa é feita por Maria, Margarida, Sónia e Pedro. A Margarida disse que a sua infância foi “normal e boa”. Para a Maria também foi uma “infância boa e feliz, mesmo sem o pai”. Tendo em conta que o período em que o perdeu foi mais complicado. A Sónia também expressou que foi uma infância boa. Para o Pedro:

... Como é que eu avalio esta etapa da minha vida?... Essa pergunta é difícil, pronto tive, foi mau, mas eu acho que para mim foi como eu disse eu tenho muitas boas memórias dessa altura e foi dos melhores momentos da minha vida por isso para mim foi bom, claro que teve essa parte má essa ausência se foi sentida foi muito inconscientemente e pode me ter moldado de certas formas, não é, mas sempre foi escondida por assim dizer por outros momentos felizes e muito bons e pronto nunca tive falta disso.

O Zé forma a subcategoria avaliação feliz, considerando que a sua infância foi feliz, não dizendo que tenha sido fácil, porque cada um tem os seus problemas.

A subcategoria atribuída à Mafalda foi avaliação difícil. Esta entrevistada pronunciou que: “[e]u não gosto nada de me fazer de coitadinha, mas sinto de facto que não tive assim uma infância muito facilitada, tive quando os meus pais estiveram juntos apesar de existirem muitas discussões e essas coisas deles”. A Mafalda é de facto a única entrevistada que acaba por fazer uma avaliação depreciativa da sua infância. Esta questão suscita-lhe outra lembrança que era o facto de quando era pequena ser “gordinha” e o pai estar constantemente a dizer-lhe que tinha de “ir para o ginásio”. Estes discursos do pai fizeram com que agora faça dietas e pratique

bastante desporto. Segundo a mãe o pai criou-lhe traumas e a Mafalda admite que tem traumas com isso, mas não afirma que tenha sido o pai que os tenha provocado, dizendo que faz tudo isso porque se “sente bem”.

A Mariana voltou a referir o *bullying* de que foi alvo e como este a fez sentir sozinha. Esta questão marcou-a efetivamente, transparecendo que ela só era feliz em casa e depois quando entrou para a equitação. A equitação trouxe-lhe efetivamente muita alegria. Desta forma, a subcategoria da Mariana é avaliação mista.

Definitivamente nesta etapa as únicas que trazem pontos mais negativos são a Mafalda e a Mariana, sendo os restantes discursos positivos. Sendo também necessário frisar que algumas pessoas não ficaram com marcas do divórcio dos pais ou do falecimento de um dos progenitores, porque tiveram pessoas que as protegeram destas crises familiares. No caso da Mafalda esta também vive a infância de outra forma porque ela cresceu precocemente e começou desde cedo a aperceber-se dos problemas dos adultos e por isso o seu discurso não é tão romantizado quanto o dos outros. Por sua vez, a Mariana coloca visível o lado mais cruel do mundo das crianças, que apesar de terem pouca idade já seguem os padrões impostos pela sociedade, colocando de lado as outras crianças que estão fora destes mesmos padrões. Também se percebe que enquanto crianças se sentem diferentes dos demais por terem ficado a viver numa família monoparental, como é o caso da Delfina. Este discurso da Delfina vai ao encontro da obra de Bayle & Martinet (2008) que já haviam proferido que as crianças socializadas em contextos de monoparentalidade tinham de assumir uma diferença em relação às outras crianças e estruturas familiares.

5.4. Adolescência dos(as) entrevistados(as)

A adolescência é uma fase que proporciona uma maior complexidade para o dia a dia dos entrevistados e das entrevistadas. Aqui os discursos começam a ter uma maior carga negativa, pois esta etapa trouxe novos desafios para os entrevistados e entrevistadas. É nesta fase que a experiência da monoparentalidade cria um maior impacto na vida destes filhos e filhas de pais e mães sós. Levantam-se questões, dúvidas e novos problemas. Por vezes as interrogações são criadas pelos próprios progenitores e transmitidas para os seus filhos(as), que se inquietam com estas.

5.4.1. Descrição da Adolescência dos(as) Entrevistados(as)

Neste ponto pretendia-se perceber como é que foi vivida a adolescência dos participantes, tentando perceber como é que estes a descreviam. Esta subcategoria fragmenta-se em: adolescência normal, adolescência estável, adolescência fácil, adolescência tranquila, adolescência difícil, adolescência rebelde, adolescência fechada, adolescência desafiante, adolescência rotineira, adolescência feliz.

A Alexandra não revelou pormenores sobre a sua adolescência, restringindo-se a dizer que teve uma adolescência “normal”, que sempre teve bastantes amigos e, que nunca notou diferença entre si e os seus amigos por não ter o pai presente no seu quotidiano. Para si o facto de não ter tido pai não afetou negativamente a sua adolescência. Portanto, a sua subcategoria é adolescência normal.

Seguindo a mesma linha Carlos afirmou que a sua adolescência foi “tranquila”, vivida com o seu grupo de amigos da aldeia e, que o facto de ter pais divorciados era uma questão que não gerava qualquer tipo de problema. Até porque, muitos dos seus amigos da aldeia tinham os pais separados. Neste sentido, o Carlos forma a subcategoria adolescência tranquila.

Em relação à subcategoria adolescência fácil posicionam-se Maria e Luísa. Também a Maria disse que não teve uma adolescência “difícil”, contando alguns acontecimentos da sua adolescência. Quando aos 15 anos volta para junto da mãe e do irmão teve de se habituar a uma nova rotina. Diz que o dia a dia com a mãe e o irmão era normal, tirando aquelas quezílias que se mencionaram de a Maria querer participar nos jantares de turma. A Luísa à semelhança da Maria foca que a sua adolescência “não foi difícil”, explanando que:

Sim, sim, bom por ter ficado na naquela altura com a minha mãe e os meus tios a minha adolescência ela não foi difícil ela foi mais, eu acho eu fui, fui eu tive que ganhar maturidade em relação a alguns assuntos, ok. Mas eu não sei se isso tem a ver com a separação dos meus pais ou se tem muito mais a ver com o facto de eu ter sido filha única, ok durante algum tempo, porque eu tive que ter um bocadinho mais de maturidade em relação a alguns assuntos porque “olha atenção se tu vai à escola é para estudar, tens que te formar, não percas tempo em reprovar” e aquelas coisa. Mas eu acho que isso eram coisas que aconteciam muito fruto do facto de eu ser filha única, estás a perceber. Então olha tens que fazer eu estava sempre no meio de pessoas mais adultas, porque mesmo quando ia a casa dos meus avós era a casa dos meus avós, tios, dos meus padrinhos, era assim casa onde eu encontrava as crianças da minha idade, mas nem sempre dava para ir para lá. Às vezes eu estava só em casa com a minha mãe ou só com os meus tios e isso fazia com que eu não pudesse interagir com outras crianças então a minha visão das coisas era muito adulta para determinados aspetos e eu acho que isso tem muito mais a ver com a idade e ser filha única do que efetivamente com a separação dos meus pais.

A Mafalda posiciona-se na subcategoria adolescência estável. A Mafalda voltou a mencionar que aos 16 começou a trabalhar e aqui toca num ponto interessante que é o facto de o pai dizer que o insucesso que tem com os namorados é culpa sua. A Mafalda explicou esta situação da seguinte maneira:

[...] depois o meu pai também está sempre a dizer que eu tenho insucesso com os meus namorados, porque me falta a figura paterna. Então diz que eu vejo nos namorados o meu pai, acho que foi assim, para além destas coisas todas o meu pai foi assim um grande marco. Tive um relacionamento durante três anos que acabou, pronto foi um grande choque e depois tive um relacionamento mais recente que também acabou foram os dois únicos namorados que eu tive em toda a minha vida e que não acabam da, o primeiro não acabou da melhor maneira e o segundo acabou, porque fui traída, pronto. E então o meu pai diz que a culpa é minha, porque eu projeto nos meus namorados o meu pai. Então as coisas acabam sempre por não resultar por minha causa, então o meu pai diz que isso é culpa minha então é um grande trauma que eu tenho. [...] Para além do resto como eu sempre fiz por me manter ocupada. E sempre fiz, como sou uma pessoa mais ou menos dinâmica, eu considero-me uma pessoa dinâmica eu acho que tive uma adolescência um bocado mais estável do que a minha infância.

Na subcategoria adolescência difícil está a Delfina. Esta entrevistada sentiu a ausência do pai nesta fase de adolescente, apontando que:

Adolescência, já foi mais, sim desde os treze aos dezassete para aí, pronto comecei a sentir mais que o meu pai não estava e foi mais difícil de levar, aí sim já comecei aos dezassete, não por isso, mas determinou falando nisso começou porque eu queria ir à psicóloga e pronto tive que trabalhar para saber e ver que isso é uma coisa da minha vida.

Relativamente à subcategoria adolescência rebelde é constituída por Paula, Miguel e Margarida. A Paula disse que no início da sua adolescência era um pouco rebelde. Todavia, sempre quis ser assistente social e nunca deixou de estudar, alcançando o seu objetivo. O Miguel também falou sobre a sua fase da rebeldia e como esta o levou para um colégio interno em Coimbra, que era católico e onde realizou o ensino secundário. Notou-se durante o momento da entrevista que ter estudado neste colégio o marcou para o resto da sua vida. Este colégio moldou de certa forma o Miguel. O Miguel descreveu a sua rebeldia como uma fase em que começou a “aparvalhar”, termo utilizado pelo próprio, e a “ter atitudes estupidas das quais se arrepende hoje”. Menciona também “que convivía com pessoas que não devia e que por causa de tudo isto os pais decidiram colocá-lo neste colégio por forma a que encontrasse o caminho certo”. Nesta sequência contou que tentou não entrar no colégio da seguinte forma:

Ah, também me lembrei de outro episódio, porque eu quando fui pro, para esse colégio eu não queria ir, porque era um puto estúpido e estava completamente revoltado com a ideia. Então o que é que eu pensei, eu sabia que aquilo era um colégio interno tinham-me dito que era dirigido por um padre, que a diretora do internato era uma freira e eu disse, já sei qual é que é a melhor desculpa para aqui não entrar vou dizer que sou budista e então fui à entrevista, estava a falar com a freira, “ah sabes que aqui temos que ir à missa aos domingos e durante a semana também temos certos tipos de celebrações, à vezes também há missa à quarta feira” é assim, “ah desculpe, e se nós formos de outra religião, como é que fazemos?” [risos] A minha avó quase que me matava e a freira fartou-se de rir. Mas lá está notou-se que a freira já estava habituada a lidar com este tipo de situações. “Ah não te preocupes nós já cá tivemos Árabes e não foi por isso que deixaram de frequentar a religião deles e tu também vais ter que respeitar a nossa”.

No seu discurso também se percebe que quando chegou a Coimbra para si deu-se “um choque de culturas, pois a forma de vestir das pessoas é bastante distinta entre Portimão e Coimbra”. O Miguel admitiu que ter ido para o colégio foi das melhores coisas que lhe podia ter acontecido, pois ter mudado de ambiente fê-lo refletir sobre o que andava a fazer e levou-o a ser melhor pessoa. A Margarida também direcionou o seu discurso para a rebeldia que teve já mais para o final da adolescência. Esta narrou que:

Ok, aí já foi um bocadinho mais diferente, porque tive ali uma fase em que era meio que rebelde sem ser... sem ser mal-educada, que depende com a minha mãe por exemplo era bastante mal educada, mas assim com pessoas de fora não era mal educada, mas era assim meio rebelde. Aí tive uma má altura adolescência já a roçar mais para uma idade para o lado do adulto, porque lá está não foi mesmo na altura da adolescência, consideras adolescente até 17, 18 anos Não tanto aí, aí eu diria que foi tudo normal também, tirando ali já a parte final 17, que já estava ali a ficar meio que parva, bastante, mas de resto também foi tudo muito normal. Não mesmo na escola tudo muito normal. Nunca tive problemas com nada dava-me, mesmo a nível social também completamente normal, a nível académico também normal, não era uma aluna brilhante nem uma má aluna, era uma aluna completamente normal. Não tinha negativas, nunca tive, mas também não tinha vintes, não me lembro como eram as notas na altura, não tinha cinco, pronto não tinha notas brilhantes nem más. Também acho que foi muito normal. A fase mais crítica foi depois aí também acho que foi tudo.

Por sua vez, o Pedro contou também como foi a sua adolescência, sendo que este era muito “fechado”, como o próprio afirma. Tendo tido também uma fase da revolta na qual se geraram maiores conflitos entre si e a sua mãe. Referiu que do seu quinto e sexto ano “não tem boas memórias”, porque estava numa escola mais problemática. Disse que as suas dificuldades sempre se relacionaram com a parte social. No secundário começa a abrir-se mais com ajuda de uma namorada que teve. Foi na Universidade que acabou por “tapar as lacunas sociais que

tinha”, como o próprio assegura. Portanto, a subcategoria associada ao Pedro é adolescência fechada.

Ao Zé corresponde a subcategoria adolescência desafiante. Este participante também referiu as dificuldades que surgem na adaptação às escolas. Este frequentou a escola em Campo Maior, não estando habituado a uma escola tão grande. Sendo que a escola que frequentou a partir do sétimo era desde este ano até ao décimo segundo. Portanto, havia ali uma mistura de jovens com diferentes idades. Reforça que “a puberdade lhe colocou novos mundos para descobrir e ele teve de se adaptar a estes”.

A Sónia não referiu nenhum acontecimento específico da sua adolescência, revelando somente aquilo que já se havia referido, que estudava, ajudava o pai com as tarefas da agricultura e ajudava a irmã a tratar da casa e a cuidar dos seus irmãos mais novos. Todo o seu discurso transparece que desde que faleceu a mãe sempre teve uma vida muito presa à rotina. Não fazendo certas e determinadas coisas que os adolescentes costumam fazer. Logo, a sua subcategoria é adolescência rotineira.

A Mariana concede corpo à adolescência feliz. Continuou a esclarecer que teve também uma adolescência feliz, só que esta felicidade era sentida somente em casa e na equitação, pois na escola esta não se sentia bem.

Não, os 12 foi precisamente quando eu entrei na equitação foi mesmo uma fase feliz da minha vida, porque adorava, agora não estou porque vim para a universidade, mas adorava mesmo aquele mundo, por mim eu passava os dias todos lá. E era feliz porque estava tudo bem em casa, em casa sempre estive tudo bem, só mais os problemas de saúde do meu pai é que eram graves, mas também não era todos os dias, eram frequentes, mas não eram todos os dias. E os meus pais sempre me mostraram ser um casal feliz, sempre houve muito amor dentro de casa, sempre fomos uma família muito ligada. Por isso essa parte eu considero feliz também. Só aquela parte vá antes do quinto ano ao, vá apanhou um pouco do décimo primeiro ano, vá do quinto ao décimo primeiro ano em termos de escola é que não foi muito positivo.

Em síntese, conclui-se que as descrições da adolescência já são menos positivas comparativamente às da infância. Mesmo aqueles que relatam que esta foi normal, fácil e feliz denota-se nas suas respostas que esta fase não foi tão boa quanto a infância. Dentro da amostra a exceção é a Mafalda que considera que teve uma adolescência mais estável do que a sua infância. A etapa da adolescência, nas perspetivas dos entrevistados(as) suscita sentir-se efetivamente a ausência do pai, desafios, novos problemas, interrogações e rebeldia. É nesta fase que os entrevistados tomam consciência de que se encontram numa família monoparental e daí advêm consequências menos positivas.

5.4.2. Elementos Facilitadores da experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Adolescência

Neste campo pretendia-se perceber que tipo de elementos facilitadores tinham tido nesta etapa da sua trajetória de vida. Por forma a compreender se as redes de apoio se tinham mantido intactas ou se pelo contrário tinham entrado pessoas novas para a rede ou se tinham saído outras. As subcategorias encontradas foram: rede amical, rede escolar, múltiplos elementos, rede familiar, objetivos, silêncio perante *bullying*.

Na subcategoria rede amical estão Alexandra e Carlos. A Alexandra nesta fase destacou os amigos que fez na escola, ficando estes para a vida. O Carlos nesta etapa também destacou os amigos, da seguinte forma:

Não quer dizer a nível social o que me ocupou um bocado de tempo foi um grupo de amigos, que fizemos um grupo de jovens na aldeia, para estarmos mais tempo juntos aquele grupo de malta. Mas não, eles já vinham de trás já eramos todos conhecidos de infantário, escola primária, portanto não chegou ninguém de novo, inclusivamente a pessoa com quem o meu pai tinha o relacionamento era membro das nossas relações sociais, porque era uma colega de escola, portanto nós conhecíamos-la desde sempre.

A Delfina cria a subcategoria rede escolar. Para a Delfina na adolescência os elementos facilitadores eram as professoras e as funcionárias da escola que ela frequentava.

No que concerne a rede múltipla, esta subcategoria é composta por Luísa, Mafalda, Pedro e Zé. O Zé tinha como figuras inspiradoras eram bandas de rock e hard metal e na sua adolescência, destacando-se o hemal. Por fim, destacou que sempre teve a sua família e os amigos. A Luísa quando inicialmente a pergunta lhe é colocada não considerou que tenha tido elementos facilitadores, porque a mãe era bastante exigente, passando-lhe desde cedo um espírito de responsabilidade, foco, decisão e autonomia. A Luísa explicou que a mãe adotava esta postura com ela porque perdeu o pai e a mãe muito cedo, não tendo na sua opinião a separação dela e do seu pai qualquer tipo de influência nesta postura. Quando lhe foi perguntado se a sua rede de apoio se manteve ou se entraram pessoas novas, a Luísa afirma que esta rede de contactos se manteve e que entraram pessoas novas. Estes novos elementos eram colegas de trabalho da mãe, a igreja católica, inclusivamente tias mães da Luísa com as quais passava bastante tempo e a participação nos escuteiros e a pastoral dos jovens. Esta participação no associativismo, como diz a Luísa, foi estimulada pelo seu padrinho. Os elementos facilitadores da Mafalda eram trabalhar, fazer voluntariado, o namorado que tinha na altura, uma amiga da mãe, que para a sua mãe é como uma irmã e para a Mafalda é sua tia, e uma irmã mais velha do pai. A Mafalda considera esta tia como um grande apoio mesmo que seja um apoio à distância, estando em permanente contacto. A rede de apoio do Pedro também se mantém com os avós e a mãe como elementos importantes. O Pedro inconscientemente ao longo da entrevista falou pouco do seu irmão, percebendo-se que estava a fazer isto, porque quando eram pequenos “não tinham uma boa relação”. Talvez a má relação dos dois se deva ao facto de estes terem personalidades bastante diferentes, segundo o que se conseguiu apurar. Contudo, agora enquanto adultos têm uma boa relação. Entra para a rede a namorada da altura e um grande amigo seu. O Pedro também revelou quem é que o inspirava nesta altura, podendo-se perceber que por vezes os modelos podem estar em personagens fictícias.

Estou a pensar... deixa-me pensar [risos] eu acho que fui buscar muito role models a figuras fictícias porque também e a ideia era elas contarem uma história e passarem valores. E eu acho que fui buscar muitos valores a essas histórias e a esses modelos e acho que positivamente até por isso acho que se manteve figuras fictícias como role models e devo ter acrescentado pessoas, deixa-me pensar em pessoas que conheci ... pessoas eu quero ser como tu... [pausa] dá-me um segundo, deixa-me pensar [risos] eu acho que depois entretanto ao crescer deixei de ter os role model como os pais e os meus avós acho que deixaram de ser, a minha mãe sempre foi um bocado até quando estava a tirar a carta dizia ao meu instrutor olhe, a minha mãe é o meu role model de condução que ela nunca teve nenhum acidente [risos]. E pronto acho que também um bocado a fugir do meu pai, o meu pai também foi sempre muito... descontrolado. Eu lembro-me de o meu pai estar connosco, na altura eramos mais novos quando íamos lá 10 ou 12 anos e ele queria sempre fazer coisas fixas connosco eu lembro-me de ele andar connosco na mota e eu sentia-me

bué mal naquilo, bué inseguro, pronto também se calhar fugia mais disso e ia mais à minha mãe na parte da condução social. Deixa-me pensar... pronto o meu avô de certeza que perdeu esse pedestal de role model. A minha mãe não tanto, mas deve ter continuado em certos aspetos e... estou a ver quem é que conhecia na altura... Quando vim para a universidade tive um colega meu o A. acho que foi um bocado um role model para mim [pausa] e [pausa] portanto pessoal mais velho... não consigo deve ter havido algumas pessoas que me inspiraram. Ah [ênfase] tenho uma pessoa, tenho uma pessoa, há um colega meu conheço desde o meu quarto ano que é o V. e ele sempre me inspirou eu acho que ele sempre foi uma pessoa com muito carisma e eu acho que ele desde também mas desde os meus 12, 13 anos que eu acho que ele sempre foi uma pessoa que me inspirou e que me levou um bocado a mudar esta minha maneira de ser. Por isso ya, nessa altura acho que podes dizer que esse colega o V. sempre foi assim uma grande inspiração para mim como pessoa. E vários valores trazidos de várias histórias de livros e... histórias e coisas do género e... depois vim para cá para a universidade e o A. também foi uma grande inspiração para mim. Pronto acho que fora isso, não estou a ver, e assim atualmente a J. a minha namorada (Pedro, 2022).

A subcategoria rede familiar alberga Margarida, Maria, Miguel e Sónia. A Margarida expressou que nesta fase os primos já não eram elementos facilitadores, pois já cada um tinha a sua vida, contudo não deixando de estar presentes na vida uns dos outros. Portanto, o único elemento facilitador da Margarida era a sua mãe, sendo esta para si o seu suporte ao longo de toda a sua vida. A rede de apoio da Maria manteve-se, sendo sempre a família o seu principal apoio. Para a Maria os amigos não tinham qualquer tipo de influência na sua vida, girando tudo em torno da família. O Miguel afirmou que as figuras eram as mesmas da infância e que a única pessoa que apareceu nova foi o Carlos. O Miguel também disse que o seu cérebro é que era facilitador para ele fazer certas asneiras. Sendo que os 4 elementos que se destacam são o avô como exemplo, a avó, a mãe e o Carlos. O Carlos sempre o apoiou e nessa fase em que fazia mais asneiras foi este que o ajudou a encontrar o melhor caminho. Para a Sónia não há outros elementos facilitadores, compreendendo-se que os únicos apoios eram os seus irmãos e a sua tia que estava em Itália. Compreende-se também que o pai não era muito próximo de si e dos seus irmãos.

Já Paula não fala em pessoas, para si os seus elementos facilitadores é o estabelecimento de objetivos. Esta ao longo da sua vida sempre teve objetivos que foi cumprindo e é desta forma que vive. Posto isto a sua subcategoria é objetivos.

A Mariana não abordou propriamente os elementos facilitadores, direcionando a conversa para o facto de nunca responder aos seus colegas quando estes lhe diziam coisas que a magoavam. A Mariana comporta-se desta forma por causa da educação que a mãe lhe deu desde pequena. Claramente o *bullying* que sofreu no passado marcou-a profundamente. Assim sendo, a subcategoria que lhe foi destinada designa-se silêncio perante o *bullying*.

Em suma, na adolescência a família mantém-se como elemento facilitador e os amigos ganham um novo destaque, tal como as figuras presentes na escola. Nem sempre os elementos facilitadores são pessoas, podendo ser formas de viver e personagens fictícias. As personagens fictícias funcionam como modelos para as crianças e adolescentes como ilustrou o Pedro e a investigação de Weschenfelder, Yunes & Fradkin (2020).

5.4.3. Obstáculos à experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Adolescência

Neste tópico perguntou-se aos entrevistados se durante a sua adolescência tiveram obstáculos, como estigma social, dificuldades económicas, entre outros. Esta subcategoria ramifica-se em: complexos com o corpo, ausência de obstáculos, múltiplos obstáculos, problematização, ausência do pai, desgostos de amor, *bullying* e hormonas aos saltos.

A Alexandra recordou os complexos com o corpo. Para a Alexandra o obstáculo que se lhe coloca na adolescência prende-se com o seu corpo. Tendo complexos por ter maior peso, conseguindo contornar este obstáculo com facilidade.

Na subcategoria ausência de obstáculos têm lugar Carlos, Maria, Zé, Sónia e Paula. O Carlos diz que até entrar na universidade nunca sentiu obstáculos por ter os pais separados. Mas estes obstáculos para si aparecem na fase da transição para a vida adulta. À semelhança do Carlos a Maria o Zé também não sentiram obstáculos. A Sónia também afirmou que não teve obstáculos. Contudo, muito provavelmente a Sónia deve tê-los sentido, mas preferiu não os referir na entrevista, pois acaba por admitir que é diferente não ter tido mãe e que tiveram que se “fazer homens e mulheres ainda pequenos”, fazendo todas as tarefas que eram necessárias desde tenra idade. A Paula também segue este padrão de resposta pronunciando que:

Não, acho que não, não, assim obstáculos obstáculos, não. Os normais da vida, mas acho que não, não, porque depois disso lá está os meus pais divorciaram-se há 15 anos, 16, 17, mas depois foi uma coisa que foi, na altura falava-se pouco, mas no espaço de meia dúzia de anos foi uma coisa que foi muito recorrente e muita gente se divorciou e começou a ser uma coisa banal, portanto as pessoas já começavam a olhar para este casos como uma coisa normal e não assim como uma coisa do outro mundo quando era no início.

A Delfina encontrou múltiplos obstáculos. Sentiu obstáculos também que não estão relacionados com a ausência do pai, tendo a ver com a fase de desenvolvimento e construção da sua identidade. Esta sentiu um conflito de gerações e o facto de começar a perceber que era lésbica não ajudou nesta fase, pois esta frequentava uma escola religiosa. A sua homossexualidade e o facto de se ter apercebido que o pai não estava presente fizeram com que se desse um “boom” na sua mente, como a própria refere. Na altura referiu que era muito religiosa, inclusivamente era catequista e sentia que se dissesse que “gostava de mulheres” não seria aceite neste meio. Refere ainda que o pai foi o único que aceitou bem desde o início o facto de ser lésbica, o resto da família teve dificuldades em aceitar. Percebe-se que foi uma fase em que a Delfina sentiu muitos sentimentos ambivalentes, passando por uma dissonância cognitiva. Nesta etapa as dificuldades económicas ainda não estavam totalmente ultrapassadas.

A Luísa e a Margarida formam a subcategoria problematização. A Luísa à semelhança da Delfina também colocou visível a questão dos questionamentos que surgem na adolescência, sendo que no caso da Luísa todas as questões são geradas por causa do divórcio dos pais.

Eu tive obstáculos, não é, porque é a altura da problematização, porque tu queres mais perceber o que se passou, porque é que eles se separaram, porque aí tu começa a ser forte a necessidade da justificação e aí tive muito mais presente o meu padrinho, efetivamente fazia o papel do meu pai, porque o meu pai também houve uma altura em que já não falávamos com tanta frequência como quando era mais nova. Então algumas problematizações eram: mas então o que é que se passou, não falamos, então porque é que o meu pai não falou ontem. Muitas coisas parecidas com estas, mas não mais do que isto, não tanto assim (Luísa, 2022).

As dificuldades económicas foram sentidas, mas não de uma forma gritante. O aperto económico que sentiu na adolescência foi o facto de a mãe não lhe poder comprar certos objetos no momento exato em que a Luísa queria e, depois na universidade sentiu este aperto mais forte. Nunca sentiu estigma por os pais se terem divorciado, explicando que:

Não sei se porque também na minha sociedade é efetivamente uma sociedade onde a situação é muito comum e por ser muito comum a dada altura não há assim um impacto gritante em tentar processar e justificar o que está acontecer as mães separam-se ficam com os filhos nós até à pouco tempo, pelo menos no meu tempo eu não lembro-me dos meus pais se separarem e ter que ir a tribunal, porque a minha mãe tinha que ir a tribunal fazer uma regulação parental e com um acordo decidiram que ficaria a minha paternidade e como iriam gerir e conheço os meus primos e os meus amigos que tiveram também a mesma situação nos mesmos formatos nunca houve assim algo tão gritante.

As questões também surgem durante a adolescência para a Margarida, sendo estas construídas e inculcadas na sua mente pela sua mãe. Nesta altura a Margarida equacionava como seria a sua vida e o seu pai estivesse vivo. Claro que, nunca se vai saber, mas muito provavelmente a Margarida teria um trajeto de vida diferente se o seu pai fosse vivo.

Não, aí já talvez me pudessem surgir algumas questões especialmente porque a minha mãe me dizia muitas vezes quando eu era assim um bocadinho mais mal-educada com ela, que ela às vezes dizia qualquer coisa do género: “ah faltava era aqui o teu pai, ver se calhar se paravas aí com algumas atitudes [imita a mãe]”. [risos] Aí se calhar comecei a pensar talvez não numa questão de ficar triste com o assunto, mas de ficar a equacionar como seria como é que não seria, para a minha mãe estar a dizer isto é diferente teres uma figura paterna, não é, nem que seja por não sei, mas é diferente e aí talvez tenha sido um obstáculo porque pensava muito no assunto como é que seria, também por ela me dizer aquilo então eu pensava sempre como é que seria. Também não há forma de saber agora. Mas pronto acho que era por aí.

Na subcategoria ausência do pai está o Pedro. Também nesta fase o Pedro, tal como a Delfina, começou a sentir a ausência do pai conscientemente. O Pedro relatou que:

Não acho que tive muita sorte, na adolescência, lembro-me de estar cá na universidade e se calhar na universidade foi quando eu senti mais isso da minha mãe estar divorciada e tenho um pai, mas não tenho um pai ... tenho mais ou menos ideia disso. Senti mais se calhar consciente disso e lembro-me de algumas pessoas da minha turma uma ou duas pessoas, se calhar até foi só uma e não duas, de perguntar mais isso, mas se calhar mais por curiosidade do que por preconceito, mesmo ela também tinha os pais divorciados por isso se calhar também era um bocado por comparação ou assim, agora também não te sei dizer. Mas acho que aí não senti grande coisa. Dificuldades económicas a minha mãe trabalha num contabilista desde que me lembro e tem um bom salário não fui tipo rico, rico mas sempre tivemos o que precisávamos.

A Mafalda encontra-se na subcategoria desgostos de amor. De acordo com a Mafalda os seus grandes obstáculos foram os dois desgostos de amor que teve, pois para si foram muito fortes e impactantes. Tome-se nota que, segundo o pai, estes seus fracassos amorosos podem ter acontecido em parte por causa da ausência que a Mafalda sente em relação a si, projetando a imagem que tem do pai nos seus namorados.

A Mariana voltou a referir o *bullying* como o seu único obstáculo. Deste modo, a sua subcategoria é *bullying*. Relativamente à perda do pai diz que sempre todas as pessoas que a rodeavam lhe davam apoio. No seguimento da conversa recordou que a única parte negativa é que não conseguia fazer o exame de biologia para entrar para a universidade em veterinária. Nunca relacionou que o facto de não conseguir fazer o exame pudesse ter a ver com a perda do

pai. Todavia, objetivamente esta perda pode ter influenciado a que a Mariana não conseguisse ter aproveitamento no exame de biologia, porque a perda um ente querido destabiliza as pessoas. Segundo a Mariana o facto de o pai ter falecido afetou-a mais quando entrou na universidade, porque esta pensava sempre que o pai não viu as suas conquistas e a sua ausência acentuava-se mais nestes momentos importantes. Sendo estes momentos os que a fazem pensar mais no pai e ela sente-se mais triste.

O Miguel disse que o seu único obstáculo eram as “hormonas aos saltos”. Neste sentido, a subcategoria que lhe foi atribuída apelida-se de hormonas aos saltos. Nunca se apercebeu das dificuldades económicas na altura. Todavia, agora sabe que durante esta etapa houve uma fase em que a construção estava em baixo e que não conseguiam vender os apartamentos que tinham construído. Era a avó que o tentava proteger destas situações fazendo com que não se apercebesse delas, pronunciando o Miguel que vivia numa “bolha”.

Resumidamente, o volume de obstáculos na adolescência aumenta quando comparado com o volume de obstáculos da etapa da infância. É nesta fase que estes obstáculos se tornam visíveis para os entrevistados. Contudo, do total de entrevistados cinco continuam a assegurar que não sentiram obstáculos nesta etapa. Alguns destes problemas prendem-se com a condição da monoparentalidade, enquanto outros prendem-se com a construção da identidade. De acordo com os entrevistados(as), a adolescência é pautada pela problematização, desgostos de amor, “hormonas aos saltos” e sentimentos mais profundos e intensos.

5.4.4. Estratégias Adotadas pelos(as) Entrevistados(as) na Adolescência

De modo a perceber as estratégias adotadas durante a adolescência, foi questionado aos entrevistados(as) se estes adotavam algum tipo de estratégia para de certa forma facilitar o seu quotidiano ou para serem mais felizes ou para fugiram à realidade. As subcategorias associadas às estratégias são: ausência de estratégias, múltiplas estratégias, foco, equitação, encarnar uma personagem.

Na subcategoria ausência de estratégias surge Alexandra, Carlos, Sónia, Margarida, Maria e Paula. A Alexandra disse que nunca fez nada para se sentir melhor, para si era tudo muito “instantâneo”. O Carlos e a Sónia também não utilizavam nenhuma estratégia. No mesmo rumo se encontra a Margarida que opinou que não adotava qualquer tipo de estratégia. Também a Maria frisou que não houve necessidade de adotar estratégias, pois sempre tiveram uma vida estável, voltando a referir que tiveram sempre um suporte de “pessoas que apoiavam e apoiam de forma constante, sem oscilações”. A Paula também não adotava estratégias na sua adolescência, pronunciando que:

Não, não, não eu é como te digo eu fiquei tão habituada a esta vida anda para cá anda para lá para mim já era uma coisa muito normal, eu nunca olhei para o divórcio dos meus pais como uma coisa, claro que ao início custou, mas depois eu já estava tão adaptada, que isto já era uma coisa, normal para mim, porque eu conseguia estar com os meus pais, ao fim de semana conseguia estar com eles, por exemplo, vinha o natal, vinha o natal, vinha a consoada, vinha a pascoa, por exemplo eu vinha almoçar com um e ia jantar com outro. E já era eu própria que estabelecia os horários e que e dizia, não, preciso de estar com um e de estar com o outro. Portanto para mim era uma vida normal era uma vida era normal a vida que eu tinha, por isso é que eu. Como é que eu te hei de explicar, sim, família de guarda partilhada, mas ao fim ao acabo eu acabava por ter os dois, portanto não faço essa distinção, ah tinha os meus pais divorciadas [tom de voz dramático], não, tinha os meus pais divorciados, mas foi um divórcio muito saudável, muito pacífico, portanto para mim não me faz diferença nenhuma.

A Delfina, Mafalda, Pedro e Zé referem múltiplas estratégias. A Delfina durante a adolescência as estratégias que utilizava eram: frequentar festas, falar com amigos, ir ao psicólogo e escrever muito sobre a sua vida pessoal. A Mafalda na adolescência continuou a manter-se ativa, trabalhando e envolvendo-se em voluntariados. O Zé exprimiu que tentava relacionar-se mais com as pessoas. A biblioteca era um refúgio para si, pois gostava muito de ler. Neste sentido, tentava encontrar amigos que também gostassem de ler e iam todos para a biblioteca fazer atividades. O Zé também fez parte de um clube de xadrez. No que concerne o Pedro, nesta etapa já tem consciência que lhe faz falta uma figura paterna, expressando que sentia a carência de um modelo masculino e que este aspeto o pode ter influenciado de alguma forma. Nesta resposta o Pedro emocionou-se, porque claramente sente sentimentos ambivalentes pelo pai, ou seja, gosta dele, mas ao mesmo tempo não consegue lidar com ele nem criar laços sociais estáveis com o mesmo. Perante esta situação ambivalente, que o magoava e a qual não conseguia resolver, o Pedro acabou por tentar ignorar o assunto, fazendo de conta que nada se passava. No final da sua resposta, o Pedro considerou que nessa altura já podia “fazer certas coisas conscientemente para se sentir melhor”, como ler, jogar, estudar e ver séries.

Relativamente à Luísa, para si a estratégia que sempre utilizou foi muito foco, sendo esta a subcategoria que lhe corresponde. A Luísa voltou a mencionar que este foco resultava da maturidade que sempre lhe foi inculcada desde cedo pelos membros mais velhos da sua família. Enquanto, que a questão de os pais se terem separado não era um assunto que fosse falado.

Por sua vez, a Mariana voltou a ressaltar que o seu refúgio era a equitação, sendo esta a nomenclatura da sua subcategoria.

A subcategoria do Miguel é “encarnar uma personagem”. No que diz respeito ao Miguel, a sua estratégia consistiu em “enveredar uma nova personagem” para fugir à realidade. Este entrevistado desvendou que:

Eu tentava fugir da realidade eu lembro-me bem, gângster, eu tive uma fase em que achava que era gângster pronto, soa assim um bocado esquisito ainda por cima na altura andava num colégio e pronto e comecei a aparvalhar e houve um professor, não era só eu, é que há sempre 3 ou 4 ou 5 ou 6 na mesma fase, que tive naquela altura em que estava na moda as pessoas andarem com a calças para baixo. E houve um dia que andava eu e os outros gângsteres, wandabis [hipótese] se calhar é melhor dizer wandabis, gângsteres na altura andavam e um professor nosso na altura viu-nos naquela triste figura e disse-nos assim, “olha lá vocês sabem o que é que isso significa, andaram com as calças para baixo?” e nós assim, “não sei professor”, é que sabem nas prisões norte americanas quem anda com as calças para baixo é sinal que está disposto [risos]. E eu lembro-me que quando ele acaba de dizer isto puxei logo as calças para cima. Mas pronto foi lá [risos] está tentei ser alguém que eu não era. [risos]

Em suma, nesta amostra nesta fase de adolescência sobressaem as estratégias para se manterem ocupados, realizando atividades que gostam por forma a não pensarem nos assuntos que os magoam, como a monoparentalidade. Estas atividades são diversas, como voluntariado, leitura, desporto, encontros, jogos, escrita, entre outras.

5.4.5. Avaliação da Adolescência

Novamente tenta-se entender como é que avaliam esta etapa da adolescência. As subcategorias presentes são: avaliação boa, turbulenta, avaliação normal, reflexão.

Na subcategoria avaliação boa posicionam-se Alexandra, Mariana, Sónia, Paula, Pedro. A Mariana e a Sónia limitaram-se a dizer que foi uma etapa positiva. Assim como a Paula que

afirmou que foi boa, transparecendo que não foi tão boa como a da infância. Para a Paula esta foi uma etapa constituída por aprendizagens e na qual cresceu enquanto pessoa. O Pedro declarou explicitamente que a adolescência não foi tão boa quanto a infância. Tendo memórias boas desta altura, mas é aqui nesta fase que surgem também más memórias. Foi nesta etapa que começou a construir a sua identidade e a ganhar uma maior independência. Nesta etapa a separação da ex-namorada foi um marco na sua vida e que lhe deixou traumas, fazendo com que sentisse ainda mais a ausência do seu pai. Com o qual não conseguia desabafar, pois quando lhe ligava estava bêbado. Como o próprio Pedro expressou esta sua etapa foi pautada por um misto de coisas boas e más e foi nesta altura que a questão da monoparentalidade subiu à superfície, por assim dizer. Já a Alexandra transmitiu que:

Uma adolescência boa, consegui viver bastantes experiências, a minha mãe conseguiu-me proporcionar-me isso, como por exemplo a viagem de finalistas, muitos jovens não conseguem fazer isso. Tive bastantes experiências, cada vez que era uma viagem a minha mãe deixava-me sempre ir. Era uma adolescência muito boa.

A Delfina e a Margarida enquadraram-se na subcategoria turbulenta. Para a Delfina foi também uma “etapa boa, mas turbulenta”. A Margarida à semelhança da Delfina também considerou que foi uma “etapa boa, mais atribulada”. Esta recorda que:

Menos boa, mas por causa de mim própria, porque acho que fazia mal a mim própria, porque a fase da adolescência é uma fase problemática para qualquer adolescente, mas acho que... foi uma fase atribulada, porque pronto foi boa na mesma não tive problemas com nada a nível de nada, mas talvez já tenha começado a sentir as coisas de maneira diferente, acho que é mais por aí. Pronto em mais nova não sentia assim grande coisa [risos].

No que confere a subcategoria avaliação normal está o Carlos, Maria, Mafalda e Zé. O Carlos colocou a adolescência como uma etapa que foi normal, narrando que:

Dentro daquilo que eu pude experimentar que foi só uma, acho que correu normal, portanto houve, as indecisões normais dos adolescentes, as brigas normais e frequentes. Os namoros que tiveram que acontecer, as brigas normais e frequentes dessa fase da vida de todos nós. Tive muito apoio desse grupo de amigos que eram da aldeia, nós apoiávamo-nos uns aos outros, porque éramos uma segunda família. Havia filhos de pais emigrados, havia filhos de gente que ligava pouco aos filhos, havia malta que estava mais dispersa e ali encontrávamo-nos todos e ficávamos mais tempo juntos, em vez de estarmos a fazer disparates encontrávamo-nos ali e fazíamos umas atividades e uns acampamentos umas coisas e passava-se o tempo.

Assim como, a Maria que também considerou que a sua adolescência foi normal, sendo uma fase de aprendizagens e, semelhante à que está agora a viver o seu filho. A Mafalda nesta etapa também já utilizou o termo normal para a avaliar, explanando que:

Foi mais normal do que a infância, ao fim ao cabo todas as cabeçadas que eu acabei por dar seja em amizades ou em relacionamentos foi tudo, foram coisas individualmente que me fizeram crescer que eu tinha e hoje tenho noção de que tinha que passar por isso, para aprender a lidar com isso. Já me aconteceu espera lá que aquilo aconteceu-me daquela maneira. Portanto, eu agora vou fazer de uma maneira diferente para não sofrer tanto, para não me magoar tanto portanto eu acho que foram tudo coisas foram más, mas hoje em dia eu vejo que foram necessárias para eu crescer e para me tornar na pessoa que sou hoje e que ainda me hei de vir a tornar. Mais calma do que a minha infância.

Seguindo este padrão de resposta, também o Zé considerou que foi uma etapa normal, na qual todos os adolescentes têm de enfrentar problemas gerais, como de puberdade, crescimento e adaptação às escolas.

O Miguel e a Luísa encontram-se na subcategoria reflexão. O Miguel não forneceu uma resposta em que encaixe a adolescência como positiva ou negativa, alegando que “as vezes em que apanhei porrada foram poucas”. Do mesmo modo, a Luísa em vez de fazer uma avaliação fez uma reflexão sobre como por vezes os adultos não lidam da melhor forma com o divórcio e, como podem prejudicar os seus filhos após este ter ocorrido.

Olha isso eu hoje enquanto advogada e por trabalhar com isso eu penso que é fundamental que nós enquanto adultos tenhamos consciência do impacto das coisas nas crianças, o que é preciso ser dito e o que não é preciso ser dito e em que altura deve ser dito. E o que acontece é que nós massacrámos as crianças independente do tipo de separação, massacrámos as crianças com os nossos medos e frustrações e acabamos por estimular a que elas tenham um olhar igual ao do olhar que a gente tem em torno daquela situação. Mesmo não tendo consciência e isso é uma coisa que eu reitero muito que sou filha de um divórcio que funcionou, porque acho que a minha mãe conseguiu ter consciência de que havia uma relação que era minha e do meu pai e existia uma relação que era dela e do meu pai. E essa separação dessas dinâmicas fez com que eu continuasse a viver os sonhos em torno do meu pai e a conviver com o meu pai dentro das dinâmicas possíveis, sem ter a minha mãe a estimular que eu tivesse um olhar diferenciado do meu pai nem o meu pai do outro lado e por isso a minha relação com eles e como filha foi tranquila agora eu acho que se eles por acaso, eventualmente tivesse sido difícil e a minha mãe tivesse passado isso esse nível de dificuldade e o meu pai tivesse passado isso talvez o meu olhar sobre as circunstâncias fosse diferenciado. Não foi talvez porque eles tiveram a humildade de lembrar que existia uma pessoa e depois existiam eles. Então era o meu pai e a minha mãe separaram-se a minha mãe do lado dela a tentar garantir que eu não tivesse impactos sobre a falta do meu pai e o meu pai do lado dele a tentar estimular que eu do lado dele também tivesse a resposta necessária no caso de eu conflitar aquela situação e isso foi o que me absorveu bastante.

Em suma, a etapa da adolescência para alguns manteve-se normal, enquanto para outros trouxe turbulência. Novamente denota-se que esta não foi uma fase tão boa quanto a infância. A adolescência também foi para estes participantes uma etapa de aprendizagens. Como reflete a Luísa, é importante que após a separação os casais coloquem os seus filhos em primeiro lugar e não se deixem levar pelos sentimentos menos positivos que sentem pelos ex-companheiros(as). Por vezes, os filhos vivem experiências adversas após o divórcio dos seus pais, porque segundo Denardi & Bottoli (2017) para os pais é difícil colocar os filhos em primeiro lugar após esta crise, que se dá nas suas alianças.

5.5. Transição para a Idade Adulta dos(as) Entrevistados(as)

Esta etapa consiste no processo de transição que ocorre entre a adolescência e a idade adulta, ganhando os entrevistados uma maior autonomia e independência. Nesta amostra este processo é diferente para cada um, ocorrendo em idades diferentes e sendo a perspectiva deste distinta para cada pessoa. Alguns dos entrevistados não consideram que tenham esta etapa finalizada, encontrando-se ainda em construção. Nestes casos como a etapa ainda não está concluída não foi explorada em termos de elementos facilitadores, obstáculos, estratégias adotadas e avaliação.

5.5.1. Descrição da Transição para a Idade Adulta dos(as) Entrevistados(as)

No presente ponto foi solicitado aos entrevistados(as) que descrevessem a sua etapa da transição para a idade adulta, sendo que alguns pela sua idade mais jovem foi inicialmente perguntado se consideravam que já tinham esta etapa concluída. As subcategorias são: entrada

no mercado de trabalho, deslocação para estudar, “perdido à procura de caminho”, transição incompleta, nascimento do filho, interrogações e revolta.

Na subcategoria entrada no mercado de trabalho constam Alexandra, Paula e Sónia. A Alexandra considerou que passou por esta etapa assim que terminou de estudar e começou a trabalhar. Como a Alexandra não queria continuar a estudar a mãe disse-lhe que tinha de ir trabalhar. Começou por trabalhar numa pastelaria em *part time*, posteriormente a tempo inteiro. Depois trabalhou num restaurante, foi morar sozinha e, foi assim que foi ganhando a sua independência. Como se pode depreender esta é uma transição que se dá bastante cedo por volta dos seus 18 anos.

Para a Paula a sua transição para a idade adulta também se deu quando começa a trabalhar aos 22 anos. A Paula com esta idade começou a gerir o posto de combustível, tendo que “fazer e pagar contas” e, foi quando as “dores de cabeça” começaram. Confessa também que o divórcio dos pais a “obrigou a crescer muito rápido”.

De acordo com a Sónia esta transição também aconteceu quando deixou de estudar e foi trabalhar aos 18 anos para o colégio. Referiu que foi lá que tirou o décimo segundo ano através do programa das novas oportunidades. Entretanto conheceu o marido e teve um filho.

Na subcategoria deslocação para estudar estão inseridos Carlos, Miguel e Delfina. O Carlos considerou que a transição para a idade adulta se deu quando veio estudar para Évora aos seus 18 anos, confessando que esta etapa já foi mais dura.

A transição para a idade adulta acontece já quase num ambiente extra familiar que foi quando eu saí de casa já aos 18 anos para vir estudar. E aí pronto continuei a ter o apoio dos meus avós que estavam vivos, mas estavam longe, mas já havia telefones para se ir falando e por aí fora. Mas aí senti que a vida já era um bocadinho mais madrastra, porque eu estava deslocado não tinha carro próprio, portanto estava sempre dependente de transportes públicos que não saem quando a gente quer nem chegam quando queremos e aí apercebi-me que me fazia falta a parte familiar. Se foi muito dramático não foi porque eu sempre me habituei ou tenho este espírito meu. Não sei se foi uma habituação ou se tenho este espírito próprio de ir aceitando aquilo que não posso mudar, portanto o que não é mudável não é problema, olho para esse telefone que está aí na parede se ele está fixo à parede eu não vou estar a matutar que ele não devia estar aí, porque ele não vai sair daí e aqui era igual eu estava em Évora queria fazer as cadeiras e o curso que eu sempre quis e os meus avós estavam na Covilhã, a minha mãe estava em Abrantes, o meu pai estava na Covilhã e se chovessem picaretas ou areias do deserto em Évora eles continuavam lá e eu aqui. E era o que era e os anos foram passando e as coisas foram sempre feitas. Acabei o curso foi quando perdi a minha avó, estava a estagiar foi quando a minha avó faleceu. E logo a seguir comecei a trabalhar e passado um ano morreu o meu avô. E a partir daí mantive o meu pai lá sozinho, que perdeu os pais e a minha mãe que entretanto já tinha perdido os pais e a avó lá continua em Abrantes com a minha irmã já a morar lá em Abrantes. Fez uns períodos de tempo em que morava em casa com a minha mãe depois entretanto saiu, porque teve uma relação, depois voltou mais uns meses para casa e depois voltou a sair e já está com outra pessoa mais estável já tem um gaiato pequeno e a coisa roda assim.

Também a Delfina fez esta transição aos seus 18 anos quando veio para Portugal estudar, tendo sido esta difícil. Esta relatou esta experiência nos seguintes termos:

Isso aconteceu quando eu vim para Portugal, que foi uma mudança, muito muito grande e passei de não saber cozinhar quase nada a ter que fazer tudo sozinha. E foi um ano eu cheguei em fevereiro de 2019, foi tipo um ano que foi o pior ano da minha vida tipo estava longe da minha família, porque o meu pai morava dois meses cá no início para me ajudar e não sei quê. Mas

depois ele vive na Inglaterra, tipo não é a mesma coisa, não estamos perto e eu vivi a minha vida toda com a minha mãe e estamos a muitas horas de distância e com minha avó e com os meus primos e minhas amigas e eu não conhecia ninguém cá ninguém cá em Évora e pronto foi um ano difícil eu não falava nada de português, não percebia nada, não sabia fazer as compras, nada e ainda tinha esta pressão de ter que entrar na universidade, então pronto comecei um curso de português na universidade, comecei aulas de ténis, comecei a trabalhar e pouco a pouco comecei a, fiz o exame para entrar na universidade entrei e já em setembro as coisas começaram a estar melhor. E em abril minha avó e minha prima, meu pai e minhas duas irmãs vieram um mês para estar comigo cá e esse mês foi incrível. Só que depois quando foram embora foi, tipo chau e pronto em setembro quando comecei a universidade foi tudo mais tranquilo, difícil ainda, mas está tranquilo.

O Miguel considerou que a sua transição está praticamente feita, faltando somente conseguir tomar certas decisões de forma mais firme e ainda tem comportamentos que não é suposto os adultos terem. Quando lhe foi perguntado como é que esta fase se começou a desenrolar, relatou que:

Isto começou quando eu entrei em Coimbra, porque era um colégio de São Tio Tónio e quando eu cheguei lá dei de choque com alunos super aplicados e que, e que não tinham as manhãs que eu trazia de trás, fiquei um bocado estúpido, mas também lá está, mas eu acho que o facto de não conhecer ali ninguém também levou a que eu tivesse uma transição mais rápida, ou seja, eu passado um dia de lá estar, ou na mesma, aliás não foi um dia, foi na própria noite em que lá cheguei eu não dormi nada e pensei a noite toda, ninguém me conhece aqui, isto é um recomeço limpo, ou seja, se eu agora me comportar de maneira diferente do que me comportava em Portimão, ninguém vai dizer ah isto é só uma fase. E o que supostamente se fosse em Portimão era só uma fase acabou por se tornar a minha realidade, foi mudar a minha maneira de ser e dar-me com outro tipo de pessoas tanto que eu não tinha métodos de estudo e acabei por começar a estudar, em coisas, aliás os meus pais se me quiserem irritar mostram-me fotos em como eu me vestia naquela altura. Eu não consigo, eu não consigo olhar para uma foto daquelas, alias eu quando olho para uma foto daquelas só me dá vontade de bater com a cabeça na parede, tipo onde é que eu andei, onde é que eu andei quatro anos da minha vida onde é que eu tinha a cabeça?

O Pedro forma a subcategoria “perdido à procura de caminho”. Para o Pedro também ainda não aconteceu totalmente, pois acha que vai ser uma criança até morrer. Todavia, disse que se considera adulto a partir do momento que deixou a universidade e se apercebeu que “agora não tem um horário para seguir e que está por sua conta”. Esteve um ano em que não trabalhou, teve aulas de japonês e alemão. Diz que foi uma fase que não correu bem, porque ficou muito “fechado em casa”, refletindo que:

Acho que foi um bocado choque disso como estás a dizer acho que foi eu já sou adulto mas ainda não sou adulto, foi muito difícil para mim fazer isso porque eu já tinha, e volto atrás nas minhas lacunas sociais, eu já tinha criado ferramentas e desenvolvido essa minha parte social, não é, mas o meu problema eu não estava pronto para isso, provavelmente. E custou-me ao longo dos anos fui desenvolvendo para lidar com esta nova mentalidade que eu tinha de ter esta pessoa que eu tinha que ser, pronto. Tive um ano parado como disse, tive aulas e tal. Depois voltei para Évora, foi quando comecei a namorar com a minha namorada atual a J. e até agora. E na altura comecei a trabalhar, trabalhei em part time, depois trabalhei dois anos em full time, dois anos e meio acho eu... Foi uma luta para me tornar adulto, ya [risos]. Fui crescendo aos poucos, tropeçando, tentando ultrapassar as minhas imaturidades... pronto o que é que eu posso dizer mais, não tenho, não sei, basicamente acho que posso resumir isto como muito perdido, perdido à procura de caminho como muita gente acho que faz [risos].

A Luísa concede corpo à subcategoria interrogações. Denotou que as suas interrogações relativamente aos pais estarem separados começaram na adolescência e foram-se intensificando na etapa da transição para a idade adulta. Estas interrogações eram estimuladas por causa das relações sociais que a Luísa foi estabelecendo nesta transição. Conversava muito com a mãe e quando esta tinha respostas vagas para as suas questões, a Luísa ia conversar com os elementos da rede de apoio. Neste ponto revelou também que a sua tia, irmã mais velha do pai, “sempre fez questão de a integrar na família do lado pai”, garantindo que ela estava presente quando havia reuniões familiares em dias assinalados. Desta forma, criou laços afetivos com os irmãos do lado do pai. Na sua opinião tudo isto fez com que ela não tivesse um “olhar massacrante sobre as dinâmicas da vida adulta, sempre relaxei muito com isso”.

À Margarida corresponde a subcategoria revolta. Queria ser adulta muito rápido, ter a sua independência e as suas coisas. Começou a trabalhar às escondidas da mãe num café, mas esta descobriu e não a deixou continuar a trabalhar, pois achava que ainda não tinha idade para o fazer. Diz que nunca sentiu falta de nada, “mas que sempre teve uma grande vontade de ter o seu próprio dinheiro, dizendo que é diferente ganhar o seu dinheiro para as suas coisas”. De seguida contou como foi a sua fase da revolta que tinha iniciado no final da adolescência e que passou para a transição para a idade adulta.

[...] mas tive lá está uma altura na minha vida que eu acho que foi ridícula, porque eu não sei o que é que aconteceu na minha cabeça até hoje que eu acho que alguém precisava de me abanar e dizer: “Margarida [pseudónimo] para, estás a ser ridícula [risos]”. Está ali qualquer coisa que não está a bater certo. E estava mesmo ali qualquer coisa, porque eu não estava bem e o que as pessoas me diziam na altura que era má educação, não era má educação, era ali uma revolta qualquer. E que ninguém conseguiu perceber que não era má educação. Até a minha mãe que lá está que é o meu maior apoio passava os dias a dizer: “és uma mal-educada, mas como é que tu ficaste assim, és uma mal-educada, não foi esta a educação que eu te dei” [imita a mãe]. Foi ali literalmente do dia para a noite que fiquei assim, toda a gente me devia e ninguém me pagava, toda a gente estava errada e eu é que estava certa. Estava tudo errado só eu é que estava bem [risos]. E e acho que foi assim uma fase um bocadinho, um bocadinho grande chata e especialmente mais para os que estavam há minha volta [risos]. Mas de resto normal. Normal sem ser normal, mas pronto foi sempre normal, mas a nível social também completamente normal os meus comportamentos eram com pessoas muito próximas, eu não tinha estes comportamentos com outras pessoas de fora, o que seria, era com pessoas próximas. Com a minha mãe, tudo o que ela dizia era um problema para mim. Isto surge mesmo com pessoas próximas, com os meus melhores amigos com as outras pessoas eu era completamente normal com elas e nem sequer sentia um ataque de ter uma outra postura com elas era mesmo com as pessoas mais próximas. De resto tudo normal também, não, fiz o curso, fiz tudo normal, não isso tudo normal.

No que respeita a Maria a sua subcategoria é nascimento do filho. Na perspetiva desta entrevistada a transição para a idade adulta começa a se desenrolar quando deixa de estudar e começa a trabalhar, depois tem a fase do namoro, seguida do casamento e o nascimento do filho. Sendo que para si só se tornou efetivamente adulta quando o seu filho nasceu. Durante o a sua descrição considera que foi tudo normal, seguindo a sequencia normal da vida, que para si é estudar, trabalhar, namorar, casar e ter filhos. Achou que fez tudo isto na idade certa e, que se o pai fosse vivo teria feito tudo igual. No entanto, demonstra tristeza por não ter tido o pai presente no seu casamento para a levar ao altar. Foi o irmão quem substituiu este papel do pai nesse dia tão especial para si.

Na subcategoria transição incompleta encontram-se Zé, Mafalda e Mariana. O Zé assegurou que os homens até aos 50 anos são crianças. Atualmente já consegue realizar as tarefas domésticas

sozinho e dessa forma já é mais independente. Só que ainda se sente uma criança e, olhando para a idade que tem, “pensa que ainda tem muita vida pela frente”. Segundo a Mafalda essa transição ainda não ocorreu, porque ainda vive com a mãe e tem de lhe dar justificações daquilo que faz. Segundo a Mafalda só vai conseguir realizar a transição para a idade adulta quando “conseguir cortar o cordão umbilical com a mãe”. A Mafalda também explicou que da parte dela o cordão já foi cortado, mas do lado da mãe ainda não. Finaliza que talvez se dê esta etapa para o próximo ano se conseguir ir viver para Lisboa com o seu avô. No que diz respeito a Mariana, também ainda não tem esta etapa concluída, porque não se sente adulta. Para si vai efetuar esta etapa quando deixar de estudar. Como Mariana inicialmente esteve em biologia e depois mudou para veterinária tem uma diferença de idade dos seus colegas de 4 anos. Então como está num meio mais jovem acaba por não sentir que já tem 27 anos. Quando não está inserida neste meio sente que já é adulta, até porque, a mãe sempre lhe disse que era uma pessoa demasiado madura para a sua idade. Acham que isto possa ter a ver com os problemas de saúde do pai, porque este fizeram-na crescer muito cedo. Neste sentido, considera-se uma pessoa adulta, mas tem comportamentos de alguém que não o é. Portanto o meio social em que está inserida e também o facto de nunca ter trabalhado fazem com que não seja totalmente adulta.

Em resumo, a transição para a idade adulta ocorre em diversas fases nas perspetivas dos participantes. Neste sentido, pode ocorrer quando se entra para o mercado de trabalho, na deslocação para estudar longe da família ou quando se é efetivamente mãe. Esta etapa tende a ser mais “dura” e intensificam-se os problemas. Nesta amostra a transição para a idade adulta ocorreu bastante cedo com bastantes entrevistados a afirmar que aconteceu aos seus 18 anos. Dentro desta amostra a exceção é a Mariana que já tem 27 anos e ainda não tem esta etapa finalizada. Até porque, tanto o Zé como a Mafalda também não têm esta etapa realizada, mas são mais novos e a Mafalda deseja muitíssimo ser independente.

5.5.2. Elementos Facilitadores da experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Transição para a Idade Adulta

De novo tentou-se perceber se nesta etapa tiveram elementos facilitadores. As subcategorias presentes nas respostas dadas são: rede familiar, rede amical, elementos do colégio, ausência de elementos e figuras inspiradoras.

A subcategoria rede familiar contém Alexandra, Luísa, Maria, Pedro e Paula. Para a Alexandra nesta transição a mãe foi um elemento-chave. Seguindo esta linha da família como suporte também se encontra a Maria, que voltou a vincar que a sua rede de apoio se manteve também nesta etapa. Foram os seus padrinhos que ajudaram a sua mãe com os preparativos para o casamento. Nesta transição entra para a rede de apoio uma prima direita com a qual conversava para pedir opiniões sobre decisões que tinha de tomar, uma vez que, se encontravam na mesma faixa etária. Entra também um primo direito com o qual tem um bom relacionamento. Portanto estes primos são um apoio para si e tiveram um papel ativo nesta fase de transição. Quando fornece esta resposta a Maria emociona-se novamente e chora. Paula e Luísa evidenciaram a sua família da seguinte forma:

Sim, sim, essa disponibilidade das famílias em me integrar, essa disponibilidade das famílias em parar o tempo para me explicar uma ou outra situação, essa disponibilidade das famílias em garantir estímulos em que eu conseguisse continuar sem que a separação de os meus pais fosse um problema, sim (Luísa, 2022).

Facilitadores, no sentido de ter uma família muito presente e que me ajudou muito, sim e até mesmo o meu pai que estava aqui, estava mais na retaguarda tinha um comportamento excepcional, eu trabalhava das sete da manhã até às dez da noite ele é que me lavava a roupa, ele é que fazia as compras cá para casa, eu nunca aqui estava em casa e tive um apoio, nesse caso sim, a minha família ajudou-me muito (Paula, 2022).

Segundo o Pedro a mãe e os seus avós maternos sempre o ajudaram, achando que até o poderiam ter ajudado mais se o próprio Pedro tivesse deixado. Na opinião deste não permitiu que o ajudassem por falta de maturidade. Terminou o seu raciocínio com as seguintes palavras:

Já os meus avós ganharam assim mais sentido de role model, a minha mãe perdeu-me um bocado, mas e calhar mais, olhava para trás e se calhar dei-lhe demasiado valor, ela tem muito valor [ênfase], não rebaixando o que ela é, mas tinha aquele, olhava para trás e via aqueles óculos coloridos de criança e olhar para a mãe e a mãe é um Deus é um bocado a essa a ideia. E depois não, não é assim e acho que rebaixei um bocado esse role model da minha mãe, por causa disso não é assim tanto como era. Mas eu acredito que seja mais do que atualmente, do que eu lhe dou atualmente. Isto é um bocado confuso e pronto acho que é isto. Desculpa, apoio emocional quando estou mal com quem é que vou falar e isso são mais amigos, desliguei-me um bocado mais a família. Mas continuo a ser muito aberto à minha família e continuo a falar mais com eles para apoio sempre foi assim.

O Pedro abordou temáticas importantes como o olhar que as crianças têm para com os seus pais. Quando se é criança colocam-se as mães e os pais no lugar de heróis, num pedestal, são seres perfeitos. Contudo quando os filhos começam a crescer percebem que os pais não são estes seres perfeitos e é neste ponto que eles deixam de ser idolatrados pelos filhos. Nesta fase de crescimento o grupo de pares ganha uma nova importância.

O Carlos e a Delfina formam a subcategoria rede amical. O Carlos encontrou novos amigos na universidade que o auxiliaram nesta transição e, que ainda hoje são seus amigos. Acrescentou que “hoje com os telemóveis estamos todos mais perto uns dos outros”. Igualmente a Delfina destaca os amigos que fez cá em Portugal que a ajudaram nesta etapa que foi tão dura para si, enumerando que:

... Alguém que me ajudou muito foi uma amiga da argentina que falávamos sempre e depois da pandemia 2020, 2021, 2020 sim, é que A. uma amiga do Brasil que vive cá pronto foi como não é como minha mãe, mas é tipo família e na universidade quem foi minha ajuda mais grande desde que estou cá, fiz uma amiga que é de Cuba e ele está com a família dela e pronto o pai e a mãe dela para mim são os meus pais cá em Portugal, porque tipo ia todos os fins-de-semana com eles era como estar em casa, passei uma grande parte da pandemia com eles, passei quase tudo com o meu pai na Inglaterra, mas depois quando voltei passei tipo dois meses na casa deles e sim, foi uma grande ajuda isso (Delfina, 2022).

A Delfina e o Pedro também se encontram na subcategoria figuras inspiradoras. Nesta etapa para a Delfina as figuras inspiradoras foram mulheres, sobretudo as que pertenciam a um grupo feminista cá em Évora, para o qual ela entrou. Enquanto para o Pedro, quem o inspirou nesta altura foram colegas de trabalho e a sua atual namorada. Em cada trabalho que teve sempre teve colegas que via como modelos.

O Miguel e a Sónia constituem a subcategoria elementos do colégio. O Miguel salientou as pessoas que compunham todo o Colégio de Coimbra, para si foram um apoio crucial.

Facilitadores na transição acabou por ser a freira [risos] da escola que sempre tentou dar um empurrão e de me ajudar. Os perfeitos que eram quem tomava conta de nós no internato para garantir que toda a gente dormia e que não estava no telemóvel. Ah nós lá tínhamos essa coisa,

tanto que eu às vezes à noite se for preciso deixo o telemóvel em cima da mesa da sala só para não me chatearem, porque nós entregávamos acho que era às 10 ou 10:30 da noite tudo o que fosse eletrónico que era para realmente podermos descansar, para no dia a seguir estarmos frescos e fofos. Os perfeitos, acabou por ser amigos que conheci na altura e que hoje levo para a vida, ainda para a semana vou visitá-los na queima deles foi lá visitá-los e estar com eles. E não sei, eu acho que no geral senti ali uma família. Se calhar não estou a ser correto em dizer só três ou quatro pessoas eu diria que no geral o corpo docente e não docente daquela escola e prontos os amigos que lá fiz no geral ajudaram-me a moldar e a ser aquilo que sou hoje.

A Sónia também referiu que as pessoas que constituíam o colégio para onde foi trabalhar, também a ajudaram nesta etapa de transição. A Margarida foi a única que afirmou não ter tido elementos facilitadores, dando a sua resposta num tom de voz mais baixo. Portanto forma a subcategoria ausência de elementos.

Conclui-se, com base nas perceções dos entrevistados(as), que a família continua presente nesta etapa, mas de forma menos vincada. Os amigos ganham uma nova importância, assim como, elementos dos novos meios onde se inseriram nesta etapa, como elementos de escolas. Também as figuras inspiradoras ajudam a superar os desafios desta nova etapa.

5.5.3. Obstáculos à experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Transição para a Idade Adulta

Neste item pretendia-se explorar os obstáculos sentidos nesta transição para a idade adulta. Desta exploração resultam as seguintes subcategorias: trabalho, obstáculos dos imigrantes, duas casas para visitar, necessidade de respostas concretas, múltiplos obstáculos, a própria pessoa, passado de desleixo e ausência de obstáculos.

Na subcategoria trabalho encontram-se Alexandra e Paula. A Alexandra foca um ponto de extrema importância, apesar de não ser o foco da presente dissertação, que são os problemas relacionados com o mercado de trabalho. Estes mesmos problemas são mais preocupantes em certas regiões do país, como na Guarda.

Neste os obstáculos foi o trabalho, porque na zona da Guarda o trabalho é muito complicado. É um trabalho sazonal, na altura do verão tens muito trabalho, depois na altura do inverno já é mais complicado. Foi mais nesse sentido, que senti esse obstáculo.

Também os obstáculos da Paula foram suscitados pelo trabalho, que lhe deu “muitas dores de cabeça”. Enfatizou que nunca teve problemas por ser filha de quem é e pelo divórcio dos pais, explicando que “nas aldeias as pessoas falam muito, mas no fundo estas gostam umas das outras e ajudam-se mutuamente”.

A Delfina encontra-se na subcategoria obstáculos dos imigrantes. Os obstáculos que a Delfina também sentiu nesta etapa não se prendem com a ausência do pai. Todavia, é importante que estes também sejam referidos, pois retratam as dificuldades que os imigrantes enfrentam na chegada a um novo país. A Delfina considera que nesta fase teve muitos obstáculos como demasiada burocracia, xenofobia e a língua, que é um obstáculo no princípio. Para si é complicado fazer amigos em Portugal, sentindo que é um ambiente mais frio do que na Argentina. Quando é questionada por causa do obstáculo da xenofobia conta um episódio que teve na câmara com uma funcionária que a tratou mal, este acontecimento deixou-a bastante nostálgica. No aeroporto também costumam fazer muitas questões e ouve comentários quando deambula pelo espaço público e, até inclusivamente durante as aulas por parte de professores.

Em relação à parte económica nesta transição não senti dificuldades, tendo sempre a ajuda do pai e a própria também trabalha. A sua maior dificuldade é gerir o seu dinheiro.

O Carlos forma a subcategoria duas casas para visitar. O Carlos esclareceu que:

O único obstáculo que eu senti por ter pais divorciados foi o facto de ter duas casas para visitar e não só uma. E depois apercebi-me de uma outra situação que me fez pensar sobre a minha vida para o futuro que foi o facto de os meus pais não falarem um para o outro permitia-me uma liberdade assustadora, porque se eu vinha para Évora e chegava a Évora e dizia que estava em Évora então eles acreditavam em mim, pois então não tinham outra hipótese, mas se eu deixasse de estar em Évora e telefonasse à minha mãe e dissesse olha eu estou em casa do meu pai e se telefonasse ao meu pai e dissesse olha eu estou em casa da minha mãe de sexta feira até domingo à noite ou segunda feira de manhã eu não tinha mais um único telefonema de nenhum deles a perguntar se eu estava vivo se estava morto. E isso assustou-me muito, pois embora eu nunca tenha tido tendência para me desviar de bons caminhos, eu apercebi-me se um dia eu tiver um filho mais tarde, que hoje tem quatro meses se eu um dia me chatear com a mãe dele eu foi continuar a falar com ela, porque eu não quero que ele tenha essa possibilidade de estar onde quiser sem nenhum dos pais se perguntar se é verdade ou se é mentira. Isso assustou-me muito ainda hoje.

O Carlos também explicou que no início quando veio para a universidade fazer estas visitas a casa dos pais era complicado, porque não tinha carro próprio e tinha de andar de transportes públicos. Para além de ter de conciliar os estudos com estas mesmas visitas. Consegue resolver este problema quando consegue deter carro próprio e assim visita o pai e a mãe no mesmo fim de semana.

A Luísa constitui a subcategoria necessidade de respostas diretas. Voltou a mencionar a sua necessidade em ter respostas diretas e concretas para as suas dúvidas sobre o divórcio dos pais. Esta necessidade gerou obstáculos para a Luísa. Até porque, ninguém tinha estas respostas concretas para lhe poder explicar o porquê de os pais se terem divorciado.

O Pedro encontra-se na subcategoria múltiplos obstáculos. Na transição para a idade adulta já tem a sensação de que se cruzou com pessoas que demonstraram preconceito para consigo por ter pais separados. No sentido, em que insinuaram que ele é de certa forma por ter pais separados. A nível de capital económico a família sempre o ajudou, mas nesta transição o Pedro esforçou-se para se tornar independente também a nível monetário. Encontrar um caminho foi um obstáculo para si, esclarecendo que:

Foi isso que acho que agora já ultrapassei e estou a tirar um curso de informática. Já tenho mais, nunca tive uma direção tinha coisas vagas na cabeça. Mas não tinha, pronto a minha direção sempre foi estar com meus amigos, ter bons momentos, fazer o que eu quero, e divertir-me, ter experiências que me digam coisas, nunca tive assim propriamente uma direção do que eu quero fazer na vida. Esta fase, foi nesta fase que eu encontrei isso e, pronto acho que foi um dos obstáculos na minha vida que eu ultrapassei sempre tive essa dificuldade, porque eu sempre fui uma pessoa muito depressiva e acho que também me ajudou ter uma direção a ultrapassar isso, porque recordo-me de manhã de acordar e não sei é menos desmotivante do que, ok, eu sei o que é para fazer e sei o que tenho para fazer. E depois também não era isso eu tive muitas depressões quando era miúdo acho que saltei um bocado isso [risos].

A Margarida forma a subcategoria a própria pessoa, uma vez que, afirmou que “o seu maior obstáculo era ela própria”.

O Miguel compõe a subcategoria “passado de desleixo”. Este entrevistado enunciou que:

Os obstáculos que senti foi mais na altura, agora já ganhei, mas na altura foi o facto de não ter métodos de estudo deu-me muitas dores de cabeça, a matemática, não é que eu não tivesse um raciocínio muito bom e tinha, não tinha era os fundamentos de certos tipos de matéria o que me levava a que não fizesse certos tipos de exercícios, porque a minha diretora de turma na altura que era minha professora de matemática A disse-me “tu és extraordinário para matemática é pena é que não saibas o que está para trás”. Porque por exemplo houve um exemplo que foi flagrante, uma matéria que nós nunca tínhamos dado e que eu não tinha bases para trás e que ela deu em aula e me deu na cabeça para eu estar a ouvir eu sabia aquilo de trás para a frente e da frente para trás antes dos meus colegas perceberem. Agora quando chegou aquela parte em que era preciso ter mais, ter bases de trás, ah, não, e tive que penar um bocado para ir buscar aquilo que não sabia e mesmo assim acho hoje em dia não sei tudo o que devia saber. Pronto foi a falta de bases... eu acho que o que podia ser um obstáculo que era o estar longe de toda a gente eu acho que acabou por estar mais a meu favor do que contra... Eu acho que o grande obstáculo foi exatamente esse é contrariar algumas ati/, ou seja, o passado que eu tinha de não ter, basicamente foi mesmo a falta de bases em matérias e afins foi o que dificultou mais a transição, porque a nível pessoal eu já tinha certas coisas dentro da minha cabeça já tinham sido iniciadas pelo meu avô, simplesmente estavam adormecidas. E então ali acho que acabou lá está por facilitar a ser uma pessoa melhor. Sinceramente eu estou a dar volta à minha cabeça e não estou a ver outra coisa que me tenha dificultado mais a não ser esse passado de desleixo.

A Maria posiciona-se na subcategoria ausência de obstáculos. Não sentiu qualquer tipo de obstáculos mesmo após o seu filho ter nascido. Este sempre teve e têm os tios-avôs que têm feito o papel de avôs. Portanto, o seu filho não sente a ausência do avô. A Sónia também não sentiu qualquer tipo de obstáculo.

Em suma, os obstáculos intensificam-se nesta etapa, aparecendo novos desafios. Verifica-se que todos sentiram obstáculos à exceção da Maria e a Sónia, sendo que alguns obstáculos estão diretamente relacionados com os eventos de monoparentalidade, como a necessidade de respostas e ter de visitar o pai e a mãe em casas distantes.

5.5.4. Estratégias Adotadas pelos(as) Entrevistados(as) na Transição para a Idade Adulta

Perguntou-se aos entrevistados(as) se sentiram a necessidade de adotar estratégias nesta altura. As subcategorias referentes às estratégias são: ausência de estratégias, capa fria, rede amical e múltiplas estratégias.

Na subcategoria ausência de estratégias inclui-se Alexandra, Maria, Sónia e Margarida. A Alexandra à semelhança das outras etapas não adotou qualquer tipo de estratégias, assim como, Maria e Sónia. A Margarida também não fez nada para que a sua fase de revolta passasse. Mencionou que esta passou do “dia para a noite”, assim como apareceu. Nem utilizava nenhum tipo de estratégia para ser mais feliz ou para fugir à realidade. Sobre esta fase mais negra da sua vida, evidenciou que:

Agora obviamente consigo reconhecer que fui ridícula e super mal educada e que tive uma fase horrível na minha vida e que alguém devia ter feito alguma coisa, não sei o quê, mas alguém devia, mas felizmente foi, pronto passou, é o que interessa.

A Paula forma a subcategoria “capa fria”. Inicialmente disse que não utilizou estratégias, mas confessa que “utiliza sempre a sua capa fria”, percebendo-se que esta é só uma forma de se defender, pois na realidade é uma pessoa bastante sensível.

O Carlos forma a subcategoria rede amical, considerando que os seus amigos foram elementos facilitadores e ao mesmo tempo uma estratégia, que o ajudou a distanciar das questões que a família lhe suscitava. Menciona que:

Nessa altura o grupo de amigos que eu construí na universidade quase que me fez esquecer a família que eu tinha sem portanto, construímos um grupo de três pessoas essencialmente três pessoas eram três mais dois. Eu e havia duas raparigas mais uma rapariga e um rapaz que se associavam de vez em quando a nós. E esse grupo era muito forte e muito presente. Basicamente só não dormíamos juntos, porque de resto era de manhã até à noite nós os três, portanto era eu a L. e a A. Sempre, sempre em conjunto e e isso fez-me praticamente esquecer o resto da família é verdade que sim.

Em relação à subcategoria múltiplas estratégias posicionam-se Delfina, Luísa, Miguel e Pedro. A Delfina após a pandemia voltou a ser acompanhada pela psicóloga, melhorou as suas relações com a sua família e tem os seus cães. Na mesma medida a Luísa, tentou deixar de lado todas as suas interrogações, adotando a seguinte postura:

Sim, sim, sim uma delas foi o foco e não perguntar muito sobre os assuntos, eu cheguei a um ponto, como eu não tinha as respostas que eu queria eu em vez de andar a massacrá-los ou a massacrar-me com a necessidade das respostas, deixava para trás, não nem perguntava e ia viver a minha vida para outra dimensão não fazia daquilo um calcanhar de Aquiles.

O Miguel descreveu que:

Eu na altura lembro-me que não tinha motivação para fazer as coisas eh pá estava não sabia como é que havia de estudar e estava sem vontade de estudar e então aqueles vídeos todos malucos do Youtube motivacionais e via um ou dois para ver se me davam inspiração. E no momento davam mas não era aquilo, tentei e ainda tento às vezes vou escrevendo, fazer a lista do dia, porque eu já percebi, mesmo que não faça tudo aquilo fica cá por fazer escrito nem que seja metade é muito mais do que se eu não tiver nada planeado para fazer durante o dia e é isso já não tento guardar tanto, que era uma coisa que eu fazia muito. Se tiver um problema tento dizer logo à pessoa é melhor para ela e para mim, porque já me aconteceu três ou quatro vezes não disse, guardar, guardar e depois rebento e é pior para mim e a outra pessoa também acaba por sair mais magoada acho que isto são as estratégias que ainda uso ou que usei (Miguel, 2022).

O Pedro voltou a abordar o mundo virtual, no qual ele mergulhava para fugir à realidade.

Sim, acho que sempre foi muito a mesma coisa mas cada vez mais conscientemente de acabar por assim dizer, porque acaba por se tornar vícios de ligar, pronto há pessoas que é, ok, tenho problemas eu vou beber, eu vou fumar para esquecer, não é, prontos para destressar, para ultrapassar e o meu vício sempre foi essa cena dos jogos e das séries do mundo das fantasias e isso. E eu agora tenho essa noção que na altura tive muito isso especialmente quando estava mais deprimido porque não tinha direção e não sabia o que devia fazer e não estava bem na vida por assim dizer. Aí também já senti mais preconceito das pessoas por não estar a trabalhar, não estou a fazer o que eu quero, não tenho uma direção na vida e, senti-me mal com isso. E aí mergulhei mesmo de cabeça em certos momentos, tanto que eu... há um jogo eu jogo um jogo de cartas que saem cartas novas não sei de quanto em quanto tempo e o torneio de lançamento da edição e eu lembro-me que na altura andei um ano que eu já vivia de torneio em torneio. Eu estava à espera de um torneio e acaba um torneio e a minha motivação para a vida era o próximo torneio. Pronto, eu tenho ideia de uma altura do ano ter mergulhado mesmo de cabeça nesse vício para pronto esquecer o resto para me dar força para não me deprimir por assim.

O Pedro também elucidou que os membros da sua família têm boas relações uns com os outros e uma boa comunicação, mas são desligados. Este desligamento é no sentido em que ele fala com a mãe uma vez a cada dois meses. Retorna ao assunto das estratégias dizendo que fazia

coisas para esquecer os problemas e, que enquanto criança e adolescente era depressivo. Agora para “não cair outra vez numa depressão tenta falar abertamente com as pessoas”. Evidencia novamente que “os dois momentos da sua vida que o marcaram de forma pior foram o divórcio dos pais e a primeira rutura amorosa”. Depois desta rutura adotou uma postura de desabafar com as pessoas e foi assim que conseguiu ultrapassar os obstáculos.

Em síntese, nem todos sentem a necessidade de utilizar estratégias para enfrentarem a realidade e os problemas adjacentes a esta. Os que utilizam estratégias estas variam entre adotar uma postura rígida como forma de proteção, rede amical, acompanhamento psicológico, encontrar formas de motivação, deter foco, mergulhar no mundo virtual, entre outras.

5.5.5. Avaliação da Transição para a Idade Adulta

De novo tentou-se compreender qual a perspetiva que os participantes tinham da sua etapa da transição para a idade adulta. Esta avaliação é composta pelas seguintes subcategorias: avaliação complicada, avaliação difícil, avaliação metafórica, avaliação dura, avaliação mista, avaliação boa, aprendizagem, autoconhecimento e acontecimento complicado.

Na subcategoria avaliação complicada encontra-se Alexandra. No que respeita a Alexandra, esta alegou que apesar de se ter adaptado bem a esta nova etapa foi uma transição “mais complicada”, reforçando que começou a possuir um maior peso de responsabilidades. Outro elemento que faz parte desta etapa é o cansaço.

A Delfina e a Margarida compõem a subcategoria avaliação difícil. A Delfina considerou que foi uma etapa difícil, mas em simultâneo necessária. Igualmente para Margarida foi uma etapa complicada para si e para os que a rodeavam. Não foi definitivamente uma etapa muito feliz.

O Miguel está na subcategoria avaliação metafórica. Deixou transparecer que esta etapa não tem sido fácil, uma vez que ainda não está totalmente completa. Avaliou esta etapa de uma forma metafórica, ilustrando que:

Tem muitas curvas, mas vamos fazendo, é muitas curvas, muitos furos pelo caminho e sim na não é perfeito. Eu na outra eu lembro-me perfeitamente que eu tinha foi um teste de físico-química que eu estudei, estudei, estudei, eu sei lá eu estudei umas quarenta horas e quando cheguei à frequência, teste 9,5 e eu parvo e depois, tinha um rapaz na residência morava à minha frente também era da minha turma, que ele estudou sei lá 10 horas se tanto e tirou um 14 ou um 15 e eu parvo como é que ele fez e eu não fiz. Eu acho que esse impacto me fez bem, sentir esse obstáculo de não ter bases ajudou-me abrir os olhos. E foi isso foi os furos, porque eu apesar de encaminhar, não consigo contrariar aquilo que eu já tinha feito mal.

A Paula posiciona-se na subcategoria avaliação “dura”. A sua transição foi uma etapa “dura”.

A subcategoria avaliação mista é composta pelo Pedro. Para este entrevistado esta etapa passou de muito má para muito boa, esclarecendo que:

Não porque eu quando, quando acabei o curso comecei fora ter começado a relação amorosa que ainda hoje tenho já é de longa duração, e tive uma fase muito má porque estava mesmo perdido, deprimido, não tinha mesmo caminho e depois a minha mãe não me conseguia dar respostas a isto e não estávamos mais ou menos na mesma página a falar das mesmas coisas e entretanto depois de começar a trabalhar as coisas más e coisas boas e atualmente estou, foi muito positivo para a minha vida ter ganho uma direção isso ajudou-me imenso, imenso, acho que estou bem e bem e acho que é isso.

O Carlos encontra-se na subcategoria aprendizagem. Considerou que foi uma transição normal, explicitando que:

Portanto eu saí de casa até ao secundário vinha todos os dias dormir a casa dos meus avós e tinha esse conforto familiar de ter alguém à espera em casa. E depois tive aquela rutura abrupta, pronto agora vais para Évora, desenrasca-te e está lá e conhece pessoas novas e reorganiza-te socialmente numa cidade nova. Agora todos nós que somos estudantes deslocados de secundário sabemos que a vida é assim não mata ninguém, mas acho que é uma aprendizagem porreira que se faz, perceber que nem toda a gente nos quer bem, os amigos de infância continuam lá, mas estão à distância, portanto temos de reorganizar a nossa estrutura social. E encontrar pares que tenham o mesmo gosto às vezes as mesmas ideologias, a mesma forma de estar na vida. Uma coisa que eu notei até como vinha de um meio pequeno até inclusivamente níveis de educação e valores nos sentimos muito melhor quando os nossos pares na nossa vida partilham os mesmos valores que nós. E isso foi uma aprendizagem que eu fiz cá em Évora. Foi uma das aprendizagens que fiz cá no curso, que não somos todos iguais.

A Sónia restringiu-se a dizer que foi uma etapa também boa. Por isso, a sua subcategoria é avaliação boa.

A Luísa faz parte da subcategoria autoconhecimento. A Luísa não avaliou a etapa como fácil ou difícil, alegando que para si foi uma etapa de autoconhecimento, na qual teve:

[...] muito de interiorização mesmo de eu tentar perceber o que é que eu estava a viver afinal, e buscar tudo e fazer um cenário do que é que eu tinha vivido até chegar ali e depois tentar perceber como é que eu ia alinhar e eu tentai muito foi ficar focada na formação, vou-me focar na formação e quando poder estou com o meu pai, quando não poder não estou quando eu poder a minha mãe diz alguma coisa quando ela não poder ela não diz nada e eu também não pergunto e seguimos, porque eu continuei a ter os meus primos perto, os meus avós perto, os meus tios perto que são sempre as pessoas que me acabam por dar o suporte e eu nunca senti um estigma ou uma ambiguidade com eles, então fui fortificando os meus laços a partir daí.

A Maria faz parte da subcategoria acontecimento complicado. Não fez uma avaliação da transição para a idade adulta, transparecendo que uma fase desta transição foi mais complicada para si por causa de alguns comportamentos que o seu irmão adotou que estão diretamente ligados com a perda do seu pai. Neste sentido, relatou que:

... Houve uma altura não diretamente comigo, mas que eu percebi... quando o meu irmão tinha 33 anos que era a idade do meu pai [choro] e o meu irmão tinha um mau feitio nesse ano [ênfase]. E eu apercebi-me, porque ele tinha a idade do meu pai, do nosso pai quando ele morreu. E isso mexeu muito com ele e eu tive, nunca, não foi nunca, quando eu me apercebi, não falei logo no assunto, eu notava a personalidade do meu irmão tipo, eu notei diferença ali no meu irmão e não estava a perceber o porquê de, não era mal educado, não era revoltado, mas notei uma alteração no comportamento dele e foi quase de certeza por causa disso. Foi da idade dos 33 anos, tipo eu tenho 33 anos e o meu pai com a minha idade morreu e aí sentia como era a mais velha, não é, mas eu também não achava que não havia necessidade, porque ele tinha perfeita noção e, eu tenho quase a certeza absoluta que era isso que lhe estava a provocar aquela alteração de estado de humor [risos]. E durante algum tempo, então tentei não falar muito, mas nunca desvalorizar, mas nunca ia lá a mexer, não sou muito de mexer na ferida. Tentava tipo normalizar a coisa, alguma situação tipo não levamos tão a sério, porque por uma simples coisa ele exagerava, ele estava com o sangue a ferver, mas durante muito tempo que ele andou. E eu tem calma olha o coração, não é preciso, há quem esteja pior e não sei quê, não sei quê. Uma situação qualquer ou porque lhe tinham descontado muitas horas no ordenado ou isto ou aquilo, pronto qualquer coisinha assim, nada de, ah aí nesse ano e já eu era adulta claro, já eu era adulta e nesse ano foi-me assim um bocadinho difícil, foi. Não foi um ano literal de janeiro e dezembro, mas a idade dos

33 anos do meu irmão, notei que ali assim, que tive de agir de maneira diferente, mas não desvalorizo, lá está, não desvalorizar, mas não exagerar nas situações, na coisa, não mexer e, correu bem, depois passou.

Conclui-se que em comparação com as fases anteriores esta etapa reúne maior volume de avaliações negativas. A transição para a idade adulta foi pautada por dificuldades, aprendizagens, autoconhecimento e luta para se tornarem efetivamente adultos.

5.6. Situação Presente dos(as) Entrevistados(as)

A última etapa é o presente, na qual também se tentou perceber como está hoje a vida dos participantes, explorando novamente elementos facilitadores, obstáculos, estratégias adotadas e avaliação.

5.6.1. Descrição da Situação Presente dos(as) Entrevistados(as)

Neste item foi solicitado aos participantes que descrevessem como é o seu presente. As subcategorias presentes nesta descrição do presente são: presente feliz, descrição das relações atuais, emocional estável, presente ativo, paz regressou, presente normal, presente excelente, presente de adaptações, presente bom, presente stressante e presente rotineiro.

A Alexandra encontra-se na subcategoria presente feliz. Pronunciou com uma aparência de felicidade que:

O meu presente neste momento sou uma mulher feliz. Tenho duas filhas lindas e maravilhosas. Tenho um marido que me respeita acima de tudo e que não me dá mais, porque não pode que é mesmo assim. E posso dizer que sou uma mulher realizada, honestamente. Claro que tenho muitos sonhos, como é obvio. Mas consegui ter uma coisa que sempre quis ter que é uma família maravilhosa, não é dizer que não tive, porque tive, a minha mãe sempre me deu tudo o que queria. Mas neste momento consigo dar às minhas filhas o que eu não tive que é um pai presente principalmente isso.

O Carlos encontra-se na subcategoria descrição das relações atuais. Focou a sua família atual e a relação que mantém com o pai, nos seguintes termos:

O meu presente agora eu constituí a minha família, uma relação de 11 anos com a A. I. Ela já tinha três filhos e eu sempre os tratei pelo menos é aquilo que eu sinto como se fossem meus. Não fiz distinção nenhuma eles eram, quando eu os conheci eles oscilavam entre os 3 e 11 anos hoje em dia entre os 14 e 22, não, não era 3 e 11, era 3 e 9, o I. tinha 9 agora tem 20 portanto oscilam agora entre os 14 e os 20 e o pequenino tem quatro meses e é assim a minha família. O meu pai continua a ser o meu pai e a minha mãe a minha mãe, falo com eles quase todos os dias, mais com a minha mãe do que com o meu pai. Ele continua a manter a vida dele sempre mais sozinho, como fez as escolhas dele sempre mais à parte. Não tenho necessidade de falar tanto com o meu pai como com a minha mãe. A minha mãe preocupa-me mais porque ela está mesmo sozinha e é mais, é menos desenrascada do que o meu pai. E visito-os e eles visitam-me a mim quando podem e vamos andando assim.

A Delfina localiza-se na subcategoria emocional estável. No presente disse saber o que quer fazer com a sua vida e está mais estável a nível emocional. Agora que a pandemia está mais estável pretende voltar a viajar.

A Luísa forma a subcategoria paz regressou. Contou que o pai faleceu à cerca de um ano. Sempre teve uma relação de transparência com a mãe e com o pai. As respostas que ela tanto queria foram-lhe dadas pela mãe aos seus 25 anos. Esta explicou-lhe as verdadeiras razões pelas quais se tinha separado do seu pai. De seguida falou com o pai sobre isto e a paz voltou ao que era. A Luísa transmite que após estas conversas ficaram os três mais descansados e conviviam tranquilamente. Finaliza a sua resposta com a seguinte conclusão:

Não tinha o meu pai, mas as relações começam e terminam. A relação deles infelizmente terminou, mas eu felizmente consegui não ter impactos [ênfase] tão massacrantes dessa separação e ok está tudo bem, está tudo certo. E então foi mais fácil para mim nessa altura.

Em relação à subcategoria presente ativo encontra-se Mafalda. A Mafalda no presente auxilia a mãe no que ela precisa como ir às compras ou ir buscar o seu irmão. Neste momento disse viver para o Casarão (Pastoral Universitária), o voluntariado, a mãe, o irmão e a universidade.

A Margarida e a Maria encontram-se na subcategoria presente normal. Reconheceu alguns aspetos que até há pouco tempo não reconhecia. Neste sentido, admitiu que:

Ok, olha agora acho que também estou numa fase estranha, não complicada no sentido de estar outra vez numa fase de revolta e nada disso. Mas estou numa fase em que... estou a tentar procurar... também talvez derivado ao curso que fiz e ao trabalho que tenho tentar realmente, consigo agora reconhecer algumas coisas e consigo dar nome a algumas atitudes e algumas posturas que tive e então agora já estou numa fase ok, isto não é normal, isto não foi normal e então agora vamos aqui procurar uma ajuda era uma coisa que devia ter sido feita há muito tempo, que já não estou numa fase crítica de todo, mas que realmente há aqui coisas que me incomodam é mais por aí, não acho que haja alguma coisa de errado em mim, mas há coisas que incomodam a mim, não aos outros. E se eu posso fazer alguma coisa para melhorar isso e para me sentir melhor com isso então vamos procurar aqui ajuda e tentar resolver isso. De resto está tudo normal no sentido de pronto da vida mesmo em si, no geral acho que está tudo normal, não estou numa fase mais feliz da minha vida, porque isso acho que era quando era mais pequenina, que brincava todos os dias, não me sinto a pessoa mais feliz do mundo, mas também não me sinto minimamente triste, estou normal. Pronto acho que é a melhor definição que te consigo dar agora.

A Maria disse que o seu presente é normal e que está tudo bem. Não descreveu como é o seu presente, levando a sua resposta para algo que a preocupa que é a sua mãe e o envelhecimento desta. Declara que atualmente a sua mãe a nível de saúde está bem e, que agora já consegue ficar com os netos nas férias e lavar a roupa ao irmão.

Na subcategoria presente excelente posiciona-se Mariana. Esta entrevistada falou do seu presente com um sorriso na cara, narrando que:

O meu presente neste momento é excelente. Eu até estou a dizer à minha mãe que eu estou na minha melhor fase, porque como eu disse tive um namoro de cinco anos e foi bastante tóxico foi muito mau e agora encontrei alguém ou fui encontrada por alguém que me trata muito bem que me dá muito carinho e que me faz pensar eu nunca pensei em ter isto na minha vida. Eu aliás nunca pensei que houvesse homens assim, com a minha mãe sempre estive bem nunca estive mal, aliás cheguei a estar mal com ela na altura do relacionamento, porque como ela não gostava dele, porque via que eu não andava feliz, mas eu gostava e queria estar com ele aí parece que as coisas tremeram um pouco nunca nos enfraqueceu, mas andávamos muito chateadas uma com a outra e agora não. Agora felizmente não, a relação também continua a ser curta para mim, mas a minha mãe gosta até agora dele em termos universitários estou no fim finalmente tem corrido tudo bem. Tenho umas amigas espetaculares há minha volta, só falta a parte do corpo realmente, mas ainda não está bem, mas também há de ser depois do curso. Por isso eu sinto

mesmo bem agora, também a parte do meu pai está resolvidíssima, pronto só é aquelas ocasiões especiais que nós pensamos sempre mais nas pessoas que não estão entre nós, mas isso é normal, mesmo passados anos isso acontece.

Em relação, à subcategoria presente de adaptação. No caso do Miguel o seu presente cruza-se com a sua etapa da transição que ainda não está terminada, então este relatou que:

Como é que é o meu presente?... Agora já estou mais habituado, quando cá cheguei custou-me um bocado a habituar a esta rotina toda nova, apesar de eu já ter vivido sozinho, longe dos meus pais estava no internato... lavavam a roupa. Faziam o almoço, pronto as refeições, também limpavam o quarto e cheguei aqui lá está foi outro sopro outra realidade que foi, amanhã tenho aulas às 8:30 mas ninguém me vai bater à porta às sete, “olha vai para as aulas”. E eu assim eh pá, se calhar tenho que começar a por um despertador, aí acho que foi a primeira altura em que comecei a utilizar um despertador. A questão do da máquina a primeira vez que pus a máquina eu achei que aquilo [risos] é verdade, parecia um monstro de sete cabeças. Isto tanto programa, isto é para quê. Depois lá chamei o meu colega de casa, ah isto como é que é, “ah é sim é assim”. Pronto é o número três serve, ah outra questão a comida eu já sabia cozinhar algumas coisas, mas era mais coisas básicas. Então quando eu cheguei aqui comecei assim a inventar um bocado, eu no início sei que passei um bocado mal com a minha culinária, mas agora não. Tanto que eu depois e cada vez que ia a casa, nas primeiras semanas assim como quem não quer a coisa, colava-me na cozinha para ver o que é que a minha mãe e a minha avó faziam que era para perceber o que é que faltava na minha, por exemplo eu fazia um prato exatamente igual, exatamente igual não, mas tentava fazer um prato que a minha mãe fazia e saía-me mal. Então eu no fim de semana a seguir, a minha mãe, “então o que é que queres para o almoço?”. Ah Faz-me lá esse prato. Só para ver, pronto para tentar perceber como é que se fazia. A limpeza já não foi tão chato, porque nós por causa dos cavalos e nós temos de fazer as camas e a minha mãe sempre me incentivou para que os estábulos, os estábulos onde nós temos os cavalos estivessem sempre limpos, portanto essa parte da limpeza tento sempre ter, agora os cinquenta mil produtos de limpeza [risos], fez-me um bocado de confusão. Mas pronto acho que isso faz tudo parte, por isso é que eu digo que a transição não está acabada e pode melhorar nesse sentido.

Na subcategoria presente bom posiciona-se Paula. A Paula evidenciou que agora está bem. Não foi fácil encontrar um trabalho que a fizesse sentir realizada, mas agora está como educadora de meninas que são retiradas aos pais. Com este trabalho sente-se realizada profissionalmente, mas não monetariamente. Neste momento não sente culpa nem revolta por nada do que aconteceu no passado, dizendo “que o que aconteceu, aconteceu e que está arrumado”.

O Pedro forma a subcategoria presente stressante. Ao descrever o seu presente retornou a mencionar que ter arranjado objetivos para a sua vida tem sido muito positivo para si. O seu presente neste momento:

[...] é muito stress, muito stressante... porque estou a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo e pronto estou a trabalhar em part time e não em full time, não consigo. Mas tem sido muito muito stress mas pronto basicamente o meu presente foi, eu vou contar os meu últimos 2 anos, basicamente como sendo o meu presente, ainda por cima com isto do covid, eu para mim este 2 últimos anos foi uma fase de transição de uma fase mais negra para uma fase mais positiva. Foi ter arranjado uma direção e lançar-me de cabeça para um objetivo, eu tenho um objetivo eu nunca na minha vida tive assim um, ok fora coisas mais fúteis e mais superficiais nunca tive um objetivo de vida... foi uma fase de transição... O meu presente, ok, estudar e trabalhar tem sido difícil, mas tem sido satisfatório, voltar a estudar depois destes anos todos foi uma coisa espetacular porque eu agora sou uma pessoa muito aberta e tenho muita curiosidade, esta direção deu-me empenho, deu-me força, para empenhar-me nas coisas. Descobri uma coisa que eu gosto muito, que é a informática, adoro aquilo... tenho também conseguido desenvolver nos últimos anos mais um grupo social que eu também não nunca fui muito de grupos, tenho os meus

amigos próximos e através destes obstáculos que eu te falei tenho um nucleozinho de outras pessoas que não, que não nos conhecemos muito bem. Mas temos uma ligação muito forte através daquele tema em comum que temos e isto, tenho o meu social fora do meu centro por assim dizer. É bom para desanuviar quando há stresses de um lado temos depois o outro... pronto o meu presente apesar do stress e apesar do cansaço é muito bom porque estou muito motivado quando me sinto deprimido e pronto fora outras coisas da vida, os meus avós já estão a ficar pior e a minha mãe também começa a ficar pior de saúde, mas fora isso.

Na subcategoria presente rotineiro estão Sónia e Zé. O presente da Sónia está circunscrito à sua rotina diária que se divide entre: as tarefas do seu trabalho no Colégio, as lidas domésticas e os cuidados que presta ao seu filho. O Zé está a frequentar o mestrado em informática e é investigador colaborador na Universidade de Évora num projeto de investigação. O pai e o irmão estão em Degolados e este mantém contacto com eles, ligando de três em três dias, para confirmar se esta tudo bem.

Em resumo, no geral os entrevistados(as) conseguiram ultrapassar os seus obstáculos e agora estão numa boa etapa da sua vida. O presente é marcado por sonhos que foram realizados e a experiência de monoparentalidade parece encontrar-se resolvida. Se bem que a Margarida continua à procura de respostas e ainda não está totalmente estável. Os mais novos ainda se estão a adaptar à etapa adulta e no caso da Mafalda como é a filha mais velha auxilia a mãe e o irmão em tudo o que precisam. Outro aspeto a ser ressaltado é o facto de a Alexandra ter frisado ao longo da entrevista que não tinha complexos relativamente a não ter tido o pai presente na sua vida. No entanto, menciona que sempre sonhou dar aos seus filhos ou filhas, aquilo que não teve, um pai presente. Portanto, o seu sonho sempre foi construir uma família nuclear e concretizou-o.

5.6.2. Elementos Facilitadores da experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Situação Presente

Nesta secção solicitou-se aos participantes que mencionassem os elementos facilitadores que detêm no seu presente. Esta subcategoria ramifica-se em: rede familiar, múltiplos elementos, rede amical, experiência, figuras inspiradoras, emprego e ausência de elementos.

A rede familiar é a subcategoria que reúne maior número de participantes, sendo composta por: Alexandra, Carlos, Margarida, Maria e Sónia. Para estes entrevistados são elementos da família que os ajudam no presente. A Alexandra destaca o seu marido, a Margarida a mãe e o namorado, a Sónia o marido e o filho, a Maria os tios e tias que sempre tiveram presentes e o Carlos a esposa. No caso do Carlos há uma nuance na sua resposta, pois este também se destaca a si próprio como sendo o seu próprio elemento facilitador e o que tem como responsabilidade dar apoio ao resto da família.

Nos múltiplos elementos encontram-se a Delfina e a Mariana. A Delfina considerou que os elementos que a ajudam neste momento são as novas tecnologias, que facilitam o seu contato com a família e amigos que tem na Argentina e em Inglaterra. O facto de lhe pagarem em euros e, estar mais perto do pai e das irmãs. Por sua vez, Mariana considera como elementos facilitadores encontrar-se a finalizar o curso, o seu namorado dar-lhe muita confiança e apoio, a sua mãe estar bem e ir realizar o estágio perto da casa da mãe, podendo passar mais tempo com a mesma.

A rede amical é composta pela Mafalda e pelo Miguel. Para a Mafalda o seu elemento facilitador é um padre com o qual convive. O Miguel tem um colega de casa que o aconselha sobre o que

deve fazer a nível de tarefas domésticas. Concluindo que estas pessoas, que tem vindo a encontrar em Évora, com as quais cria laços afetivos são todas elementos facilitadores para si.

A Luísa opinou que atualmente o seu elemento facilitador é a sua experiência, acentuando que:

Tenho, eu acho que os elementos facilitadores passam pela experiência de eu ter já passado por isso e ter conseguido concluir que as relações começam e terminam, simples e que é preciso não misturar as discussões em torno das relações e que uma relação apesar de ser dependente da outra pode muito bem, podemos vivenciar uma sem a outra e sempre tentando entender que temos que criar uma rede de apoio, porque essa rede de apoio para mim foi o suporte necessário e para a minha mãe e para o meu pai, para garantir essa relação de paz para comigo.

O Pedro tem como figuras inspiradoras a sua família, mas o seu olhar para os elementos da família mudou enquanto adulto. Na perspetiva em que ele não se inspira nas pessoas em si, mas no seu trajeto de vida, olhando para aquilo que conquistaram e as dificuldades que tiveram de enfrentar. Sendo para si uma inspiração por aquilo que foram no passado. Os seus amigos e a namorada também são figuras inspiradoras para si, neste momento.

Para o Zé o ter um emprego é um elemento facilitador, porque deste modo já não está dependente financeiramente do pai.

A Paula foi a única que não considerou que tivesse elementos facilitadores no presente.

Em suma, no presente todos têm elementos facilitadores à exceção da Paula. Novamente destaca-se a família, seguindo-se os amigos, a experiência de monoparentalidade, bem-estar dos progenitores, emprego, tecnologias, entre outros.

5.6.3. Obstáculos à experiência de Monoparentalidade para os(as) Entrevistados(as) na Situação Presente

Perguntou-se aos entrevistados se sentiam que tinham obstáculos no seu presente. As respostas dadas pelos mesmos dão origem às seguintes subcategorias: ausência de obstáculos, obstáculos normais, mãe, obstáculos de estudantes, condição de estrangeiro e múltiplos obstáculos.

A Alexandra, Luísa, Margarida, Sónia e o Zé não sentem obstáculos no presente. A Luísa refletiu que não ter tido o pai presente fisicamente na sua vida poderia ter sido um grande obstáculo. Mas como mantinha contacto com ele e a mãe a auxiliou quando ele partiu não foi um grande obstáculo.

No que respeita os obstáculos normais, estes foram referidos pelo Carlos e a Paula. A Paula disse simplesmente que os obstáculos que vai sentindo é por exemplo, avariar o carro ou alguém estar doente. No fundo, são os imprevistos que acontecem no quotidiano. Já o Carlos declarou que:

Os obstáculos são os normais da vida, quando nós deixamos de ser um ser só e passamos a ser uma comunidade que é uma família. Há sempre mais dependentes e menos dependentes, há sempre mais quem tenha que se preocupar pelo bem-comum e quem usufrua daquilo que os outros se preocupam. É assim que funciona salvo erro em todas as famílias, daquelas que eu conheço portanto. Nesta fase da vida calha-me a mim a ser eu quem se preocupa mais com os outros e os outros a usufruir mais daquilo que eu me preocupo. Esperemos que a vida vá rodando e que as coisas possam mudar e esperar que todos nos possamos preocupar de igual forma e usufruir de igual forma. Neste momento tenho a minha sogra com problemas graves de saúde e dificuldades de locomoção. Tenho o meu pai sozinho na Covilhã que é uma preocupação se lhe dá uma macacoa qualquer durante a noite ele está lá sozinho eu demoro não sei quantas horas

a chegar lá e como é que faço. Tenho a minha mãe que está em Abrantes que me preocupa menos que tem a minha irmã ali a dois passos de casa e vamos andando. Eu paço dois dias por semana a 500 km do resto da família, porque eles estão em Portimão e eu tenho de ir até Coimbra. E prontos é isto vamos lutando, voltamos ao princípio da conversa eu moro num Toyota.

Para a Maria e a Mafalda as suas mães são um obstáculo no presente. A Mafalda do ponto de vista de a mãe não lhe permitir que faça a sua etapa da transição para a idade adulta. A Maria relativamente ao processo de envelhecimento da mãe, que a deposita num estado de preocupação. A Maria deu a entender que se o pai fosse vivo fazia companhia à mãe, não estando esta sozinha. Desta forma, a preocupação com a mãe seria atenuada. Contudo, no final, refere que se o “pai fosse vivo seria igual, pois a preocupação iria dobrar”.

A Mariana e o Miguel relacionaram os seus obstáculos com os seus estudos. A Mariana está preocupada em conseguir concluir as cadeiras com sucesso, por forma a terminar o seu curso. Já o Miguel, por vezes não tem vontade de se levantar de manhã para ir assistir às aulas e não é fácil conciliar os afazeres domésticos com o estudo. Deste modo, encontram-se na subcategoria obstáculos de estudantes.

A Delfina posiciona-se na subcategoria condição de estrangeira, pois o facto de ser estrangeira coloca-lhe obstáculos específicos, como estar longe de casa e sentir estigma social.

O Pedro tem como obstáculos o stresse que sente no seu quotidiano e a ausência do pai. Sobre esta mesma ausência explanou que:

[...] como pessoa também começo, já sentia mas cada vez sinto mais as minhas limitações da minha personalidade, da minha maneira de ser, e reparo que algumas muito provavelmente foi do facto de não ter uma figura paterna, por assim dizer e agora consigo perceber isso [risos]. Mas não sei se calhar tenho alguma vontade de explorar para ter noção do que me afetou e do que me afeta e se calhar do ultrapassar o que me afeta, que eu não sei o que é, mas persistir.

Resumidamente, o presente também é marcado por diferentes obstáculos, sejam os obstáculos do quotidiano, a ausência de uma figura paterna, os próprios progenitores ou preocupações geradas pelos estudos. Contudo, estes obstáculos não são tão vincados como nas etapas da adolescência e transição para a idade adulta.

5.6.4. Estratégias Adotadas pelos(as) Entrevistados(as) na Situação Presente

Nesta parte tentou-se perceber se os participantes adotam algum tipo de estratégia no presente. Esta subcategoria ramifica-se em: ausência de estratégias, pessoa ativa, aceitar, múltiplas estratégias e adaptar.

A Alexandra, Margarida, Maria, Mariana e Sónia não adotam estratégias atualmente. Apesar de a Margarida não considerar que adota estratégias, confessou que não gosta da rotina e por isso, cada vez que surge a oportunidade vai passear para fora de Évora. Na mesma linha a Mariana não considerou que utilize qualquer tipo de estratégia. Todavia, admitiu que quando se sente mais triste come doces e tenta estar com as pessoas de quem gosta.

A Delfina, Mafalda, o Pedro e o Zé tentam ser pessoas ativas, para não pensarem nos problemas. A Delfina faz desporto, aprende línguas novas, estuda, trabalha e combina encontros com amigos. A Mafalda tenta-se manter dinâmica, trabalhando e fazendo voluntariado, que é algo que lhe dá um verdadeiro prazer e é um escape. Como o Pedro atualmente já não tem tanto tempo para mergulhar no mundo virtual, logo tenta não estar parado durante o dia para não

entrar num estado de depressão. O Zé tenta relacionar-se mais com as pessoas que o rodeiam, saindo com maior frequência de casa.

Na subcategoria aceitar enquadram-se o Carlos e a Luísa. O Carlos proferiu que as estratégias é aceitar que “não se pode fazer tudo o que desejamos e os erros cometidos pelos outros, fazendo com que o amanhã seja melhor do que o dia de hoje”. A Luísa explicou como lida hoje com os problemas que surgem na sua vida.

Sim, primeiro eu tento sempre tentar amenizar o impacto das coisas sobre mim, é um problema é se eu posso resolver, saí-o para resolver se eu não posso eu tranquilizo-me, aquilo não me tira a paz, não me tira a paz. E isso é uma coisa, eu sei sempre um dia após o outro vai-se acabar por encontrar razões ou maneiras para resolver os problemas, não vale a pena fazer deles assim um elefante no meio da sala.

O Miguel utiliza múltiplas estratégias, sendo estas: elaborar uma lista com coisas a fazer em cada dia, ao domingo cozinhar as refeições para alguns dias da semana, por forma a perder menos tempo, quando não consegue estudar em casa vai para o Verney e:

[...] eu tenho um monitor, colado à televisão e eu peguei em postites e colei-os com os trabalhos, os testes, as frequências exames que tenho como é um sítio em que eu estou todos os dias tenho sempre noção e isto que vem a seguir, falta-me isto, para a semana tenho que entregar isto e ajuda-me.

A Paula comentou que a sua única estratégia é conforme o contexto em que está inserida e as pessoas com quem está adota uma determinada postura, ou seja, adapta-se ao meio social envolvente. Frisa que faz esta adaptação sempre sendo ela própria e que é muito observadora.

Em síntese, nem todos sentem a necessidade de adotar estratégias no presente. Aqueles que fazem uso delas tentam facilitar o seu dia a dia ou esquecer os problemas ou assuntos que os magoam, como o evento de monoparentalidade e as consequências do mesmo.

5.6.5. Avaliação da Situação Presente

Os entrevistados foram questionados sobre a avaliação que fazem sobre o seu presente. Foram encontradas as seguintes subcategorias: avaliação boa, avaliação satisfatória, avaliação feliz e diferente.

Quem fez uma boa avaliação do seu presente foi: a Maria, Paula, Sónia, Pedro e o Zé. O seguinte excerto é ilustrativo desta avaliação:

Boa, muito Boa, fora o stress [risos]. É mesmo, não neste momento tenho muita positividade fora outros problemas, mas se calhar também há muita coisa, eu tenho problemas e não estou a conseguir lidar e encará-los por falta de tempo e stress. Por isso se calhar também estou a deixar andar coisas por deixar andar. Mas eu neste momento fora estas loucuras de stress de horários apertados e isso, é muito bom, porque eu desde é como eu digo desde qua ganhei esta direção na vida é uma coisa nova, espetacular e deu-me uma coisa que eu nunca tive na vida. Basicamente é isso (Pedro, 2022).

Na avaliação satisfatória enquadram-se Carlos, Delfina, Luísa, Mafalda e o Miguel. Os excertos que se seguem demonstram esta satisfação com o presente:

Para já estou satisfeito e é o que se pode e estou satisfeito com o que tenho. Não é de todo o que eu desejo para o resto da vida, gostava de ter um bocadinho mais liberdade de tempo, poder trabalhar menos. Mas isso todos nós, não é. Já a minha bisavó dizia, quando alguém se queixa o

que é que quer, quer menos horas e mais dinheiro, como é normal. Todos nós desejamos ter esse conforto económico, que nos possa aliviar a carga de trabalho e vamos andando, vamos vendo mas é por aí (Carlos, 2022).

Digamos que numa escala de zero a dez lhe dou um oito, o que falta mesmo é conseguir dar o pulo para a vida adulta e conseguir cortar o cordão umbilical com a minha mãe porque nós somos muito a rede de apoio uma da outra porque eu apercebia-me das coisas e minha mãe apercebia-se que eu me apercebia, portanto eu ajudei muito a minha mãe não a criar o meu irmão, mas a ultrapassar aqueles traumas e a tirar-lhe um peso de cima, um peso que se calhar eu na altura não tinha que lidar, mas que eu quis arcar com ele. Portanto, eu acho que a minha mãe ainda está muito presa a isso e ainda não percebeu que ela já tem vinte anos já não tem treze. Ela tem vinte, portanto acho que é só esse o problema (Mafalda, 2022).

A Alexandra e a Mariana expressaram que o seu presente é feliz. A Alexandra afirmou que conseguiu tudo aquilo que queria e que neste momento é uma mulher realizada.

A Margarida definiu o seu presente numa palavra que é diferente, explicitando que o seu presente “é diferente do que idealizou quando era mais nova”. Por exemplo, nunca saiu de Évora e era algo que ela queria.

Sumariamente, no geral todos os entrevistados encontram-se numa posição favorável no seu presente, estando em fases diferentes da vida. Denota-se que continuam a tentar ultrapassar aquilo que lhes aconteceu no passado e, que ainda lhes falta conquistarem certas coisas para serem totalmente felizes.

5.7. Representações e Práticas

Neste campo, no que respeita as representações, foi pedido aos entrevistados que revelassem o valor, ou seja, que grau de importância tem para si a família, educação formal e o mercado de trabalho. Posteriormente, também se tentou compreender se na sua perceção a família que tiveram no passado influencia o seu presente na esfera familiar, educacional e laboral. No que respeita as práticas, pretendia-se que os entrevistados descrevessem a sua situação atual em termos: familiares, escolares e profissionais. Deste modo, o objetivo era compreender como é que estes estabelecem as suas relações sociais nestas três esferas, no quotidiano. Também se queria compreender como é que são as suas experiências nas três esferas. Nas esferas escolar e laboral a questão teve de ser adaptada, uma vez que alguns não estudam atualmente e outros não trabalham atualmente. Nestes casos a pergunta foi colocada no passado de modo a assimilar como é que foram as experiências na escola ou no emprego. No caso da Mariana como ainda nunca trabalhou a questão foi-lhe colocada de modo, a que esta refletisse sobre a profissional que queria ser no futuro.

5.7.1. Valores Associados à Família

A questão colocada aos entrevistados foi: que valor atribui à família na sua vida? Todos os entrevistados convergiram na mesma subcategoria de valor alto. Querendo isto dizer que para todos a família tem um alto valor, sendo muito importante. Nas suas respostas a esta questão encontram-se expressões como “muito valor”, “muito importante” e “das coisas mais importantes” associadas à família, tendo alguns colocado a família acima de tudo. Esta valorização da família está refletida nas seguintes respostas dadas:

Dou muito valor à minha família. Eu acho que a família é a base de tudo. E também derivado ao facto de ter tido só basicamente mãe eu dou muito valor à minha família, ao meu marido e às minhas filhas e acho que ponho a minha família acima de tudo, acima de tudo mesmo (Alexandra, 2022).

Ah sim, é inúmeros e eu acho que se estivéssemos a falar de zero a dez eu atribuiria à minha família 10 % porque eu sou muito família, não é independente de ter vivido essa situação os laços da rede de apoio me fizeram o que eu sou. Os amigos, as pessoas eu comecei a olhar no outro o aconchego que eu precisava e a dar também. Então a minha família tem um papel importante na minha relação os meus irmãos, o meu pai morreu, mas os meus laços, são muito fortes com os meus irmãos e é uma coisa que eu gosto de garantir que permaneçam (Luísa, 2022).

Ah dos mais importantes, porque para mim a família é tudo é o nosso apoio, são aquelas pessoas que nos conhecem, o bom e o mau e desde pequenos e tiram toda ou quase todos os nossos erros e estão lá, é a parte que não se escolhe, para mim é a parte mais importante é a família (Mariana, 2022).

Eu dou muito valor à minha família no meu percurso de vida. Atualmente, não tanto por causa desta, pronto a gente saí do ninho, saí da casa e queremos ganhar as nossa assas e fugir um bocado da família nesse aspeto. Eu dou-me muito bem com a minha família tenho uma ligação muito forte com as pessoas da minha família, mas nós sempre tivemos uma família assim, a nossa família sempre foi um bocado separada, como já deves ter entendido, não, nós temos uma família muito grande da parte de Santarém, não nos damos nada com eles, o meu grupo familiar sempre foi o meu irmão, a minha mãe e os meus avós da parte da minha mãe, sempre foram esse pontos por isso é que acaba por ser eu se calhar não vejo, eu de momento sou capaz de não ver a minha família como família, mas como indivíduos que têm uma ligação familiar. Não há o seio família por assim dizer. É a minha mãe, é os meus avós e o meu irmão. E acaba por não ser, existe um todo, nós temos todos a mesma etiqueta, não é, mas não, não é um núcleo, por assim dizer... Por isso eu se calhar à família não como um todo, se calhar como nós somos mais disjuntos, não é não dou assim um valor tão grande, afastei-me mais da família por querer, pronto individualizar-me. Por isso e depois esta parte, pronto eu saí de casa há dez, doze anos e desde então que eu não tenho uma ligação muito regular com a minha família, mas tenho uma ligação muito forte, ok [pausa] (Pedro, 2022).

Muito importante, muito importante e lá está ... uma das coisas que ficou na nossa família eu digo nossa porque só os meus pais é que se divorciaram, as famílias não, porque por exemplo ainda hoje a minha avó está em casa e nós juntamo-nos todos e o meu pai é a minha cunhada pelas irmãs da minha mãe ou pelos cunhados da minha mãe é os meus cunhados, e pela minha avó é a minha sogra, nunca houve esta quebra de relações nem a minha ex-sogra, não, e a minha avó também, é o meu genro e as minhas tias é o meu cunhado. Portanto, a família, nós, como é que eu hei de dizer onde vai um vão os treze, porque vai tudo atrás, só não compramos um camião, pronto, porque não temos onde estacionar. [risos] Mas para mim a família é muito importante, será das coisas mais importantes, gosto muito dos meus amigos, sim senhora, mas na hora da aflição é às minhas tias que eu ligo e não aos meus amigos (Paula, 2022).

Resumidamente, todos os elementos da amostra estão de acordo relativamente à família como constituindo algo com um valor alto. Também se denota que, para alguns, esta grande importância, que atribuem à família foi aguçada pela experiência da monoparentalidade, como por exemplo para a Alexandra e a Luísa. De novo os laços de sangue sobressaem como sendo os mais importantes, especialmente em momentos de crises familiares.

5.7.2. Valores Associados à Escola

Neste segmento também se tentou depreender que valores eram associados à educação formal ou socialização secundária. Contudo, mesmo tendo sido explicado que se pretendia que se focassem na educação formal, a Alexandra e a Maria abordaram a educação dada pela família, ou seja, a socialização primária. Neste sentido esta subcategoria ramifica-se em: valor alto, valor médio e socialização primária.

Na subcategoria do valor alto encontram-se a Mariana, Miguel, Pedro e Zé. Para estes a educação também é muito importante na atualidade. Ora veja-se os seguintes exemplos de respostas:

É muito importante eu acho que é muito importante, porque hoje em dia acho que uma pessoa sem estudos perde muito para si própria e perde para os outros. Eu considero isso, acho os estudos mesmo muito importantes, porque conseguimos lidar com pessoas, principalmente na universidade, conseguimos lidar com pessoas de várias regiões diferentes, com vários feitios. Na escola antes básica e secundária acho que é essencial para aprendermos o básico para ganharmos também interesse em aprender e estudar alguma coisa eu considero importante (Mariana, 2022).

Ok, eu acho que a educação foi muito importante na minha vida, e acho que na vida de todos...Na altura se calhar não lhe dava tanto valor, agora dou-lhe mais, se tivesse tido educação, ou seja, se tivesse ficado pelo quarto, quinto, sexto, oitavo ano aí esquece acho que era uma pessoa totalmente diferente. E apesar de achar que quem tem educação tem menos problemas e achar que de não serve bem o propósito para o que devia servir, atualmente dou-lhe muito valor e por exemplo, vamos lá ver até ao secundário foi tudo muito bem e eu depois tirar um curso um bocado perdido não era bem o que eu pretendi, mas era o caminho que estava a seguir e acabei por seguir. Aí já não dou tanto valor a isso, mas mesmo assim dou-lhe muito valor, porque me fez crescer enquanto pessoa acaba por ser isso, mesmo às vezes não ganhando, eu sempre dei muito valor, porque mesmo não ganhando crescimento de conhecimento como eu acho que devíamos ganhar, eu acho que nos faz crescer enquanto pessoas e nos desenvolver individualmente e dou muito valor a isso. Agora depois de estar a tirar um curso passado 10 anos dou mais valor ainda a isso. Ao curso que eu tirei antes, zootecnia animal não dou tanto valor, porque acho que foi um curso que eu tirei erradamente, pronto (Pedro, 2022).

Carlos, Delfina, Mafalda, Margarida, Paula e Sónia constituem a subcategoria valor médio, denotando-se nas suas respostas que a educação formal não é tão importante quanto a família. Os seguintes excertos confirmam esta perspetiva:

Eu atribuo um valor 9,9% porque eu me foquei muito na minha formação, mas isso individualmente, claro que há aqui suportes que são fundamentais, desde logo o facto de a minha mãe estimular há formação e o meu pai ter sido professor. Então eu tenho um olhar para a educação diferenciado na medida em que entendo que a educação formal trouxe os elementos suficientes para a minha emancipação. Então eu valorizo essa visão de educação, é necessária, ela ajudou-me e é um auxílio que eu lanço mão para garantir a minha emancipação (Luísa, 2022).

Os meus pais sempre me proporcionaram lá está eu tive nos salesianos, portanto eu tive uma educação no seu Q de rígida depois fui para Andreia e foi quando tudo se começou a deturpar e a minha mãe puxou-me logo, não, não vens para o bom caminho outra vez. Para a boa educação para os salesianos. Mesmo nos salesianos eu acabei por pensar, se eu tenho esses valores em casa, porque não aplicá-los também no meu dia-a-dia. E foi aí que comecei a sempre a, portanto a minha educação no geral eu acho que no meio de toda esta confusão fui uma sortuda, porque os meus pais sempre fizeram de tudo para me meterem em escolas boas para terem essa coisa em atenção de a educação estar sempre em primeiro lugar, mesmo em explicações sempre

facilitaram, podemos não ser as pessoas mais abonadas do mundo, mas tudo aquilo que fosse explicações e boas notas os meus pais sempre investiram sempre muito, eu cheguei a ter duas explicações de inglês e português na altura que estava com algumas dificuldades e os meus pais foram sempre os primeiros a apostarem em explicações, mesmo para o meu irmão sempre em cima do acontecimento (Mafalda, 2022).

Também se considera se é importante se não é, pronto também considero que é importante. E lá está que é importante também e lá está eu sempre vivi no meio disso, porque todas as pessoas da minha família estudaram, portanto é uma coisa e aliás eu fiz a licenciatura e depois assumi que não queria fazer mais mestrado que queria fazer, queria começar logo a trabalhar eu só fiz mestrado passado algum tempo depois de terminado a licenciatura, não fiz tudo seguido. Mas acho que é importante para quem acha que é importante. Para mim foi importante, fi-lo. Se fizer sentido para as pessoas, sim, se não fizer está tudo bem na mesma (Margarida, 2022).

Ressalvar somente que a Delfina teceu algumas críticas ao sistema de ensino, assegurando que em alguns aspetos funciona mal. Enquanto o Carlos opinou que para si a “formação académica não valoriza ninguém”, ou seja, as pessoas têm valor por serem pessoas e não são melhores ou piores por possuírem um título académico. O mais importante é a as pessoas terem valores.

Na subcategoria da socialização primária encontram-se a Alexandra e a Maria que não se focaram na educação formal. Estas valorizaram a educação transmitida pela família, nomeadamente, pelos progenitores. A Alexandra assegurando que a educação parte de casa e a Maria achando que a educação que a mãe e o pai lhe deram até aos 9 anos foi a que auxiliou a que construiu a sua personalidade. A partir desta idade a mãe continuou a dar-lhe essa mesma educação sozinha e com o auxílio dos tios. Muito provavelmente o facto de não terem ingressado na universidade influencia esta sua resposta.

Resumidamente, relativamente à educação formal as respostas divergiram, não sendo esta colocada num patamar tão importante quanto a família. Tendencialmente as pessoas com maior nível de qualificações atribuíram-lhe um maior grau de importância. Concluindo-se que segundo a opinião dos entrevistados(as) a educação formal auxilia na emancipação, na interação diária que é necessária estabelecer com pessoas diferentes e na construção das identidades pessoais. Observa-se que independentemente de ter ocorrido o evento da monoparentalidade, os entrevistados valorizam as qualificações e apostam nas mesmas, assim como as suas famílias.

5.7.3. Valores Associados ao Trabalho

À semelhança das outras subcategorias, os participantes foram questionados sobre o valor que atribuíam ao trabalho. No valor associado ao trabalho as opiniões dividem-se em: valor alto, valor médio alto, valor médio e fornecimento de ferramentas.

Na subcategoria valor alto estão posicionadas Margarida e Luísa. A Margarida mostrou que gosta muito de trabalhar e que para si é muito importante ter um emprego. Para a Luísa o seu trabalho garante a sua independência e este faz com que possa ajudar outras pessoas. O seu trabalho é uma “forma de retribuir o que um dia fizeram por si”.

No que diz respeito a subcategoria valor médio alto estão posicionados: Alexandra, Carlos, Maria e Mariana. Para estes o trabalho é muito importante. Todavia não está acima da família, ocupando este a posição número dois. Como pode ser comprovado pelos imediatos extratos:

Eu acho que o trabalho é bastante importante, acho que sim. Não o meto acima da família, isso não, a família é a base de tudo e está mesmo no cimo e a seguir se calhar vem o trabalho, não

conseguimos nada sem o trabalho, para seguir os nossos sonhos, os nossos objetivos tem que ser com trabalho (Alexandra, 2022).

O trabalho vai aparecer na minha vida se calhar na posição número dois, porque tenho a família na posição número 1 e tenho o trabalho na número dois, porque é o que me permite dar conforto e este conforto não é só material, é conforto físico de ter uma casa de poder possibilitar a que não falem bens essenciais isso vem do trabalho. E por isso o trabalho tem que aparecer com uma importância grande mais do que a formação, porque eu trabalhar não gostaria, mas posso trabalhar em qualquer área. Portanto, se eu tiver formação consigo trabalhar na área que quero. Mas se eu não tiver formação, o trabalho continua a ser uma necessidade. E portanto eu dou-lhe mais importância na minha vida, o trabalho é fundamental seja ele qual for. E mesmo para me trazer a mim próprio uma satisfação pessoal de realização, de não ser um amorfo, que não faz nada, um mono (Carlos, 2022).

Em relação à subcategoria valor médio estão posicionados Paula, Pedro, Sónia e Maria. Estes expressaram que o trabalho para si é importante, dando a entender que não é algo tão importante quanto a família. Também para Paula e Pedro o trabalho é menos importante do que as qualificações.

... ah valor?... Nem sei o que te diga o trabalho é bom, sim para nos fazer crescer, mas às vezes também é uma ferramenta que nos destrói, porque lá está eu trabalhei em sítios que não me sentia realizada e eu estava completamente no fundo do charco e um deles fez-me mesmo entrar em depressão, isto tudo depende do trabalho que se tem e da maneira que se faz. O trabalho é importante, sim, mas se não fizermos o que gostamos ou o que queremos pode mesmo colocar-nos em situações complicadas, por isso nem sei que avaliação faça... podes por assim mais ou menos ao meio [risos] porque podemos até ter uma família excepcional e amigos sensacionais, mas se o trabalho que fazemos não é o que gostamos, não é a família e os amigos que nos vão ajudar a sentirmo-nos melhor, porque quando nós acordamos pensamos: Ah tenho que ir outra vez que seca, mas eu não quero ir, eu não quero ir [tom de voz de aborrecimento]. Portanto isso depende muito do que fazemos e do que gostamos (Paula, 2022).

Eu neste momento o meu trabalho acaba por ser, é para ganhar dinheiro ao final do mês para pagar as contas... Podia por na questão é importante para ganhar dinheiro ao final do mês se fosse uma área que gostasse, se começasse a trabalhar na área da informática aí já posso ter uma perspetiva diferente se calhar posso-te formular isto para esta perspetiva, depois tu concluis, se eu por exemplo não precisasse de ganhar dinheiro ao final do mês eu iria trabalhar, eu acho que não, mas eu acho que gostava de sim, mas ficar parado não me ia por um sítio bom, acho que uma pessoa tende a cair na inercia e não é muito bom, por isso, ou seja, eu não dou muito valor ao meu trabalho atual, mas dou valor a trabalhar. Posso responder-te assim, se fosse na área na informática, vou descobrir isso, se calhar depois digo-te que não, mas acho que dava mais valor. Pronto, não dou muito valor a trabalhar, mas acho que eu sou uma pessoa que nunca dei muito valor a trabalhar, trabalho é só para ganhar dinheiro ao fim do mês, porque acho que há sempre aquela, aquelas pessoas, o trabalho define-te. E eu nunca fui isso, eu nunca ponho o trabalho acima das coisas, meto outras coisas em cima do trabalho o trabalho para mim é secundário e terciário, entre outras coisas. E há esse conceito diferente do geral que é o trabalho que te define é o trabalho, o trabalho é prioridade, o trabalho é tudo eu sou muito oposto a isso ... Olha, isso se calhar por causa da minha mãe, porque eu vi a minha mãe a desgastar-se muito com o trabalho. A por o trabalho acima de, não o trabalho acima de nós, mas ela dava mais tempo ao trabalho, ou seja, ela tirava tempo de nós para dar ao trabalho, não é, por necessidade, porque lhe pediam, porque tinha de ser. Eu acho que não era porque eu gosto daquele trabalho, não era para progredir na carreira era porque tem de ser eu tenho de ganhar dinheiro ao final do mês e eu vi a minha mãe piorar muito a saúde dela e mesmo a cabeça dela a ficar pior por excesso de trabalho e eu acho que por causa disso eu estou mais influenciado a não, o trabalho não é

primário, não é secundário, é terciário. É tipo há coisas à frente do trabalho. Há o eu, há as pessoas, há a saúde (Pedro, 2022).

Os elementos mais novos desta amostra (Delfina, Mafalda, Miguel e Zé) não se posicionam no sentido de expressarem se para si o trabalho é ou não importante. Ao invés transmitiram o que têm vindo a aprender nos vários empregos que já detiveram, ou seja, as ferramentas úteis que o trabalho fornece.

Acho que o trabalho te dá muitas ferramentas para a vida, que aprendes muita coisa além do trabalho, pronto pode ser de uma área específica, mas além disso aprendes tipo a coisas da vida, a organizar a tua vida, valores, como tratar as pessoas (Delfina, 2022).

O valor para mim foi o começar aprender a gerir o meu dinheiro, mas de uma forma muito precoce, eu lembro-me que a primeira vez que recebi, recebi á hora. Eu lembro-me que a primeira semana que recebi dinheiro de um restaurante, foi o descalabro total, compras, roupa não sei quê e depois lá está foi aquela coisa do aprender em contexto de restaurante foi o aprender a atender ao público que eu nunca tinha atendido ao público, comecei a dar valor cada vez que vou a um restaurante nem que seja 50 cêntimos eu acabo sempre por deixar, porque eu sei perfeitamente o que é estar do outro lado e aí comecei a dar muito mais valor a essas pessoas que trabalham em restaurantes, coisas que eu não fazia e a dar valor ao dinheiro é completamente diferente (Mafalda, 2022).

Ensinou-me a por no lugar de quem, pronto de quem é o empregado, porque às vezes a gente e também foi algo que eu sempre ouvi, nós não podemos só saber mandar, também temos que saber fazer. Foi por isso que eu quando no ano passado estava a fazer melhoria de físico química estava em dúvida em fazer economia ou engenharia civil. Eu tive a trabalhar num olival, foi num olival e aquilo eh pá aprendi a ver de um ponto de vista diferente. E o tipo de patrão que eu quero ser e a relação que os colegas de trabalho têm que ter e a relação dos patrões o que é que deve ser. Acho que nesse aspeto acrescenta, acho que foi nessa ótica de perceber como é que é o outro lado da moeda, porque pensando que não, mesmo eu trabalhando muito para os meus pais no verão, fazendo muitas coisas para eles, nunca é a mesma coisa pensando que não mesmo que eu queira que me tratem como um empregado nunca sou um empregado. E acho que é isso nesse aspeto ajudou-me a ver o outro lado (Miguel, 2022).

Definitivamente, a esfera laboral é a que reúne opiniões mais diversas. Observando-se que a experiência da monoparentalidade influencia a forma como olham para o trabalho e na forma como exercem a sua profissão, como por exemplo no caso da Luísa e do Pedro. Também se pode afirmar que segundo as opiniões dos entrevistados o trabalho auxilia na realização de sonhos, a alcançar a independência e fornece ferramentas uteis para a vida quotidiana. Quem destaca estas aprendizagens realizadas através de experiências de trabalho são os elementos mais novos da amostra, pois para si o mundo laboral é algo que estão a descobrir. Por outro lado, a Paula e o Pedro alertam para o lado mais negro do mercado de trabalho, que pode levar as pessoas a um estado de exaustão e até mesmo de alienação.

5.7.4. Situação Familiar Atual

A situação familiar atual alberga a forma como os entrevistados descrevem a condição em que se encontra a sua família no momento presente. Esta subcategoria subdivide-se em: situação familiar boa, situação familiar afetiva, situação familiar estável, situação familiar dependente, situação familiar dispersa e situação familiar desligada.

Na subcategoria situação familiar boa está Alexandra, Margarida, Maria, Sónia e Zé. Estes entrevistados relataram que a sua situação familiar é “boa ou está bem”, mantendo boas relações familiares. Assim sendo, observe-se o exemplo de resposta da Alexandra:

É boa, a nível com o meu marido e as minhas filhas temos uma boa relação entre todos. A nível do meu pai também consegui estabelecer uma relação que não tinha, desde que a minha filha mais velha nasceu conseguimos ter uma relação de pai e filha. O que é muito bom. Ele neste momento dá às netas o que nunca me deu a mim. Mas sim têm uma relação boa e com a minha mãe é a mesma relação cada vez mais forte.

A Luísa, Mariana e Paula descreveram a sua situação familiar como afetiva, pois mantêm laços sociais profundos com os elementos da sua família, “existindo muito amor e união no seio familiar”. A Luísa inclusivamente coloca-se num “lugar de criar afetividade para com os outros elementos da família para garantir que estão bem”. As próximas respostas confirmam estes argumentos:

Eh pá eu sou a primeira filha da minha mãe então sou muito família, sou muito família e vivo com a minha irmã e sou muito família, sou muito quero resolver os assuntos quero garantir encontrar maneiras de que os outros estão bem e a minha relação é muito sou o pivot da relação como eu desde nova estou muito no lugar de conexão de criar laços, de as pessoas criarem laços para garantirem a minha afetividade, então eu sinto-me muito nesse lugar de criar laços para que os outros estejam bem (Luísa, 2022).

Muito ligada à família, muito, muito, nós por exemplo não conseguimos cortar o cordão umbilical uns dos outros e estamos ali no nosso núcleo deixamos que as pessoas entrei devagarinho mas estamos sempre a olhar de lado a ver se fazes mal, que é para avisar o outro, pronto, porque aquele fez mal, mas acolhemos muito bem as pessoas. [aparecimento de mosca] [pausa] Mas sim a família é muito importante (Paula, 2022).

Na subcategoria situação familiar estável encontram-se a Mafalda e o Miguel. Estes retrataram que:

Sem ser a relação com o meu pai, agora está tudo estável, principalmente do lado da minha da minha mãe no sentido em que os meus tios vivem todos em Lisboa. Com quem tenho contacto, mas por ser a família da minha mãe por ser mais coesa tudo muito presente, sempre presentes na vida uns dos outros, agora vou ali a casa da tia agora vou ali a casa da avó, agora vou ali à casa não sei de quem. Portanto, acabamos por estar sempre juntos, o meu padrasto acabou por me trazer essa estabilidade que me faltava, ele depois também tem dois filhos mais novos também nos damos todos muito bem passamos todos os fins de semana juntos. Portanto acho que a nível familiar está tudo, agora finalmente está estável podemos dizer isso (Mafalda, 2022).

Eu acho que é estável, não posso dizer como muita gente acha que são tudo favas contadas e que é tudo o reino encantado, não é porque toda a gente se chateia, mas no fim do dia o que interessa é que quando estou mal sou capaz de estar, sei lá já cheguei a estar um dia sem dizer nada à minha mãe, porque eu achei que tinha razão e ao fim do dia ligar-lhe, olha se calhar estava mal naquela situação, ao contrário não costuma acontecer mas pronto, a minha mãe nunca admite que está mal, mas depois ela fala mais suave. Mas pronto acho que é uma boa relação, acho que não tenho grandes problemas sem ser as chatices, mas as chatices acho que faz parte se ninguém se chatear acho que alguma coisa está mal, acho (Miguel, 2022).

O Carlos focou-se no facto de ele e a companheira terem sete pessoas dependentes, que são: os três filhos dela, o filho de ambos, a sua sogra e os pais dele.

Para a Delfina a sua situação familiar atual é “dispersa”, porque tem família em diferentes países. A Delfina também contou que a “relação do pai com uma das suas irmãs é difícil e, dessa

forma, é mais difícil para si, manter contacto com essa irmã”. Para contrariar a dispersão familiar a Delfina tenta encaminhar para Portugal a família que deixou na Argentina, nomeadamente, a mãe, avó e os primos(as).

O Pedro neste momento está desligado da sua família. Não querendo isto dizer que não mantenha boas relações familiares. Por outras palavras, relacionam-se todos bem, no entanto, cada um detém a sua vida completamente independente e, não contactam uns com os outros diariamente. Neste momento, com os avós mantém um contacto frequente por causa das suas debilidades de saúde. Sendo que um problema de saúde grave do seu avô veio reforçar a união da família. A sua relação com o irmão tem vindo a melhorar ao longo dos anos e neste momento é forte. Neste sentido, o Pedro explicita que:

Atualmente tenho uma relação com a minha família... infelizmente, mais desligado porque nós presencialmente damos-nos todos uns aos outros quando estamos em pessoa estamos lá uns para os outros, estás a ver. Mas quando, eu não sou muito uma pessoa de ligar e falar por telefone, mas pronto, por isso nós somos muito desligados uns dos outros nesse aspeto, mas quando estamos, estamos, temos é de estar em contacto. [...] Pronto eu sinto-me mais desligado neste momento da minha família, por esse processo de crescimento pessoal e individualização e principalmente por falta de tempo, porque eu não tenho propriamente horários fáceis para ir ter com eles pessoalmente a Lisboa, é difícil fazer isso, neste momento... e pronto sinto um bocado mais desligado da minha mãe neste momento porque ela também anda com muitos stresses e não conseguimos estar mesmo juntos, não é que nos demos mal, mas não estamos na mesma página neste momento (Pedro, 2022).

Nesta amostra, de maneira geral todos e todas afirmam manterem boas relações com os seus familiares, sendo a sua situação familiar favorável. Verifica-se que existe amor no seio destas famílias e que o facto de terem vivido ou viverem numa família monoparental não fez com que este amor se desvanecesse, muito pelo contrário. O Miguel elucida a que se olhe para o lado sombrio das famílias que são as “chatices” que ocorrem no seu seio. Sendo que estas fazem parte do dia a dia de qualquer família, uma vez que, é no espaço privado que se amplificam os sentimentos positivos e negativos (Bayle & Martinet, 2008).

5.7.5. Situação Escolar Atual ou Passada

Explorando as suas experiências escolares atuais ou passadas, foram encontradas as seguintes subcategorias: situação escolar boa, situação escolar objetiva, situação escolar dececionante, situação escolar estável, situação escolar prazerosa e situação escolar diferente.

A Alexandra, Mafalda, Maria, Paula e Sónia enquadram-se na situação escolar boa. A Alexandra, Maria, Sónia e a Paula não estudam atualmente, contudo quando são questionadas como é que eram enquanto *self* na escola, transmitiram que detinham boas relações de amizade e que apresentavam aproveitamento escolar. Desta maneira transmitiram que:

Olha muito parecida segundo a minha mãe com as relações do meu pai no trabalho [risos], ya. Sempre, sempre, sempre estive bem, nunca tive problemas com amigos com conhecidos, dentro dos amigos aqueles que se, não é amigos para as ocasiões. Mas havia certas e determinadas amizades que sabíamos que eram mais para uma coisa do que para a outra, não é, mas sempre, sempre tive um bom relacionamento com o outro, outros, outras, outros com letra grande e isso aí acho que foi um bocado herdado do meu pai, o meu pai também tinha um bom relacionamento com o resto ... Sem problema nenhum e continuo a dar, não sou difícil de lidar (Maria, 2022).

Igual como sou hoje, igual porque eu nunca precisei de sair de casa para ser diferente ou para ser... O que eu era lá era cá e sempre fui igual e, sempre, os meus pais sempre confiaram e sempre me disseram que me tinham dado este voto de confiança à mínima coisa que eu estragasse vinha para casa. E nunca estraguei porque lá está eu nunca fui muito para além, nunca fui as primeiras vezes que eu fui às discotecas não foi com os meus amigos foi com os meus pais, as primeiras vezes que eu fui às festas da espuma foi com os meus pais, por exemplo por isso para mim a vida de estudante era uma vida normal. Não tinha nada que, claro que há outras vivências, não é, viagens de finalistas e afins, mas nada fora daquilo que eu já tivesse convivido cá fora com os meus pais (Paula, 2022).

Nesta subcategoria a Mafalda é a única que se encontra a estudar, no início confessou que não gostou de ficar em Évora, mas agora está a gostar de estudar na Universidade de Évora, detendo melhores relacionamentos com os colegas de turma e com os professores.

Os discursos da Delfina e da Margarida transparecem a sua decepção relativamente aos cursos que estão a frequentar. A Delfina demonstrou estar descontente com a forma como o seu curso e a universidade no geral funcionam. Enquanto a Margarida sente-se aborrecida com o mestrado que está a realizar, afirmando que “afinal já não estava com vontade de voltar a estudar”. Até porque, trabalha e estuda ao mesmo tempo e está a sentir-se “saturada” com a realização das duas coisas ao mesmo tempo.

O Carlos e a Luísa olham para as qualificações como algo que os auxilia a cumprir objetivos. Estão ambos a fazer doutoramento, explicando o Carlos que quando frequenta um grau académico é para que este lhe permita melhorar as suas capacidades profissionais e o ajude a trabalhar na área que ele gosta. A Luísa gosta de alcançar constantemente novos objetivos e frequentar cursos de ensino superior tornam esta tarefa mais eficiente.

Na situação escolar prazerosa encontram-se Mariana e Pedro que adoram os cursos que estão a frequentar. Estes transmitiram um discurso de felicidade e realização ao falarem dos seus cursos. A Mariana também venceu que foi em medicina veterinária que encontrou amigos verdadeiros com os quais se sente verdadeiramente aceite da forma que é.

Segundo o Miguel a sua situação escolar atual é estável, embora tivesse sentido a necessidade de se adaptar a uma nova forma de ensinar. Contudo, no momento presente mantém uma relação estável com os seus colegas de curso, tendo bastantes amigos.

O Zé descreveu que a sua experiência no Mestrado está a ser “diferente da experiência na Licenciatura”, pois agora relaciona-se mais com os professores do que com os colegas e tem uma atitude mais madura e responsável.

No geral as experiências a nível do ambiente escolar foram ou são positivas para todos e todas, à exceção da Delfina, Margarida e da Mariana. A Delfina e a Margarida tiveram boas experiências no passado e a presente é menos boa e, para a Mariana a realidade é invertida. Esta positividade reflete-se nas boas relações sociais que dizem ter estabelecido no meio escolar, no sucesso escolar e na concretização de objetivos. Desta forma, a sua experiência de monoparentalidade não pareceu ter influenciado ou influenciar as suas experiências a nível escolar.

5.7.6. Situação Laboral Atual, Passada ou Futura

Nesta questão os participantes descreveram como é a sua vida profissional atualmente. Para aqueles que não trabalham neste momento foi pedido que descrevessem as suas experiências laborais passadas. No caso da Mariana, como nunca trabalhou, esta refletiu sobre a profissional

que iria ser no futuro. Posto isto, foram detetadas as seguintes subcategorias: situação laboral boa, situação laboral desenfreada, situação laboral ética, situação laboral remuneratória, situação laboral pontual, experiência de trabalho e profissional futura.

A situação laboral boa alberga Alexandra, Margarida, Maria, Sónia e Zé. No conjunto estes expressaram que gostam dos seus trabalhos atuais e que estão bem a nível laboral, comentando que:

Boa, acho que sim, boa. Ainda não experimentei trabalhar numa empresa. Mas do que es que me contaram colegas que já terminaram a licenciatura e estão a trabalhar agora ou já terminaram o mestrado e estão a trabalhar agora, acho que estou bem no que, gosto de trabalhar no que estou atualmente a trabalhar, acho que está bom (Zé, 2022).

O Carlos e Paula possuem uma vida profissional desenfreada, no sentido em que o Carlos a define como um “turbilhão” e a Paula como uma “correria”. A Paula descreveu como são os seus dias de trabalho, nos seguintes termos:

A minha vida atual, olha uma correria. Ah eu vou levar as meninas à escola, basicamente aquilo que eu faço neste momento é, eu não tenho filhos, mas neste momento adotei sete filhas, em que sou eu que as vou levar à escola, sou eu que as vou buscar à escola. Sou eu que as levo às atividades, às psicólogas e não sei que e depois tenho que as ir buscar outras vez e, tenho que as ir buscar à nataçã, ou seja, eu neste momento sei mais a vida diária delas do que praticamente a minha eu a minha tenho que apontar no telemóvel para não me esquecer, mas a delas eu já sei de cor, sei que uma tem psicóloga à segunda, a outra tem à terça, a outra à quarta e pronto andamos assim, mas é uma correria, mas é daquelas coisas que tu chegas ao final do dia e estás cansada, mas sentes-te bem, não é porque estás cansada e estás cansada e não te apetece fazer mais aquilo. Mas é um dia a correr e nunca nenhum, os dias não são todos iguais é tudo diferente ou uma cá faz uma birra ou outra, pronto é uma correria.

A Luísa esforça-se por ser uma profissional com ética, tendo respeito pela sua profissão.

O Pedro atualmente não está satisfeito com o seu trabalho, porque não faz algo que gosta. O seu emprego atual serve somente para lhe fornecer capital económico para poder pagar a suas despesas diárias.

A Mafalda atualmente está focada nos estudos, mas pontualmente faz alguns trabalhos a recibos verdes.

A Delfina e o Miguel como não trabalham atualmente, abordaram as suas experiências profissionais passadas. A Delfina começou a trabalhar aos 18 anos e já percorreu diferentes estabelecimentos de restauração, cafés, bares e participou em alguns eventos. O Miguel reforçou que os seus trabalhos foram cansativos, porque eram trabalhos de força. O Miguel já foi servente de pedreiro, trabalhou num olival e, informalmente foi tratador de cavalos para os seus pais durante as férias de verão.

A Mariana pronunciou que quando começar a trabalhar vai dar tudo de si, tentando ser uma profissional com um elevado prestígio.

Dos que estão a trabalhar todos e todas asseguram que gostam do que fazem e que estão numa posição favorável no emprego que possuem, à exceção do Pedro. O Pedro encontra-se numa situação de subemprego, por forma a conseguir sustentar-se enquanto realiza o curso de informática. Também as experiências de trabalho dos mais novos foram postos de trabalho até certo ponto precários.

5.7.7. Percepções sobre a Influência do Passado sobre o Presente

Neste tópico tentou-se perceber se na percepção dos entrevistados a família que tinham tido no passado influencia de alguma forma a sua situação atual a nível familiar, educacional ou laboral. Nas respostas dadas sobressaem as seguintes subcategorias: influência presente nas três esferas, influência presente em duas esferas e ausência de influência.

Segundo a Alexandra, Carlos, Delfina, Maria, Miguel e Pedro a família que tiveram no passado influenciou as suas situações atuais nas três esferas. Esta influência reflete-se na forma como os membros da família se relacionam entre si, nas escolhas feitas, nomeadamente, na escolha de curso, nas posturas adotadas a nível profissional e de forma mais profunda na sua identidade. Assim sendo, alegaram que:

Eu acho que, não desfazendo nas outras famílias que tiveram pai e mãe. Mas eu acho que o facto de não ter um pai neste momento, por exemplo havendo um obstáculo na relação entre mim e o meu marido se calhar conseguimos ultrapassar melhor, porque eu não quero dar às minhas filhas o que eu tive. Neste momento eu quero dar às minhas filhas um pai presente. Um pai e uma mãe e se calhar aí conseguimos se calhar resolver melhor as coisas e ter sempre esse ponto fixo para que as coisas resultem (Alexandra, 2022).

Aí isso é bastante, é bastante porque há muitas opções e atitudes e escolhas que eu faço pensando exatamente naquilo que eu vi acontecer ao meu pai, que eu não quero que me aconteça a mim. E isto é uma conversa que nós estamos a ter completamente informal eu tenho uma frase que eu digo muitas vezes que uma relação amorosa é um negócio no qual estamos sempre a perder e que a única compensação é o bem que presença da outra pessoa traz à nossa vida. Portanto a partir do momento em que tenho alguém na minha vida. Estou a perder oportunidades sociais, estou a perder a perder liberdade pessoal, porque se eu estiver completamente solteiro e se não tiver que passar cartuxo a ninguém eu agora meto-me no carro e vou para onde me apetecer. E a partir do momento em que eu tenho alguém na minha vida tenho que pensar que se calhar essa pessoa pode querer vir, pode não querer vir, pode ter planos para alguma coisa em conjunto e temos de nos reorganizar nesse sentido. Inclusivamente a nível sexual estamos a perder, porque no ambiente social que vivemos hoje em dia completa selva se alguém tiver perfeitamente sozinho, solteiro com facilidade encontra oportunidades que estão ao virar da esquina. Quem quer manter uma relação de fidelidade a outra pessoa constantemente tem de estar a dizer, não, não quero ir para ali. E as oportunidades surgem a cada momento a cada passo. E portanto eu volto a dizer uma relação com alguém é um negócio em que estamos a perder e que a única contrapartida é o bem-estar que a presença da outra pessoa na nossa vida nos traz. E enquanto esse balanço for positivo a coisa vai bem quando esse balanço começa a ser negativo, a coisa vai mal e é melhor ir cada um para seu lado. E isso é uma coisa que eu tenho e se calhar veio do divórcio dos meus pais, que não foi minimamente traumatizante para mim, é que e isso eu já disse várias vezes à A. I. Se não estamos bem eh pá não tem problema, eu não prendo ninguém, nunca prendi ninguém na minha vida. Outras relações que tive pá a porta está sempre aberta. Agora ou estão dentro ou estão fora que é como eu também estou nas relações. Portanto não há cá um pé de cada lado. Eu isso vi o meu pai fazer com a minha mãe e não gostei. Portanto também não faço isso a ninguém. Ou estou a 100% com alguém assumindo que é um negócio que se perde e o único retorno é o bem que aquela pessoa traz à minha vida e portanto eu sou uma melhor pessoa, porque tenho aquela pessoa na minha vida. Quando isso começa a ser duvidoso ou prejudicial para mim, não vale a pena continuarmos, da mesma forma que ter alguém que está a meio termo está dentro e está fora, também, não me satisfaz nem quero. Se calhar por aquilo que eu te estava a dizer à bocado. Não quero que a minha vida ou não gostaria que a minha vida que lhe acontecesse o que aconteceu à minha mãe que foi ter uma vida condicionada pelas decisões de terceiros. Embora a partir do momento em que temos uma relação com alguém estamos sujeitos a isso. Mas também vai da nossa escolha quem é essa

pessoa para percebermos se temos ali alguém de confiança e se temos um trajeto comum ou não, porque eu de todo não queria chegar aos 67 anos e estar sozinho numa casa, porque não gosto já experimentei isso quando estava a trabalhar e não tinha ninguém em casa quando voltava e não gostei (Carlos, 2022).

É 100% consequência porque pronto eu estou cá porque meu pai foi embora se não eu de certeza que continuava na Argentina. Isso foi, pronto, tipo, se na infância não tivesse sido assim hoje seria diferente. Seria totalmente diferente (Delfina, 2022).

Eu acho que é mesmo isso, eu acho que é mesmo o ter tido, por assim dizer, eu acho que, eu eu eu para mim o trabalhar com gente é bom. Será que tem alguma coisa a ver com isso, não sei se tem alguma coisa a ver com isso. Tipo de ter tido várias realidades, não é, eu vim da Guarda vim para uma aldeia, fui para uma vila depois voltei à aldeia para vir estudar, não é e sempre os mais velhos aqui na aldeia, na cidade o outro sempre de vários ramos, várias faixas etárias, se calhar por causa disso, olha não sei. Se calhar pode ter a ver com isso o gostar de estar rodeada de pessoas tanto elas dos mais novos aos mais velhos. Se calhar pode ser por aí, não sei [gargalhadas] (Maria, 2022).

Eu acho que acaba eu gosto muito de mexer, de mexer em muita coisa e de saber de muitos assuntos, eu não sei só sobre economia e isso acho que tem um bocado a ver, economia e pronto com a minha área, e isso acho que tem um bocado a ver com a questão, por exemplo tu falaste com o Carlos é alguém que sabe falar de tudo, acho que também tem um bocado a ver com, com isto pronto, ou seja, a minha educação de saber um bocado de tudo e a questão da economia veio, ah porque isto foi uma coisa que os meus avós sempre me ensinaram, nós podemos, aquilo que eu quero mesmo fazer é construção civil, mas o que os meus avós me ensinaram sempre foi, nós podemos arranjar alguém para fazer um projeto, uma casa seja do que for, mas arranjar alguém para fazer as nossas contas sem nos roubar é mais difícil [risos]. Então é um bocado mau de se dizer, mas é por isso, é o gosto de economia vem daí é eu perceber o que é que eu posso fazer de melhor e em que ponto é que eu posso melhorar a minha empresa que é isso que eu quero ser, quero ser acima de tudo empreendedor fazer melhor do que os anteriores, acho que se nós não melhorarmos um pouco e todos os anos aquilo que fazemos não há sustentabilidade, acho que agora é o tema do século e pronto acaba por vir um bocado de arrasto assim (Miguel, 2022).

Sim, acho que sim como te disse essa mudou trocou-me essa prioridade do trabalho, ou seja, se a minha vida tivesse sido doutra maneira se calhar dava mais prioridade ao trabalho e arranjar um trabalho, não sei, nesse aspeto. Dava mais valor ao trabalho, por assim dizer, depois eu acho que não a minha mãe na educação que ela deu a mim e ao meu irmão eu acho que ela sempre nos deixou muito livres vocês fazem o que querem entre aspás, vocês têm que explorar por vocês próprios nunca nos deu uma direção e eu acho que isso me fez um bocado de falta e se fosse de outra maneira eu acho que, pronto estava de outra maneira, diferente profissionalmente hoje em dia, podia estar a fazer outras coisas em vez de andar a explorar que coisas de que nem tinha ideia. Mas também não é negativo é positivo darem liberdade de escolha, mas tem essa parte negativa que faltou motivação e fiquei muito inerte, por assim dizer (Pedro, 2022).

Do ponto de vista da perceção de Luísa, Mafalda, Margarida, Mariana, Paula e Zé a influência deste passado está presente em duas esferas. Na perceção de Luísa e Paula a influência existe nas esferas escolar e laboral, Mafalda, Mariana e Margarida na familiar e escolar e quanto ao Zé, na familiar e laboral.

Tem duas características, o facto de eu ser advogada e trabalhar com relações parentais e ter experienciado uma relação parental ou monoparental como a que vivi acaba por me dar alguns elementos para ter um olhar diferenciador quando faço a leitura em relação aos casos quando vem a mim parecidos ao meu, desde logo tentar encontrar um equilíbrio para fazer aquela leitura ou estimular a que quem está dentro daquela situação ter este olhar um bocadinho parecido ao

meu, embora autonomize a que tenham uma visão deles e a visão deles pode ser a deles e a minha pode ser a minha e não andar a imiscuir [hipótese] a minha relação aos outros (Luísa, 2022).

Eu acho que teve influência, porque depois da tempestade vem abonaça, portanto nós aprendemos, nós vimos o que é que era ter uma família desconfigurada e estar cada um para seu lado, vá não era cada um estar para seu lado por assim dizer, portanto nós fizemos de tudo para que as coisas comesçassem a resultar melhor e haver mais harmonia entre nós, mesmo com a minha avó. Nós falamos com a nossa avó e dissemos-lhe as coisas que nos faziam confusão com as atitudes que ela tinha connosco e que nos sentíamos inferiorizados relativamente à família da minha tia T. E aí a minha avó percebeu e aí a coisa acabou por acalmar. Portanto eu acho que foi isso (Mafalda, 2022).

A minha família sempre quis o melhor para os seus filhos. Foi tanto a minha mãe como o resto da família sempre o melhor sempre o melhor, por exemplo o meu primo é piloto e uma pessoa pode dizer os pilotos ganham super bem, têm a vida feita. Mas no entanto a minha tia tem uma tristeza de ele não ter um curso superior. No entanto ele está a tirar e ela está toda contente. A minha mãe também sempre quis isso. E a minha mãe costuma dizer que eu ainda nem sabia falar e já dizia que queria ser médica dos tatalis [hipótese] que eram os cavalinhos e a minha mãe diz-me que para ela ver-me concretizar o meu sonho é o melhor de tudo. Portanto a minha família foi essencial nisso até porque eu tinha tudo para desistir de estudar com as histórias do meu pai e também nunca quis e também porque a minha família sempre me incentivou, principalmente a minha mãe para nunca desistir tanto que eu mudei para veterinária no meu terceiro ano, não no meu, ia começar o meu quatro ano em biologia e é um curso de três anos, já estava quase para entrar na lusófona é caro, mas vou tentar, mas nunca me cortou as pernas e deixou-me tentar e lutar pelo meu sonho agora valorizo muito isso e espero poder fazer um dia isso aos meus filhos (Mariana, 2022).

[pausa] aí só mesmo através dos valores que a minha família me foi incutindo e que fomos trocando uns com os outros e nós, pronto como somos todos uma família não sei se vem nos genes, mas somos todos muito virados para, para os outros, porque uma tia minha é enfermeira a outra é psicóloga e pronto e então estamos todos um bocadinho virados para a área social e para ouvir o outro e ajudar o outro. E então esta transmissão de valores pronto acho que nos vai ajudando a crescer e as minhas primas uma delas tirou ortóptica, portanto também está muito na área da saúde a olhar para o outro, acho que sim a transmissão de valores e as boas relações uns com os outros. Acho que é o essencial hoje em dia (Paula, 2022).

Sim, é completamente diferente, família do que tínhamos antes e do que eramos agora e com isso levou-nos adotar outro estilo de vida. Não sei dizer muito bem. Não digo que as coisas estejam normais, porque ainda se fala também, recordamos o que é que era ela, boas lembranças, mas lá está, tivemos de nos adaptar (Zé, 2022).

Explorando a informação que a Margarida forneceu, compreende-se que efetivamente tem-se vindo a questionar que influência pode ter tido em si a ausência do pai. Intrigava-a o que poderia ter sido diferente se o seu pai não tem falecido. Até porque, a mãe fazia questão de reforçar que as coisas seriam diferentes e que lhe faltou um pulso firme. Relativamente à influência que esta situação familiar poderia ter tido na escolha da sua profissão, desenvolveu que:

... De forma consciente acho que não tem, mas já colocaram esta questão algumas vezes especialmente a minha médica, a primeira pessoa que me colocou esta questão foi a minha médica de família. Quando eu disse, antes de entrar em psicomotricidade ela disse: “ah isso é por causa da tua irmã e do teu pai”. E eu disse, não, não tem nada a ver. Acho que não, mas se calhar tem. Até porque o primeiro curso que eu comecei e não terminei foi psicologia. Até pode ter alguma coisa a ver. Conscientemente lá está voltamos à questão, conscientemente acho que não,

não, portanto a resposta será eu acho que não tem nada a ver. Mas se calhar até tem, não sei.
[risos] (Margarida, 2022)

Somente a Sónia na sua perspectiva a família que teve no passado não influenciou em nada o seu trajeto de vida nem o seu presente.

Efetivamente para todos, à exceção da Sónia, a família que tiveram no passado e, nomeadamente o acontecimento da monoparentalidade, influencia o seu presente de alguma forma. O facto de ter vivido numa família monoparental para a Margarida desencadeou interrogações. Também se denota que a experiência da monoparentalidade os marcou, moldando as suas identidades e, os leva a agir de certas formas nas três esferas.

depreciativa e, com questionamentos constantes por parte destas. Portanto, as reações são desencadeadas pelo tipo de acontecimento.

A descrição do trajeto de vida dos progenitores ausentes e presentes, cruza-se com a variável género, progenitor presente e ausente e, com o acontecimento subjacente à monoparentalidade. Neste sentido, no conjunto dos resultados, observa-se que as mulheres são descritas pelos filhos(as) como detendo trajetos de vida repletos de adversidades, enquanto os homens detêm trajetos menos complexos, mais centrados em si próprios e por vezes, instáveis. Nos casos em que os progenitores presentes são mulheres, os seus trajetos após a ocorrência do evento de monoparentalidade são pautados pela complexidade, mudança de estilo de vida, rotina, dor, sobrecarga de trabalho e de responsabilidades. As mães da Luísa e da Paula são as únicas cuja sua vida não sofreu grandes alterações após o evento de monoparentalidade, uma vez que, estas já tinham uma vida bastante independente dos seus maridos antes do divórcio. O pai do Carlos é o único progenitor presente que apresenta um trajeto de vida considerado individualista. Porém, este não necessitava preocupar-se com o seu filho, pois os seus pais sempre cuidaram do Carlos. Também, a mãe do Carlos é a única progenitora ausente que apresenta um trajeto de vida complexo. Os outros progenitores ausentes viveram focados em si próprios, sem se preocuparem muito com os seus filhos. Apesar disso, auxiliaram ou auxiliam os seus filhos a alguns níveis, como monetariamente, à exceção dos pais do Pedro, do Miguel e da Alexandra. Os trajetos de vida dos progenitores viúvos são pautados, de acordo com os filhos, pela dor profunda, solidão e doenças psicológicas.

Comparando agora os elementos facilitadores dos progenitores presentes e dos seus filhos, os filhos de maneira geral, sempre tiveram elementos facilitadores presentes na sua vida. Por sua vez, nem todos os progenitores presentes tiveram elementos que os auxiliaram após os eventos de monoparentalidade. Nesta condição encontraram-se a mãe da Alexandra e da Delfina. A Paula também refere que o pai não teve elementos facilitadores, mas este não necessitava, pois segundo a filha, nunca sentiu obstáculos concretos.

Já em termos de obstáculos, os progenitores presentes tendem a ser descritos pelos filhos(as) como sentindo um maior volume de obstáculos, comparativamente aos filhos e aos progenitores ausentes. Contudo, os únicos que não sentiram obstáculos, dos progenitores presentes, foram o pai do Carlos e o pai da Paula.

À medida que os entrevistados avançam no seu desenvolvimento e, percurso de monoparentalidade, tendem a sentir maior número de obstáculos. Por exemplo, na infância, só a Mafalda, Mariana e Pedro sentiram conscientemente obstáculos. Os restantes entrevistados não sentiram e, Alexandra, Delfina e Maria sabem que existiram, agora que são adultas. A transição para a idade adulta é a etapa onde estes obstáculos se intensificam. Só a Maria e a Sónia referiram que não sentiram dificuldades nesta etapa, sendo que a Sónia é a única entrevistada que afirma nunca ter sentido obstáculos ao longo do seu trajeto de vida.

Quanto às estratégias utilizadas pelos entrevistados para superarem as dificuldades, à medida que os entrevistados avançavam nas etapas e na experiência de monoparentalidade, sentiam maior necessidade de utilizar estratégias. Cruzando esta variável com o acontecimento, verifica-se que são essencialmente os entrevistados, cujos pais se divorciaram, os que utilizavam e ainda utilizam estratégias. Delfina, Luísa, Mafalda, Miguel e Pedro sempre utilizaram estratégias, inclusivamente no presente. Carlos e Paula na transição para a idade adulta e no presente, Mariana na infância e adolescência e, Zé só não utilizou na infância. Por outro lado, quem nunca adotou estratégias foram Alexandra, Margarida, Maria e Sónia. Também se pode afirmar que

quem é originário do contexto rural, parece ter sentido uma menor necessidade de utilizar estratégias.

Focando o olhar na variável avaliação, esta tende a ser mais positiva na infância e no presente. As etapas com avaliações menos positivas são a adolescência e a transição para a idade adulta. Estas foram fases mais complicadas para os entrevistados, sendo que parte desta complexidade, ocorre por causa de viverem numa família monoparental, como se denota nos seus discursos.

Os entrevistados com maior grau de habilitações literárias e que frequentam cursos de ensino superior valorizaram num grau superior a educação formal, à exceção da Sónia que detém o 12º ano. Enquanto a Alexandra e a Maria, que detêm apenas o 12º ano, valorizaram a educação fornecida pela família, nomeadamente, aquando da socialização primária.

Os participantes mais novos (Mafalda, Zé, Miguel e Delfina) são os únicos que não colocam o trabalho como sendo algo importante, ou não, nas suas vidas. Ao invés, relatam as ferramentas que as experiências laborais lhes têm fornecido.

No que diz respeito às perceções sobre a influência do passado sobre o presente, os entrevistados de maneira geral, assumem que o evento de monoparentalidade e, os seus familiares em si, os influenciaram e continuam a influenciar no presente. A única entrevistada que afirma que a família que teve no passado não a influenciou em nada, foi a Sónia.

Posto isto, o acontecimento de monoparentalidade é efetivamente um marco na vida dos(as) entrevistados(as), que lhes causou diferentes consequências nos seus trajetos de vida, assim como, nos trajetos dos seus progenitores. Efetivamente, com este estudo, apurou-se que a temática da monoparentalidade gera incómodo em algumas pessoas que a viveram, sendo um assunto que é preciso ser abordado com sensibilidade, visto que, é delicado e penetra na vida privada das pessoas. Quem demonstrou maior incómodo em falar sobre a sua experiência de monoparentalidade foram os homens e, quem foi abandonado pelos progenitores biológicos. Através de conversas informais com possíveis entrevistados percebeu-se que para os homens é um assunto sobre o qual não se sentem confortáveis em falar, uma vez que é um assunto, que envolve demonstrar sentimentos e esta demonstração de sentimentos pode colocar a sua masculinidade em causa. Para quem foi abandonado, falar sobre o assunto, implica lembrar algo que as magoa e por isso também não se sentem à vontade para falar sobre a sua experiência. Assimilou-se que quando existem assuntos incomodativos, as pessoas optam por não falar sobre os mesmos, colocando em marcha uma estratégia de esquecimento.

Também o tema da morte tem sido um tema tabu nas sociedades modernas, provocando desconforto, não sendo um tema adequado para uma conversa educada (Giddens, 2013). Desta forma, os estudos sobre a morte, só têm vindo a ser desenvolvidos ultimamente, pois a “morte tendia a estar oculta “nos bastidores” da vida social (Giddens, 2013, p. 356)”. Na amostra deste estudo, os cinco entrevistados(as) cujo progenitor(a) faleceu, conseguiram falar sobre o assunto sem grandes constrangimentos. Contudo, transmitiram alguns aspetos que refletem estes mesmos constrangimentos em falar sobre o falecimento de alguém. Por exemplo, a Margarida revelou que cada vez que diz a alguém que o pai já faleceu, a pessoa lhe diz automaticamente “ah, desculpa!”. Outro exemplo é quando foi perguntado à Mariana se podia falar sobre o seu processo de luto esta responde que “sim, porque já passou muito tempo”. Estes exemplos parecem demonstrar que, as pessoas só conseguem falar sobre a experiência da perda de alguém significativo para si após ultrapassarem essa mesma perda. O desconforto também se amplifica se pensarmos no género. De facto, para os homens, falar sobre estas questões parece

ser mais difícil do que para as mulheres. Como, aliás, referiu o Zé, isto acontece porque os homens não são habituados a exteriorizar os seus sentimentos.

Mesmo dentro da amostra, para alguns entrevistados, falar sobre o assunto provocou-lhe um certo incomodo e, percebeu-se que para os seus progenitores não foi fácil lidar com a situação, como, por exemplo, a mãe da Alexandra. No caso da mãe da Alexandra, ter sido mãe *so*, é algo com o qual ainda hoje não consegue lidar da melhor forma. De qualquer forma, a Alexandra, muito provavelmente aceitou dar a entrevista porque o seu pai não a abandonou, pois como assegura Schinweiski (2021) os filhos sentem vergonha de ter sido abandonados pela mãe ou pelo pai. O mesmo não é válido para aqueles cujo progenitor faleceu, não se sentindo vergonha por esta perda. Todo este desconforto também é gerado, em parte, porque na sociedade continua a existir uma percentagem considerável de famílias nucleares. A título de exemplo em 2021, o PORDATA (2022) estima que existiam cerca de 1.529.106 de famílias com esta configuração, sendo a família nuclear o tipo de família mais frequente. Desta forma, quem vive numa família monoparental sente-se diferente dos demais. Porém, como é provado por esta amostra, a condição de monoparentalidade pode trazer para quem a vive, novas formas de realização pessoal, tal como a mãe do Miguel que só conseguiu ingressar no curso de medicina veterinária após o divórcio.

Também esta condição impele a que as mães se superem, como a mãe da Alexandra, que conseguiu sair de casa dos pais com a filha e, ter uma vida independente. Inclusivamente decidiu voltar a estudar, para “poder dar à filha o que as outras crianças tinham”. Esta é uma forma de colmatar o sentimento de diferença que as crianças e adolescentes sentem, quando se comparam com as outras crianças por estarem a viver numa família monoparental.

Os dados analisados permitem concluir que entrar na configuração da monoparentalidade contribuiu efetivamente para a emancipação das mulheres, como aconteceu com a mãe do Carlos, que apesar de já ter um emprego estável não era completamente independente do marido, visto que, tinha a carta de condução, mas não conduzia. Esta foi uma barreira que teve de ultrapassar a seguir ao divórcio. Na mesma linha, a mãe da Maria, somente após a morte do marido, é que tirou a carta de condução. Sendo que a mãe da Maria não trabalhava enquanto esteve casada. Nesta amostra as únicas mães que eram já completamente autónomas até à data da separação, eram a mãe da Paula e da Luísa.

Já no que representa a “nova masculinidade” ou “novo homem”, o qual reúne “uma predisposição mais solidária e emocional” (Giddens, 2013, p. 687), verifica-se que nesta amostra os dados não são muito expressivos neste sentido. Porventura, o único exemplo disto será o pai da Paula, já que o pai da Sónia segundo o que se percebeu não foi um progenitor que assumisse o papel de cuidador dos filhos. Este papel foi desempenhado pela Sónia juntamente com a irmã mais velha. No que respeita o pai do Zé, este não delegou a tarefa de cuidar dos filhos em outras pessoas e adaptou-se de certa forma às tarefas de casa. Contudo, os filhos, quando a mãe faleceu, já eram adolescentes, pelo que eles próprios também auxiliavam o pai quando era necessário. Esta “nova masculinidade” também é representada pelo Carlos no papel de padrasto do Miguel. O Miguel considera-o mesmo “como um pai”, porque o Carlos coloca-o “em primeiro lugar” e ajudou-o a ser uma “pessoa melhor”.

Nesta amostra as razões principais apontadas para ocorrer o divórcio e a maternidade a *so*, foram: influência familiar, relações extraconjugais, problemas com álcool, discussões, violência psicológica, desemprego, convivência deficitária e problemas de fluidez na relação. Focando o olhar nas relações extraconjugais, como analisa Aboim (2011), estas não são aceites por uma

maioria dos portugueses. No entanto, existem diferenças de género, sendo uma menor percentagem de homens que não acham aceitável existirem relações extraconjugais, comparativamente às mulheres. As percentagens apontadas por Aboim (2011) são 73% e 87%, respetivamente. Na amostra do presente estudo, aconteceu que em dois casos apontar-se que o divórcio se deveu a relações extraconjugais, praticadas pelos homens. Sendo que “a infidelidade masculina era, além disso, socialmente mais aceite como fazendo parte da “natureza” dos homens (Aboim, 2011, p. 109)”.

As razões que estão por de trás da monoparentalidade determinam as reações entre os ex-companheiros na pós-separação. Algumas pessoas não conseguem sequer manter uma relação cordial entre elas. No caso da mãe da Alexandra como o pai da sua filha, não esteve presente na sua vida devido à influência do seu pai (avô da Alexandra), isto fez com que nunca se conformasse com esta condição de mãe *solo*.

Esta investigação também permite concluir, que o divórcio não tem de, obrigatoriamente, ser um evento traumático para quem o experiencia enquanto filho(a).

Esclarecer que trauma é uma palavra de origem grega que significa ferida: portanto, Freud entendia que no inconsciente tinham sido escondidas e sepultadas com eficácia as lembranças de todas as situações de conflito, ou que tinham gerado uma enorme repugnância no sujeito, com fim de não ferirem mais a sua psique (apud Martí, 2015, p. 66).

Apesar disso, este é sempre um evento que inicialmente magoa os filhos(as) de pais separados, como confirmaram os participantes. Nesta amostra verifica-se que aqueles entrevistados que não referiram ter ficado com qualquer tipo de problema psicológico ou terem tido impactos fortes desta separação, foram os que detiveram uma rede familiar que os apoiou incondicionalmente e protegeu, nomeadamente, os avós que eram o seu “porto seguro”. O mesmo acontece nos casos em que os pais conseguiram colocá-los em primeiro lugar, percebendo que o mais importante era o seu “bem-estar”, separando a sua relação com o ex-companheiro(a) da relação com os seus filhos(as).

Sabe-se que as crianças e adolescentes que ficam em regime de guarda compartilhada é comum estarem sujeitas a regras diferentes em casa da mãe e do pai, sendo os adultos quem define estas mesmas regras (Marinho, 2010). Não foi este o caso da Paula. Esta entrevistada relatou que “estar em casa da mãe ou do pai era igual” e que este regime não foi estipulado pelos pais, era algo que acontecia “naturalmente”.

No caso das famílias monoparentais que experienciaram a morte, estas tiveram de ultrapassar um processo de luto. Os progenitores presentes sentiram uma “profunda dor”, a sua saúde mental foi afetada e a sua identidade sofreu alterações. Por exemplo as mães da Margarida e da Maria vestiram-se de luto, algo que incomodava bastante a Margarida. A Maria também revela que “durante algum tempo a televisão não era ligada em casa”, segundo a mesma era o “luto que se fazia na altura”. O facto de o velório ter sido em casa, prática recorrente em contextos rurais no século XX, também contribuiu para adensar esse sentimento de luto e sofrimento.

Giddens (2013) destaca que estão a emergir novas formas de lidar com a morte e o luto, sendo estas mais informais comparativamente ao passado, como por exemplo a personalização dos funerais e dos rituais fúnebres. Contudo, nas descrições de como foi o processo de luto dos entrevistados e progenitores presentes, continuam presentes as formas ditas tradicionais, como por exemplo vestir roupa preta.

Relativamente aos filhos, a Margarida, a Maria e a Sónia não fizeram este processo de luto conscientemente, pois eram ainda crianças. Já o Zé e a Mariana fizeram este processo de luto juntamente com o pai e a mãe, respetivamente. Relatam também que experienciaram problemas psicológicos, sentindo muitas saudades e tristeza. Um fator que também influencia a forma como se vive a perda de alguém, é o facto de essa pessoa ter um falecimento repentino ou já estar doente antes de falecer. Quando a pessoa falece de forma repentina é um choque para a família e amigos. Por sua vez, quando já estava doente antes de falecer é algo que desgasta quem cuida dessa mesma pessoa, no caso, os cuidadores informais foram os progenitores presentes. Este é o caso de Margarida e da Mariana, expressando Mariana que houve um misto de sentimentos, porque como o pai tinha muitos problemas de saúde, ela e a sua mãe nunca tinham tranquilidade. Desta forma, após o falecimento sentiram paz e ao mesmo tempo um profundo sofrimento. Outro facto importante é a idade de quem falece. Quanto mais nova for a pessoa que falece maior parece ser o sentimento de tristeza.

As pessoas que estão ao redor destas famílias também têm reações a estes acontecimentos. Nesta amostra, os casos de divórcio foram acompanhados de reações calmas, “interrogações de terceiros”, o ato de “apontar o dedo”, escândalo e apoio. O fato de ocorrer uma separação entre um casal não quer dizer que na família não se mantenham boas relações, exemplo disso é a família da Paula. Quando ocorreu o falecimento houve reações de apoio e tristeza. Porém, os casos de divórcio provocam reações adversas nas pessoas que observam e em quem o experencia.

Em todos os casos, independentemente da via de entrada na monoparentalidade, observam-se mudanças no estilo de vida dos entrevistados(as) e dos progenitores presentes. No caso das mulheres, aquelas que já gozavam de grande autonomia dos seus parceiros, são as que menos atravessam tais mudanças. A mudança reflete-se principalmente na alteração de atividades de lazer, entrada no mercado de trabalho, realização de mais horas de trabalho, gestão minuciosa de capital económico, cálculo do uso do tempo, mudança de habitação, maior dependência de terceiros e conseqüente aumento de controlo social, maior participação nos afazeres domésticos, ocupação do lugar do progenitor ausente desempenhando o seu papel, reforço da união familiar, entrada e saída de pessoas para a família. Como se conclui, não são apenas as dinâmicas familiares quotidianas, que se alteram.

Na perspetiva dos filhos(as), os seus progenitores presentes apresentam trajetos de vida presos à rotina, com sobrecarga de trabalho e responsabilidades, solitários e tristes sobretudo para aqueles que passaram por processos de luto, anulação de vida própria e difícil conciliação entre vida profissional e vida privada. Paralelamente, os filhos também enfatizam que também são trajetos de pessoas lutadoras, independentes, que fazem conquistas e que tentam dar o melhor possível aos seus filhos(as). Estes também são trajetos pautados por sentimentos ambivalentes, oscilando entre a felicidade e a tristeza. Nesta amostra e exceção a estes padrões é o pai do Carlos, que não dedicava tanta atenção ao seu filho e sempre teve um trajeto de vida muito “centrado em si próprio”.

Já os progenitores ausentes, ficaram na perspetiva dos filhos entrevistados, numa posição de “privilégio”, como afirma Luísa, pois as responsabilidades relativas aos filhos passaram a ser quase exclusivas dos progenitores presentes. Estes apresentam trajetos instáveis, também de algum sofrimento pela rutura e, individualistas. Novamente a mãe do Carlos constituiu a exceção a esta regra, tendo tido um trajeto de vida adjetivado como complexo.

Apesar de se observar noutros estudos (Marinho, 2010) que o divórcio faz com que os homens assumam um papel mais ativo no que respeita o cuidado e educação dos seus filhos, nesta amostra, observa-se precisamente o contrário. Ora veja-se, o Pedro já não tinha uma relação boa com o pai e, após o divórcio, deteriorou-se ainda mais; a relação do Miguel e do seu pai foi decaindo com o tempo e atualmente é inexistente; a Luísa sempre teve uma boa relação com o pai, todavia, após o divórcio, os seus contactos tornaram-se pouco frequentes; a Delfina sempre teve uma boa relação com o pai, mas como este emigrou, os contactos não eram muito frequentes; a Mafalda sempre passou e passa fins de semana com o pai, mas esta é uma relação “conturbada” e este não é um pai ativo na sua educação e do seu irmão. Segundo o que a Paula revelou percebe-se que o pai já tinha um papel ativo nos seus cuidados e educação antes do divórcio e, o Carlos, mesmo sendo o pai o progenitor presente, este não assumiu um papel participativo nos cuidados e educação do filho, delegando esta tarefa nos seus pais. Estes dados vão ao encontro de Fernandes (2022, p. 27), segundo quem: “[c]om o aumento dos divórcios e o número de famílias monoparentais chefiadas por mulheres, configurou-se a existência de um novo problema: o pai totalmente ausente ou com pouco contato após a separação [...]”.

De um modo geral, quando se dá um evento que provoca a monoparentalidade, a família alargada, surge como o principal suporte, sobressaindo pais, avós, padrinhos, madrinhas, irmãos, irmãs, tios, tias, primos, primas, cunhados e cunhadas. Contudo na amostra estudada, observa-se que nem todos os entrevistados(as) tiveram o apoio incondicional da família. Seguem-se amigos(as), colegas de trabalho e da escola e, outros elementos pertencentes à rede formal. Quem consegue maior número de apoios são aqueles progenitores presentes, que têm maior volume de capitais. Aqueles que se encontram numa posição desfavorável, como o pai da Sónia, detendo uma rede de apoio reduzida ou inexistente, são os filhos(as) mais velhos que assumem o lugar do progenitor ausente. Estes filhos e filhas, por vezes ainda crianças, assumem as tarefas do quotidiano e inclusivamente cuidam dos seus irmãos mais novos. Nesta direção também aponta Correia (2010, p. 155):

Deste modo, quanto mais privilegiada a condição social e económica da família, maior o acesso a um leque variado de prestadores de cuidados e quanto maior, mais versátil e mais especializado for este leque de opções, mais fácil, mais controlado e com menos focos de tensão é o modo destes pais-sós relacionarem família e trabalho.

Embora seja verdade que nestas redes sobressaem maioritariamente figuras femininas, que auxiliam nos cuidados que é preciso dedicar às crianças e adolescentes, também é verdade que nestas redes descritas nesta amostra, também figuras masculinas foram essenciais para os entrevistados e entrevistadas, designadamente para a Luísa, Miguel, Carlos, Mafalda, Alexandra, Maria e Pedro. Estas figuras masculinas vieram substituir a figura paterna ausente, sendo tios, padrinhos, avós e padrastrós que passaram a ser a figura masculina presente na vida de quem sente a ausência do pai. Sobre os padrastrós, Aboim (2011), reconhece que: “em algumas famílias, o padrastró continua, como no passado, a ser um “pai substituto”, ainda que a presença do pai biológico seja reconhecida como essencial (p. 90)”. Apesar disso, ter uma figura paterna substituta, parece ajudar a lidar melhor com a ausência do pai. Até porque, como sublinhou Alexandra, “um pai faz sempre falta”. No entanto, nem sempre esta figura paterna é substituída por um homem. No caso de Delfina quem desempenhou este papel foram a avó paterna e a tia.

Em alguns casos verifica-se que os psicólogos também fazem parte das redes de apoio formais destas famílias, assim como o ATL, a ama e a igreja. No entanto, nesta amostra não existe uma grande recorrência a este tipo de serviços pagos e do terceiro sector, já que as redes são

maioritariamente de cariz informal. Os entrevistados(as) que foram ao psicólogo, só o fizeram na adolescência ou já enquanto adultos.

Destacar também, que para os progenitores presentes que enviuvaram, os próprios filhos são os seus elementos facilitadores. Já, de uma maneira geral para os filhos(as), os progenitores presentes sempre foram um elemento facilitador para si. Durante a infância destaca-se a família, enquanto na adolescência o grupo de pares ganha uma nova importância, assim como, os namorados(as). Os filhos de maneira geral tiveram presentes elementos facilitadores, já o mesmo não aconteceu para os progenitores presentes. A mãe da Alexandra e da Delfina não detiveram, na perspectiva das filhas, qualquer tipo de elemento facilitador.

Os elementos facilitadores não se traduzem somente em pessoas que auxiliam e que inspiram. Estes também albergam personagens fictícias, que funcionam como modelos para crianças e adolescentes, que sentem a ausência de um modelo real. Estas personagens fictícias transmitem valores e ajudam a superar esta ausência do progenitor. Estes elementos também podem ser “formas de viver”, como a Paula que vive sempre de acordo com objetivos que a própria estabelece. Igualmente, os animais foram considerados por alguns como elementos facilitadores. Policarpo, Barbosa & Santos (2022) expõem que os animais de companhia entraram efetivamente na esfera privada e familiar, devido a uma valorização das relações e dos afetos na construção dos laços. Em 2018 a percentagem de lares com pelo menos um animal de estimação era de 58% (Gfk, 2018 *apud* Policarpo, Barbosa & Santos, 2022).

Em termos de obstáculos ao longo da vida, constata-se que não é pelo facto de se viver numa família monoparental que estes têm que obrigatoriamente existir. A literatura refere que os obstáculos ao longo da vida, tendem a ser mais intensos para as mulheres do que para os homens. Isto acontece, porque a sociedade ainda é pautada por desigualdades de género. Ramos (2022, p. 43) descreve estas desigualdades nos seguintes termos:

A maior participação das mulheres na esfera pública nas últimas décadas alterou a lógica das assimetrias de género. Apesar da persistência de processos de socialização “genderizados”, haverá uma “destraditionalização” de género, i. e., um retrocesso no duplo padrão de papéis e destinos (Nico, 2011, pp. 67-68). Nalguns contextos, os dados apontam para o esbatimento das diferenças de género nos percursos familiares e profissionais em coortes recentes (Widmer e Ritschard, 2009). No entanto, as recentes transformações nos percursos de vida, em especial a chamada desestandardização do percurso de vida, corresponde sobretudo a uma reconfiguração das desigualdades de género (Schoon, 2010). Às mulheres é exigida flexibilidade no mercado de trabalho e capacidade para conciliar os domínios profissional e familiar. Também no domínio familiar permanecem diferenças, continuando as mulheres a percorrer trajetórias mais rápidas e lineares (Billari e Liefbroer, 2010), ocorrendo a aproximação sobretudo pelo lado das trajetórias educacionais/profissionais. Por outro lado, a crescente instabilidade ao longo da vida profissional incide de forma mais intensa sobre as mulheres, mais expostas ao desemprego, às formas precárias de emprego ou ao trabalho a tempo parcial involuntário (Brückner e Mayer, 2005; Casaca, 2010)

De acordo com as entrevistas realizadas, as mães sozinhas desta amostra, sentiram todas obstáculos em consequência de terem ficado a viver numa família monoparental. Já os seus filhos, nem todos sentiram obstáculos por causa deste aspeto, como Paula e Sónia. Porém, como explicitou Paula, no início, o evento de monoparentalidade causa sempre sofrimento. Tome-se nota também que, segundo os entrevistados, estas mães e alguns familiares próximos como avós e tios tentaram proteger estas crianças e adolescentes dos eventos de monoparentalidade, criando-se fortes ligações com estes e com o progenitor presente. Com os pais homens

presentes denota-se que estes laços afetivos nunca ficaram tão estreitos, comparativamente a quem ficou com a mãe.

Os entrevistados e as suas mães e pais enfrentaram obstáculos que são comuns a qualquer pessoa que viva em família e, que integre o mercado de trabalho. A nível económico verifica-se que é frequente os entrevistados referirem sentir-se um “aperto”, pois passa a existir só um ordenado no agregado e, mesmo para aqueles cujo progenitor ausente contribuiu ou contribui monetariamente ou outro membro da família, esta diferença a nível de capital económico continua a fazer-se sentir. Todos afirmaram “nunca lhe ter faltado nada”, mas nem sempre os progenitores presentes lhes conseguiam comprar certos objetos quando eles os queriam. Outros acumulavam trabalhos para lhes “poderem dar o que as outras crianças tinham”, como a mãe da Alexandra, enquanto a Sónia e os irmãos ajudavam o pai em tudo, para puderam superar as dificuldades económicas.

A dificuldade em aceder a apoios sociais para as mães não casadas, é representada pela mãe da Alexandra, que num período em que ficou desempregada não conseguiu aceder a qualquer tipo de apoio. Os apoios foram-lhe vedados, segundo a filha, porque esta tinha dois *part times*, alegando os serviços que, desta forma, não precisava de ajuda.

A nível de estigma social, este tem lugar em determinados contextos, sendo dirigido a quem não está dentro da norma. Observa-se que o estigma é dirigido a quem se divorcia e que está inserido em contextos rurais, onde o divórcio ainda não é norma; em pequenas cidades onde as pessoas se conhecem e os implicados no divórcio pertencem a famílias com elevado *status* social, nas quais o divórcio é um acontecimento raro e, nos casos em que as famílias estão inseridas em redes religiosas relativamente fortes. Neste estudo o estigma só se coloca para aqueles que se divorciaram e é dirigido aos progenitores, principalmente às mulheres. Segundo a Paula, quando os pais se divorciaram, há cerca de 19 anos, “não era fácil para a sua mãe dizer que era divorciada”. Depois, num espaço de alguns anos, começaram a aumentar as taxas de divórcio e o rótulo de divorciada deixou de ter o peso de outrora. Paula também relata que os comentários dirigidos sobre o divórcio dos pais que surgiam na altura só visavam a sua mãe, explicando que as mulheres são sempre criticadas, enquanto os homens ficam num lugar de “privilégio”. Contudo, como expressou Delfina, os filhos sentem-se “diferentes” das outras crianças ou adolescentes por estarem a viver numa família monoparental, chegando mesmo a produzir um preconceito consigo mesmos como aconteceu com Mafalda. De tal forma:

A criança frente as outras sente-se estranha, pois, até então, tinha uma família nos moldes da sociedade e, de repente, se vê tendo duas casas, dois pais, duas mães, se perde em meio ao caos, no qual ninguém conseguiu lhe explicar ou ajudar a entender o que está ocorrendo. O adolescente já tem compreende melhor o que se passa, contudo tem sentimentos muito mais exacerbados. Para Dolto (2011), em seu livro, “Quando os pais se separam”, os adolescentes que passam por situações difíceis referentes ao divórcio dizem que preferiam a morte dos pais à separação, pois, em relação à morte, eles poderiam falar, mas sobre o divórcio, não (Schinweiski, 2021, pp. 14-15).

Na amostra estudada, os entrevistados(as), cujos pais se divorciaram, abordaram o assunto com bastante naturalidade. Tendo em conta que agora já são adultos e que estes divórcios ocorreram já algum tempo. Muito provavelmente, durante a sua adolescência não seria um assunto do qual gostassem de falar.

Na perspectiva dos filhos(as), quem ficou viúvo, não sentiu qualquer tipo de estigma. Apesar disso, Mariana narrou que é difícil escutar conversas em que se fale de forma depreciativa de

um marido ou de um pai. No entanto, Margarida aponta uma questão relevante, que foi o facto de a mãe ainda se ter aproximado de um homem e dos avós terem tido um certo preconceito para consigo. Contudo, as restantes pessoas apoiam a que encontrem novos companheiros, como foi frisado por Margarida e Mariana.

Os obstáculos enunciados também variam de pais para filhos. As mães e pais presentes enfrentam a dificuldade de conciliarem a vida profissional com a vida pessoal, por vezes voltam a ficar dependentes dos seus pais, sentem controlo social por parte das suas mães, deixam de ter vida própria, escutam comentários sobre si, são alvo de estigma social, sentem tristeza, solidão e enfrentam doenças psicológicas, nomeadamente depressões. Por sua vez, os filhos têm de saber lidar com a ausência de um dos progenitores, que se acentua na etapa da adolescência. A Mariana refere que é em dias assinalados ou em momentos importantes que esta ausência se intensifica. Estes dias assinalados estão também vinculados com as escolas, como a celebração do Dia do Pai e da mãe. Estes são dias que trazem constrangimentos para as crianças que não pertencem a uma família nuclear. Perante esta questão e a diversidade das famílias atuais algumas escolas no Brasil procederam a alterações, nomeadamente:

Alguns colégios da rede privada retiraram o tema de casa na sexta-feira, pois se deram conta de que muitas crianças tinham dificuldades para organizar-se com o material escolar, tendo em vista que, comumente, passavam o fim de semana na casa do progenitor com o qual não coabitavam. Nesses casos, em muitas ocasiões, não faziam a tarefa, o que lhes causava certo desconforto no retorno às aulas na segunda-feira. Também passaram a abolir os tradicionais “dia dos pais” e “dias das mães”, substituindo-os pelo dia da família, possibilitando à criança confraternizar com outros personagens significativos para ela, que não necessariamente o pai ou a mãe. Observa-se que, a partir de tais fatos, a necessidade de ampliar a definição do conceito de família aumenta, a fim de passar a integrar outros elementos que não somente aqueles que tradicionalmente têm definido esse grupo (Wagner & Levandowski, 2008, p. 92).

Apesar disso, a Maria reflete que esta ausência é sentida todos os dias e que estas datas importantes não reforçavam esta mesma ausência. O único momento importante que a Maria sentiu de forma mais pronunciada a ausência do pai foi no dia do seu casamento. Esta ausência lança interrogações sobre o divórcio dos pais e para quem perdeu um dos progenitores equaciona-se como seria a sua vida se este fosse vivo. “Nas palavras de Beck (2005: 114): “Os parceiros vêm e vão. As crianças ficam. Tudo o que é desejado, mas não é realizável num relacionamento é direcionado para a criança” (apud Casaleiro, 2021, p. 120-121).” Também necessitam conformar-se que as mães ou os pais presentes nem sempre vão poder dar tudo aquilo que lhes pedirem. Para os filhos, os problemas só surgem de forma mais consciente já na sua adolescência. Portanto a monoparentalidade como que só é vista como promotora de obstáculos a partir do momento que estes filhos(as) tomam consciência que se encontram numa família com esta configuração. Já os obstáculos enfrentados na sua infância, parece que só os conseguem vislumbrar agora enquanto adultos.

Para os filhos, os pais divorciarem-se, também pode significar deterem uma rotina de vida pautada por longas viagens, aspeto que também é visto como um obstáculo. As casas dos pais do Carlos distam cerca de 200 km entre si, deslocando-se até aos 18 anos sempre com a mãe ou o pai ou um tio da mãe. A partir dos 18 anos, quando foi estudar para Évora teve de começar a deslocar-se sozinho em transportes públicos. Até conseguir ter carro próprio era “complicado” visitar a mãe e o pai, pois não conseguia fazê-lo no mesmo fim de semana. Para além deste obstáculo de ter duas casas para visitar, também se apercebeu de que como os pais não se falavam, isso fazia com que tivesse uma “liberdade enorme”. Na altura isso assustou-o e, dessa forma, “sempre estabeleceu que quando tivesse um filho se não mantivesse a relação com a

mãe deste iria continuar a falar com a mesma”, pois não queria que o seu filho tivesse esta liberdade exagerada.

No que diz respeito às estratégias, nem todos sentiam a necessidade de as utilizar para serem “mais felizes”, “fugirem à realidade” ou tornarem o seu “quotidiano mais leve”. Quem recorre a estratégias com maior frequência são os entrevistados cujos pais se divorciaram e para quem o divórcio causou traumas ou algum tipo de mal-estar, como Mafalda, Pedro e Delfina. Também para aqueles cujos pais faleceram já durante a sua adolescência, como Mariana e Zé, adotar estratégias foi importante para ultrapassar a perda. No fundo estas estratégias resumem-se, nos entrevistados, tentarem fazer aquilo que mais gostam, sendo pessoas ativas, para não pensarem naquilo que as magoa. Estas atividades que lhes dão prazer são diversificadas, como voluntariado, marcar encontros com amigos(as), mergulhar no mundo virtual, leitura, escrita, desporto, entre outras. Por sua vez, também alguns progenitores presentes, não utilizaram quaisquer estratégias, por vezes, porque não tiveram necessidade disso ou nem sequer tinham tempo para refletir sobre estas.

Salientar também que as estratégias por vezes, cruzam-se com os elementos facilitadores, principalmente quando perspetivadas sob o prisma do capital social. As pessoas pertencentes à rede de contactos são referidas por alguns entrevistados, como por exemplo o Carlos, tanto nos elementos como nas estratégias.

Em termos de avaliação do trajeto de vida dos progenitores, segundo os filhos, as mães e os pais presentes, tiveram momentos felizes, isto apesar dos desafios que tiveram de enfrentar e, para alguns o divórcio foi um acontecimento positivo para as suas vidas. Os filhos de quem enviuvou, consideraram que os trajetos dos pais foram difíceis por causa de todo o sofrimento que esta mesma perda causou, à exceção da Sónia. No geral, os progenitores presentes tiveram trajetos de vida complexos. Também se verifica que os progenitores presentes, especialmente as mães, foram elogiadas, enquanto os progenitores ausentes foram mais frequentemente criticados de forma depreciativa pelas suas escolhas.

Os entrevistados e entrevistadas tenderam a avaliar a sua infância e o presente de forma mais positiva, com discursos romantizados sobre a infância e, sentindo-se satisfeitos com a situação presente. A Mafalda é a única entrevistada que avalia a sua infância como “difícil” por causa da separação dos pais. A Alexandra e a Sónia, no presente, sentem-se felizes e realizadas. No geral, foram as etapas da adolescência e transição para a idade adulta as que albergaram maior número de avaliações menos positivas. Estas foram etapas com mais obstáculos e nas quais tomaram verdadeira consciência de que viviam numa família monoparental. Os mais velhos, de maneira geral, conseguiram alcançar os seus objetivos e sonhos, ultrapassaram os obstáculos e agora encontram-se numa posição mais favorável. Os mais novos ainda se encontram numa fase de adaptações, embora se encontrem mais estáveis do que em fases anteriores. Igualmente, os seus progenitores presentes, no momento presente, segundo os filhos, estão melhor do que no passado.

A família é colocada por todos como tendo um alto valor, sendo mesmo posicionada por alguns como a dimensão mais importante nas suas vidas. Segue-se o trabalho como algo também muito importante. Todavia, nesta esfera não existe um consenso entre os participantes, pois o trabalho também pode ser “destrutivo”. A educação formal também é importante para os entrevistados, essencialmente para os mais novos e, que têm familiares que também a valorizam. De um modo geral, nesta amostra, depreende-se que independentemente da monoparentalidade, a educação sempre foi colocada pelos progenitores como algo importante para os seus filhos,

investindo os mesmos nesta. De modo transversal, os entrevistados consideraram que na atualidade nas esferas da família, educação e de trabalho, há influência da família que tiveram no passado, nomeadamente, do acontecimento de monoparentalidade em si, como também do modo como os seus familiares viveram com isso. Só a Sónia não considera haver qualquer espécie de influência. Contudo, admite que não ter tido a mãe presente na sua vida fez com que a sua situação familiar fosse diferente, proferindo que ela e os seus irmãos tiveram “que se fazer mulheres e homens”. Isto é, a ausência da mãe fez com que tivessem de crescer precocemente.

Estas influências são expostas pelos entrevistados(as) de modo diferenciado. Por exemplo, a Alexandra coloca a sua família em primeiro lugar precisamente, porque só viveu com a mãe. O trabalho também é muito importante para si, porque a mãe foi um exemplo para si, demonstrando-lhe que ela só consegue conquistar aquilo que deseja “trabalhando duro”. Mas nem sempre a influência se direciona neste sentido, pois no caso do Pedro foi precisamente o contrário. Como este participante viu a mãe a “prejudicar” a sua saúde por causa do excesso de trabalho, para si o trabalho não é algo com grande importância, colocando outras coisas como mais importantes.

No caso do Carlos as suas opções de vida são influenciadas pelo divórcio dos pais e, por aquilo que viu acontecer ao trajeto de vida do pai e da mãe e, pelas escolhas de vida que o pai fez. Já Luísa, fruto da separação dos pais desde tenra idade, que se tornou “independente” dos outros, no sentido em que não cria dependências emocionais, percebendo que “as relações começam e terminam”. O evento de monoparentalidade faz com que tomem consciência da efemeridade das coisas e da própria vida. Como no exemplo do Zé, que devido à perda da mãe aos 40 anos sente que “tem de aproveitar tudo, porque pode partir deste mundo a qualquer momento”.

No que confere a Mafalda, segundo esta entrevistada, como ficaram numa família “desconfigurada decidiram fazer todos os possíveis para que houvesse harmonia no seio da família”. Como se observa, a Mafalda, utiliza um termo depreciativo, família “desconfigurada”, para se referir à família monoparental, revelando este ato de alguma forma, os complexos de inferioridade intrínsecos às mudanças na configuração familiar. O facto também de ter tido esta experiência e de ter de lidar desde cedo com os problemas do pai, fizeram com que para si já não seja hoje “difícil relacionar-se” com pessoas que não pertencem ao seu grupo de *status*.

A influência, que o falecimento do pai teve na vida da Margarida, foi provocar-lhe interrogações de como seria a sua vida se o seu pai fosse vivo. Estas interrogações são inculcadas na sua mente pela mãe, pois esta transmite-lhe que se o seu pai fosse vivo as coisas seriam “diferentes”. A mãe também reforça que lhe faltou um “pulso firme”. Esta questão do pulso firme também já havia sido apresentada por Santos (2018) na sua investigação.

A Maria exemplifica, como a perda de um dos progenitores, pode ter influência passados até 30 anos. Esta entrevistada conta que o seu irmão, quando fez 33 anos, atravessou um ano “complicado”, porque este tinha práticas de revolta com tudo e todos. A Maria optou por não lhe dizer nada e esperou que esta sua atitude se alterasse. Porém, sabia que esta mudança de personalidade se tinha dado porque o pai morreu precisamente com 33 anos de idade.

O Miguel com a saída de casa do pai biológico e, a conseqüente entrada do Carlos, mudou a forma como olha para um pai. Segundo ele, o Carlos, tem uma postura consigo, mais semelhante à postura que as mães têm com os filhos, afirmação que reflete os papéis sociais construídos para homens e mulheres.

Atualmente, de maneira geral, as situações familiares vividas pelos entrevistados(as) são ditas boas, segundo as suas palavras, detendo relacionamentos “saudáveis” e estáveis com os seus familiares. Igualmente, as suas situações escolares tanto no passado, como no presente, foram satisfatórias, à exceção da experiência escolar do passado da Mariana, sendo que também Delfina e Margarida não se sentem realizadas com a sua experiência atual académica. Terem sentido a ausência de um dos progenitores, não fez com que tivessem insucesso escolar ou com que se isolassem das restantes crianças na escola, como retratava Malpique (1990) na sua obra. Só o Pedro relata que era uma criança tímida e com problemas em socializar. Todavia, considera que conseguiu ultrapassar este obstáculo. Ainda relativamente ao Pedro, este nunca conseguiu ter uma “boa relação” com o pai. De acordo com Santos (2018), isto provoca nos filhos sentimentos de ódio. Porém, esta realidade não se confirma no discurso de Pedro, que explicou que gosta do pai e que queria que este estivesse bem, independentemente de nunca conseguirem ter estabelecido uma relação afetiva forte. Os que trabalham a tempo inteiro a nível profissional, neste momento também se encontram “melhor” do que no passado. Somente o Pedro, que trabalha em *part time*, refere que o seu trabalho “é só para ganhar dinheiro para fazer face às suas despesas diárias”.

Do ponto de vista pessoal, traçando o seu perfil, verifica-se na análise realizada aos resultados de investigação e através da linguagem corporal dos participantes durante os momentos de aplicação do instrumento de recolha de dados, que nesta amostra os entrevistados e as entrevistadas socializados(as) em contextos de monoparentalidade são pessoas “ativas”, “despachadas”, “sonhadoras”, valorizam sobretudo a família, as qualificações também são importantes para si, uma vez que cresceram precocemente, desejam ser independentes e, entram no mercado de trabalho assim que têm idade legal para o fazer, ou logo após terminarem os seus cursos.

A Mariana não se encontra totalmente dentro deste perfil, porque ainda nunca trabalhou. Apesar de contar com 27 anos, considera que ainda não é efetivamente adulta e, também demonstrou ter uma personalidade “mais calma”. Contudo, um possível fator que explica este aspeto é que a Mariana já entrou na configuração da monoparentalidade mais tarde do que os restantes entrevistados. Também o Pedro e o Zé apesar de se descreverem como “mais calmos”, como os próprios vão relatando, a seguir aos eventos de monoparentalidade, tentaram ser pessoas mais ativas, também de certa forma para “esquecerem” este mesmo evento. O Pedro pode ser considerado um *outsider*, no sentido em que não expressa como os outros entrevistados, que tenha crescido mais rápido devido ao divórcio dos pais. Pese embora, a sua mãe tenha tentado que ele e o seu irmão se desligassem dela a nível emocional o mais cedo possível. O Pedro faz este processo só depois de ter terminado o seu curso. Sendo que neste momento o objetivo da mãe foi cumprido, estando o Pedro desligado da família, construindo a sua independência.

A idade com que se dá o acontecimento de monoparentalidade é um fator determinante no trajeto de vida, principalmente para aqueles que perderam um dos progenitores. Nesta amostra apurou-se que para aqueles, que perderam um dos progenitores, quando ainda eram crianças, esta perda parece não os ter afetado, pelo menos aparentemente. Isto porque, estes participantes não viveram a morte dos seus progenitores por causa da sua tenra idade. Contudo, como afirmou Maria “como não a viveu no momento em que o pai faleceu, agora enquanto adulta, vive esta mesma perda sempre que um outro familiar falece”. Já, para aqueles que perderam os progenitores durante a adolescência, enfrentaram problemas psicológicos, assim como, os seus progenitores presentes. Ao mesmo tempo que dizem ter sentido uma profunda

dor, enfrentando desafios a nível escolar. Atualmente, continuam a sentir saudades dos seus progenitores, mas asseguram ter já “ultrapassado” esta perda, tendo noção que este acontecimento, vai ser sempre para si um marco desfavorável nas suas vidas.

A idade em si, dos participantes nesta amostra, é apenas um número, visto que entrevistados(as) com a mesma idade ou idades próximas detêm trajetórias de vida distintas e, encontram-se atualmente em fases diferentes da vida.

A transição para a idade adulta destes entrevistados deu-se numa idade bastante jovem, com uma grande incidência para os 18 anos e entre os 20 e 22 anos, sendo que o Miguel, inicia esta transição aos 15 anos. A Mafalda ainda não realizou esta etapa, todavia deseja muito que esta aconteça. A Mariana constitui a exceção visto que apesar dos 27 anos, ainda não considera que esta etapa esteja efetuada. Em termos de género, Ramos (2022), refere que esta transição se dá mais cedo nas mulheres. Contudo, nesta amostra entre homens e mulheres não existe uma tão grande discrepância relativa à idade com que se dá a transição. Verifica-se que as perspetivas sobre o momento em que se deu a transição divergem em três momentos: passagem dos estudos para o mercado de trabalho, sair da família de origem para prosseguir os estudos e ser mãe.

Agora, enquanto adultos, assumem o papel de apoio para com as mães, pais e avós, pois estes já têm uma idade mais avançada. De uma maneira geral, todos tentam retribuir o que fizeram por si, seja através da sua profissão, como faz a Luísa enquanto advogada, onde tenta auxiliar pessoas que passam agora por experiências parecidas com a sua, seja através da preocupação que demonstram com estes elementos da sua rede de apoio que estão a envelhecer. Os participantes mais jovens desta amostra, também auxiliam os seus progenitores presentes com os irmãos mais novos e na realização das tarefas diárias, havendo um sentimento de “proteção” dos mais velhos para com os mais novos. Neste sentido, também se percebe que as experiências entre irmãos são diferentes e, que as relações sibilinas são importantes para ultrapassar os acontecimentos de monoparentalidade.

Nesta amostra todos os participantes pertencem à designada geração Y e, como se observa, viveram experiências de monoparentalidade distintas. Este aspeto contribuiu para complexificar a representação em torno desta geração. O próprio acesso às novas tecnologias é variável, como já havia sido referido. Exemplo disto é a Luísa que escrevia cartas ao pai a contar como era o seu dia-a-dia.

Os seus progenitores presentes são, nas perspetivas dos filhos: pessoas que integram o mercado de trabalho, trabalhando por conta de outrem; dedicam grande parte do seu tempo ao seu posto de trabalho, passando menos tempo com os filhos; sentem uma sobrecarga de responsabilidades e dificuldade em conciliar a vida profissional com a vida privada, desdobrando-se em múltiplas pessoas para não se esquecerem de nenhuma responsabilidade; o uso do seu tempo é calculado praticamente ao segundo; sentem-se sozinhos; para aqueles que voltam a ter relações amorosas, estas são conturbadas e ficam dependentes de terceiros para poderem prestar os cuidados necessários aos seus filhos. As mães e os pais presentes adotam duas posturas com os seus filhos: alguns estimulam a que estes se tornem independentes o quanto antes; enquanto outros são muito protetores com os seus filhos. Todavia, mesmo aquelas que são mais protetoras, estimulam a que os seus filhos adquiram certas autonomias que são essenciais para agilizar o dia-a-dia, focando-se nos seus filhos, deixando de ter vida própria até que estes atinjam a idade adulta. As mães presentes parecem ter de se esforçar muito mais para conseguirem provar que conseguem cuidar e educar uma

criança, sozinhas, como alerta a Luísa. Por outras palavras, “[a] atuação feminina como chefe do lar é colocada à prova nos espaços público e privado, precisando sempre provar a todos a sua capacidade para conduzir uma família sozinha (Fernandes, 2022, pp. 27-28)”.

No que respeita a novos relacionamentos, nesta amostra, apurou-se que para alguns rapazes é complicado aceitar que a mãe tenha um novo relacionamento amoroso. Como já se mencionou, isto acontece, porque por vezes se dá uma confusão de papéis, por causa da ausência de um dos adultos no agregado familiar e, como a mãe se une muito aos filhos e vice-versa torna-se difícil aceitar a entrada de uma nova pessoa no agregado.

Já os progenitores ausentes parecem seguir: trajetos despreocupados com os filhos, mais centrados em si próprios; instáveis; com sofrimento pela rutura; formam novas famílias e nem todos auxiliam os seus filhos(as) e ex-companheiros(as). Por vezes, este auxílio resume-se a apoio financeiro. Estes progenitores ficam numa posição “privilegiada” relativamente aos seus filhos e ex-companheiros(as), não querendo isto dizer, que não “sofram com a rutura”, como referem os filhos.

Como antes mencionado, as exceções nesta amostra são o pai e a mãe do Carlos, uma vez que, a mãe apresenta um trajeto de vida semelhante aos dos progenitores presentes e o pai ao dos progenitores ausentes. Estes exemplos comprovam, como nem todos os progenitores se comportam da mesma forma em situações semelhantes e, ajudam a tornar mais clara a experiência diversa de monoparentalidade.

Posto isto, alguns entrevistados deixaram reflexões finais. O Carlos concluiu que ele nunca se sentiu abandonado por nenhum dos pais. Contudo conhece histórias de amigos que passaram por “divórcios traumáticos e que se sentiram abandonados por um dos progenitores, só porque não escolheram ficar com o mesmo”. Também tem consciência de que as crianças são, por vezes, utilizadas pelas mães e pelos pais “para mandar indiretas aos ex-companheiros(as)”, descarregando assim os adultos as suas frustrações nas crianças. Seguindo esta linha de pensamento, Schinweiski (2021, p. 12) menciona que:

Na maioria dos casos, um dos sujeitos, o mais afetado, em poucos meses, poderá fazer uma tentativa de volta ou até mesmo poderá recorrer aos filhos para atingir o ex-companheiro(a), e um dos meios mais utilizados pelos pais é falar mal do ex-companheiro/a para o filho, no geral, denegrindo-o/a, como se fosse um mau pai ou uma má mãe.

A Luísa alega que o problema reside na reprodução do estigma social. Para si a sociedade deveria ter o papel de compreensão para com as pessoas envolvidas em situações de monoparentalidade. Também Santos (2018) pronuncia que o problema está no facto de a sociedade não compreender estas famílias.

Resumidamente, a amostra deste estudo, demonstra como as pessoas experienciam acontecimentos semelhantes de forma diferente, mesmo quando pertencem a uma mesma geração. A amostra foi constituída por 13 sujeitos com trajetos de vida distintos, assim como, distintos são também, os trajetos dos progenitores. Apesar da maior aceitação social, hoje, perante a monoparentalidade, este não é um assunto que deixe confortável todas as pessoas que o experienciaram. Em síntese, a experiência de monoparentalidade como qualquer acontecimento familiar é multidimensional, tanto para quem o vive, como na perspetiva do tempo que atravessa. Como referiu Saraceno (1997, p. 231):

[...] qualquer acontecimento familiar, tal como um dos vários indivíduos que juntamente o constroem e nela são construídos, pode e deve ser entendido na perspetiva multidimensional do

tempo: relativamente ao tempo histórico, relativamente à colocação nos vários tempos sociais, relativamente ao tempo de vida de cada um e ao das relações entre as gerações, bem como ao tempo da memória e da tradição: através do qual uma família não só se distingue claramente de todas as outras, mas se torna parte inextricável dos que a fazem e vivem.

Conclusão

Esta dissertação foi desenvolvida com o propósito de compreender o papel da experiência diversificada de socialização, em contexto de monoparentalidade, na narrativa que jovens adultos constroem sobre as suas trajetórias familiares. Os dados recolhidos vêm demonstrar como a monoparentalidade pode ser vivida de diferentes formas e como esta é influenciada pelos contextos diversificados em que os seus protagonistas se inserem e, por sua vez, influenciam o trajeto de vida de quem a vivencia. Definitivamente, a entrada na monoparentalidade altera o estilo de vida das pessoas envolvidas. Os progenitores presentes e os filhos parecem experienciar mais impactos com esta condição, enquanto os progenitores ausentes se posicionam num lugar de “privilégio”. Nem todas as pessoas entrevistadas sentem impactos da separação dos pais, do falecimento de um progenitor ou do facto de nunca terem tido o pai presente na sua vida. Porém, é preciso não esquecer que muitas vezes a rede de apoio, nomeadamente a família, protege estas crianças e adolescentes dos acontecimentos de monoparentalidade. Desta forma, estes eventos, nomeadamente o divórcio, não provoca necessariamente sentimentos negativos em todas as pessoas que o experienciam. Isto acontece porque a família tende a apoiar estas crianças e adolescentes, que vivem o divórcio dos pais e, os próprios pais, principalmente os progenitores presentes, tendem a colocá-las em primeiro lugar. Na perspetiva dos filhos(as), quando as mães ou os pais não estão estáveis a nível mental, isso leva a que o divórcio seja um trauma para os filhos.

A morte de um dos pais também é um acontecimento que provoca traumas, sobretudo quando ocorre durante a adolescência. Por vezes, é mesmo necessário, de acordo com os entrevistados(as), recorrer a apoios psicológicos por causa do acontecimento de monoparentalidade. Quando se perde um dos progenitores na infância, a dor que a perda provoca, não se sente nesse momento, mas somente, quando as pessoas são mais velhas e, começam a sentir essa mesma perda, principalmente em momentos que vivem perdas de pessoas próximas. De qualquer forma, como se pode observar nesta amostra, estes acontecimentos nem sempre são traumáticos nem têm obrigatoriamente de criar obstáculos a quem os vive.

Quanto às razões para se dar a ocorrência destes eventos, foram diversas as encontradas nesta amostra. Ser mãe *so* pode ser inclusivamente uma condição imposta pela própria família e, o divórcio acontece motivado por escolhas, que o casal nem sempre consegue controlar. A própria morte, por vezes, acontece de forma totalmente inesperada e outras ocorre devido a doenças. Também este aspeto influencia sobremaneira a experiência de monoparentalidade.

A nível de reações, o divórcio parece ser a via que provoca reações mais adversas, tanto nas famílias que o vivem, como nas pessoas que o observam, estando de fora da situação. As pessoas à volta tendem a questionar as famílias sobre estas mesmas crises e fazem comentários relativamente a estes eventos, principalmente quando os implicados são pessoas destacadas numa determinada localidade ou quando este acontecimento não é “normal” nos meios onde tem lugar. Se é verdade que os divórcios provocam divisões familiares e conflitos, também é verdade que alguns acontecem de forma calma e os membros da família continuam todos, a ter um bom relacionamento, inclusivamente, com os ex-companheiros.

Os dois primeiros objetivos específicos da dissertação visavam descrever e avaliar na perspetiva de jovens adultos socializados em contexto de monoparentalidade a sua trajetória familiar em termos de obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.),

elementos facilitadores (ex. rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.) e estratégias adotadas (ex. competição, conflito, acomodação, etc.); identificar eventuais diferenças de gênero no modo como jovens adultos socializados em contexto de monoparentalidade materno e paternocêntrica descrevem e avaliam as trajetórias de vida dos progenitores presentes e ausentes. Procurando sintetizar os resultados encontrados para estes dois objetivos específicos, verificou-se que as descrições apresentam o quão complexo foi o trajeto de vida dos progenitores presentes a seguir ao evento de monoparentalidade. Estes trajetos foram descritos pelos filhos(as) como pautados por sobrecarga de trabalho e responsabilidades, dedicação quase total ao posto de trabalho e aos filhos, tristeza, entre outros aspetos. Já os trajetos dos progenitores ausentes, são mais frequentemente marcados pelo individualismo e pela instabilidade. Tome-se nota quem nem todos seguem estes trajetos, como alias é comprovado pela presente amostra. Por vezes, os progenitores presentes concentram-se mais em si próprios em detrimento dos filhos e os progenitores ausentes também detêm trajetos de vida complexos. No que diz respeito ao gênero, observou-se que são as mulheres que são descritas como apresentando os trajetos mais complexos e que se dedicam mais aos filhos; enquanto os homens apresentam trajetos individualistas e despreocupados com os filhos.

Neste seguimento, as avaliações dos filhos referentes aos progenitores presentes, refletem o quão difícil foram estes trajetos após os eventos de monoparentalidade, principalmente para quem enviuvou e, frequentemente, elogiaram as mães presentes pela forma como conseguiram lidar com toda a situação complexa que se criou nas suas vidas. Os pais ausentes foram mais vezes criticados, de forma menos positiva, pelas suas escolhas de vida, as quais não favoreceram nem as ex-companheiras, nem os filhos.

Explorando os seus trajetos de vida, os filhos reconhecem que a monoparentalidade trouxe obstáculos, principalmente ao nível do estigma social, dificuldades económicas, não acesso apoios sociais, difícil conciliação entre vida profissional e vida privada, lidar com a perda, controlo social, entre outros, para todas as mulheres. O mesmo não se verificou nos homens, pois segundo os filhos, somente os viúvos sentiram obstáculos em consequência do falecimento da sua esposa.

No que diz respeito aos elementos facilitadores, destacam-se a família, amigos(as), colegas de trabalho e animais. Estes elementos cruzam-se com as estratégias, pois a família também é mencionada como uma estratégia, assim como, alguns elementos da rede formal, designadamente recorrer ao ATL. Mas estas estratégias também se traduzem em fazerem coisas que lhes dão prazer, conviver mais com os outros e ter um diálogo aberto com os filhos.

Focando os filhos, as etapas consideradas mais felizes para si, foram a infância e o presente. As etapas que reúnem descrições com maior carga negativa são a adolescência e a transição para a idade adulta. Na infância os obstáculos não são sentidos de forma consciente, pelo que é na adolescência que estes surgem, pois é nesta etapa que tomam consciência de que vivem numa família monoparental. Assim sendo, surge a ausência do pai como um problema, saber lidar com a mudança de estilo de vida e com a diferença, problematização por causa do divórcio dos pais e interrogações em torno de como seria o seu trajeto de vida se um dos progenitores não tivesse falecido. Estes obstáculos tendem a intensificar-se na transição para idade adulta, juntamente com novos desafios que se prendem com a entrada no mercado de trabalho, com a adaptação a novos meios sociais e viver sozinho. Em termos de elementos facilitadores, todos os filhos(as) referiram que os detiveram. Estes elementos não são somente pessoas, são também personagens fictícias que funcionam como modelos e, formas particulares de viver a vida. Em termos de estratégias, quem recorre com maior frequência a estas, são aqueles, cujos pais se

divorciaram e os que perderam um dos progenitores já na adolescência. Estas estratégias consistem em realizarem atividades que lhes dão prazer, como por exemplo fazer desporto, mergulhar no mundo virtual, voluntariado, jogos, leitura, entre outros. Em síntese, trata-se de serem pessoas ativas, pois só desta forma conseguem “esquecer os problemas” e a dor que a experiência de monoparentalidade lhes causa.

O terceiro objetivo intentava compreender o lugar da socialização em contexto de monoparentalidade nas representações e práticas sociais de jovens adultos, designadamente as relações familiares, educacionais e laborais. No que diz respeito às esferas familiar, educacional e laboral, segundo os entrevistados e as entrevistadas, estão hoje numa posição mais cómoda do que no passado, sendo no geral situações “boas” e “estáveis” para si. Estas são também esferas valorizadas pelos entrevistados(as), sendo a mais importante a familiar, o que acontece de forma consensual. Entre a esfera educacional e laboral as opiniões divergem. Os mais novos e com mais escolaridade valorizam mais a educação, enquanto os mais velhos e com empregos a tempo inteiro valorizam mais o trabalho como meio de empoderamento, independência e, que ajuda a “atingir sonhos”.

Quanto à influência da família do passado sobre as situações atuais nestas três dimensões da vida, os “filhos da monoparentalidade” tendem a reconhecer essa influência. Esta influência é causada pelo evento em si de monoparentalidade, assim como pelas personalidades dos seus familiares. Na perspetiva dos entrevistados(as), esta influência, atua a nível de crescimento precoce, independência emocional dos outros, valorização da família, escolhas de vida, formas de pensar e agir, auxílio no exercício da sua profissão, abertura a socializar com pessoas diferentes, entre outros tipos de influências.

Verifica-se que os entrevistados e entrevistadas mais velhos são agora o apoio para as suas famílias, nomeadamente avós, mães e pais, que estão a envelhecer, fazendo-o com o intuito de retribuírem o que fizeram por si. Os entrevistados mais novos que ainda residem com os progenitores presentes e os que são mais velhos na fratria são, muitas vezes, o braço direito dos seus progenitores e tentam proteger os seus irmãos mais novos do evento de monoparentalidade. Também se observou que, quando a rede de apoio é limitada e o volume de capital económico reduzido, os filhos ou filhas mais velhos(as) tendem a assumir o papel do progenitor ausente, ajudando no cuidado prestado aos irmãos mais novos e realizando parte dos afazeres domésticos.

De modo transversal, à data da entrevista, os entrevistados dizem encontrarem-se “bem”, assim como, os progenitores presentes, tendo conseguido ultrapassar os obstáculos e concretizar sonhos. Os mais novos ainda se encontram numa fase de adaptações, mas ainda assim, estão numa posição mais estável do que no passado. Por fim, frisar também que a condição de monoparentalidade pode ser um acontecimento positivo para quem a vive, pois esta, estimula a que os progenitores presentes façam coisas positivas, encontrem novas formas de realização, se libertem de ambientes tóxicos e, por exemplo, que algumas mulheres se tornem mais autónomas e, alguns homens tornam-se mais ativos na educação dos seus filhos. Portanto, viver numa família monoparental não é necessariamente uma experiência negativa ou pelo menos nem sempre negativa.

A pergunta de partida que orientou o desenvolvimento da presente dissertação, equacionava o modo como jovens adultos socializados em contextos diversificados de monoparentalidade descrevem, avaliam e canalizam para a construção de si, as suas trajetórias familiares. Nas perspetivas dos entrevistados(as) os trajetos de vida marcados pela monoparentalidade,

oscilam entre momentos vividos com sentimentos ambivalentes, de ora felicidade, ora tristeza; os progenitores presentes, apresentam trajetos tendencialmente mais complexos e os progenitores ausentes mais individualistas; os trajetos de vida dos entrevistados(as) são descritos por estes, tendencialmente, como felizes durante a infância, havendo tristeza quando ocorrem os eventos de monoparentalidade, complexidade na adolescência e na transição para a idade adulta e, atualmente, pelo menos até à data das entrevistas, encontram-se numa posição mais favorável do que no passado. Nas suas palavras, o acontecimento que os fez entrar na monoparentalidade influenciou e marcou de forma significativa os seus trajetos de vida, traduzindo-se esta influência em crescimento precoce, mudanças no estilo de vida, em escolhas de vida e formas de viver e pensar. Desta forma, estes descendentes de famílias monoparentais podem ser designados de herdeiros, conceito de Bourdieu, no sentido em que herdaram um conjunto de experiências resultantes de terem vivido nesta tipologia de família, herança esta, que os torna distintos de quem os rodeia, que é originário de outras configurações familiares e, até mesmo, de outros “filhos(as) da monoparentalidade”.

No momento presente todas estas histórias de vida certamente já sofreram alterações, mas um aspeto ficou patente nos seus discursos, estes descendentes de agregados familiares monoparentais irão sempre procurar ser felizes, ou pelo menos tentarão, ser uma melhor versão de si no futuro, lutando pela conquista de sonhos e objetivos. Fazendo uso das suas palavras, “[...] claro como já disse temos sonhos, objetivos na vida, mas sim posso dizer que sou uma pessoa realizada neste momento (Alexandra, 2022)”, “[...] o que falta mesmo é conseguir dar o pulo para a vida adulta [...] (Mafalda, 2022)” e “[...] quero acima de tudo ser empreendedor fazer melhor do que os anteriores [...] (Miguel, 2022)”.

Referências Bibliográficas

- Abade, F. (2014). Famílias patrifocais: paternagem e socialização dos filhos (Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-13052014-113027/en.php>
- Aboim, S. (2011). Vidas conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação. *História da vida privada em Portugal – Os nossos dias*. Maia: Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- Acemoglu, D. & Robinson, J. (2012). *Porque as nações fracassam - As origens do poder, da prosperidade e da pobreza*. Brasil: Elsevier Editora Ltda.
- Agy, A. R. (2020). Pobreza no meio rural: Situação de famílias monoparentais chefiadas por mulheres. *Observador Rural*, n. 83. Disponível em: <https://omrmz.org/omrweb/publicacoes/or-83/>
- Albino, T. J. (1986). Mães solteiras numa aldeia transmontana. *Análise Social*. v. XXII nº. 92-93. pp-683-695. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223553154U7bBO1uz3Vf41MN2.pdf>
- Almeida, I. I. J. (2014). Configuração familiar, percepção de funcionamento familiar e autoconceito adolescente – Estudo exploratório sobre a percepção de funcionamento familiar autoconceito do filho adolescente em famílias nucleares intactas, monoparentais, reconstituídas e alargadas (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Superior Miguel Torga). Disponível em: <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/583>
- Alvarenga, M. L. (2010). *Quarda dos filhos: Uma questão pré-determinada as mães, a quem cabe esse papel?* (Monografia em Terapia da Família, Universidade Candido Mendes). Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c205214.pdf
- Álvares, L. C. (2003). *Famílias monoparentais femininas: um olhar sobre este arranjo familiar na cidade de Uberaba – MG* (Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Franca). Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/98552>
- Antunes, S. A. F. (2016). *As crianças perante as novas famílias: famílias monoparentais vs famílias nucleares – Um estudo exploratório* (Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Universidade de Évora, Departamento de Psicologia). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/19413>
- Associação Portuguesa de Sociologia (APS). (1992). *Código Deontológico*. Disponível em: <https://aps.pt/pt/codigo-deontologico/>
- Avial-Chicharro, L. (2021). Amas-de-Leite, mães de substituição em Roma. *Curiosidades da História (Parte 1)*, *National Geographic*, pp. 26-29. Edição Especial Cultura.
- Babiuk, G. A. (2015). Famílias monoparentais femininas, políticas públicas em género e raça e serviço social. *Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social*. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/180860>

- Baranowska-Rataj, A., Matysiak, A. & Mynarska, M. (2014). Does lone motherhood decrease women's happiness? Evidence from qualitative and quantitative research. *J Happiness Stud*, n. 15, pp. 1457-1477. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s10902-013-9486-z.pdf>
- Basoni, A., Siqueira, A. C. & Silva, A. L. A. (2021). As famílias monoparentais femininas: Um estudo sobre o nível de ansiedade e depressão. *Revista FAROL*, v. 12, n. 12, pp. 117-131. Disponível em: <http://revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/327>
- Bauman, Z. (2006). *Amor Líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Bauman, Z. (2017). *A arte da vida*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Bayle, F. & Martinet, S. (2008). *Perturbações da parentalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Beck-Gernsheim, E. (2002). *Reinventing the Family: In search of New Lifestyles*. Cambridge: Polity.
- Bernachon, P. (s/d). *Crianças e adolescentes fatigados*. Lisboa: Editorial Pórtico.
- Borges, L. (2020). Mãe Solteira não. Mãe Solo! Considerações sobre Maternidade, Conjugalidade e Sobrecarga Feminina. *Revista de Direito e Sexualidade*, n. 1, pp. 1-23. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872>
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Editora Bertrand Brasil. S. A.
- Bradshaw, J. & Nieuwenhuis, R. (2021). Poverty and the family in Europe. *Research Handbook on the Sociology of the family*, pp. 400-416. Disponível em: <https://www.elgaronline.com/view/edcoll/9781788975537/9781788975537.00038.xml>
- Buzzi, A. R. (2002). *A identidade humana – Modos de realização*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Cardoso, S. V. S. C. (2013). *Conciliação família-trabalho em famílias monoparentais – Uma abordagem comparativa de género* (Tese de Doutoramento em Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/10800>
- Carloto, C. M. (2005). A chefia familiar feminina nas famílias monoparentais em situação de extrema pobreza. *Textos & Contextos*, v. 4, n. 1, pp. 1-17. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3215/321527157004.pdf>
- Casaleiro, P. (2021). “Meu filho, meu tesouro” – Motivações subjacentes aos processos de regulação das responsabilidades parentais. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 96, pp. 117-138. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/sociologiapp/issue/view/1244>
- Casimiro, C. (2011). Tensões, tiranias e violência familiar: da invisibilidade à denuncia. *História da vida privada em Portugal – Os nossos dias*. Maia: Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- Castro, T. D. V. & Almeida, V. (2021). Famílias monoparentais, vulnerabilidade social e cuidado. *Revista Brasileira de Direito Civil*, v. 28, n. 2, pp. 77-96. Disponível em: <https://rbdcivil.ibdcivil.org.br/rbdc/article/view/626>
- César, F., Oliveira, A. & Fontaine, A. M. (2021). Mães cuidadoras, pais imperfeitos: diferenças de género numa revista portuguesa para mães e pais. *ex aequo*, n. 41, pp. 179-194. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/133255/2/452621.pdf>

Comazzetto, L. R., Vasconcellos, S. J. L., Perrone, C. M. & Gonçalves, J. (2016). A geração Y no mercado de trabalho: um estudo comparativo entre gerações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 36, n. 1, pp. 145-157. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/sMTpRhKxjvNjr7wQV9wFksH/abstract/?lang=pt>

Constituição da República Portuguesa. (2005). Sétima Revisão Constitucional. *Diário da República*, n. 155. Lisboa: Assembleia da República – Divisão de Edições.

Correia, I. M. (2002). Famílias monoparentais – Uma família, um caso. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, v. 18, n. 4, pp. 241-249. Disponível em: <https://doi.org/10.32385/rpmgf.v18i4.9884>

Correia, S. V. (2010). A articulação família-trabalho em famílias monoparentais masculinas. *A vida familiar no masculino – negociando velhas e novas masculinidades*, pp. 129-156. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Costa, D. I. P. (2000). As mulheres chefes de domicílios e a formação de famílias monoparentais: Brasil, século XIX. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 17, n. ½, pp. 47-66. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/355>

Costa, R. Q. F. (2010). As representações sociais transmitidas nas histórias em quadrinhos de super-heróis. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 9, n. 2, pp. 43-54. Disponível em: [file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/497-Texto%20do%20artigo-1537-1-10-20170919%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/497-Texto%20do%20artigo-1537-1-10-20170919%20(1).pdf)

Costa, F. A. O. & Marra, M. M. (2013). Famílias brasileiras chefiadas por mulheres pobres e monoparentalidade feminina: risco e proteção. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 21, n. 1, pp. 141-156. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/322>

Costa, R. P. (2016). Família e famílias no Portugal contemporâneo. Discursos trama e textura em perspectiva sociológica. *Eborensia*, a. XXIX, n. 50, pp. 95-136. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/20426>

Cunha, L. P. P. (2013). *Como gerir a geração y* (Trabalho de Conclusão do Curso em Pós-graduação *Latu Sensu*, Universidade Presbiteriana Mackenzie). Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/298>

Denardi, A. T. & Bottoli, C. (2017). E quando não é a mãe? A paternidade diante da monoparentalidade. *Barbarói*, n. 49, pp. 120-146. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.5305>

Dias, I. (2015). *Sociologia da Família e do Género*. Lisboa: Pactor.

Diniz, F. L. & Silva, F. L. S. (2021). As famílias do afeto e seus reflexos na sociedade atual. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 7. Disponível em: <https://www.rsjournal.org/index.php/rsd/article/view/16757>

Drumond, T. D. R., Ituassu, C. T., Silva W. V. & Lavinias, M. R. (2020). Geração Y ou gerações Y? Concordâncias e controvérsias na literatura científica nacional sobre quem são esses profissionais. *XLIV Encontro da ANPAD*. Disponível em: http://www.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=MjkwOTM=

Duarte, A. (2018). Geração “Y”. *Laboreal*, v. 14, n. 2. Disponível em: <http://journals.openedition.org/laboreal/712>

Fagundes, L. R. Q. (2017). *Mulher e Monoparentalidade: Um estudo sobre a chefia feminina e as relações de trabalho* (Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título Bacharel em Serviço Social, Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas). Disponível em: <http://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/612>

Fernandes, P. S. (2022). *Família monoparental feminina: desafios de ser mãe solo* (Dissertação de Mestrado em Educação Sexual, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras). Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/234377>

Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3ªed). Porto Alegre: Artmed.

Fonte, L. (2004). Novas famílias – A monoparentalidade e a adoção. *O Portal dos Psicólogos*. Disponível em: www.psicologia.pt

Gaspar, F. & Varela, A. (2016). A monoparentalidade e a pobreza no espaço rural e urbano. *IX congresso Português de Sociologia – Portugal, Território de territórios*. Disponível em: https://associacaoportuguesasociologia.pt/ix_congresso/docs/final/COM0411.pdf

Gerardo, F. (2004). Maternidade na adolescência: uma forma de integração social e/ou exclusão social. *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro De Ciências Sociais - A questão social do novo milénio*. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/FilomenaGerardo.pdf>

Giddens, A. (2013). *Sociologia* (9ª ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Goffman, E. (1963). *Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Coletivo Sabotagem. Data de Digitalização: 2004. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/212390/estigma-ervinggoffman-140509193459-phpapp01.pdf>

Gomes, R. S. (2016). *O uso das redes sociais nas famílias monoparentais femininas – Controlo, privacidade e interações geracionais* (Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Universidade Católica Portuguesa). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/20850>

Gonçalves, I. (2011). O nome. *História da vida privada em Portugal – A idade média*. Maia: Círculo de Leitores e Temas e Debates.

Gonçalves, T. J. A. (2013). *Educação dos filhos em famílias monoparentais femininas: o contributo do Educador Social no desenvolvimento de competências sociais* (Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Educação Social, Universidade Portucalense). Disponível em: <http://hdl.handle.net/11328/881>

Guadalupe, S., Tavares, S. & Monteiro, R. (2015). Redes de suporte social e (in)acesso a direitos em famílias monoparentais femininas. *Serviço Social em Revista*, v. 17, n. 2, pp. 41-63. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/43695>

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Estoril: Príncipeia.

INE. (2020). *Estatísticas demográficas 2019*. Lisboa: INE. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESrevista=00&PUBLICACOESTema=55466

INE. (2021). *Estatísticas demográficas 2020*. Lisboa: INE. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESrevista=00&PUBLICACOESTema=55466

- Lima, S. J. P. & Ferés-Carneiro, T. (2021). Experiência subjetiva no exercício da monoparentalidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 21, n. 2, pp. 709-729. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/61065>
- Machado, H. C. F. (1998). Mães Solteiras- Uma Abordagem Geral. *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*. XVI. I. pp. 79-95. Disponível em: [file:///C:/Users/Van/Downloads/Dialnet-MaesSolteirasUmaAbordagemGeral-104064%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Van/Downloads/Dialnet-MaesSolteirasUmaAbordagemGeral-104064%20(1).pdf)
- Maior, H. P. S. (2005). Durkeim e a família: Da “Introdução à Sociologia da família” à “Família conjugal”. *Revista Antropológicas*, v. 16, n. 1, pp. 7-30. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/23622>
- Malpique, C. (1990). *A ausência do pai*. Porto: Edições Afrontamento.
- Marin, A. & Piccinini, C. A. (2009). Famílias Uniparentais: a mãe solteira na literatura. *PSICO*. v. 40, n. 4, pp. 422-429. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161394>
- Marinho, S. (2010). Ser pai na residência alternada: Dinâmicas, trajetos e contextos de parentalidade. *A vida familiar no masculino – negociando velhas e novas masculinidades*, pp. 335-395. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Marinho, S. (2014a). Famílias monoparentais: linhas de continuidade e de mudança. *Famílias nos censos 2011 – Diversidade e mudança*, pp. 177-195. Lisboa: INE e ICS. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11261/1/ICS_SMarinho_Familias_CLN.pdf
- Marinho, S. (2014b). Famílias Monoparentais em Portugal: Linhas de Continuidade e de Transformação nas duas últimas décadas. *VIII Congresso de Sociologia Português – 40 anos de democracias: progressos contradições e prospetivas*. Disponível em: https://fronteirasxxi.pt/wp-content/uploads/2020/01/Transforma%C3%A7%C3%A3o-nas-duas-%C3%BAltimas-d%C3%A9cadas-das-fam%C3%ADlias-monoparentais_Sofia-Marinho.pdf
- Martí, M. P. (2015). *Freud – Viagem às profundezas do eu*. Portugal: Cofina Media SA.
- Mathis, A. A., Braga, C. S. C. & Amaro, M. I. (2020). Políticas sociais direcionadas às famílias com chefia feminina: um estudo de literatura no Brasil e em Portugal. *Textos e Contextos*, v. 19, n. 1, pp. 1-10. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2020.1.36997>
- May, V. (2004). Meanings of lone motherhood within a broader family context. *The Sociological Review*, v. 52, n. 3, pp. 390-403. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/toc/sora/52/3>
- Monteiro, T. L. (2011). Fé, credos e religiões. *História da vida privada em Portugal – Os nossos dias*. Maia: Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- Moraes, C. A. & Vieira, D. F. (2021). Os direitos da personalidade e a monoparentalidade programada: Da liberdade do planeamento familiar e a utilização de técnicas de reprodução humana assistida. *RJLB*, a. 7, n. 2, pp. 307-346. Disponível em: https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2021/2/2021_02_0307_0346.pdf
- Neves, A. A. (2001). *Filhos das Ervas – A ilegitimidade no Norte de Guimarães (séculos XVI-XVIII)*. Guimarães: Núcleo de Estudos de População e Sociedade Instituto de Ciências Sociais Universidade do Minho.

- Nunes, C. (2014). Transformações familiares recentes: uma perspetiva territorial. *Famílias nos censos 2011 – Diversidade e mudança*, pp. 87-123. Lisboa: INE e ICS. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11249/3/ICS_KWall_Familias_LEN.pdf
- Oliveira, A. R. (2011). A criança. *História da vida privada em Portugal – A idade média*. Maia: Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- Oliveira, A. R. & Oliveira, A. R. (2011). A mulher. *História da vida privada em Portugal – A idade média*. Maia: Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- Oliveira, R. S. (2015). Mães Solteiras e a Ausência do Pai: Questão Histórica e Novos Dilemas. *Revista Elaborar*. v. 2, a. 3, nº. 1. ISSN 2318-9932. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/revistaelaborar/article/view/805>
- Oliveira, D. V. (2020). *Monoparentalidade feminina e socialização dos filhos: Um estudo com famílias em situação de vulnerabilidade social* (Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais). Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/12378/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_MonoparentalidadeFemininaSocializa%C3%A7%C3%A3o.pdf
- Paiva, G. F. D. (2017). Mulher e trabalho: mais que independência financeira, conquista de espaços de igualdade. *Seminário Internacional Fazendo Género*. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498531346_ARQUIVO_MULHERETRABALHOMaisqueindependenciafinanceira,conquistadeespacosdeigualdade.pdf
- Paiva, L. (2021). Experiências de famílias com a política de licença parental compartilhada no Reino Unido. *Humanidades em Diálogo*, v. 10, pp. 163-176. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2021.159336>
- Perez, C. C. (2019). *Mulheres Invisíveis – Como os dados configuram o mundo feito para os homens*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Policarpo, V. (2011). Sexualidades em construção, entre o privado e o público. *História da vida privada em Portugal – Os nossos dias*. Maia: Círculo de Leitores Temas e Debates.
- Policarpo, V., Barbosa, M. & Santos, R. R. (2022). Animais- companheiros nas vidas dos humanos. *Análise Social*, v. LVII (2º), n. 243, pp. 334-339. Disponível em: <https://doi.org/10.31447/as00032573.2022243.06>
- PORDATA. (2022). *Agregados domésticos privados: total e por tipos de composição*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+dom%C3%A9sticos+privados+total+e+por+tipo+de+composi%C3%A7%C3%A3o-19>. Consultado em: 7 de agosto, 2022.
- PORDATA. (2022). *Agregados domésticos privados monoparentais: total e por sexo*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+dom%C3%A9sticos+privados+monoparentais+total+e+por+sexo-20>. Consultado em: 7 de agosto, 2022
- Portal da Segurança Social. Disponível em: <http://www.seg-social.pt/inicio>. Consultado em: 29 de novembro, 2020.

Portugal, S. (1995). As mãos que embalam o berço – Um estudo sobre redes informais de apoio à maternidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 42, pp. 155-178. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/10895>

Portugal, S. (2007). O que faz mover as redes sociais? Uma análise das normas e dos laços. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 79, pp. 35-56. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/723>

Portugal, S. (2011). Dádiva, família e redes sociais. *Cidadania, políticas públicas e redes sociais*, pp. 39-53. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/41478/1/%ef%bb%bfCidadania%2c%20pol%c3%adticas%20p%c3%ablicas%20e%20redes%20sociais.pdf>

Przbys, J. & Silva, J. (2010). Articulando os espaços privado e público: gênero e famílias monoparentais femininas. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 9, n. 2, pp. 30-42. Disponível em: [file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/496-Texto%20do%20artigo-1534-1-10-20170919%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/496-Texto%20do%20artigo-1534-1-10-20170919%20(2).pdf)

Quivy R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais* (2.ª ed). Lisboa: Gradiva.

Ramos, V. (2022). Entre percurso de vida e desigualdades sociais: proposta de articulação e resultados de pesquisa. *Análise Social*, v. LVII (1ª), n. 242, pp. 32-56. Disponível em: <https://doi.org/10.31447/as00032573.2022242.02>

Ramos, F. & Costa, R. (2014). Os funerais são para os vivos. Apontamentos sobre o lugar do investigador-autor na construção da morte em perspetiva socio-antropológica. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 13, pp. 81-96. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/ras.996>

Ribeiro, M. (2004). As prostitutas também são mães: Contornos e conteúdos de uma condição (quase sempre) extrema. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia – Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação*, pp. 27-38. Disponível em: https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR4628c5ed94ee1_1.pdf

Ried, J. (2011). *Configurações familiares contemporâneas: significações de famílias monoparentais masculinas* (Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/86804>

Rios, B. M. N. (2020). *Pobreza, exclusão social e rendimento social de inserção: as vozes das crianças e dos jovens* (Dissertação de Mestrado em Intervenção Social na Infância e Juventude em Risco de Exclusão social, Instituto Superior de Serviço Social do Porto). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/34418>

Rodrigues, K. B., Simões, S. S. & Almeida, A. N. S. (2021). A ausência da figura paterna e a sua repercussão no desenvolvimento comportamental e aspetos cognitivos. *Repositório Institucional Tiradentes*. Disponível em: <http://openrit.grupotiradentes.com:8080/xmlui/handle/set/3695>

Rudge, M., Reis, G. G., Nakata, L. & Picchiali, D. (2017). Geração Y: um estudo sobre suas movimentações, valores e expectativas. *Revista de Carreiras e Pessoas*, v. VII, n. 01, pp. 406-421. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ReCaPe/article/view/32653>

Sandrel, C. (1978). *A sociedade contra a criança*. Lisboa: Moraes Editores.

Santos, K. S. (2018). Família monoparental feminina: a percepção dos filhos de mães solteiras na contemporaneidade (Monografia para Bacharelado em Psicologia, Faculdade de Educação e Meio Ambiente). Disponível em: <http://repositorio.faema.edu.br:8000/jspui/handle/123456789/2334>

Santos, B. S. (2020). *O futuro começa agora. Da pandemia à utopia*. Portugal: Edições 70

Saraceno, C. (1997). *Sociologia da família*. Lisboa: Editorial Estampa.

Schinweiski, B. K. (2021). *Processo de separação/divórcio: possíveis desdobramentos na vida dos filhos* (Trabalho Final de Curso em Psicologia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande Sul). Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/7306>

Silva, M. C. (2008). Desigualdades de Género. *Configurações*, n. 4, pp. 65-89. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.370>

Silva, C. G. (2020). *Maternidade, cultura e redes sociais: Análise da interação social de mães solo através de netnografia e mineração de dados no instagram* (Dissertação de Mestrado em Comunicação Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação). Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11266>

Silveira, E. C. & Silva, S. F. M. (2013). Chefia Feminina: Uma análise sobre a estrutura das famílias monoparentais femininas e a feminização da pobreza. *IV Seminário CETROS – Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social*, pp. 122-137. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17238-08072013-162104.pdf

Sobral, J. M. (2017). Metamorfoses recentes da habitação rural. *Portugal em falta – Atlas improvável*, pp. 48-53. Portugal: Santillana.

Sousa, A. P. (2008). *Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas x monoparentais femininas: a influência do genitor no desenvolvimento familiar* (Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”). Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/98515>

Sousa, B. V. & Pizarro, J. A. S. M. (2011). A família - estruturas de parentesco e casamento. *História da vida privada em Portugal – A idade média*. Maia: Círculo de Leitores e Temas e Debates.

Sousa, J. R. & Santos, S. C. M. (2020). Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e Debate em Educação*, v. 10, n. 2, pp. 1396-1416. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>

Souza, V. (2020). Famílias monoparentais e desigualdade de gênero. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 11, pp. 89811-89827. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/20129>

Souza, V. M. P. (2021). *A formação da monoparentalidade feminina a partir da reprodução humana assistida heteróloga: a família como instrumento de desenvolvimento pessoal* (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Direito, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/223450>

- Souza, A. R. M., Lopes, C. A., Simões, M. A. & Bonorino, E. B. (2019). Implicações da maternidade no mercado de trabalho da mulher. *Revista Esfera Acadêmica Humanas*, v. 4, n. 2, pp. 27-46. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/revista-esfera-humanas-v04-n02-artigo02.pdf>
- Souza, E. S. & Gomes, I. C. (2022). As características das gerações na sala de aula. *Brazilian Journal of development*, v. 8, n. 1, pp. 7895-7909. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/43472>
- Tachibana, M. & Rezende, G. G. (2020). Como é ser pai numa família monoparental masculina?. *Pensando Famílias*, v. 24, n. 2, pp. 90-105. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200008
- Timms, N. (1970). *Sociologia e Problemas Sociais*. Coimbra: Atlântida Editora
- Torocsik, M., Szucs, K. & Kehl, D. (2014). How generations think: research on generation Z. *Acta Universitatis Sapientiae, Communicatio*, v. 1, pp. 23-45. Disponível em: <https://www.cceol.com/search/article-detail?id=835644>
- Vasconcellos-Guedes, L. & Guedes, L. F. A. (2007). E-Surveys: Vantagens e Limitações dos Questionários Eletrônicos via Internet no Contexto da Pesquisa Científica. In: *X SemeAd - Seminário em Administração FEA/USP* (São Paulo, Brasil). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319774242_E-Surveys_Vantagens_e_Limitacoes_dos_Questionarios_Eletronicos_via_Internet_no_Contexto_da_Pesquisa_Cientifica
- Ventura, L. (2011). A família: o léxico. *História da vida privada em Portugal – A idade média*. Maia: Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- Wall, K. (2003). Famílias monoparentais. *Repositório ISCTE – IUL*, pp. 51-66. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/292>
- Wall, K. & Lobo, C. (1999). Famílias Monoparentais em Portugal. *Análise Social*, v. XXXIV, n. 150, pp. 123-145. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218798759Z2nPW8zm0Lh75WI5.pdf>
- Wall, K., José, J. S. & Correia, S. V. (2002). Mães só e cuidados às crianças. *Análise Social*. v. XXXVII, n. 163, pp. 631-663. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218733294O1mDQ4ef9Yu25VZ8.pdf>
- Wall, K., Aboim S. & Cunha, V. (2010) Negociando velhas e novas masculinidades. *A vida familiar no masculino – negociando velhas e novas masculinidades*, pp. 457-471. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Wagner, A. & Levandowski, D. C. (2008). Sentir-se bem em família: um desafio frente à diversidade. *Textos & Contextos*, v.7, n. 1, pp. 88-97. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321527162007>
- Weschenfelder, G. V., Yunes, M. A. M., & Fradkin, C. (2020). Super-heróis na fase pré-capa/pré-máscara: inspiração para intervenções psicoeducacionais positivas. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 15, n. 1, pp. 1-12. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/3728

Woortmann, K. & Woortmann, E. (2004). Monoparentalidade e chefia feminina. Conceitos, contextos e circunstâncias. *Série Antropologia*. Disponível em: <http://dan.unb.br/images/doc/Serie357empdf.pdf>

Xavier, A. C. (2011). Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da geração y. *Calidoscópio*, v. 9, n. 1, pp. 3-14. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/748>

s. a. (2017). Espaços íntimos. *Portugal em Falta – Atlas Improvável*, pp.46.61. Portugal: Santillana.

Apêndices

Apêndice I – Modelo de Análise

Pais sós, filhos sós? Um Olhar Sociológico sobre as Perspetivas de Jovens Adultos Socializados em Contextos de Monoparentalidade.

Pergunta de Partida, Objetivo Geral, Questões de Investigação e Objetivos Gerais

Pergunta de Partida: Como é que jovens adultos socializados em contextos diversificados de monoparentalidade descrevem, avaliam e canalizam para a construção de si as suas trajetórias familiares?

Objetivo Geral: Compreender o papel da experiência diversificada de socialização em contexto de monoparentalidade na narrativa que jovens adultos constroem sobre as suas trajetórias familiares.

Questões de Investigação	Objetivos Específicos
De que modo é que jovens adultos socializados em contextos diversificados de monoparentalidade descrevem e avaliam a sua trajetória familiar em termos de obstáculos, elementos facilitadores e estratégias adotadas?	Descrever e avaliar, na perspetiva de jovens adultos socializados em contexto de monoparentalidade, a sua trajetória familiar em termos de obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.), elementos facilitadores (ex. rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.) e estratégias adotadas (ex. competição, conflito, acomodação, etc.).
Como é que jovens adultos socializados em contexto de monoparentalidade materno e paternocêntrica descrevem e avaliam as trajetórias de vida dos progenitores presentes e ausentes?	Identificar eventuais diferenças de género no modo como jovens adultos socializados em contexto de monoparentalidade materno e paternocêntrica descrevem e avaliam as trajetórias de vida dos progenitores presentes e ausentes.
Qual é o lugar da socialização em contexto de monoparentalidade nas representações e práticas sociais de jovens adultos, designadamente as relações familiares, educacionais e laborais?	Compreender o lugar da socialização em contexto de monoparentalidade nas representações e práticas sociais de jovens adultos, designadamente as relações familiares, educacionais e laborais.

Problematização: Operacionalização e Conceptualização

Conceito	Dimensão	Indicadores
Perfil Sociodemográfico	Socioeconómico	Idade Naturalidade Residência Estado Civil Habilitações Literárias Profissão Religião de Pertença Agregado Familiar
	Sociofamiliar	Progenitor Presente: Idade, Naturalidade, Residência, Estado Civil, Habilitações Literárias, Profissão, Religião de pertença, Agregado familiar Progenitor Ausente: Idade, Naturalidade, Residência, Estado Civil, Habilitações Literárias, Profissão, Religião de pertença, Agregado familiar
Trajectoria de Vida	Experiência de Monoparentalidade	Acontecimento Razões Acontecimentos posteriores Reações Descrição da trajetória de vida do progenitor presente e ausente Elementos facilitadores (ex: rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.) Obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.) Estratégias adotadas (ex. competição, conflito, acomodação, etc.);

		Avaliação destas Trajetórias
Trajetória de Vida Pessoal	Infância	<p>Descrição da Infância</p> <p>Elementos facilitadores (ex: rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.)</p> <p>Obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.)</p> <p>Estratégias adotadas (ex. competição, conflito, acomodação, etc.);</p> <p>Avaliação desta Etapa</p>
	Adolescência	<p>Descrição da Adolescência</p> <p>Elementos facilitadores (ex: rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.)</p> <p>Obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.)</p> <p>Estratégias adotadas (ex. competição, conflito, acomodação, etc.);</p> <p>Avaliação desta Etapa</p>
	Transição para a Idade Adulta	<p>Descrição desta Transição</p> <p>Elementos facilitadores (ex: rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.)</p> <p>Obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.)</p> <p>Estratégias adotadas (ex. competição, conflito, acomodação, etc.);</p> <p>Avaliação desta Etapa</p>
	Presente	Descrição do Presente

		<p>Elementos facilitadores (ex: rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.)</p> <p>Obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.)</p> <p>Estratégias adotadas (ex. competição, conflito, acomodação, etc.);</p> <p>Avaliação desta Etapa</p>
Relações Sociais	Práticas	<p>Situação familiar atual</p> <p>Situação escolar atual</p> <p>Situação laboral atual</p>
	Representações	<p>Valores associados à família</p> <p>Valores associados à escola</p> <p>Valores associados ao trabalho</p> <p>Perceções sobre a Influência do passado sobre o presente</p>

Apêndice II – Guião da Entrevista Semi-estruturada

Pais sós, filhos sós? Um Olhar Sociológico sobre as Perspetivas de Jovens Adultos Socializados em Contextos de Monoparentalidade.

Bom dia!

O meu nome é Vanessa Carreira e sou aluna de Mestrado em Sociologia na Universidade de Évora. No âmbito do Mestrado estou a desenvolver a minha dissertação sobre o tema famílias monoparentais. Com esta investigação pretendo aumentar o conhecimento sobre as famílias monoparentais, dando uma voz mais ativa aos filhos(as) socializados em contextos de monoparentalidade.

Neste sentido, agradeço desde já a sua disponibilidade em participar nesta investigação. O que lhe vou pedir é que me responda a um conjunto de questões que lhe irei colocar sobre o tema visado, se fizer o favor.

O seu anonimato será garantido, nunca sendo associado o seu nome verdadeiro à presente dissertação e à informação que me vier a transmitir. Assim sendo, se assim o entender podemos

definir em conjunto um pseudónimo ou nome fictício à sua escolha pelo qual será identificado no estudo.

Algo que também é importante dizer-lhe é que não existem respostas certas ou erradas, o que pretendo é que as suas respostas sejam espontâneas. Sinta-se à vontade para falar o tempo que entender, pois a entrevista não tem tempo pré-definido. Sinta-se igualmente à vontade para não responder a algumas questões que lhe colocar, que o façam sentir-se desconfortável em responder. Também pode voltar a questões anteriores que ache que no momento não respondeu como deveria. Pode até mesmo desistir desta entrevista se assim o entender. O meu objetivo é que se sinta completamente à vontade e confortável para falar durante toda a duração da entrevista.

Por fim, quero pedir-lhe autorização para gravar esta entrevista com recurso a este telemóvel. Utilizamos este método porque seria impossível memorizar tudo o que me venha a dizer e, certamente perderia informação de extrema importância. Desta forma, esta gravação será muito útil no processo posterior de tratamento e análise dos dados. Garanto-lhe que logo depois da entrevista esta gravação será apagada do telemóvel e passada para o meu computador pessoal. Apenas eu irei ouvir a gravação e a mesma será destruída uma vez concluída a transcrição.

Autoriza que a entrevista seja gravada?

Agradeço desde já toda a sua disponibilidade e, se concordar damos início à entrevista.

Podemos começar?

[Ligar o gravador]

Guião de Entrevista

Iniciamos a entrevista com uma bateria de questões de caracterização.

Perfil Sociodemográfico

1. Que idade tem?
2. Onde nasceu?
3. Onde mora atualmente?
4. Qual é o seu estado civil?
5. Quais são as suas habilitações literárias?
6. Qual é a sua profissão?
7. Pertence a alguma religião? Qual?
8. O seu agregado familiar é composto por quem? Se quiser pode falar um pouco sobre essas pessoas.

Perfil Sociofamiliar – Progenitor Presente

Viveu a maior parte da sua infância com mãe/pai (adaptar)

1. Quem foi o seu progenitor presente?
2. Que idade tem?

3. Onde nasceu?
4. Onde mora atualmente?
5. Qual é o seu estado civil?
6. Quais são as suas habilitações literárias?
7. Qual é a sua profissão?
8. Pertence a alguma religião? Qual?
9. O seu agregado familiar é composto por quem? Se quiser pode falar um pouco sobre essas pessoas.

Trajectoria de Vida

Experiência da Monoparentalidade

1. Pode contar-me o que aconteceu para que tivesse vivido a maior parte da sua infância/adolescência com pai/mãe? (adaptar)

Explorar:

O que aconteceu (viuvez, separação, divórcio, condição de mãe solteira, ...)

Quais as razões para ter acontecido?

Como ficaram as coisas depois?

Reações da parte dos progenitores?

Reações de outras pessoas na altura?

2. Desde então, como foi a vida da sua mãe/pai até agora? (adaptar para o progenitor PRESENTE)

Explorar:

Elementos facilitadores (ex: rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.)

Obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.)

Estratégias adotadas (ex. competição, conflito, acomodação, etc.);

Como avalia essa trajetória?

3. Desde então, como foi a vida da sua mãe/pai até agora? (adaptar para o progenitor AUSENTE)

Explorar:

Elementos facilitadores (ex: rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.)

Obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.)

Estratégias adotadas (ex. competição, conflito, acomodação, etc.);

Como avalia essa trajetória?

Trajectoria de Vida Pessoal

Nesta dimensão vamos falar sobre a sua história de vida.

1. Pode-me descrever como é que foi a sua infância?

Explorar:

Elementos facilitadores (ex: rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.)

Obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.)

Estratégias adotadas (ex. competição, conflito, acomodação, etc.);

2. Que avaliação faz desta etapa da sua vida?

3. Pode-me descrever como é que foi a sua Adolescência?

Explorar:

Elementos facilitadores (ex: rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.)

Obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.)

Estratégias adotadas (ex. competição, conflito, acomodação, etc.);

4. Que avaliação faz desta etapa da sua vida?

5. Pode-me descrever como é que ocorreu a sua transição para a idade adulta?

Explorar:

Elementos facilitadores (ex: rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.)

Obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.)

Estratégias adotadas (ex. competição, conflito, acomodação, etc.);

6. Que avaliação faz desta transição da sua vida?

7. Pode-me descrever como é o seu presente?

Explorar:

Elementos facilitadores (ex: rede de apoio, pessoas aliadas, figuras inspiradoras, etc.)

Obstáculos (ex: estigma social, preconceito, dificuldades sócio-económicas, etc.)

Estratégias adotadas (ex. competição, conflito, acomodação, etc.);

8. Que avaliação faz da presente etapa da sua vida?

Relações Sociais

Nesta última dimensão do presente guião vamos focar-nos nas relações sociais estabelecidas por si.

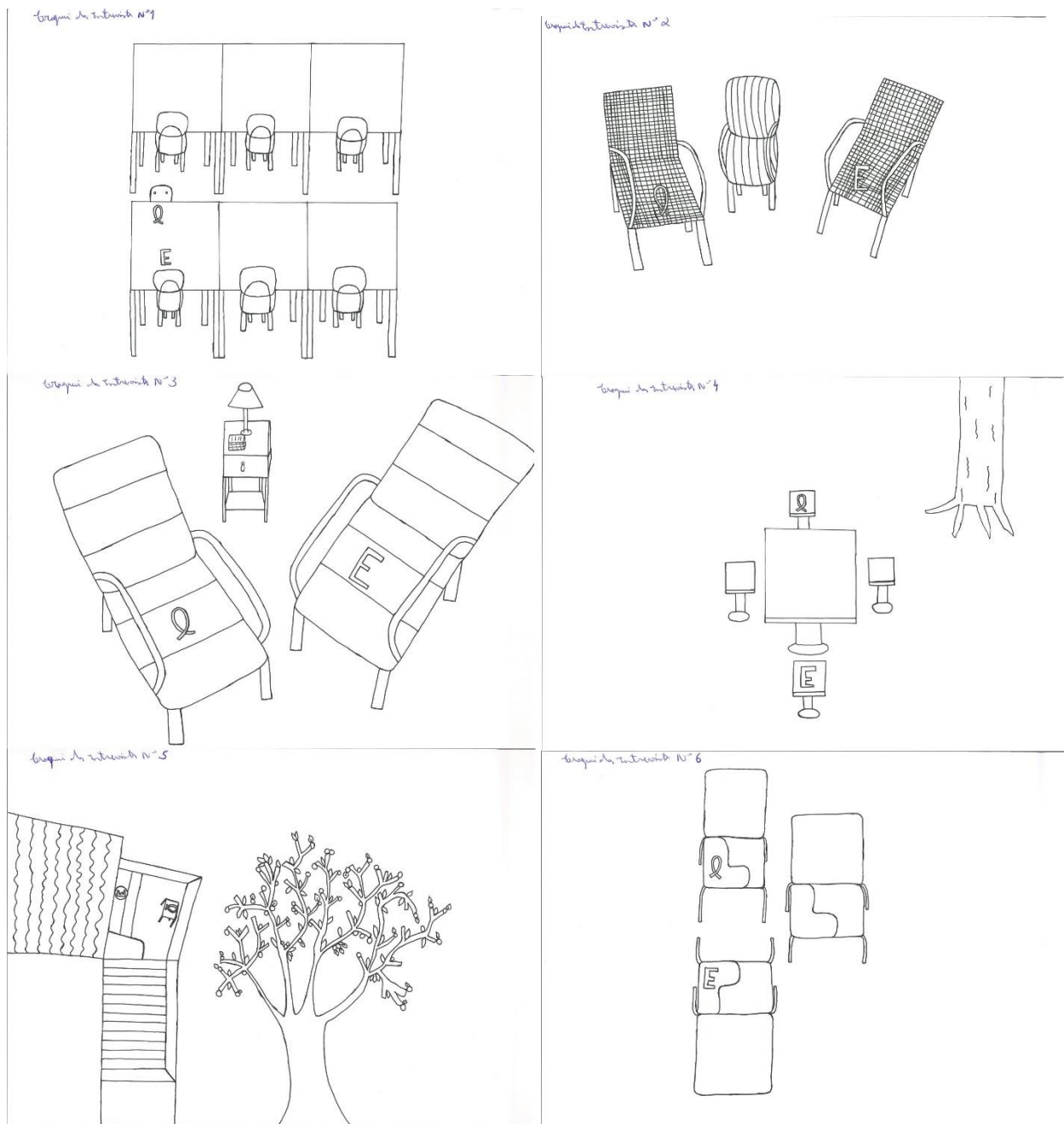
1. Que valor atribui à família na sua vida?
2. Como descreve a sua vida atual em termos familiares?

3. Em que medida é que a sua vida familiar atual é consequência da família que teve/não teve no passado?
4. Que valor atribui à educação na sua vida?
5. Como descreve a sua vida atual em termos educacionais?
6. Em que medida é que a sua educação é consequência da família que teve/não teve no passado?
7. Que valor atribui ao trabalho na sua vida?
8. Como descreve a sua vida atual em termos profissionais?
9. Em que medida é que a vida profissional que tem hoje é consequência da família que teve/não teve no passado?

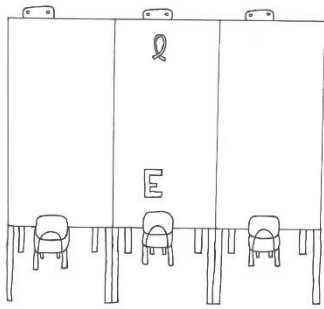
A entrevista chegou ao final. Quer abordar mais alguma questão ou esclarecer algum ponto?

Muito obrigada pela sua participação!

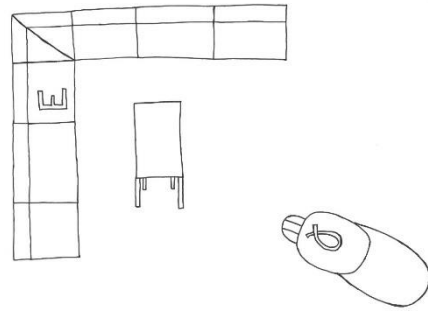
Apêndice III – Croquis das Entrevistas



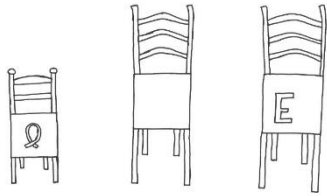
disegni di interiori n° 7



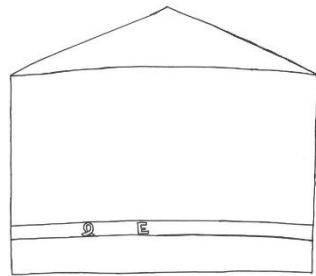
disegni di interiori n° 8



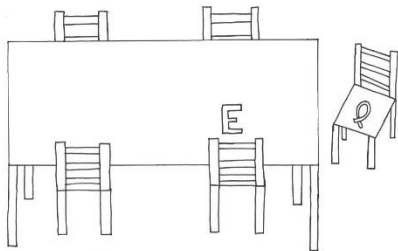
disegni di interiori n° 9



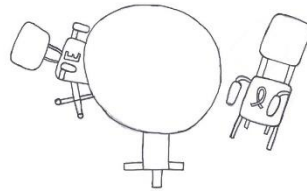
disegni di interiori n° 10



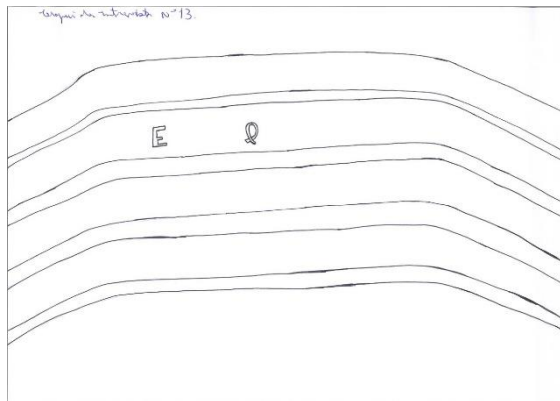
disegni di interiori n° 11



disegni di interiori n° 12



disegni di interiori n° 13



Apêndice IV – Biografias dos(as) Entrevistados(as) e Respetivos Progenitores Presentes

Pedro

A entrevista com o Pedro ocorreu no dia 24 de março de 2022 pelas 10h no Colégio Luís António Verney. Foi a entrevista mais longa, o Pedro falou do assunto com bastante naturalidade e sem qualquer tipo de constrangimento. O Pedro tem 29 anos, nasceu em Lisboa, atualmente vive em Évora, é licenciado em Zootecnia, solteiro, vendedor de loja, não pertence a nenhuma religião e vive sozinho.

Teve como progenitor presente a mãe, da qual não sabe exatamente a idade, dizendo hesitante “próximo dos 60 (Pedro, 2022)”. A sua mãe nasceu em Santarém, mora atualmente em Lisboa, segundo o filho o seu estado civil é solteira, porém objetivamente o estado civil da sua mãe é divorciada, uma vez que esta era casada com o marido e se divorciou do mesmo. As suas habilitações literárias é o 12º ano, o que respeita a sua profissão o filho inicialmente não sabe bem como a designar, acabando por afirmar que é trabalho de escritório. Não pertence a nenhuma religião e vive sozinha.

Delfina

A entrevista com a Delfina aconteceu no dia 29 de março pelas 18:15h na Pastoral Universitária (Casarão). A Delfina foi uma entrevistada um pouco mais reservada comparativamente a outros entrevistados que forneceram entrevistas com duração superior a uma hora. A Delfina tem 21 anos, nasceu na Argentina em Córdoba, atualmente mora em Évora, é solteira, estudante em relações internacionais, vive sozinha e é católica.

O seu progenitor presente foi a mãe, que ronda os 42, 43 anos de idade, segundo a filha. A sua mãe nasceu na Argentina em San Juan, mora em Rio Cuarto, é divorciada, ainda ingressou no ensino superior, mas não concluiu o curso, trabalha como administrativa, é católica não praticante e vive sozinha.

Mafalda

A entrevista com a Mafalda ocorreu no dia 30 de março pelas 17:30h na Pastoral Universitária. A Mafalda foi uma entrevistada que contou os trajetos de vida familiares com muita abertura e de forma pormenorizada. A Mafalda tem 20 anos, nasceu e vive em Évora, é estudante de sociologia, solteira, católica e vive com a mãe e o irmão. Quando lhe é perguntado se quer falar sobre o seu irmão, revela que este é mais novo, tem 16 anos, dizendo que é muito diferente dela pois é muitíssimo organizado em tudo. Quando descreve o irmão acaba por tocar logo no assunto do divórcio dos pais, proferindo que:

[...] Como ele é muito mais novo e inevitavelmente acabou por sair um bocadinho nada mais traumatizado com a separação dos meus pais, eu lidei de uma maneira diferente porque era mais

velha. Então o meu irmão agora veio a começar a ultrapassar esses traumas com a minha ajuda e da minha mãe e então acabou por crescer, inevitavelmente acabou por crescer um bocado precocemente. Mas agora está um bocadinho melhor e a nossa relação já é mais, já é um bocadinho melhor, já não discutimos tanto como antes, que é bom (Mafalda, 2022).

Através deste excerto verifica-se que o divórcio dos pais teve consequências menos positivas principalmente para o seu irmão, mas também para si. Revelando este crescimento precoce, que o divórcio pode provocar nas crianças e adolescentes, que já é tratado por algumas obras literárias.

A Mafalda e o irmão têm como progenitor presente a mãe. A mãe tem 50 anos, nasceu e vive em Évora, chegou a ingressar no ensino superior, mas não concluiu o curso, é divorciada, administrativa numa clínica veterinária e católica.

Zé

A entrevista foi realizada no dia 1 de abril pelas 15h no jardim público. O Zé foi um entrevistado um pouco mais reservado, comparativamente aos outros entrevistados que detiveram entrevistas com duração superior a uma hora. Também mostrou ter um humor negro. O Zé tem 21 anos, nasceu em Elvas, Campo Maior, é solteiro, mora atualmente em Évora, porque está a estudar e está como colaborador investigador na Universidade de Évora, continuando a pertencer ao agregado familiar do pai e do irmão. Quando lhe é perguntado se quer falar sobre o seu irmão, não sabe bem o que dizer e acaba só por referir que ele está no décimo ano e que vive com o pai em Degolados.

O pai é atualmente o seu progenitor presente, diz hesitantemente que tem 52 anos, nasceu em Campo Maior, vive em Degolados, é viúvo, menciona que acha que o pai tem o 9º ano e este faz manutenção na escola por parte de uma empresa, sendo PT.

Luísa

A entrevista da Luísa ocorreu no dia 3 de abril pelas 15h na casa da entrevistada. A Luísa falou abertamente sobre o assunto e, foi a única entrevistada que não necessitou de adaptação de linguagem nem reformulação de perguntas. Esta foi uma entrevista que trouxe riqueza ao trabalho, pois à semelhança da entrevista da Delfina permite que se perceba como é que a monoparentalidade é vivida em outros países com outras culturas. A Luísa tem 33 anos, nasceu em Angola, vive em Évora, é solteira, doutorada em direitos humanos, é advogada, católica e vive com a irmã.

O seu progenitor presente foi a sua mãe, que tem 55 anos, nasceu e vive em Angola, é viúva, médica, católica e a filha considera que a mãe faz parte do seu agregado familiar e da sua irmã. Todavia rigorosamente a mãe no presente vive sozinha em Angola.

Mariana

A entrevista foi realizada no dia 5 de abril pelas 16:30h no Colégio Luísa António Verney. A entrevista com a Mariana foi bastante pesada quando comparada com as restantes entrevistas e, também porque o seu trajeto de vida e o da sua mãe foi marcado pela perda do seu pai. Porém, Mariana falou sobre o assunto calmamente e deu a entender que agora já ultrapassou a perda do pai. A Mariana tem 27 anos, nasceu em Vila Franca de Xira, vive em Alenquer, é solteira, estudante em medicina veterinária, católica não praticante e vive com a mãe.

A sua mãe tem 61 anos, nasceu em São Miguel nos Açores, mora em Alenquer, é viúva, professora primária e também é católica não praticante.

Margarida

A entrevista com a Margarida ocorreu pelas 17:30h, no dia 7 de abril, na Paróquia dos Alamos. A Margarida foi uma entrevistada particularmente simpática, falou da perda do pai com grande naturalidade, mas foi um pouco reservada em termos da entrevista, comparativamente aos entrevistados que falaram por mais de uma hora. A Margarida tem 27 anos nasceu e mora em Évora, é solteira, é psicomotricionista, não pertence a nenhuma religião e o seu agregado familiar é composto pela sua mãe e irmã. A sua irmã tem 38 anos e padece de uma doença degenerativa.

Quando lhe é perguntado que idade tem a sua mãe hesita e acaba por dizer que tem 60, 61 anos. A sua mãe nasceu e mora em Évora, é viúva, tem o décimo segundo ano, é cuidadora informal da filha mais velha e não pertence a nenhuma religião.

Paula

A entrevista aconteceu no dia 16 de abril pelas 10h na casa da entrevistada. A Paula foi uma entrevistada que falou do assunto como se tudo o que se passou nas suas trajetórias familiares fosse normal. A Paula tem 30 anos, nasceu na Guarda, vive no Adão, é solteira, é educadora social numa IPSS para crianças, é católica e vive com o pai. A situação da Paula é peculiar, porque esta durante uma pequena parte da sua infância e na sua adolescência esteve num regime de guarda compartilhada, tendo sempre presente a mãe e o pai. Portanto, rigorosamente esta quando estava em casa do pai vivia num agregado familiar monoparental e em casa da mãe vivia noutro. Entretanto a sua mãe faleceu e neste momento acaba por viver efetivamente numa família monoparental, visto que ainda é solteira e vive com o pai.

Hesitou em dizer a idade do pai, mas acaba por dizer que tem 62 anos, nasceu na Guarda, vive no Adão, é divorciado, tem o nono ano, é assistente técnico e católico.

Maria

A entrevista realizou-se no dia 16 de abril pelas 18h na casa da investigadora. A Maria foi a única entrevistada a emocionar-se verdadeiramente e que chorou em certos momentos da entrevista. A Maria tem 43 anos, nasceu e mora na Guarda, é casada, tem o décimo segundo ano, é assistente operacional, é católica praticante e vive com o marido e o filho.

O seu progenitor presente foi a sua mãe, que tem 67 anos, nasceu e mora em Quinta de Baixo, uma aldeia pertencente ao distrito e concelho da Guarda, é viúva, tem o 6º ano, é reformada, católica e mora sozinha.

Alexandra

A entrevista realizou-se no dia 18 de abril pelas 10h na Quinta do Meio uma aldeia pertencente ao concelho da Guarda. A Alexandra é a única que foge ao padrão do divórcio e do falecimento, visto que a sua mãe sempre foi mãe sozinha ou mãe solteira como se costuma dizer na cultura popular. A Alexandra verbalizou e mostrou estar bem resolvida com o assunto, porém esta não aprofundou muito as questões que lhe foram colocadas e, afirma que não queria que as suas filhas não tivessem o pai presente, sonhando sempre em um dia dar aos seus filhos aquilo que ela não teve, que era um pai presente. A Alexandra tem 27 anos, nasceu na Guarda, mora em Viseu, está numa união de facto, tem o 12º ano, é teloperadora de Call Center, não pertence a nenhuma religião e vive com o marido e as duas filhas.

Profere de forma hesitante que a mãe tem 47 anos, que nasceu e vive na Guarda, é solteira, tem o décimo segundo ano, é ajudante da ação direta, não pertence a nenhuma religião e vive sozinha.

Sónia

A entrevista ocorreu no dia 24 de abril pelas 14:30h na casa da entrevistada, na Miuzela uma aldeia pertencente ao concelho de Almeida. A Sónia foi a entrevistada que falou menos, com uma entrevista de apenas 15 minutos. Esta entrevistada deu sempre respostas diretas e concisas, denunciando a sua linguagem corporal que para si as respostas eram óbvias. Mesmo tentando que esta revelasse mais detalhes sobre o que lhe estava a ser perguntado esta não desenvolvia o assunto. No final da entrevista depois de o gravador ser parado a própria diz ser de “poucas falas (Sónia, 2022)”. A Sónia tem 41 anos, nasceu no Seixo do Côa, vive atualmente na Miuzela, considera-se como solteira, mas na realidade está numa união de facto. Tirou o décimo segundo ano através das novas oportunidades, é católica, vigilante num colégio e vive com o marido e o filho.

O seu progenitor presente foi o seu pai, que já faleceu. Este era agricultor, vivia no Seixo do Côa, que é uma aldeia que pertence para o concelho do Sabugal e tinha como escolaridade o 9º ano.

Carlos

A entrevista deu-se no dia 12 de maio na casa da investigadora em Évora pelas 19h. O Carlos foi um entrevistado sem filtros e com humor, mostrando estar muitíssimo à vontade para falar sobre o assunto. O Carlos tem 37 anos, nasceu em Abrantes, mas viveu toda a sua infância e adolescência no Paul uma aldeia pertencente ao concelho da Covilhã. Quando lhe é perguntado onde mora, dá a seguinte resposta: “[n]um Toyota Avensis é onde eu passo mais tempo é dentro do carro. Mas oscilo entre Évora, Portimão e Coimbra, vá, passo lá dois dias por semana (Carlos, 2022).” É médico veterinário, católico apostólico romano e, diz que é solteiro. Quando lhe é colocada a questão do agregado familiar é que diz que na realidade vive com a companheira, com o filho de ambos, que tem quatro meses, os três filhos dela e a mãe dela.

O seu progenitor presente foi o pai e, sobre este releva que tem 67 anos, nasceu e mora no Paul, é divorciado, neste momento está reformado, mas foi professor de escola primária, é católico e mora sozinho.

Miguel

A entrevista ocorreu no dia 18 de maio pelas 14:30h no Colégio Espírito Santo. O Miguel é enteado do entrevistado Carlos, considerando o Miguel que este é o seu pai. O momento da entrevista foi bastante animado, pois o Miguel acabou por contar alguns episódios da sua adolescência que agora têm uma certa graça. Claro que, na altura em que ocorreram foram episódios bastante problemáticos para si e para a sua família. O Miguel tem 20 anos, nasceu em Lisboa, vive em Portimão, é solteiro, estudante de economia, católico e vive com a mãe, o Carlos, as suas duas irmãs e o seu irmão bebé e a avó materna.

É curioso que quando se lhe pergunta quem é que foi o seu progenitor mais presente ele diz que foi o Carlos. Portanto, esta resposta revela que este realmente o considera como sendo efetivamente o seu pai e, que o Carlos é realmente uma figura parental presente na sua vida. Clarificando a questão dizendo que se pretende saber a nível dos progenitores biológicos, diz ser a mãe. A mãe tem 36 anos e vai fazer 37 anos, nasceu e vive em Portimão, é divorciada, mas neste momento está numa união de facto, é católica e médica veterinária.